

ANTÓNIO

Ferrer

CORREIA

(Página deixada propositadamente em branco)

# ANTÓNIO FERRER CORREIA

Uma Fotobiografia

(Página deixada propositadamente em branco)

Maria Antónia Lopes  
Maria João Padez de Castro

# ANTÓNIO FERRER CORREIA

Uma Fotobiografia



**Título**

António Ferrer Correia. Uma Fotobiografia

**Autores**

Maria Antónia Lopes  
Maria João Padez de Castro

**Pesquisa iconográfica e revisão**

Sandra Português

**Design e edição de imagem**

António Barros

**Produção gráfica**

Estúdios Estímulus [ design ]

**Impressão**

Gráfica de Coimbra

**ISBN**

978-989-8074-19-5

**ISBN Digital**

978-989-26-0334-6

**DOI**

<http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0334-6>

**Depósito legal**

285949/08

**Obra publicada com o patrocínio de:**



FUNDAÇÃO  
CALOUSTE  
GULBENKIAN

	7
Prefácio por Emílio Rui Vilar	
	9
Palavras de apresentação de Rui Moura Ramos	
	11
Nota de abertura	
	15
Criança e adolescente (1912-1929)	
	29
Estudante universitário (1929-1935)	
	53
Casamento e doutoramento (1935-1939)	
	61
O Professor universitário (1940-1957)	
	97
Administrador da Fundação Calouste Gulbenkian (1958-1974)	
	125
Presidente da Faculdade de Direito e Reitor interino da Universidade de Coimbra (1974-1978)	
	135
Reitor da Universidade de Coimbra (1978-1982)	
	183
Administrador da Fundação Calouste Gulbenkian e Reitor honorário da Universidade de Coimbra (1982-1992)	
	231
Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian (1993-1998)	

263

Presidente do Departamento de Ciências Jurídicas da Fundação Bissaya Barreto  
(1998-2003)

291

Posfácio. Elogio fúnebre proferido pelo Senhor Reitor Fernando Seabra Santos

296

Condecorações e outras distinções de António Ferrer Correia

297

Notas

303

Cronologia

309

Publicações de António Ferrer Correia

313

Fontes

315

Bibliografia citada

317

Créditos fotográficos

## PREFÁCIO

Apresentar a Fotobiografia do Professor António Ferrer Correia, da autoria de Maria Antónia Lopes e Maria João Padez de Castro, e que, em boa hora, a Imprensa da Universidade de Coimbra decidiu editar, é uma tarefa muito grata no plano pessoal e institucionalmente muito honrosa.

O Professor Ferrer Correia foi meu Mestre na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, um Amigo e um Homem da Fundação Calouste Gulbenkian, de que foi Administrador e Presidente.

Esta Fotobiografia evoca as múltiplas facetas da sua vida de universitário eminente e de cidadão exemplar.

Foi um grande Professor de Direito e um distintíssimo jurisconsulto, muito tendo contribuído para o progresso da ciência jurídica no nosso País, sobretudo nos domínios do direito comercial, do direito internacional privado e do direito comparado. As suas aulas marcaram muitas gerações de estudantes e o seu trabalho de investigação foi reconhecido no estrangeiro.

Como Reitor da Universidade de Coimbra conseguiu pacificar a sua *alma mater* no período conturbado que se seguiu ao 25 de Abril. Para tal muito contribuíram as suas enormes capacidades de conciliação e de consenso, sempre numa defesa intransigente da autonomia das instituições universitárias. A Universidade respondeu-lhe nomeando-o como Reitor Honorário, distinção que nunca antes havia conferido e que não voltaria a conferir. Prestou à Fundação Calouste Gulbenkian grandes serviços. Primeiro como advogado e consultor, a convite do Doutor José de Azeredo Perdigão, na resolução dos diferendos sobre o testamento do Fundador. Um dos seus últimos escritos, na *Revista de Legislação e Jurisprudência*, debruçou-se precisamente sobre as circunstâncias históricas, políticas e jurídicas que rodearam a abertura do testamento de Calouste Gulbenkian e que permitiram a constituição, em Portugal, assente em bases jurídicas incontestáveis, da Fundação que perpetua o nome do notável filantropo.

Integrou depois a Fundação, como Administrador, em 1958, função que manteve até à sua eleição como Presidente, em 1993. A sua acção estendeu-se por muitas áreas, mas foi especialmente influente na instituição dos programas de bolsas de estudo, no plano de edições e nas bibliotecas e apoio à leitura. Assumi a Presidência da

instituição num momento particularmente difícil, mas conduziu a Fundação com grande serenidade e inteligência, abrindo-a ao exterior e antecipando a sua modernização.

No primeiro número da *Newsletter* da Fundação, a publicação mensal que lançou, o Professor Ferrer Correia sublinhava justamente a necessidade de que os projectos da Fundação fossem regularmente levados ao conhecimento da sociedade civil porque desta podem advir sugestões, reacções e estímulos vitais para uma instituição que carece de uma constante reinvenção. São de recordar as suas palavras: “uma Fundação como a nossa é um projecto cultural e beneficente em permanente devir. O contrário disto seria a estagnação e a esclerose, males que há que evitar a todo o custo. Portanto, impõe-se uma atitude de permanente atenção e vigilância. Aos responsáveis pela Fundação compete assumir esta atitude, num esforço permanente para acompanhar a curva ondeante das necessidades e das expectativas sociais. A Fundação deve evoluir com elas”.

Jubilou-se em 1998, depois de 40 anos completos de colaboração permanente e uma disponibilidade constante que, com toda a naturalidade, sobreviveu ao mero vínculo formal. Não hesitou, por isso, em elaborar um parecer, a pedido da Fundação, sobre o projecto de reforma do regime jurídico das fundações, em 2001. Apesar do projecto de reforma não ter sido sujeito a votação na Assembleia da República, o Governo acolheu todos os pertinentes argumentos do parecer do Professor Ferrer Correia, tendo alterado o projecto em conformidade.

Esta Fotobiografia é uma justíssima homenagem ao Homem e ao Professor que tanto lutou pela necessidade de aumentar o saber e pela urgência da sua difusão. Desde os bancos da Universidade que considero o Professor Ferrer Correia como Amigo. É sobretudo como Amigo que lhe quero prestar também aqui uma sentida homenagem.

Emílio Rui Vilar

Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian

## PALAVRAS DE APRESENTAÇÃO

As autoras da Fotobiografia do Doutor António Ferrer Correia pedem-me umas palavras de apresentação, desta obra que a Imprensa da Universidade decidiu publicar. Faço-o com todo o gosto e sentindo-me muito honrado por isso, uma vez que assim me é permitido dar algum testemunho do grande Mestre que é objecto desta evocação. O Doutor Ferrer Correia foi meu professor de Direito Comercial, no já longínquo ano lectivo de 1970-1971. Fui seu assistente na cadeira de Direito Internacional Privado a partir de inícios de 1973 e até à sua jubilação em 1982. Antes e depois desta data, Ferrer Correia fazia parte, sempre como arguente ou relator, dos júris das diversas provas que integraram a minha carreira académica. E de todos os discípulos cujo doutoramento orientou e que lhe sucederam nas cátedras universitárias que regeu sou o único a poder fazê-lo, uma vez que Orlando de Carvalho, Baptista Machado e Vasco Lobo Xavier infelizmente não lhe sobreviveriam.

António de Arruda Ferrer Correia deixa uma marca indelével no século XX Português. Professor insigne da Faculdade de Direito de Coimbra de Janeiro de 1940 a Agosto de 1982 e Reitor da mesma Universidade (que o distinguiu com o honorariato outorgando-lhe este último título), Administrador da Fundação Calouste Gulbenkian desde Janeiro de 1959, e seu vice-presidente a partir de 1991, ascenderia à presidência da Fundação em Setembro de 1993, exercendo este cargo no quinquénio seguinte. Daria ainda o seu contributo a outras instituições universitárias e exerceria como poucos os mais variados cargos na vida pública (de que destacaríamos a presidência da Secção Portuguesa da *Comission Internationale de l'État Civil*) e diversíssimas responsabilidades na sociedade civil.

Mas, mau grado a posição que lhe granjeou a actividade desenvolvida noutros *fora*, Ferrer Correia foi acima de tudo um universitário e um ímpar professor da Faculdade de Direito de Coimbra. E é esta sua faceta primeira que, compreensivelmente, me cumpre evocar.

Nesta sua casa, marcaria o ensino e a investigação no vasto domínio do Direito Privado, dedicando o essencial da sua atenção, sucessivamente, ao Direito Civil, ao Direito Comercial e ao Direito Internacional Privado, com a particularidade de ao abraçar cada uma das novas matérias prosseguir o culto das anteriores, e tendo-se ainda ocupado, se bem que em menor grau, do Direito Penal e do Direito Processual Civil.

Com a dissertação de doutoramento em Direito Civil (*Erro e Interpretação na Teoria do Negócio Jurídico*), Ferrer Correia elevaria o patamar destas provas a níveis até então não atingidos entre nós, abrindo a investigação ao largo universo do direito comparado e adoptando (na senda iniciada por Adriano Vaz Serra e Manuel de Andrade) a metódica da jurisprudência dos interesses que caracterizaria subsequentemente o seu pensamento nos demais sectores do direito que viria a cultivar. Depois, no trabalho produzido no domínio do direito comercial, desenvolveria uma extensa reflexão, não raro em ligação com a sua actividade de juríconsulto, que, dentro da orientação metodológica já referida, se traduziria sobretudo na modernização do pensamento jurídico português em matéria mercantil, em particular no domínio das sociedades, do estabelecimento comercial e dos títulos de crédito. Enfim, no âmbito do direito internacional privado, orientar-se-ia decisivamente pela *dritte Schule* que se distanciaria do universalismo internacionalista como do positivismo nacionalista, propugnando a autonomia do direito internacional privado enquanto direito de conflitos, centrado na óptica dos interesses dos titulares das relações jurídicas afectadas pela diversidade dos sistemas jurídicos.

Mas Ferrer Correia não se ficou (o que já seria imenso) pela construção de uma obra individual que, na senda das linhas de orientação referidas, o singularizasse. Foi um dinamizador de equipas, sobretudo no domínio do Direito Comercial, onde com Vasco Lobo Xavier, António Agostinho Caeiro e Maria Ângela Coelho, contribuiria para o desenho da nossa legislação societária do final do século passado. E um criador de um espírito de escola, no domínio do direito internacional privado, onde o essencial de um pensamento comum que teve origem na sua reflexão habitaria os trabalhos de Baptista Machado, Fernandes Costa e do autor destas linhas. Percepcionou como poucos a necessidade de abertura ao exterior, o que o levaria a cultivar o estudo do direito comparado e a criar estruturas e instrumentos para esse fim, com a instituição de centros a tanto destinados, no âmbito da Faculdade, primeiro (o Centro de Direito Comparado), e no espaço mais amplo da Universidade, em seguida (o Centro Interdisciplinar de Estudos Jurídicos-Económicos). E deu um impulso decisivo à reflexão organizada em torno do nosso sistema jurídico com a criação, a direcção e a colaboração em diversas publicações especializadas – da centenária *Revista de Legislação e de Jurisprudência*, à *Revista de Direito e de Estudos Sociais* e à *Revista de Direito e Economia*, e num âmbito mais vasto, à *Revista Luso-Brasileira de Direito Comparado*.

A Universidade não seria no entanto o espaço exclusivo onde a sua actividade como jurista se desenvolveria. Uma parceria justamente prestigiada, no domínio do direito civil e sobretudo do direito comercial, consagrá-lo-iam

no mundo do foro e no da actividade judicial, sendo de acentuar a esse respeito a sua actuação, agora no âmbito do direito internacional privado, no quadro da sediação em Portugal da Fundação Calouste Gulbenkian. Participou também ao longo de décadas na modelação do nosso ordenamento jurídico. Desde logo na elaboração do Código Civil de 1966, tendo aí assumido a responsabilidade pelos anteprojectos relativos aos Conflitos de leis (com João Baptista Machado, num segundo momento), ao Contrato de sociedade (com Vasco Lobo Xavier) e às Pessoas Colectivas. Depois, no domínio do direito penal, integrando nos anos sessenta a Comissão revisora que se debruçou sobre o anteprojecto de Eduardo Correia, que estaria mais tarde na origem do Código Penal de 1982. Enfim, no âmbito de direito comercial, redigindo um Anteprojecto de uma parte geral de uma lei das sociedades comerciais (com António Agostinho Caeiro) e de uma lei das sociedades por quotas (com Vasco Lobo Xavier, António Agostinho Caeiro e Maria Ângela Coelho) que viriam a influenciar significativamente a reforma da nossa legislação em matéria de sociedades comerciais.

Mas o serviço à comunidade em que se traduziu o desempenho destas tarefas não o distanciou da Faculdade, onde exerceria diversas responsabilidades, de professor bibliotecário a director de centros de investigação, e que viriam a culminar na sua direcção, no período conturbado que se seguiu à Revolução de Abril de 1974.

Além disso, a irradiação da obra de Ferrer Correia não se ficou pelos aspectos referidos, tendo o professor de Coimbra, não raro em ligação com a sua actividade docente e de investigação no domínio do direito internacional privado, desempenhado um papel impar na afirmação além fronteiras do direito e do pensamento jurídico nacionais. Primeiro com a sua intervenção na fundação, ainda nos anos cinquenta, do Instituto Hispano-Luso-Americano de Direito Internacional, *forum* em cujas actividades não deixaria de participar nos anos seguintes. Depois, com a sistemática intervenção nas sessões da *Faculté Internationale pour l'Enseignement du Droit Comparé* de cujos órgãos directivos de resto viria a fazer parte, tendo inclusive patrocinado a realização em Portugal de diversas das suas sessões e tido intervenção em numerosas outras realizadas no estrangeiro. Depois, e mais decisivamente, com a sua integração no *Institut de Droit International*, a partir da década de setenta, instituição onde seria responsável pelo relatório que esteve na base de aprovação da resolução sobre A Venda Internacional de Objectos de Arte e que viria a presidir entre 1993 e 1995, período que culminou com a organização da sessão de Lisboa do *Institut*.

Pode assim dizer-se que, antecipando o movimento de internacionalização do direito e do pensamento jurídico que entre nós se afirmaria de forma decisiva nas últimas décadas do século que passou, Ferrer Correia seria, ao

longo de muitos anos, um dos rostos que protagonizaram a afirmação da ciência jurídica portuguesa no exterior. Actividade que desenvolveria através de inúmeras conferências e cursos (designadamente o que proferiu em 1975, na *Académie de Droit International*, de Haia, sobre *Les problèmes de codification en droit international privé*) e da participação em várias obras colectivas de vocação internacional, e que seria reconhecida através da imposição do grau de doutor *honoris causa* com que seria distinguido por várias universidades estrangeiras.

Por tudo isto, que em traços largos revela o que foi o contributo de Ferrer Correia para a construção e projecção do pensamento jurídico português no último século, se pode dizer que foi ímpar o relevo que assumiu o seu percurso e a marca que deixou dentro e fora da Faculdade de Direito de Coimbra. Percurso e marca de que em alguns aspectos melhor nos teremos podido aperceber ao percorrer alguns dos trilhos em que Ferrer Correia nos havia precedido. E que plenamente justificam a evocação do vulto de excepção que se leva a cabo na presente obra.

Rui Manuel Moura Ramos

Professor Catedrático da Faculdade de Direito de Coimbra

## NOTA DE ABERTURA

Foi com entusiasmo que nos envolvemos neste trabalho que, embora sendo de investigação histórica, se afastava do que temos feito habitualmente, tanto pelo objectivo que se propunha como pela temática, cronologia e metodologia.

Fotobiografar aquele que foi “o nosso reitor”, pesquisar um passado tão próximo, que é também o nosso, trabalhar a *duo*, explorar fontes orais e fotográficas, formam um conjunto de razões que explicam a grata anuência com que nos rendemos à pequena aventura que, por meio de muitas outras tarefas, tão intermitentemente vivemos ao longo de 18 meses, procurando elucidar e perceber quem foi António Ferrer Correia, revelando-o através de uma fotobiografia.

É claro que, tratando-se de uma fotobiografia, havia que privilegiar a imagem. Nunca se pretendeu, pois, apresentar um trabalho denso e erudito. Não se estudou, nem o saberíamos fazer, o seu papel na renovação da Ciência do Direito. A contextualização é leve e local, aquela que directamente diz respeito às vicissitudes da vida de Ferrer. Não se procurou fazer uma análise exaustiva do seu reitorado na Universidade de Coimbra, nem tão pouco como administrador e Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian. Mas, obviamente, o percurso de António Ferrer Correia cruza-se com a história dessas duas grandes instituições que, sem a análise da acção e personalidade deste homem, não se poderá traçar.

Na elaboração deste livro recebemos estímulos e ajudas de muitos a quem cumpre agradecer. As primeiras palavras de reconhecimento são devidas à família Ferrer Correia, filhos e nora, que, desde o início, apoiaram este projecto e, com total generosidade e paciência, nos deram a conhecer o pai e nos cederam as peças, fotografias e documentos do seu espólio.

Manifestamos também a nossa gratidão ao Senhor Reitor, Doutor Fernando Seabra Santos, e aos Senhores Doutores Emílio Rui Vilar e Rui Moura Ramos que, com os seus textos, contribuíram decisivamente para o enriquecimento deste trabalho.

Reconhecemo-nos ainda devedoras de apreço e gratidão para com os Senhores Doutores José de Faria Costa e Fernando Regateiro, director e ex-director da Imprensa da Universidade de Coimbra, pelo entusiasmo com que acolheram este projecto.

Aos Directores do Arquivo e da Biblioteca da Universidade de Coimbra, Doutores Maria José Azevedo Santos e Carlos Fiolhais, e ao Director do Gabinete da Presidência da Fundação Calouste Gulbenkian, Dr. Rui Esgaio, agradecemos as facilidades concedidas, agradecimentos igualmente extensivos à Dr.<sup>a</sup> Isabel Costa, que nos conduziu pelo arquivo da Fundação, às Dr.<sup>as</sup> Cristina Esteves e Sofia Ulrich e ao Sr. Resende que diligentemente digitalizaram dezenas de documentos seleccionados.

A todos aqueles que privaram com António Ferrer Correia e se prestaram a conceder-nos os seus depoimentos e a esclarecer as nossas dúvidas, muito devemos para a compreensão da personalidade e da vida do biografado. Aqui lhes deixamos o nosso agradecimento: às Senhoras Donas Fernanda Oliveira, Maria Augusta de Campos e Maria Isabel Simões, aos Senhores Doutores Carlos Sá Furtado, José Carlos Vieira de Andrade, José Francisco de Faria Costa, Manuel Nogueira Seréns, Manuel Pulquério, Rui de Alarcão, Rui Moura Ramos e Sebastião Tavares de Pinho, aos Drs. Dora Caeiro e José Carlos Vasconcelos, bem como aos Drs. Albano Nogueira e Jaime Teixeira (infelizmente entretanto falecidos) a cuja memória prestamos a nossa homenagem

Aos nossos colaboradores e amigos, Sandra Português e António Barros, um singelo agradecimento com particular afecto, pela paciência, rigor e disponibilidade que dedicaram a este livro.

À Doutora Regina Anacleto devemos o conhecimento da documentação encontrada na Câmara Municipal de Coimbra e à “Tia São” muito trabalho de apoio na transcrição de textos.

Por fim, um agradecimento muito especial ao João, ao Nuno e à Inês que tiveram a paciência de nos ouvir e de ler e comentar este texto.

Maria Antónia Lopes

Maria João Padez de Castro

# ANTÓNIO FERRER CORREIA

Uma Fotobiografia

1. António de Arruda Ferrer Correia em 1920

CRIANÇA E ADOLESCENTE  
(1912-1929)

---





2. Cruz de Longe, Semide
3. Registo de nascimento de Ferrer Correia





4



5



6



7

4. O avô paterno, José Maria Correia
5. O pai, Manuel Correia Esteves Ferrer
6. A mãe, Esmeralda de Arruda
7. A irmã, Maria José
8. O padrinho, António Almeida e Sousa

António de Arruda Ferrer Correia nasceu às 4.30 da madrugada do dia 15 de Agosto de 1912 na aldeia do Senhor da Serra, freguesia de Semide, concelho de Miranda do Corvo. O pai, Manuel Correia Esteves Ferrer, era natural de Semide, funcionário das Finanças e tinha então 40 anos. A mãe, Esmeralda da Arruda, nascera no Brasil havia 36 anos.

Eram seus avós paternos José Maria Correia e Luísa Benedita Esteves Ferrer e maternos Inácio Ferreira Machado e Rosalina da Arruda. António Ferrer Correia tinha duas meias-irmãs, Maria José e Carmen de Arruda Simões, filhas do 1.º casamento da mãe. Um outro meio-irmão falecera no Brasil ainda criança.

O pequeno António teve por padrinhos de baptismo o Dr. António Almeida e Sousa, professor de liceu e advogado, e sua mulher, D. Maria Justina de Nápoles Ferraz e Sousa.



8



9. Santuário do Senhor da Serra em fotografia da década de 20  
10. Ferrer Correia em 1922



Iniciou os estudos das primeiras letras na casa paterna tendo tido como professora a irmã Maria José. Passou depois para a Escola Oficial da Lousã, vila onde seu pai exercia as funções de Chefe da Repartição de Finanças. “Quando era pequeno, António sonhava ser maquinista de comboio. Este sonho nasceu na Lousã, para onde foi viver (...). Do muro do quintal onde se empoleirava espreitava os comboios, dos quais sabia os horários de cor<sup>1</sup>”.

*Tive dois sonhos que não consegui realizar: o primeiro, da minha meninice, que era ser maquinista dos caminhos de ferro; o segundo, mais serôdio, que era o de dirigir uma grande orquestra sinfónica<sup>2</sup>. [2002]*

Na passagem da infância à adolescência António Ferrer Correia ficou órfão de mãe. As irmãs mais velhas procuraram substituí-la, mas o silêncio de Ferrer relativamente a esta perda não deixa perceber qual terá sido o seu significado. Sabemos, contudo, que por algum tempo viveu na Mealhada em casa da irmã Carmen, já casada, tendo frequentado o 1.º ano do liceu no Externato da vila – mudança esta motivada, talvez, pela desorganização familiar provocada pela doença e morte da mãe e pela transferência do pai para Miranda do Corvo.

No ano seguinte, 1925, muda para o Colégio de S. Pedro, em Coimbra, como aluno interno, onde completou o 5.º ano, transitando a seguir para o Liceu, que na altura ocupava as instalações do antigo Colégio de S. Bento (hoje o Departamento de Antropologia). As férias passava-as sempre em Miranda com o pai e a irmã Maria José.

*Passei em Miranda, onde meu Pai cumpriu 8 anos da tabela de Secretário de Finanças, a minha adolescência. Aqui permaneci durante todo o curso secundário e aqui estava ainda quando concluí o 1.º ano da Faculdade de Direito<sup>3</sup>. [1996]*

11. A Lousã nos anos 20

12. Ferrer Correia em 1925





As recordações do Embaixador Albano Nogueira, condiscípulo de Ferrer no Colégio de S. Pedro e na Faculdade de Direito, iluminam com vivacidade e ironia os seus tempos de adolescência. O Colégio tinha óptimos professores, não obrigava ao uso de uniforme e “possuía os quartos de banhos mais espantosamente imundos que alguma vez vi”<sup>4</sup>. O jovem António Ferrer Correia não se particularizou no Colégio, recorda Albano Nogueira, mas a sua ficha de 7.º ano, já no liceu, revela um bom aluno, destacando-se no Inglês e na Filosofia. Outro antigo condiscípulo, Jaime Mendonça Teixeira, evoca a memória colossal do amigo Ferrer, que à primeira leitura decorava longuíssimos poemas, e lembra também a sua paixão pelo futebol que se traduzia em idas regulares ao antigo estádio da Arregaça, desde os tempos de colegial em S. Pedro<sup>5</sup>.

3  
A Ferrer  
N.º 5

*António S. Arruda Ferrer Correia*

de \_\_\_\_\_ anos de idade, natural de *Leiria = c. Obicanda do Couço =*,  
filho de *Manuel Correia Esteves Ferrer*, de profissão \_\_\_\_\_,  
cuja educação está a cargo de *José do Lourenço Travasso*,  
morador em *Colégio de S. Pedro*

	Português		Latim		Alemão <i>Francês</i>		Inglês		História		Geografia		Filosofia		<i>Aritmética</i> Matemática		Inglês prático		Francês prático		Trabalhos Geografia		
	Faltas	Notas	Faltas	Notas	Faltas	Notas	Faltas	Notas	Faltas	Notas	Faltas	Notas	Faltas	Notas	Faltas	Notas	Faltas	Notas	Faltas	Notas	Faltas	Notas	
1.º período . . . . .	1	14	3	14	1	12	4	16	2	13	1	12	1	16									1
2.º período . . . . .	4	15	4	15	2	14	7	17	-	18	1	14	2	16	2		1						
3.º período . . . . .	2	15	16	15	4	14	6	19	2	15	5	12	4	17			1		1				3
Média . . . . .	13	15	23	15	7	13	13	17	9	15	9	13	4	16	2		2		1				4

Média final *quize* valores.

Observações:



13. Ficha de aluno do Liceu D. João III no ano lectivo de 1928/29, com as classificações do 7.º ano  
14. Alunos do Colégio de S. Pedro no Jardim da Sereia em 23 de Abril de 1926



15. Miranda do Corvo na década de 20



16. Vista de Coimbra na década de 30  
17. O Liceu de Coimbra instalado no antigo Colégio e Igreja de S. Bento



ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO  
(1929-1935)

---





Em Outubro de 1929 Ferrer Correia matriculou-se na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. Nesse ano, com as alterações introduzidas ao Estatuto da Instrução Universitária de 1926, a designação do reitor passara a ser da livre escolha do Governo. Para o jovem Ferrer, recém-chegado à Universidade, a questão pouco significado teria, mas no futuro, como veremos, será central no seu pensamento.

O gosto que António nutria pelas Humanidades, a que se aliava a presença nessas aulas de Ângela Maria Venâncio, sua namorada, que conhecera no Liceu, levou-o a frequentar também o curso de Românicas, na Faculdade de Letras. “Ângela era uma rapariga muito simpática e muito discreta, calada, simplesmente vestida e sem dotes evidentes”, recorda Albano Nogueira, “mas nunca lhe conheci outra namorada e foi a sua companheira de toda a vida”. De facto, a um namoro de uma década sucedeu um casamento de 62 anos.

*Uma vez concluídos os estudos secundários decidi matricular-me no primeiro ano da Faculdade de Direito da Velha Universidade. De resto, as ciências exactas nunca me atraíram. Sempre preferi os estudos humanísticos, tendo chegado mesmo a frequentar o Curso de Românicas na Faculdade de Letras, curso esse que minha mulher viria a concluir. Confrontado com a impossibilidade de compatibilizar a frequência dos dois cursos, optei pelo estudo do Direito, decisão para a qual decerto muito contribuiu o alto nível do ensinamento dos Mestres Cabral de Moncada e Adriano Vaz Serra, a cuja memória me conservei sempre fiel. [2002]*



19. Ferrer Correia em Agosto de 1929  
20. A jovem Ângela Venâncio





22



23

21. Largo da Feira. Queima das Fitas. Anos 30  
22. Universidade nos anos 30. Torre e Via Latina  
23. Faculdade de Letras na década de 30

Entretanto, Manuel Correia Ferrer deixa Miranda do Corvo e a família instala-se em Coimbra, numa casa arrendada na rua Antero de Quental. Aí viviam os três, pai, filho e enteada, a Maria José. Albano Nogueira ia lá com frequência e os dois colegas, António e Albano, instalavam-se na varanda, onde estudavam pelas manhãs. Eram ambos “vagamente de esquerda”, perfilhando “balbuciantes tendências marxistas”, mas distinguiam-se nos seus interesses: António Ferrer não era boémio, não frequentava cafés e tertúlias, nem aparecia ao fim da tarde na Central, onde tantos se juntavam; nunca manifestou gosto pela criação, inovação e crítica literárias, paixão de Albano Nogueira, um dos fundadores da *Presença*. O jovem Ferrer Correia afirmava-se pela sua inteligência, capacidade de trabalho, seriedade e trato agradável. Ele, que fora um aluno discreto nos dois primeiros anos do curso, causou estupefacção na Academia ao terminar o 3.º ano com média de 18, “uma autêntica bomba em Coimbra! Não se falava de outra coisa!”, nas palavras do idoso embaixador. “Falou-se do Ferrer em Coimbra como se falou do Gago Coutinho e do Sacadura quando chegaram ao Brasil!”. A elevadíssima classificação do 3.º ano criou-lhe responsabilidades. Teixeira Ribeiro, outro aluno excelente, futuro reitor e amigo íntimo de Albano, era, no dizer deste, “um bom aluno mas sem conseguir competir com o Ferrer, pois o seu émulo era um tal Machado, dos Açores”. Para conseguir manter a média de 18, Ferrer decidiu repetir o 4.º ano, facto que Orlando de Carvalho explica pelos trabalhos absorventes que a direcção da Associação Académica de Coimbra lhe impunham<sup>7</sup>.

antônio de arruda ferrer correia



Eis um assunto difícil  
Que me traz atrapalhado:  
Dizer coisas sobre o Ferrer  
E... ter de ser engraçado!

Lembrei-me já de falar  
Nos dezolito de direito,  
No senado, Precedências  
E nas suas dores... de peito!

Mas achei que tudo isso  
Laracha — nenhuma tinha!  
De mais a mais eu podia  
Fazer-lhe perder a linha!

Também me lembrou falar,  
Como era de prever,  
Nos rios de... águas das «pedras»  
Que passa a vida a beber!

Mas o pior da tragédia —  
— Só agora é que vos digo! —  
Foi ele ter-me pedido:  
Horácio «entre» comigo!

(Este pedido foi feito  
No segredo mais fechado...  
Por isso mesmo, em segredo  
E' que isto vos é contado!)

...Mas eu não «entro» com ele  
Nem que se faça Barata  
...Lá «entrar»... entrava eu  
Se ele fôsse Homem de lata.

Maió de 1933

HORÁCIO CUNHA



25. Sede da AAC nos anos 20-30  
no antigo Colégio de S. Paulo Eremita

Ferrer ganhou carisma, continua Albano Nogueira. Apontado por todos, possuidor de boa figura e de uma bela voz que muito o ajudava, pois “tudo o que dizia saía-lhe solene”, foi eleito presidente da Associação Académica de Coimbra em 1932. Mas o carisma não se devia apenas à boa figura e à bela voz. Ferrer Correia já se movia há algum tempo nas cúpulas estudantis.

A AAC ocupava nessa época, e desde 1920, todo o Colégio de S. Paulo Eremita, na rua Larga. É bem conhecido, e ainda celebrado com o nome de “Tomada da Bastilha”, o assalto que na noite de 24 para 25 de Novembro de 1920 um grupo de estudantes fez ao Instituto de Coimbra (Clube dos Lentes), instalado no 1.º andar do edifício, pois até então à AAC estava reservado apenas o rés-do-chão.

A partir de meados da década de Vinte a Academia coimbrã viveu um período tumultuoso, profundamente fracturada entre republicanos democratas e monárquicos integralistas. Se até 1928 estes dominaram a direcção da AAC, a partir desse ano, após a revitalização do Centro Republicano em 1926/27 e o seu papel na greve de Maio/Junho de 28, os democratas obtiveram todas as presidências da Associação até 1936, ano em que a AAC passou a ser dirigida por comissões administrativas de nomeação governamental<sup>8</sup>.

*Ocioso dizer que não deixei de marcar posição na querela entre democratas (republicanos) e integralistas que nos anos vinte incendiou a academia. Eu fui sempre democrata<sup>9</sup>. [2002]*

Em Fevereiro de 1931 o Centro Republicano Académico, de Coimbra, lança o jornal *Mundo Novo*, “de doutrinação e cultura”, “arauto das mais legítimas reivindicações humanas (...) na esquerda da República”, “clara e abertamente pelas doutrinas sociais”<sup>10</sup>. No n.º 4, de 11 de Março de 1931, Ferrer Correia, então com 19 anos, colabora com um artigo intitulado “Novas orientações políticas”. Nele analisa as ideologias e sistemas políticos da época, repudiando tanto o liberalismo individualista como os totalitarismos vigentes ou emergentes na Europa.

26. Capa do Livro de Curso dos Quartanistas de Direito, 1933  
27. Queima das Fitas de 1933: o 4.º ano jurídico  
28. O "caloiro" Ferrer Correia segurando o cartaz no cortejo da "Queima" de 1930



26



27



28

Ferrer Correia, que sempre gostou de recordar a sua actividade estudantil e o seu alinhamento político democrático, nunca aludiu a este texto. Provavelmente por defender um sistema político que não enjeita ideias e soluções preconizadas pelos regimes ditatoriais. Mas o que propugnava o atento e interventivo jovem universitário não pode ser entendido como a apologia de tais regimes. Pelo contrário, pois desses sistemas, ele enaltece apenas o planeamento estatal. E Ferrer faz decorrer a intervenção do Estado do princípio da solidariedade social, enjeitando o liberalismo puro, mas repudiando também a violação dos direitos individuais. Pensamento bem próximo, aliás, do que viria a chamar-se socialismo democrático. Eis alguns extractos deste artigo totalmente esquecido, tanto por Ferrer como pelos que lhe têm traçado a resenha biográfica:

*Escrever sôbre política ou sociologia, num momento, como o actual, que é ainda, todo ele, de incertezas, de hesitações, de ensaios – será concorrer, na medida das possibilidades intellectuais de cada um, para a realização de uma finalidade que se impõe: a de extremar mais nitidamente os campos doutrinários, a de definir, com a maior precisão possível, ideologias novas.*

*(...) o individualismo puro, tal como até ha bem poucos anos foi compreendido e praticado, é incompatível com as necessidades materiais, com a própria estrutura da sociedade contemporânea (...).*

*Ao individualismo absorvente, exclusivista, uni-lateral, e, conseqüentemente imperfeito, – sobrepõe agora (...) o sentimento, cada vez mais vivo, e mais esplendoroso, e mais dominador, da solidariedade social (...).*

*Pois que significam todas as dictaduras que por essa Europa se alinham – fãülhantes de baionetas, esplendentes de fardamentos bizarros, como granadeiros da Guarda Imperial desenvolvidos em aguerrida formação de batalha... – que significam essas dictaduras senão que a moderna organização estadoal não é, já, compatível com as necessidades sociais do momento presente? Que o conceito do velho Estado individualista fez a sua época?*

## Novas orientações políticas

Escrever sobre política ou sociologia, num momento, como o actual, que é ainda, todo ele, de incertezas, de hesitações, de dúvidas — serão concorrer, na medida das possibilidades intelectuais de cada um, para a realização de uma finalidade que se impõe: a de extrinsecar mais nitidamente os campos doutrinários, o de definir, com o maior precisão possível, ideologias novas.

Desnecessário se torna acentuar, por isso, que o sentido da expressão «ideologias novas» não é extensivo à corrente doutrinária exclusivamente individualista. E a justificação desta maneira de pensar facilmente se encontra:

É que, em meu entender, — e está aí a realidade social, a confirmá-lo — o individualismo puro, tal como até há bem poucos anos foi compreendido e praticado, é incompatível com as necessidades materiais, com a própria estrutura da sociedade contemporânea.

O período do interesse pessoal, como base de toda a economia, vai sendo, pouco a pouco, ultrapassado. Teve o seu início de facto com esse formidável movimento de libertação que foi a Revolução francesa. Dominou despoticamente a Europa durante o passado século XIX. Manifestou-se em todos os aspectos da vida social: na economia dos povos bem como nas suas organizações políticas; no campo dos factos como no domínio das ideias.

No Literário, condicionou, de algum modo, esse grande movimento intelectual que foi o Romantismo. Teve aqui, artífices de glória, como Lamartine e Chateaubriand, Garrett e Alexandre Herculano. Imortalizou-se, assim, como motivo racional, determinante dessa corrente literária que tam nitidamente caracteriza o século XIX, cujos processos de puro subjectivismo não são mais do que o seu consagração, no campo intelectual. Mas o domínio dos ideos era-lhe por demais restrito. Empolgou o pensamento da época: reatava-lhe traduzir-se no campo concreto dos factos, das realidades de ordem social. E aqui, a sua acção estende-se todos os aspectos, a todas as manifestações da actividade dos povos. É, na economia, o triunfo decisivo, completo, a dominação sem restrições do «laissez faire, laissez passer»; — é, no campo político, a consagração dos princípios da liberdade individual, como fundamento de toda a sociedade.

O individualismo triunfava,

fosse não importa qual o aspecto, o ponto de vista de que se encarasse a vida social...

Hoje, novas orientações, novos mundos, novos horizontes se rasgam ante a iniciativa dos homens, — insaciáveis, como a própria Ciência que lhes dirige os passos, ardentes as atitudes, determina os aperfeiçoamentos — como elo insatisfatório de conexões inconexas mais íntimas, de embelamentos mais exactos, mais completos. E à medida que essas conexões vão sendo atingidas e a par e passo com a aquisição desses mais perfectos conhecimentos — ideais novos surgem; orientações diversas quantas vezes totalmente diversas... — nascem, determinando o desaparecimento daquelas que, poucos anos antes, tinham sido força social poderosíssima, dominante, quasi única.

É o que se passa no momento actual. No individualismo absorvente, exclusivista, uni-lateral, e, consequentemente, imperfeito, — sobrepõe-se agora, numa evidência que recusa toda a discussão, numa realidade de tal modo insolúvel que repete todo o argumento em contrario — o sentimento, cada vez mais vivo, e mais esplendoroso, e mais dominante, da solidariedade social, manifestando-se, como há pouco aquele, em todos os aspectos da vida em sociedade: na economia, na política, no próprio campo do intelecto — se quisermos abordar os domínios do pensamento contemporâneo. E de resto, como admitir a existência de um sentimento tam evidente no campo dos factos, do concreto, se preferirmos — sem partir do princípio de que a própria mentalidade dos povos foi por ele previamente influenciada? Pois não é verdade que toda a forma de organização social é precedida da sua concepção, da sua elaboração doutrinária, e, consequentemente, espiritual? E é que a própria solidariedade social — um dos princípios basilares — a nova trilogia, no dizer de António Cândido Alarcão — enquanto encarada através do prisma individual, apparece-nos necessariamente deformado por um conceito subjectivo. Surgem-nos como sentimento, privativo duma personalidade. E é sendo quando a encaramos através das suas manifestações exteriores, objectivas, que ela se torna realidade susceptível de verificação; que passa a receber as características de verdadeira força social.

E essas manifestações são de

tal ordem, na hora que passa, correspondem a uma realidade tam fortemente axiomatica, que por toda a parte surge uma orientação nova, empolgando os espiritos, caminhando, guiado pelo próprio pensamento contemporaneo, à reforma do Estado. Do Estado individualista, exclusivamente individualista, que a doutrina liberal, oriunda da Revolução francesa, originou — e que hoje não é mais do que um anacronismo, do que uma sobrevivencia historica, sem realidades actuais que expliquem o continuado do seu viver.

Pois que significam todas as ditaduras que por essa Europa se aliam — lilliantes, de balonetes, esplendentes de fardamentos bizarros, como grandeeiros da Guarda Imperial desenvolvidos em aguerrida formação de batalha... — que significam essas ditaduras se não que a moderna organização estadual não é, já, compatível com as necessidades sociais do momento presente? Que o conceito do velho Estado individualista fez a sua época?

Forçoso se torna que construamos uma sociedade nova.

Indispensável, que essa consagração assente, em grande parte, numa mais perfeita consagração pratica da solidariedade social, numa compreensão mais nitida do interesse colectivo, como base da vida comum. Que esse sentimento, assim generalizado a todos os membros do corpo social, e trazado, pois, na concentração de todos os esforços, no agrupamento de todas as energias quer materiais quer intellectuais do homem. E que, por outro lado, ao individuo se conceda estabelecendo-o em bases reais a consciencia da sua autonomia; a convicção profunda de que, só por si, representa «a gama coisa», porque representa «alguem»; o sentimento, numa palavra, da sua individualidade.

E será na conjugação destes dois ideos — aparentemente tam diversos mas de facto tam estruturalmente unidos, que deverá residir, quanto a mim o fundamento dessa nova sociedade. Desses Mundo Novo.

Coimbra, Março de 1931.

ANTONIO FERRE

## SINTOMAS DE DECADENCIA

(Continuação da 1.ª página)

sível. Ou o mundo para, e volta a trar, ou então tudo está perdido. E, todavia, nada está perdido, a menos que não sejam eles que a si mesmos se julgam perdidos, e assim lancem aos quatro ventos o pregão da decadência, confundindo-a, num todo homogénio, com certos aspectos de crise, aliás bem evidentes.

Mas quem nos pode assegurar de que a crise não é mais, precisamente, que um agente de ressurgimento?

Incontestavelmente que o mundo em que vivemos é um mundo que se arruina. Mas arruina-se, desmorona-se, em que sentido? Única e simplesmente naquilo que nele há de velho, de antiquado e gasto, e que em nada concorre para o levantamento do novo edificio, dentro do qual penetre mais luz, haja mais liberdade e reine maior harmonia. Este será o mundo novo, mundo de reacção, orientado no sentido do futuro, em que o sentido tradicional irá sendo successivamente amadurecido.

A medida que o vivo sentimento da solidariedade se desenvolver e intensificar, maior unidade de vistas reinará no espirito dos povos e nesta unidade de vistas o exclusivo ha-de ceder, ha-de inclinar-se para o comum.

É de toda a necessidade que o particularismo dos velhos tempos seja derruído. Para as ideias, para o pensamento, para a livre expansão das actividades espirituais, a existência dos particula-

rismos tem constituído um dos maiores e mais perniciosos obstáculos.

No mundo da arte, da sciencia, da cultura e do sentimento aqueles que maior progresso têm feito, e mais altos voos atingiram foram sempre os revolucionarios da ideia, os demolidores dos fechados sistemas, no quais toda a gente pode entrar mas donde a ninguém jamais se lieito sair.

Não será esta a maior negação e atrofiamiento da individualidade? Se a individualidade é aquilo que faz que um homem seja de facto e verdadeiramente é óbvio que tudo quanto tend a apoucar, a restringir, a opprimir as individualidades é um mal que urge atalhar, para que o individuo participe da vida em toda a sua plenitude, pelo menos na esfera das suas aspirações mais legítimas e mais nobres.

Vejamos, por exemplo, um espécie de particularismo, objectivado numa religião, ou mesmo numa crença eclesiástica, (e dizemos eclesiástica, como poderíamos dizer também religiosa por isso que é este o sentido em que o vulgar dos crentes a interpreta, sem de modo algum pensar no religião que está occulto no fundo do coração, religião que apenas consiste em certas qualidades de caracter, que sómente se refere aos sentimentos morais e não a dogmas de qual quer natureza) e logo depararmos com o numero exército

*Forçoso se torna que construamos uma sociedade nova. Indispensável, que essa construção assente, em grande parte, numa mais perfeita consagração prática da solidariedade social, numa compreensão mais nítida do interesse colectivo, como base da vida em comum (...). E que, por outro lado, ao individuo se conceda, estabelecendo-as em bases reais, a consciência da sua autonomia; a convicção profunda de que, só por si, representa “alguma coisa”, porque representa “alguém”; o sentimento, numa palavra, da sua individualidade.*

*E será na conjugação destes dois ideais aparentemente tam diversos mas de facto tam estruturalmente unidos, que deverá residir, quanto a mim, o fundamento dessa nova sociedade. Desse Mundo Novo<sup>11</sup>. [1931]*

Nas eleições para a AAC imediatas à publicação deste artigo, em Novembro de 1931, o Presidente eleito é João de Brito Câmara (que sucedia a João Gaspar Simões) e o presidente da Assembleia Geral Arlindo Vicente que tem como substituto António Ferrer Correia<sup>12</sup>. Em Março do ano seguinte Ferrer Correia é escolhido como representante da Academia no Senado Universitário<sup>13</sup>. Finalmente, em Novembro desse ano de 32, a lista republicana concorrente à direcção para 1932/33, mais uma vez vitoriosa, é composta por António Ferrer Correia, Armando Coelho Sampaio, Lourenço Pacheco, José F. Saraiva, Carlos Leça, Manuel Novais Gonçalves, Armando Pereira Martins e pelos substitutos (que vieram a assumir os cargos) José Cristina, Rui de Azevedo Guimarães e Venâncio de Figueiredo Vieira. Ferrer Correia é designado Presidente<sup>14</sup>.

Em Agosto anterior o Governo publicara legislação (decreto n.º 21566) que impedia que na mesma associação se inscrevessem alunos de escolas superiores e não superiores. Ora, à Associação Académica de Coimbra sempre haviam pertencido os estudantes do Liceu, pelo que, na própria reunião em que Ferrer foi eleito para a presidência, deliberou-se pedir uma audiência ao Reitor para que este conseguisse que à AAC não fosse aplicado o decreto. Ferrer Correia trazia já

1932-1933

Transcripta 52

Acta n.º 1

Acta de posse dos novos corpos gerentes da Associação Académica 1932-1933.

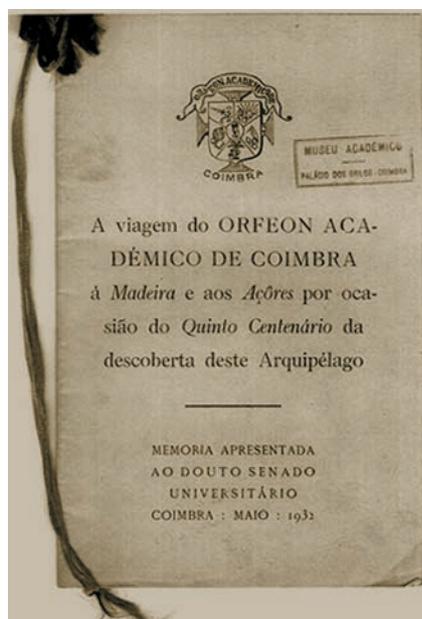
No dia 21 de novembro de 1932, às 17 horas e vinte minutos, sob a presidência do director José Cristina, secretariado por Vasco de Figueiredo Vieira, foi convocada a posse dos novos corpos gerentes, estando presentes José Cristina, d.ºs, António d'Almada Ferrer Correia, Amândo Coelho Sampaio, Lourenço Pacheco José Saraiva, Carlos Leça, Manoel Novais, Gonçalves e Amândo Pereira Martins. Ausentaram-se os a.ºs Victor Augusto de Barros, Augusto Castilho d'Almeida, Sebastião Santos de Sousa Baracho, Henrique de Brito Câmara, António Constante Ribeiro e Américo Ferraz de Carvalho. E imediatamente a seguir lavrada a acta, que vai ser assinada por todos os presentes e por mim, Vasco de Figueiredo Vieira, seu secretário.

Coimbra, 21 de Novembro de 1932

~~José Cristina~~  
~~António d'Almada Ferrer Correia~~  
~~Amândo Coelho Sampaio~~  
~~Lourenço Pacheco~~  
~~José Saraiva~~

~~Carlos Leça~~  
~~Manoel Novais~~  
~~Gonçalves~~

~~Victor Augusto de Barros~~  
~~Augusto Castilho d'Almeida~~  
~~Sebastião Santos de Sousa Baracho~~  
~~Henrique de Brito Câmara~~  
~~António Constante Ribeiro~~  
~~Américo Ferraz de Carvalho~~  
Vasco de Figueiredo Vieira



preparada uma exposição a enviar ao Ministro da Instrução e a ser apresentada no Senado Universitário. No dia seguinte Ferrer reúne novamente a sua equipa, informando-a dos resultados infrutíferos das reuniões que tivera com o Reitor e com o Governador Civil, pois ambos reiteraram que, à face da lei, era impossível a “existência de Associações escolares, cujos associados não pertençam à mesma escola superior. Em virtude de tal interpretação houve a necessidade de pedir a convocatória da Assembleia Geral dos sócios desta casa, a fim de se providenciar se devem ser ou não modificados os estatutos no sentido de excluir de sócios os alunos do Liceu e Escola Agrícola”<sup>15</sup>.

A forma de actuar de Ferrer Correia era já, ainda tão moço, a que viria a revelar ao longo da vida: age de imediato, privilegia o diálogo, acciona as várias frentes possíveis e sustenta os seus argumentos e pretensões em texto escrito previamente preparado. Pena é que não conheçamos o teor da sua exposição, decerto redigida com a elegância, a firmeza, a clareza e o rigor que serão o seu timbre.

Em 1933/34 Ferrer Correia é um dos sete delegados dos estudantes eleitos para o Senado e Assembleia Geral da Universidade<sup>16</sup>, sendo também reeleito presidente da AAC. Era a direcção deste ano constituída por Ferrer, João José Gomes, Manuel Morais Gonçalves, José Fernandes Saraiva, Armando Coelho Sampaio, Carlos Leça, António Ramos de Almeida e Políbio Gomes dos Santos.

Três meses após as eleições correram rumores de que os nacional-sindicalistas planeavam tomar de assalto as instalações da AAC e assumir a direcção. Esta decide em reunião de 19 de Fevereiro de 1934 dar conhecimento das suspeitas à Academia, averiguar da veracidade dos factos e, se as circunstâncias o aconselhassem, informar as autoridades<sup>17</sup>. Fosse boato ou não, não houve qualquer assalto.

*Enquanto estudante, empenhei-me com entusiasmo na vida da Academia. Tanto assim que, muito jovem ainda, fui eleito, por duas vezes, em mandatos consecutivos, presidente da Associação Académica.*

*E o exercício deste cargo não poderia deixar de afectar o grau de dedicação aos estudos da Faculdade. Verdade seja dita que a média do curso não se ressentiu*<sup>18</sup>. [2002]

31. Memória da viagem do Orfeon Académico de Coimbra à Madeira e Açores em Maio de 1932  
 32. Caderno eleitoral do Orfeon Académico de 1931-32

Caderno eleitoral de 1931-1932

1	Francisco Duarte de Oliveira	+
2	António de Sá	+
3	Francisco de Sá	+
4	António de Sá	+
5	António de Sá	+
6	António de Sá	+
7	António de Sá	+
8	António de Sá	+
9	António de Sá	+
10	António de Sá	+
11	António de Sá	+
12	António de Sá	+
13	António de Sá	+
14	António de Sá	+
15	António de Sá	+
16	António de Sá	+
17	António de Sá	+
18	António de Sá	+
19	António de Sá	+
20	António de Sá	+
21	António de Sá	+
22	António de Sá	+
23	António de Sá	+
24	António de Sá	+
25	António de Sá	+
26	António de Sá	+
27	António de Sá	+
28	António de Sá	+
29	António de Sá	+
30	António de Sá	+
31	António de Sá	+
32	António de Sá	+
33	António de Sá	+
34	António de Sá	+
35	António de Sá	+
36	António de Sá	+
37	António de Sá	+
38	António de Sá	+
39	António de Sá	+
40	António de Sá	+
41	António de Sá	+
42	António de Sá	+
43	António de Sá	+
44	António de Sá	+
45	António de Sá	+
46	António de Sá	+
47	António de Sá	+
48	António de Sá	+
49	António de Sá	+
50	António de Sá	+
51	António de Sá	+
52	António de Sá	+
53	António de Sá	+
54	António de Sá	+
55	António de Sá	+
56	António de Sá	+
57	António de Sá	+
58	António de Sá	+
59	António de Sá	+
60	António de Sá	+
61	António de Sá	+
62	António de Sá	+
63	António de Sá	+
64	António de Sá	+
65	António de Sá	+
66	António de Sá	+
67	António de Sá	+
68	António de Sá	+
69	António de Sá	+
70	António de Sá	+
71	António de Sá	+
72	António de Sá	+
73	António de Sá	+
74	António de Sá	+
75	António de Sá	+
76	António de Sá	+
77	António de Sá	+
78	António de Sá	+
79	António de Sá	+
80	António de Sá	+
81	António de Sá	+
82	António de Sá	+
83	António de Sá	+
84	António de Sá	+
85	António de Sá	+
86	António de Sá	+
87	António de Sá	+
88	António de Sá	+
89	António de Sá	+
90	António de Sá	+
91	António de Sá	+
92	António de Sá	+
93	António de Sá	+
94	António de Sá	+
95	António de Sá	+
96	António de Sá	+
97	António de Sá	+
98	António de Sá	+
99	António de Sá	+
100	António de Sá	+





33. Orfeon Académico de Coimbra em 1932

Em Junho de 1934 o Governo extingue a Imprensa da Universidade de Coimbra. Ferrer Correia, decerto já atento, não terá deixado de o lamentar. Muito mais tarde, em 1979, na sessão inaugural dos trabalhos do Conselho de Reitores afirmará:

*Um dos mais duros golpes sofridos nos anos 30 pela Universidade de Coimbra, na sua secular autonomia, consistiu por certo na extinção da famosa Imprensa da Universidade, cujo último director foi o muito Sábio professor Joaquim de Carvalho. A lamentável lacuna pode talvez remediar-se para o futuro, com a prevista criação de um serviço de publicações na Universidade, que se espera venha a constituir uma verdadeira editorial ao serviço do ensino, da ciência e da cultura. Mas que vasto cabedal de prejuízos, já agora irreparáveis, não resultou, Senhores, daquela medida!<sup>19</sup> [1979]*

E quando um jornalista lhe pergunta, enquanto reitor da Universidade de Coimbra, quando ressurgirá a Imprensa da Universidade, responde:

*Não é de máquinas de compor e imprimir que carecemos – elas não faltam na cidade –, mas de uma central de pensamento e de acção. Numa só palavra: de uma editorial da Universidade [...] Como primeiro passo nesse caminho, propus ao Ministério [...] fosse criado um centro de documentação e publicações. O alvitre foi aceite. E [...] em breve nos poderemos dedicar à tarefa de pôr em funcionamento a falada editorial universitária. É uma notícia que lhe dou em primeira mão. É, suponho, uma excelente notícia<sup>20</sup>. [1980]*

A Imprensa da Universidade, cuja existência se estatuiu em 1989, só dez anos depois iniciou actividade editorial, cumprindo-se o anseio do universitário que nunca aceitou o seu desaparecimento.

Nem só de estudo e lutas políticas se fazia a vida de António Ferrer Correia. Durante o curso fez parte do Orfeon Académico de Coimbra que então ensaiava na igreja do extinto colégio de S. Bento<sup>21</sup>, o mesmo edifício do Liceu.

*Como orfeonista, integrei o grupo em numerosos concertos e devo dizer que não era dos menos empenhados coralistas. Disso guardo uma indelével recordação. Quando me inscrevi no Orfeon, o regente era o cónego Doutor Elias Aguiar, músico distinto e amigo de todos os orfeonistas, que aqui lembro com saudade. Sucedeu-lhe Manuel Raposo Marques, que decerto muitos dos presentes ainda recordam, com o peito constelado de medalhas, e aquele jeito tão característico e espectacular de deixar cair a capa no início de cada número do programa<sup>22</sup>. [1998]*

*Tive o privilégio de ser discípulo na Faculdade de Direito de alguns dos mais insignes mestres e juristas que jamais houve em Portugal. Ouvi as lições de Cabral Moncada, Paulo Merêa, Vaz Serra, Fêzas Vital, Manuel de Andrade, Lumbrales, Pires de Lima, Carlos Moreira, Mário de Figueiredo<sup>23</sup>. [1997]*

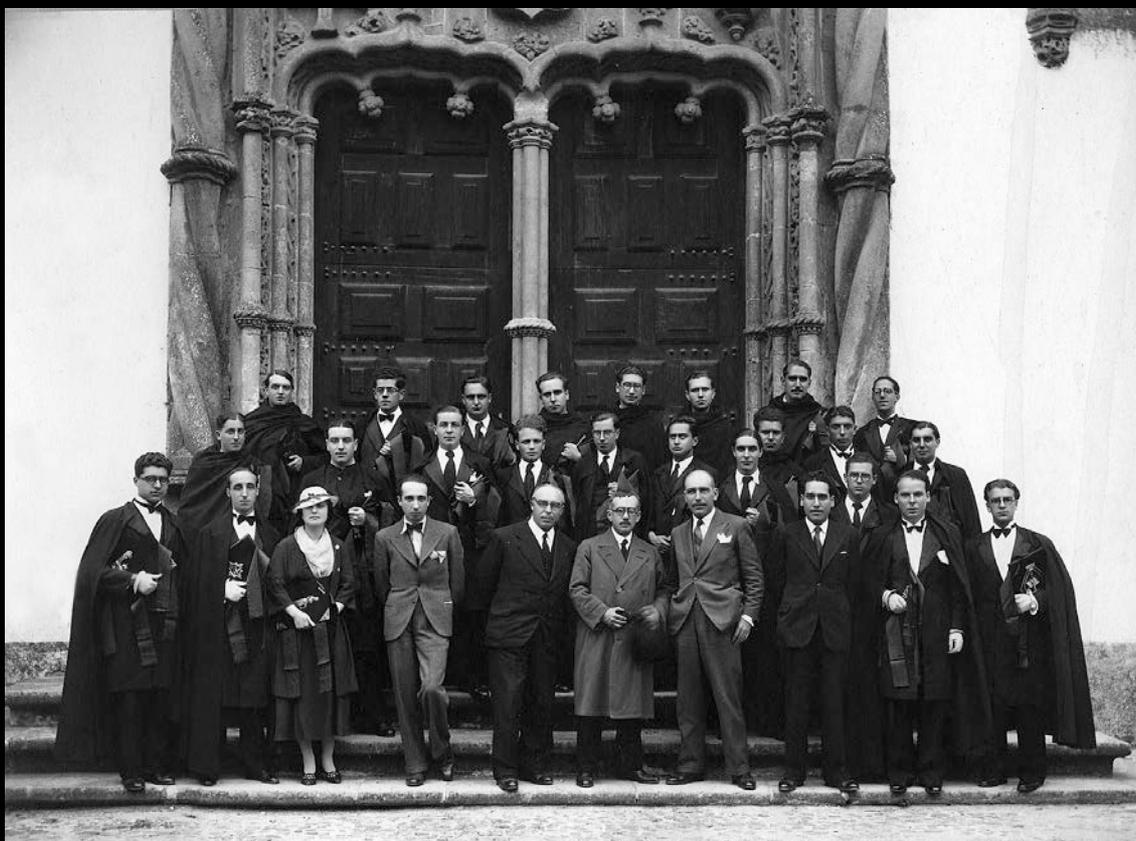
Em 1998, ao agradecer a homenagem que a Associação dos Antigos Estudantes da Universidade de Coimbra lhe prestou, dirá que os professores que mais o influenciaram foram Manuel de Andrade, Cabral Moncada, Adriano Vaz Serra e Beleza dos Santos. No ano seguinte, na homenagem de 9 de Março, salientará também Pires de Lima.

António Ferrer Correia licenciou-se em Direito no dia 17 de Julho de 1935 com a classificação de 18 valores, tendo apresentado a dissertação de licenciatura em Direito Criminal sobre *Dolo e Preterintencionalidade*. Este texto, “sendo embora produto de alguns meses – pois, de acordo com a reforma de 1928, se redigia exclusivamente no último ano do curso e de permeio com a preparação de diversas disciplinas –, representa ainda hoje, quarenta e sete anos volvidos, um surpreendente modelo de agilidade e de segurança que revela um jurista de muito rara vocação<sup>24</sup>”.





34. Ferrer Correia (ao centro na 2.ª fila) com outros estudantes durante o curso  
35. Ferrer Correia com um grupo de condiscípulos, é o 3º jovem da primeira fila (da direita para a esquerda)



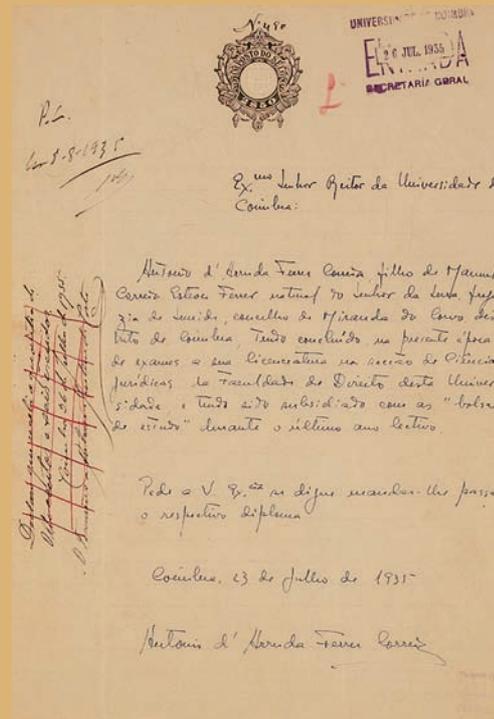
- 37. Diploma de licenciatura
- 38. Livro de termos: registo da prova oral do 5.º ano do Curso Complementar de Ciências Jurídicas
- 39. Requerimento de diploma de licenciatura



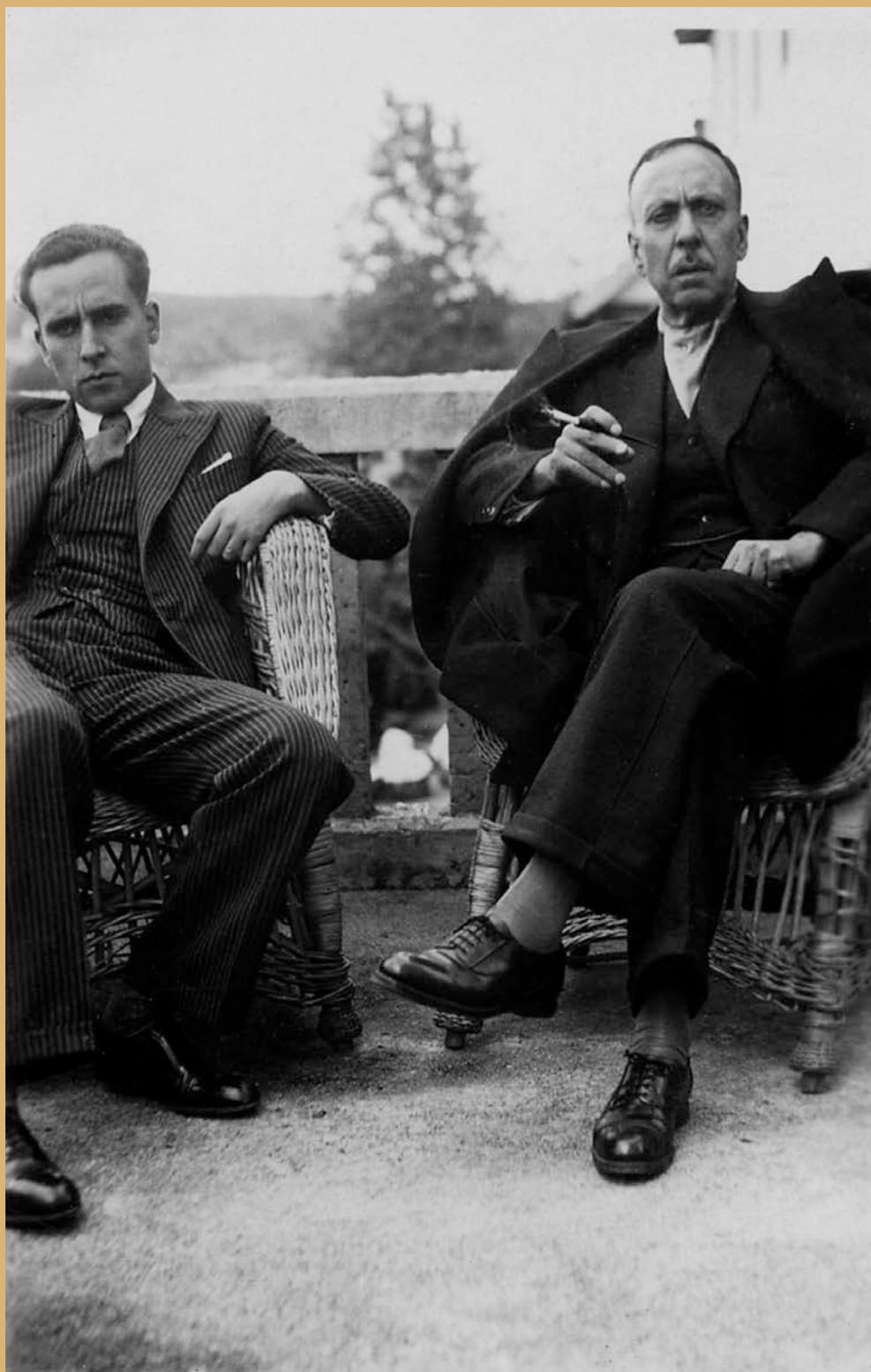
37



38



39



40. Com o pai, nas termas de Vidago, em Setembro de 1933  
41. António Ferrer Correia em finais da década de 30

CASAMENTO E DOUTORAMENTO  
(1935-1939)

---



António Ferrer Correia casou-se em Coimbra às 12h do dia 4 de Setembro de 1938 com Ângela Maria da Silva Venâncio, de 27 anos, natural de S. Gião (concelho de Oliveira do Hospital), filha de José Venâncio e de Joaquina da Silva Ventura. Foram testemunhas Alberto Álvaro Dias Pereira e Maria Justina de Nápoles Ferraz de Almeida, que era a madrinha de baptismo do noivo. Quanto a Alberto Dias Pereira (1891-1984), o homem que Ferrer escolheu para seu padrinho de casamento era *persona non grata* ao regime – fora governador civil e deputado durante a 1.<sup>a</sup> República, fundador em 1932 do Grupo de Estudos Democráticos e, por ter participado num jantar de homenagem a Cunha Leal, estava afastado da sua carreira de professor liceal desde 1936<sup>25</sup>.

O casal, depois de passar a lua-de-mel no Vidago, instala-se em casa do velho Ferrer, na Antero de Quental, onde também permaneceu Maria José.

Nesse mesmo ano, Ferrer Correia traduz *A reparação dos danos no Direito Civil* de Hans Albrechet Fisher. Ângela foi professora de Latim, Inglês e Francês durante vários anos. Deixou depois de exercer, dando explicações em casa.

Ferrer, já o dissemos, tinha a paixão do futebol. Ora, em 1939 a Académica venceu a Taça de Portugal. Ferrer Correia vibrou com o acontecimento.

*E já agora falo - como um dos antigos estudantes de Coimbra que se entusiasmaram com a conquista da Taça de Portugal pela Académica em 1939 (eu estava lá) – seja-me lícito revelar um segredo: acalento a esperança de ainda ver a equipa das capas negras campeã nacional!*<sup>26</sup>. [2002]



42. Taça de Portugal de 1939, ganha pela Académica

43. Partida dos estudantes de Coimbra para Lisboa para o jogo da Taça

44. O casal António e Ângela Ferrer Correia



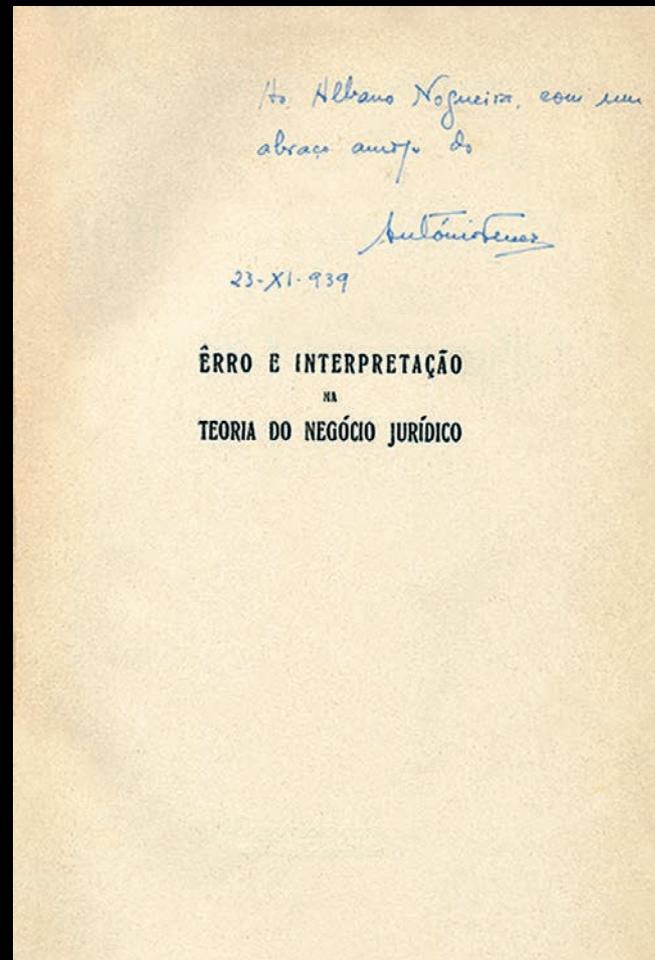
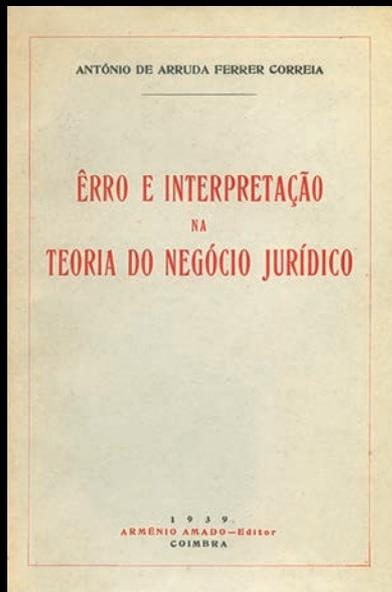
Em 23 de Novembro de 1939 doutorou-se com 18 valores em Ciências Jurídicas com a tese em Direito Civil intitulada *Erro e interpretação na teoria do negócio jurídico*, obra que, além de provocar “um grande salto qualitativo no que toca à exigência das dissertações no nosso país”<sup>27</sup>, se tornou “um monumento imperecível na evolução da civilística portuguesa, constituindo a verdadeira certidão de nascimento de um saber do Direito, não só de nível europeu, mas metodicamente orientado pela “jurisprudência dos interesses”<sup>28</sup>, renovação metodológica que aplicou também ao Direito Comercial<sup>29</sup>. A tese foi publicada logo nesse ano de 39 em Coimbra, por Arménio Amado, e o autor dedicou-a ao pai e à memória da mãe.

Este aluno brilhante de tendências políticas esquerdizantes foi de imediato contratado por um colégio de docentes abertamente do regime, mas que soube reconhecer-lhe e valorizar-lhe o mérito. A aprovação da sua contratação como professor auxiliar pode ler-se na acta da sessão de 13 de Dezembro de 1939 do Conselho da Faculdade de Direito. Se o Ministério permitisse, o novo docente encarregar-se-ia das aulas práticas de Direito Comercial e de Direito Internacional Privado e, ainda, das aulas teóricas e práticas do Curso de Processo Civil e Comercial que, com o seu ingresso, poderia reabrir.

45. Diploma de doutoramento









O PROFESSOR UNIVERSITÁRIO  
(1940-1957)

---





51

Ferrer Correia iniciou a carreira docente em Janeiro de 1940 como Professor Auxiliar do grupo de Ciências Jurídicas, começando por reger a cadeira de Direito Processual Civil, do 4.º ano. Depois ensinou, sucessiva ou cumulativamente, Introdução ao Estudo do Direito, Direito Civil, Direito Processual Civil, Direito Comercial e Direito Internacional Privado. Por despacho de 3 de Março de 1942 foi contratado para exercer as funções de professor extraordinário.

Quatro meses depois, na cerimónia de imposição de insígnias de doutor *honoris causa* ao Conselheiro Fernando Martins de Carvalho, antigo ministro e bastonário da Ordem dos Advogados, apadrinhado por Mário de Figueiredo, ministro da Educação Nacional, os discursos foram proferidos, como é da praxe, pelos dois doutores mais novos da Faculdade proponente. Eram eles Teixeira Ribeiro e Ferrer Correia. Seriam os primeiros reitores do pós-25 de Abril, ambos por nomeação governamental.

Em 5 de Junho de 1940 nasce o filho António José na casa da rua Antero de Quental. O casal Ferrer escolhe para padrinho do bebé o avô paterno.

Em 19 de Junho de 1943 nasce o segundo filho, Fernando Manuel, no n.º 1 da rua Afonso Henriques, casa para onde toda a família havia mudado. Os padrinhos foram a tia Carmen e Eduardo Correia que então vivia, como hóspede, em casa de Carmen e marido, na Avenida Sá da Bandeira.

Os trabalhos de demolição da Alta coimbrã iniciavam-se nesse ano de 43. Todo um património, um universo que envolvera sucessivas gerações de estudantes, professores e populares, que aí coexistiam, e conferia à vida académica de Coimbra uma marca única, desaparecia brutal, inglória e desnecessariamente. O passado era apagado por quem tinha obrigação de o saber preservar. Episódio traumático que não podia deixar de afectar quem o presenciava. E para quê, afinal? Ferrer Correia, di-lo muitos anos depois:



52

*Construíram-se ao todo cinco edifícios – gigantes de pedra sem imaginação e sem beleza, segundo o estilo que prevaleceu na Europa de entre as duas guerras e principalmente na dos anos 30 – e restauraram-se mais dois (esses, sim, de indiscutível dignidade). E foi para isto que o camartelo reduziu a pó a velha Alta, bairro recheado de tradições, não poupando nem colégios renascentistas, nem velhas casas manuelinas ou barrocas. A velha Alta, em que tantas gerações de estudantes deixaram presos farrapos de vida!<sup>30</sup>. [1978]*

51. Telegrama com autorização ministerial do seu contrato como professor auxiliar

52. Demolições na Alta de Coimbra



53. Corpo docente da Universidade de Coimbra na abertura solene do ano lectivo de 1940-1941



54. No dia do baptizado do filho mais velho, António José



55. Com a mulher e o primeiro filho





57

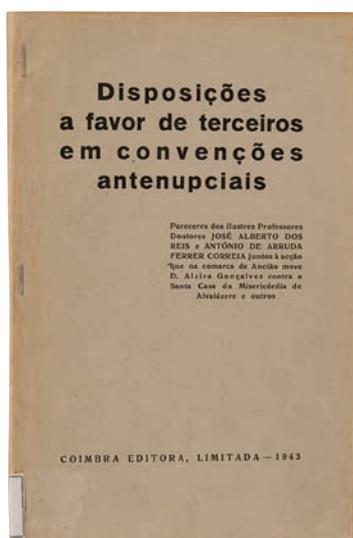


58

56. Com o filho António José

57. Andando de bicicleta

58. Com amigos ciclistas. À sua direita, Guilherme de Oliveira, médico da família Ferrer



59. *Disposições a favor de terceiros em convenções antenupciais*, publicado em 1943

Ferrer Correia vai-se afirmando cada vez mais como jurista. Em 1943 publica com Alberto dos Reis *Disposições a favor de terceiros em convenções antenupciais* e torna-se académico permanente do Instituto de Coimbra. Com outros colegas e juristas funda em 1945 a *Revista de Direito e de Estudos Sociais*, integrando o seu conselho redactorial (será membro deste conselho de redacção até 1950 e co-director de 1950 a 1951). Nesse mesmo ano de 1945, por despacho ministerial de 8 de Maio, integra a comissão encarregada de elaborar um projecto de revisão do Código Civil.

*As minhas convicções políticas só me trouxeram um grave contratempo: foi por ter aderido, juntamente com Eduardo Correia e outros professores da Faculdade, à grande vaga de fundo do Movimento de Unidade Democrática. Efectivamente, quando em 1946 me propus a concurso para professor extraordinário – concurso que tinha sido aberto nos termos legais – tive a desagradável surpresa de constatar que a minha pretensão fora indeferida com base, por certo, na informação desfavorável da PIDE. Esta represália ilegalíssima do governo de então, em que Eduardo Correia também foi atingido, veio a manter-se até 1948, ano em que, por interferência directa do Professor da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, Fernando Pires de Lima, entretanto nomeado Ministro da Educação Nacional, se autoriza a realização do respectivo concurso; apresentei às correspondentes provas a obra “Sociedades Fictícias e Unipessoais”, que foi apreciada pelo professor da Faculdade de Direito de Lisboa José Gabriel Pinto Coelho. O concurso para professor catedrático realizou-se logo a seguir com pleno êxito. A consequente nomeação definitiva trouxe estabilidade à minha carreira docente, sem que isso significasse que alguma vez me tivesse desinteressado pela prática do Direito e do exercício da advocacia, profissão esta pela qual sempre tive – e continuo a ter – um profundo respeito<sup>31</sup>. [2002]*



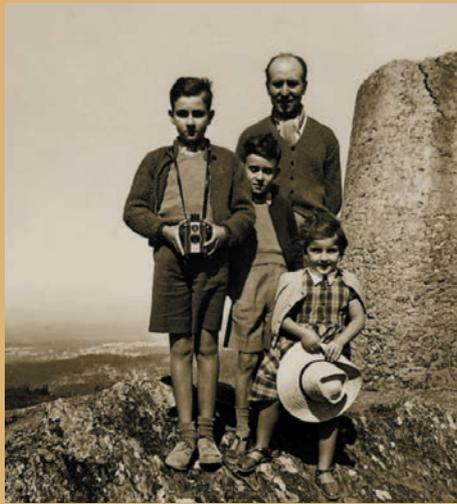
60. Reunião, em 1944, do Curso Jurídico de 1929-1934



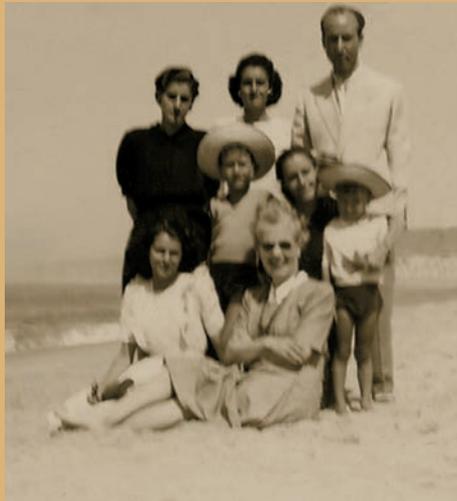
61. Com a mulher e os filhos António José e Fernando na Figueira da Foz, em Agosto de 1945



62. Com a mulher, os filhos e a irmã Maria José na Figueira da Foz  
63. Os dois filhos, na praia da Figueira



64



65



66

64. No castelo das Chãs

65. Descontraído com a família

66. Na praia, com um dos filhos e Eduardo Correia



67. Em passeio com os filhos, a mulher, as duas irmãs e o cunhado



68. O casal em férias  
69. Com o filho Fernando ao colo



70. Com a mulher



Por Portaria de 25 de Maio de 1948 foi, finalmente, nomeado professor extraordinário e, a 2 de Agosto, professor catedrático, após concurso de provas públicas, nas quais se apresentou com a obra *Sociedades fictícias e unipessoais*. Antes disso, em 1946 e 1947, editara três estudos: *Sociedades unipessoais de responsabilidade limitada*, *Amortização e cessão de quotas* e *O estatuto pessoal dos plurinacionais e dos apólices*.

Publica cada vez mais: *A procuração na teoria da representação voluntária*, 1948; *Sociedades fictícias e unipessoais*, 1948; *Suspensão de deliberações sociais e direitos individuais dos accionistas*, 1948 (com Manuel de Andrade); *O testamento de mão-comum em Direito Internacional Privado*, 1949; e prefacia *Breve ensaio sobre uma construção de Ernst Frankenstein*, de Pio Coelho de Mendonça. Ferrer Correia torna-se um dos maiores especialistas na área do Direito Internacional Privado. Em 1950 assume a regência da cadeira de Direito Comercial, substituindo o professor catedrático titular da mesma, Mário de Figueiredo, ausente em comissão de serviço público.

Apoiado pela mulher e a irmã Maria José, manda construir uma casa no Senhor da Serra, na orla do pinhal, que passou a ser casa de férias da família. A partir dessa altura, Ferrer mudava-se para o campo logo no princípio do Verão, ainda com os exames a decorrer. Aí conviveu com João José Cochofel (1919-1982) que tinha casa a dois passos. A família Cochofel cultivava uma intensa vida social que englobava, entre outros, Fernando Lopes-Graça (1906-1995) e José Gomes

71. António Ferrer Correia c. 1946

72. Num jogo da Académica com o filho António José ao colo, ladeado por Guilherme de Oliveira e Anselmo de Castro





73. Professores da Universidade de Coimbra na homenagem a Salazar pelo 20.º aniversário da sua entrada para o governo em 27 de Abril de 1948



Declaro, por minha honra, que estou integro  
na ordem social estabelecida pela Constitui-  
ção Política de 1933, com activo repúdio de  
comunismo e de todas as ideias subversivas.

Coimbra, 26 de Junho de 1948

António Aires Ferreira Louieis

Reconheço a assinatura supra  
do declarante

Secretaria Notarial de Coimbra, 8

de Junho de 1948.

Registada no respectivo Livro

debo e N.º 852

António Aires Ferreira Louieis  
de Coimbra





74. Declaração de conformidade com a ordem estabelecida pela Constituição de 1933 e de repúdio do comunismo e de todas as ideias subversivas, datada de 26 de Junho de 1948

75. Descontraído com a família



76



77



78

- 76. Casa do Senhor da Serra
- 77. Famílias Ferrer Correia e Madureira
- 78. No Senhor da Serra com os filhos
- 79. Com a mulher







83



83. No I Congresso Hispano Luso-Americano de Direito Internacional, que decorreu em Madrid entre os dias 2 e 13 de Outubro de 1951

Ferreira (1900-1985) e de que os Ferrer participavam. António e Fernando Ferrer Correia, filhos do Professor, recordam os jogos de ping-pong com Lopes-Graça, de basket com Ramin, então guarda-redes da Académica, de malha com o padre Manuel e de cartas com todos<sup>32</sup>.

Até ao fim da vida, Ferrer festejou o seu aniversário, a 15 de Agosto, na casa do Senhor da Serra, com a família e um grupo restrito de amigos que, naturalmente, foram mudando ao longo do tempo. Eram precisos muitos anos de convívio e amizade para Ferrer abrir as portas de sua casa. Aí iam (ou foram, sucessivamente), Eduardo Correia, Orlando de Carvalho, Vasco Lobo Xavier, António Caeiro, o pároco da freguesia, padre António Pedro dos Santos, Carlos Sá Furtado, Manuel Nogueira Seréns, os primos Ferrer Antunes e a família Cochofel... Ferrer divertia-se provocando Orlando e o padre Santos acerca de questões teológicas em que os dois se envolviam acaloradamente. Num dos seus últimos aniversários, o casal Seréns encontra o idoso professor, elegantemente vestido, sentado a ler à sombra de frondosa árvore – o velho Ferrer, como sempre, demonstrava grande sentido cénico. Apercebendo-se da chegada dos convidados, levanta os olhos e profere: “Vejo-vos contentes. Não julgueis, porém, que é o banquete do lucro, mas o modesto passadio do Filósofo. Claro que o Filósofo sou eu!”<sup>33</sup>.

Em Coimbra, eram visitas da casa os primos Susana Machado, Ferrer Antunes e família, os colegas de curso João Gomes, Barros, Vilhena de Carvalho e Mário Antunes, que fora seu condiscípulo na Escola Primária de Miranda. Também participavam nestas tertúlias Fernando de Oliveira, Norberto Canha, Rui de Alarcão, Almeno de Sá, etc. Em 1950 publicou *O problema das qualificações em direito internacional privado, Convenções de liquidação de quota pelo último balanço e liberalidade e Propriedade industrial. Registo do nome do estabelecimento. Concorrência desleal*. No ano seguinte deu à estampa *Direito Internacional Privado* e entre 2 e 13 de Outubro de 1951 participou, em Madrid, no *I Congresso Hispano-Luso-Americano de Direito Internacional*. Ferrer Correia chefiou a delegação portuguesa composta por ele próprio e pelos professores Lobo d’Ávila e Galvão Teles, estando ainda presente, por convite pessoal e na qualidade de membro do *Institut de Droit International*, o Prof. Barbosa

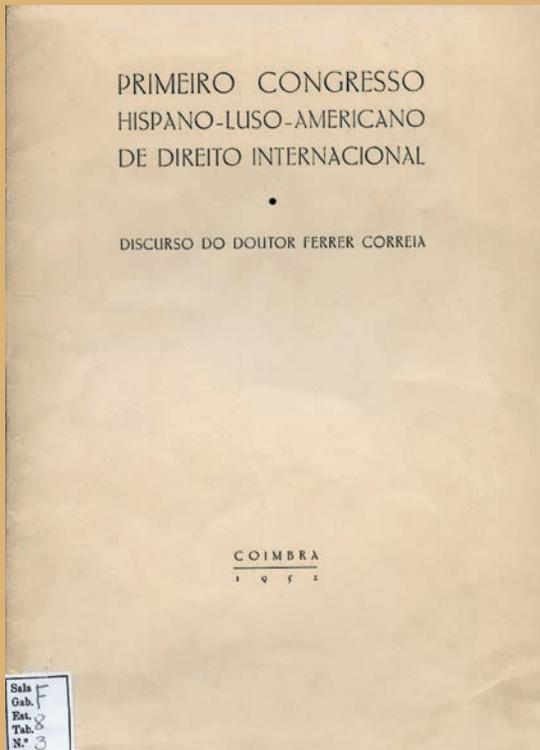
84. No I Congresso Hispano-Luso-Americano de Direito Internacional

85. Discurso proferido no I Congresso Hispano-Luso-Americano de Direito Internacional

86. No I Congresso Hispano-Luso-Americano de Direito Internacional



84



85



86

87. Com a mulher e Adriano Moreira, a bordo do Vera Cruz na sua primeira viagem ao Brasil em Março de 1952
88. No aeroporto de São Paulo com a mulher em 10 de Abril de 1952
89. Saindo do Vera Cruz, 1952



87



88

de Magalhães. Constituiu-se neste congresso o Instituto Hispano-Luso-Americano de Direito Internacional, sendo Ferrer Correia escolhido como um dos vogais do seu Conselho Directivo fundador.

Em missão organizada pelo Secretário Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo Ferrer Correia vai pela primeira vez ao Brasil em Março de 1952, país de naturalidade da sua mãe, onde depois irá tantas vezes e onde tantas vezes também será homenageado.

Publica nesse ano *Parecer sobre um questionário relativo à transferência da propriedade nas vendas internacionais de objectos mobiliários*. A partir de Maio de 1953 integra a redacção da *Revista de Legislação e Jurisprudência*. Ainda no mesmo ano é nomeado Bibliotecário da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, sendo reconduzido no cargo, por mais um biénio, em 1955.

Numa 2.<sup>a</sup> viagem ao Brasil, em Outubro de 53, participou no *II Congresso do Instituto Hispano-Luso-Americano de Direito Internacional*, o primeiro que foi realizado em S. Paulo. No ano seguinte desloca-se em nova missão oficial a Santiago de Compostela para participar na *IV Semana Jurídica Portuguesa* que decorreu na Faculdade de Direito desta Universidade. No dia 27 deste mês de Outubro de 54 aí proferiu uma conferência intitulada *Unidade do estatuto pessoal*<sup>B4</sup>.

Prefacia, em 1953, *Sociedade entre cônjuges* de Alberto Pimenta e no ano seguinte publica em co-autoria *Valor do acto realizado por demente antes de instaurada a acção de interdição* e *Fundamento da interdição por demência: alguns aspectos do problema*. Em 1955 é designado membro da Comissão encarregada de estudar as medidas de natureza legislativa e administrativa necessárias para em Portugal dar cumprimento ao Tratado de Amizade e Consulta Luso-Brasileiro de 16 de Novembro de 1953. Dá à estampa *Unidade do estatuto pessoal* e *Lições de Direito Comercial*. Ferrer Correia, já reputado especialista em Direito Internacional Privado, é consultado em 1955 pelos testamenteiros de Calouste Gulbenkian, falecido nesse ano.



90. Professores da Faculdade de Direito após um almoço no Palace do Buçaco

91. Na Figueira da Foz, com o pai ao centro, os dois filhos à frente,  
Eduardo Correia, Vilhena de Carvalho e Fausto Pinheiro, na década de 50

92. Foto de grupo em viagem a Santiago de Compostela



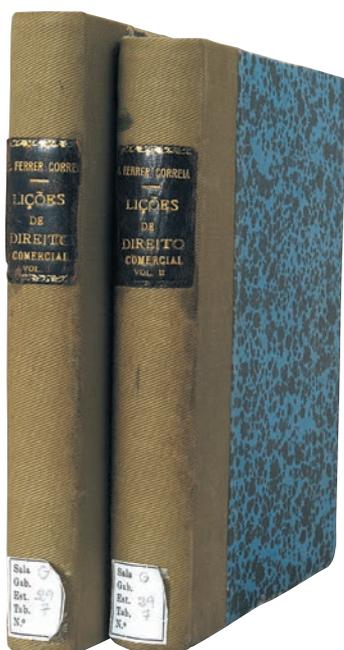
Calouste Sarkis Gulbenkian nascera em Istambul em 1869 numa família de abastados comerciantes arménios. Estudou em Inglaterra, formando-se em engenharia. Investiu na exploração petrolífera, revelando-se um excelente homem de negócios e adquirindo uma imensa fortuna que em parte aplicou em obras de arte. Cidadão naturalizado britânico em 1902, mas residente em França desde 1926, veio para Portugal no decurso da 2.ª Guerra Mundial, em 1942, com a intenção de prosseguir viagem para os Estados Unidos. Portugal cativou-o e aqui ficou, vindo a falecer em Lisboa em 1955. Enquadrado pela lei inglesa, podia dispor livremente dos seus bens, o que fez. Salvaguardado o futuro dos herdeiros, pelo seu testamento de 1953 aplica a fortuna numa fundação a criar em Portugal que se dedicaria à beneficência, à arte, à educação e à ciência. Ferrer Correia intervém desde o início neste processo.



*Dá-se nessa altura a minha primeira intervenção no caso Gulbenkian: solicitado pelo Doutor Azeredo Perdigão, vou ao Consulado Britânico jurar sobre a Bíblia que aquele documento ali presente era de facto, à face da lei portuguesa, um testamento – o testamento com que se finara em Lisboa, aos 20 de Julho de 1955, Calouste Sarkis Gulbenkian<sup>35</sup>. [1993]*

O filho de Calouste Gulbenkian contestou o testamento e Lord Radcliffe, o presidente da futura Fundação indicado pelo testador, contestava a nacionalidade portuguesa da instituição a criar. Por essas razões, os testamenteiros encomendam um parecer a Ferrer Correia. Este aceita a incumbência e entrega-o em Fevereiro do ano seguinte. Nele sustentava: 1) a validade do conteúdo do testamento à face da lei aplicável, que era a inglesa, por ser Calouste Gulbenkian cidadão naturalizado inglês<sup>36</sup>; 2) a validade da cláusula que criava uma fundação de nacionalidade portuguesa com sede em Lisboa; 3) a validade da atribuição da maior parte da fortuna do instituidor a essa fundação<sup>37</sup>. Os seus créditos de jurisconsulto estão

93. Calouste Sarkis Gulbenkian  
(Istambul, 1869 – Lisboa, 1955)



para sempre firmados. A Fundação Calouste Gulbenkian, criada por disposição testamentária de Calouste Sarkis Gulbenkian, viu os seus estatutos aprovados pelo Estado Português a 18 de Julho de 1956 (decreto-lei n.º 40690).

Em 8 de Maio de 1957 toma posse do cargo de Secretário da Faculdade de Direito, substituindo nestas funções Eduardo Correia. Inicia nesse ano a construção da sua casa na rua Teixeira de Carvalho, em Coimbra<sup>38</sup>. E publica *Pessoas colectivas: anteprojecto de um capítulo do novo Código Civil e Reivindicação do estabelecimento comercial como unidade jurídica*.

Ainda em 1957 foi convidado para representar a Fundação Calouste Gulbenkian na acção que esta instituição interpôs nos tribunais de Lisboa contra o filho de Calouste Gulbenkian que questionava o valor jurídico das últimas vontades do pai.

*Para esse processo fui eu o advogado escolhido, juntamente com Dr. José Pedro Dantas Perdigão. O processo não chegou a julgamento, porque a outra parte manifestou entretanto o desejo de retomar as negociações com vista à obtenção do acordo. Acordo que foi finalmente alcançado em Maio de 1958 e logo homologado pelo tribunal. Foi só a partir de então que a Fundação Gulbenkian pôde considerar-se assente em bases jurídicas inatacáveis.*

*Desnecessário será dizer que o êxito assim obtido me encheu de júbilo e também de orgulho, por ter como advogado participado no pleito<sup>39</sup>. [1998]*

UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
CURSO JURÍDICO — 1930 - 1935  
2.ª REUNIÃO



Coimbra, Junho de 1955

Foto - RASTEIRO

94. *Lições de Direito Comercial*, publicado em 1955

95. Durante a 2.ª reunião do curso jurídico de 1930-1935, realizada em Junho de 1955



96. Com o "Conde de Fijô" e Afonso Rodrigues Queiró  
97. António e Ângela no Senhor da Serra  
98. Na casa do Senhor da Serra  
99. No Pátio da Universidade, na década de 50



Desejo de honra com as inscrições das  
 Serviços técnicos competentes, com a seguinte  
 Nota, assim de vez quando a respectiva  
 Accção, relativos a depositar nos  
 os 11/12/1957, com a seguinte  
 Resposta de 25 de Maio de 1957

O Sr. Tenente  
 [Assinatura]  
 Ex.ª Senhor  
 Presidente da Câmara Municipal de  
 Concelho de  
**COIMBRA**

ANTONIO DE ARRUDA FERREZ CORREIA, Profes-  
 sor da Faculdade de Direito da Universidade de Coim-  
 bra, residente na Avenida Afonso Henriques, n.º 1, de-  
 ta cidade, desejando mandar construir um prédio no an-  
 gulo da Rua Teixeira de Carvalho, em construção e uma  
 outra projectada e seu nome, e de acordo com o projec-  
 to junto, roga a V.Ex.ª se digne conceder licença por  
 um prazo de 365 (trezentos e sessenta e cinco) dias,  
 pelo que pede deferimento.

Coimbra, 27 de Março de 1957  
 O Requerente,  
 [Assinatura]

21  
 [Assinatura]

DIVISÃO GERAL DE SAÚDE  
 DELEGACIÃO DE SAÚDE DE COIMBRA  
**ENTRADA**  
 Original do n.º 134  
 Em 4.4.57

Processo nº 36  
 Entrada em 13.6.57

**DECLARAÇÃO**

Declaro, para efeitos de abono de família, que tendo feito a  
 minha inscrição na Ordem dos Advogados e tencionando exercer a pro-  
 fissão liberal a partir do próximo dia 1 de Julho, deixo, nos ter-  
 mos do art.º 10.º do Decreto-Lei n.º 39.844, de 7 de Outubro de  
 1964, de ter direito ao referido abono.

Coimbra, em 13 de Junho de 1957.

[Assinatura]

**UNIVERSIDADE DE COIMBRA**  
**Faculdade de Direito**

**Doutor ANTONIO DE ARRUDA FERREZ CORREIA**

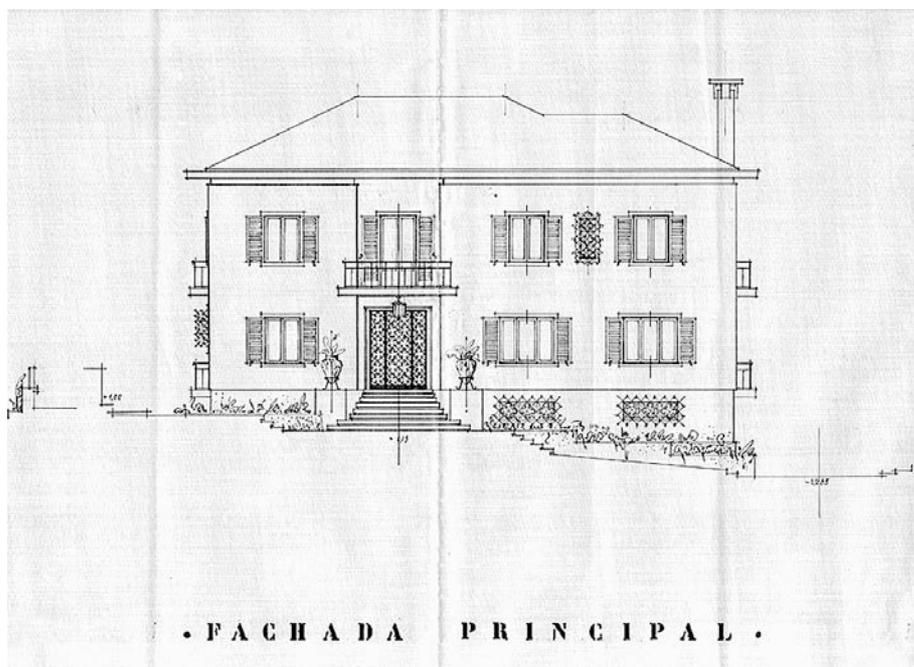
Tempo de serviço	Anno	Meses	Dias	Observações
Desde 10-0-1948 a 3-0-1950	10	-	-	Nomeado professor substituto do 4.º grupo da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra por portaria do dia 9 de Agosto de mil novecentos e quarenta e oito (Instituto de Coimbra, secção 2.ª, réu, número cento e oitenta e quatro, do livro 4.º de Agosto de mil novecentos e quarenta e oito), in- gar de que o mesmo possui a qualidade de professor em de Agosto de mil novecentos e quarenta e oito, in- de, sempre que tem suscitado em interrupção at- à presente data.
	10	-	-	Completo em nome de Agosto de mil novecentos e cinquenta e oito, em nome de hon e efectivo de vice como professor substituto da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. Coimbra, 9 de Agosto de 1950.

Completou em nome de Agosto de mil novecentos e cinquenta e oito, em nome de hon e efectivo de vice como professor substituto da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra.  
 Coimbra, 9 de Agosto de 1950.

Verificado em 9 de Agosto de 1950.  
 Serviços de Contabilidade da Universidade de Coimbra,  
 em 9 de Agosto de 1950.

O CHEFE DA CONTABILIDADE,

- 100. Requerimento da licença de construção da casa na rua Teixeira de Carvalho, em Coimbra, no ano de 1957
- 101. Declaração de renúncia ao abono de família por passar a exercer como advogado, datada de Junho de 1957
- 102. Folha de serviço como professor catedrático da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, datada de Agosto de 1958



103. Planta da fachada principal da casa da rua Teixeira de Carvalho

104. Planta topográfica da casa da rua Teixeira de Carvalho





MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL  
DIRECÇÃO-GERAL DO ENSINO SUPERIOR E DAS BELAS-ARTES

2096 52

UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
ENTRADA  
Em 27 de XII de 1958  
N.º 608 L.º A.º Fl. 39

Exm. Senhor Reitor da Universidade

COIMBRA

27.12.58

4-N/1590

Em referência ao officio nº. A/818, de 20 do corrente, tenho a honra de comunicar a V. Ex. que, por despacho ministerial de ontem, foi autorizado o professor catedrático da Faculdade de Direito dessa Universidade Doutor ANTÓNIO DE ARRUDA FERRER CORREIA a exercer o cargo de administrador da Fundação Calouste Gulbenkian, fora das horas do serviço oficial e sem prejuizo deste.

A bem da Nação

Direcção-Geral do Ensino Superior e das Belas-Artes,  
em 27 de Dezembro de 1958.

O DIRECTOR-GERAL,

*l. de ...*

ASM/MFB.  
RM

105. Autorização para exercer fora das horas de serviço oficial o cargo de administrador da Fundação Calouste Gulbenkian

106. Dando uma aula, na década de 70

ADMINISTRADOR  
DA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN  
(1958-1974)

---



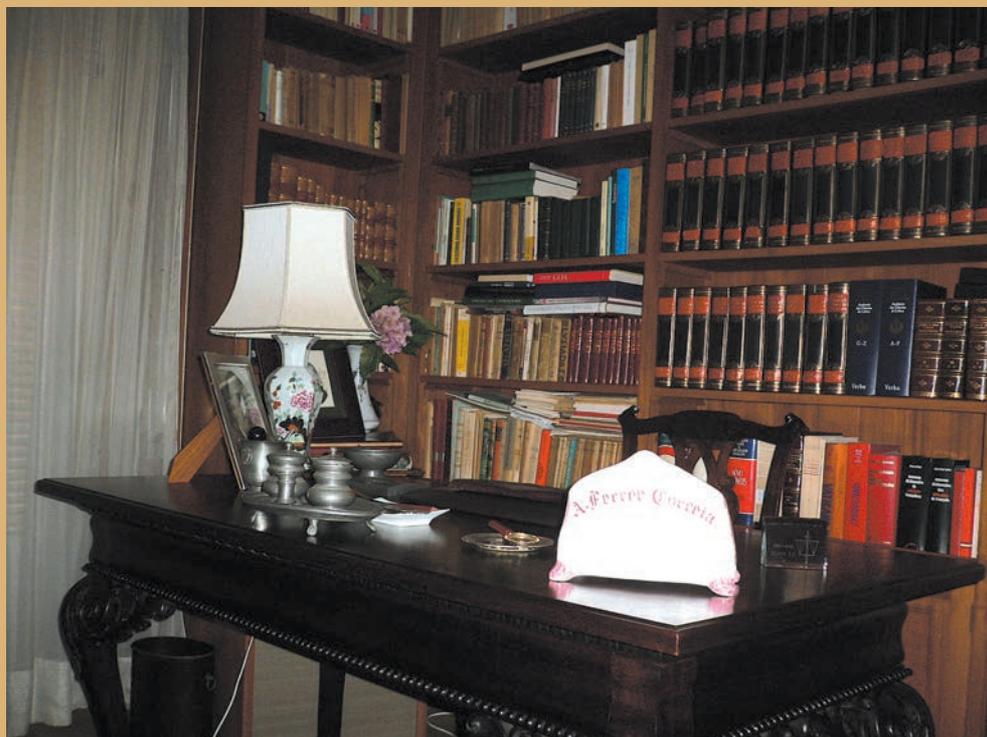
Azeredo Perdigão, Presidente do Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian, convida-o em 1958 para integrar esse Conselho. Ferrer Correia aceita na condição de exercer o cargo em tempo parcial, permanecendo em actividade na Universidade de Coimbra. Por despacho de 26 de Dezembro de 1958 foi autorizado a exercer o cargo de administrador da Fundação Gulbenkian, fora das horas do serviço oficial, tomando posse no dia 29 de Dezembro.

Assumiu as suas novas funções no Conselho de Administração da Gulbenkian a partir de Janeiro de 1959. O Conselho era então constituído por José Azeredo Perdigão (*trustee* designado pelo fundador e já presidente do Conselho<sup>40</sup>), Kevrok Essayan (o outro *trustee* escolhido por Gulbenkian e seu genro), Domingos Holstein Beck, Pedro Teotónio Pereira e o “solicitador” inglês Charles Wishaw. Ao novo administrador foram atribuídos os Serviços de Educação, Bibliotecas Itinerantes e Bolsas de Estudo, pelouro que sempre dirigiu. Escusado será realçar a importância maior desses serviços na difusão dos hábitos de leitura e no apoio à investigação de universitários e instituições, tão carenciados, na época, de toda e qualquer ajuda. Carlos Sá Furtado que, muito mais tarde, dirigiu na Gulbenkian o serviço de bolsas de estudo, afirma que só nessa altura percebeu cabalmente o papel desempenhado por Ferrer na formação do nosso país antes do 25 de Abril. “Porque esse tipo de realizações é que foram decisivas para Portugal e não a apresentação de espectáculos localizados em Lisboa. Não há qualquer comparação quanto ao impacto cultural de ambos os serviços!”<sup>41</sup>.

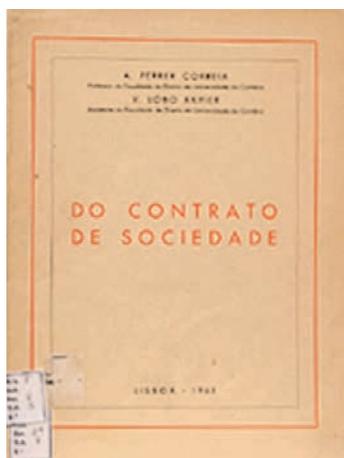
Concluídas as obras da moradia na rua Teixeira de Carvalho, a família Ferrer instalou-se na sua nova casa em 1959. Nesta época, ainda sem casa montada em Lisboa, Ferrer alojava-se semanalmente na residência do sobrinho Manuel Breda Simões que vivia com a mãe Carmen.



No ano seguinte decorreu em Vila Verde e em Braga uma homenagem à memória de Álvaro Machado Vilela. A Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra esteve representada pelo seu Director, Guilherme Braga da Cruz, e por Ferrer Correia por deter a cátedra que estivera confiada ao homenageado. O discurso proferido por Ferrer Correia foi publicado no *Boletim da Faculdade de Direito*<sup>42</sup>.



107. Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian.  
Da direita para a esquerda: Teotónio Pereira, Domingos Holstein Beck,  
José Azeredo Perdigão, Mikhail Essayan, Ferrer Correia e Roberto Gulbenkian  
108. A sala de trabalho na casa da rua Teixeira de Carvalho



Depois, entre 1961 e 1964, publicou ainda *O problema do reenvio (devolução) em Direito Internacional Privado*, *A representação dos menores sujeitos ao pátrio poder na assembleia geral das sociedades comerciais*, *Homenagem à memória do Doutor Álvaro da Costa Machado Vilela*, *Manual de direito das falências* em co-autoria com Pedro de Macedo, *Do contrato de sociedade* em co-autoria com Vasco da Gama Lobo Xavier e prefaciou a 6.<sup>a</sup> impressão da *Teoria geral da relação jurídica* de Manuel de Andrade.

Por portaria de 23 de Janeiro de 1961 foi novamente nomeado Bibliotecário da Faculdade de Direito. Será sucessivamente reconduzido no cargo em 1963, 1965 e 1967.

Ferrer Correia aliava os méritos de jurista aos de professor. Muito eloquente, muito pausado, muito claro, rigoroso e elegante no discurso, expunha com gestos largos, teatrais, prendendo a atenção dos alunos. E expunha com graça, usando o seu fino sentido de humor. De tudo isto resultavam aulas absolutamente brilhantes<sup>43</sup>.

*A aula não pode ser uma coisa chã, charra, sem chama, sob pena de o professor não interessar os alunos e estar votado ao fracasso. A aula tem de ter alguma coisa de espectáculo, embora discreto, não exagerado. Digamos que o professor deve utilizar as boas regras da boa retórica. Da boa... E eu procuro inculcar aos estudantes o interesse que eu próprio tenho e ponho na preparação, sempre cuidadosa, das minhas lições. Nunca me aconteceu mesmo dar uma lição sem antes ter um sentimento de apreensão...*<sup>44</sup>. [1982]

Moura Ramos, seu antigo discípulo e seu continuador na área do Direito Internacional Privado, considera-o um conferencista exímio, mas não um “debatedor”. Como examinador, era exigente, mas sempre correctíssimo com os alunos<sup>45</sup>. A sua solicitude para com os estudantes é reconhecida por todos. Durante as crises académicas da década de Sessenta, Ferrer Correia, a par de Paulo Quintela (este com intervenção maior), Teixeira Ribeiro e Luís de Albuquerque, foram os

109. *Do contrato de sociedade*, 1961

110. Na Biblioteca Joanina no dia do doutoramento *honoris causa* de Azeredo Perdigão, em 1962



professores que serviram de mediadores. Papel que se lhes atribuía com toda a naturalidade, devido às suas personalidades<sup>46</sup>. Tais características permitiriam a Ferrer Correia governar a Universidade, posteriormente, em períodos particularmente difíceis. Muitos são os que recordam a actuação “exemplar” do professor nessas crises académicas e o seu papel “pacificador” nos tempos do PREC. Alguém o terá definido como “um homem que sabe até que ponto pode ir o insustentável”<sup>47</sup>.



A partir de 1962 Ferrer Correia integra o Conselho Fiscal da Euro-Labor. Nesse ano e no imediato é nomeado membro do júri dos concursos de habilitação para juízes de Direito. Em 1963 é também indigitado como membro da comissão revisora do projecto da parte geral do Código Penal. Durante as férias da Páscoa de 63 ausenta-se para Espanha em missão de estudo.



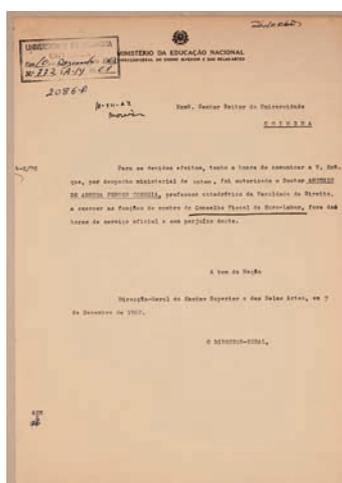
No âmbito das suas funções de administrador da Gulbenkian e com crescente prestígio científico, Ferrer Correia desloca-se agora regularmente ao estrangeiro: nos princípios de Abril de 1964 está em Londres com a mulher onde permanece oito dias ao serviço da Fundação; no mesmo mês, entre 22 e 29, lecciona na *Faculté Internationale de Droit Comparé* em Estrasburgo, colaboração que manterá ao longo da vida. Aí rege cursos e profere conferências sobre aplicação pelos tribunais internos de regras de conflito estrangeiras, sociedades unipessoais, competência internacional dos tribunais e vontade das partes, regime jurídico das fundações jurídico-privadas de fim cultural ou científico e reconhecimento e execução das sentenças estrangeiras. Em Maio profere duas palestras na Universidade de Utreque sobre *Direito Internacional Privado* e sobre a *Origem e Finalidade da Fundação Calouste Gulbenkian*. Nos anos seguintes viaja para Paris, Estrasburgo, Utreque e Haia. É nomeado nesse ano membro da Comissão Executiva da *Faculté Internationale de Droit Comparé* (com sede em Estrasburgo). A sua colaboração na Universidade de Estrasburgo assume a partir de então um ritmo anual. Em 1967 é eleito membro da *Académie Internationale de Droit Comparé* (Paris) e no

111. A irmã Maria José de Arruda Simões

112. A irmã Carmen de Arruda Simões

113. Em Espanha na década de 60. Da esquerda para a direita: Ferrer Correia, o filho Fernando, a sua mulher, o filho António José, o arquitecto Souto Maior e a mulher deste





114. *Sessão da Faculdade Internacional para o ensino do Direito Comparado*

115. Autorização para exercer funções como membro do Conselho Fiscal da Euro-labor, datada de Dezembro de 1962

ano seguinte também as Universidades de Génova e de Viena o convidam como conferencista. Nos anos 70 será ouvido em Madrid, Paris e Turim. Passa temporadas em Londres, sobretudo defendendo os interesses da Gulbenkian.

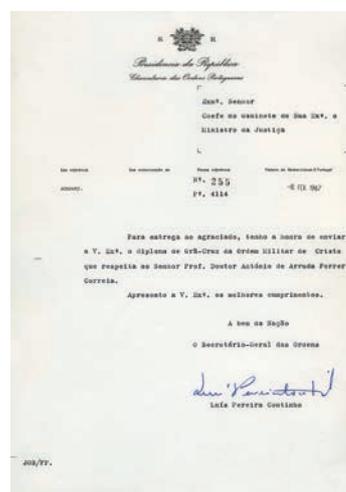
Ferrer Correia tornara-se, pois, um Mestre reconhecido internacionalmente no mundo jurídico. Como é característico da sua geração, dominava a língua francesa, mas o seu francês elegante e literário, traduzia-se num verdadeiro culto da língua. Não falava alemão, mas compreendia-o perfeitamente, assim como lia sem dificuldade o inglês técnico e todas as línguas latinas. É evidente que este domínio linguístico lhe conferia grandes facilidades de comunicação internacional. Em 1965 funda em Portugal, com outros professores, o *Centro de Direito Comparado*. Nomeado membro da Comissão Executiva da *Faculté Internationale de Droit Comparé*, organiza em Coimbra, entre 30 de Agosto e 29 de Setembro desse ano, e contando com a presença do Ministro da Justiça, a 1.<sup>a</sup> sessão realizada em Portugal dessa Faculdade, onde profere uma conferência intitulada *La Société d'un seul associé*<sup>48</sup>. Ferrer foi, aliás, presidente de cinco (1965, 1966, 1971, 1980 e 1987) das seis sessões que a *Faculté Internationale de Droit Comparé* realizou em Portugal.

*Até à instauração do regime democrático, só fui chamado a participar com alguns dos juristas mais ilustres que já houve em Portugal – Adriano Vaz Serra, Manuel Andrade, Pires de Lima, Antunes Varela – nuns trabalhos legislativos, concretamente na elaboração do Código Civil de 1966 e na Parte Geral do Código Penal, tendo a minha participação sido pedida pelo meu amigo e insigne Penalista Dr. Eduardo Correia*<sup>49</sup>. [2002]

Ferrer Correia é modesto ao avaliar o seu papel. A ele se deve o projecto que serviu de base aos capítulos do Código Civil sobre “Direitos dos estrangeiros e



116. Na Reitoria da Universidade de Coimbra com o ministro da Justiça Antunes Varela e Andrade Gouveia  
117. Com António Quadros, Azeredo Perdigão, Branquinho da Fonseca e Domingos Monteiro



118. *La société d'un seul associé*

119. Ofício de envio do diploma de Grã-Cruz da Ordem Militar de Cristo, datado de Fevereiro de 1967

conflitos de leis”, “Pessoas colectivas” e “Contrato de sociedade”. E mais tarde, em 1970 e 1973, participou também na elaboração de um anteprojecto de Lei das Sociedades Comerciais.

Na opinião de Orlando de Carvalho, referindo-se ao contributo de Ferrer para o Código Civil de 1966, “os três capítulos de que foi incumbido [...], mobilizando não apenas o internacional-privatista como também o civilista que o comerciantista sempre inclui [...], versou-os ele, quer por si, quer com os seus colaboradores (Vasco Xavier, no contrato de sociedade, Baptista Machado, nos conflitos de leis), com uma rapidez, uma força, uma segurança de golpe, que dos anteprojectos até à última versão praticamente só há diferenças de pormenor”<sup>50</sup>. Publicou em 1966 *Da responsabilidade do terceiro que coopera com o devedor na violação de um pacto de preferência*, *La société d'un seul associé* e, com Vasco da Gama Lobo Xavier, *A amortização de quotas e o regime da prescrição: a propósito de uma sentença*. Neste mesmo ano anotou *A exclusão estatutária do direito de voto nas sociedades por quotas* de António Caeiro e, com o mesmo especialista, publica entre 1966 e 1970 *Lições de Direito Comercial*. Em 1967 surge, sob a sua direcção, a *Revista de Direito e Economia*.

Em 23 de Janeiro de 1967 recebeu a Grã-Cruz da Ordem Militar de Cristo com que tinha sido agraciado no ano anterior.

A sua cada vez maior ligação ao Brasil patenteia-se no discurso que profere na cerimónia de colação do grau de doutor *honoris causa* ao professor brasileiro Luís António da Gama e Silva, a 4 de Junho de 1967. Ferrer Correia salienta a autenticidade da comunidade dos povos brasileiro e português, advogando uma quase dupla nacionalidade dos dois povos:

*[Portugal e Brasil constituem uma] comunidade que arranca das fontes da história, se ampara na identidade do idioma e nos laços de sangue, se fortalece na devoção aos mesmos valores essenciais de existência individual e colectiva.*

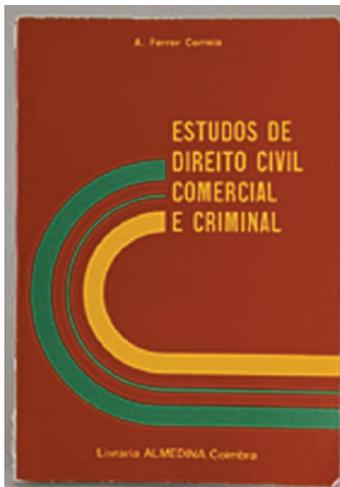
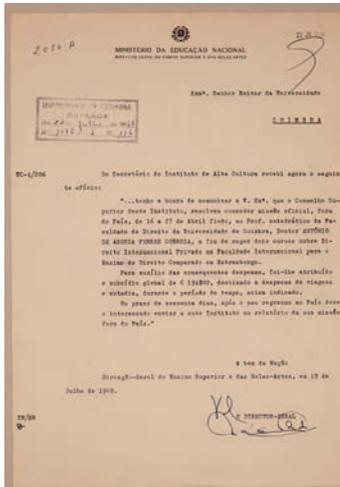


120. Cerimónia de imposição de condecorações às personalidades ligadas à elaboração do Código Civil, realizada no Palácio de Belém, em Janeiro de 1967

121. Grã-Cruz da Ordem Militar de Cristo, recebida por Ferrer Correia em 23 de Janeiro de 1967

122. Ofício da Direcção Geral do Ensino Superior e das Belas Artes, datado de 19 de Julho 1968, comunicando a resolução do Conselho Superior do Instituto de Alta Cultura em conceder missão oficial para a regência de dois cursos sobre Direito Internacional Privado em Estrasburgo

123. *Estudos de Direito Civil Comercial e Criminal*



[Propugno] a ideia de que para os portugueses, quando no Brasil, e para os brasileiros, quando em Portugal, se deveria criar um tratamento ou uma condição jurídica de quase-nacional ou de equiparado a nacional<sup>51</sup>. [1967]

Publica em 1967 *La question du renvoi dans le nouveau code civil portugais* e, com António Caeiro, *O problema das sociedades unipessoais*. No ano seguinte vêm a público *O problema da qualificação segundo o novo direito internacional privado português; Aumento de capital, preferência dos accionistas e sobrepreço das acções* em colaboração com António Caeiro e, com Vasco da Gama Lobo Xavier, *A exigência estatutária de quorum nas assembleias gerais de segunda vocação e o artigo 184 do Código Comercial*. Reedita a sua tese de doutoramento com o título *Estudos Jurídicos: I Erro e interpretação na teoria de negócio jurídico*. Em 1969 saíram *Estudos Jurídicos: II Direito Civil, Comercial e Criminal* e em 1970 *Estudos Jurídicos: III Direito Internacional Privado*, além de um *Anteprojecto de lei das sociedades comerciais: parte geral* (co-autoria) e *De novo acerca do reenvio no actual Código Civil português*.

Até 1969 a Fundação Calouste Gulbenkian funcionou, provisoriamente, em instalações modestas. Em Outubro desse ano abriu as portas da nova e magnífica sede e do museu, projectados por Rui Atouguia, Pedro Cid e Alberto Pessoa e situados no centro de Lisboa no interior de um imenso parque.

Ferrer continua a publicar sempre, a um ritmo impressionante: em 1971 *Da questão prévia em direito internacional privado; As sociedades comerciais no período da constituição; Le régime juridique des fondations privées, culturelles et scientifiques du droit portugais; La reconnaissance et l'exécution des jugements étrangers: rapport général;* e *A mulher casada e o exercício do comércio: aditamento às lições de direito comercial* (co-autoria); em 1972, *O novo direito internacional privado português: alguns princípios gerais* e, com Vasco Lobo Xavier, *Sobre a contrapartida da amortização de quota*; em 1973, *Lições de Direito Internacional Privado*; e *La doctrine des droits acquis dans un système de règles de conflit bilatérales*.



124. Foto da sede da Fundação Calouste Gulbenkian



125. Outubro de 1969. Visita de Marcelo Caetano às instalações da Fundação Calouste Gulbenkian.  
Da esquerda para a direita: Domingos Monteiro, Guimarães Lobato, Marcelo Caetano, Teotónio Pereira, Azeredo Perdigão, Ferrer Correia e Sá Machado
126. Inauguração das novas instalações da Fundação Calouste Gulbenkian Outubro de 1969
- 127 a 129. Em diferentes eventos na Fundação Calouste Gulbenkian
130. No Centro Cultural de Paris, na Avenue Léna, em 1972, numa reunião com bolsеiros portugueses.  
Da esquerda para a direita: Ferrer Correia, mulher de Veríssimo Serrão, Ângela Ferrer Correia, Maria Helena Saldanha, Carlos Oliveira, Agostinho Almeida Santos e Pedro Vicente.

127



128

130



131 a 134. Em diferentes eventos na Fundação Calouste Gulbenkian.





135



136

Entre 1958 e 1974 Ferrer Correia foi simultaneamente professor, autor, parcerista e administrador da Fundação Calouste Gulbenkian, o que fazia com que trabalhasse e viajasse permanentemente. Por isso tinha pouca vida social e um núcleo de relações reduzido, onde se contavam para além de Eduardo Correia, mais íntimo, Cabral Moncada e Alberto dos Reis (parceiros de bilhar), Orlando de Carvalho, Figueiredo Dias e Rui de Alarcão.

Mantinha também bom relacionamento com os seus assistentes Vasco Lobo Xavier, Manuel Henrique Mesquita, António Caeiro, José Manuel Sampaio Cabral, Maria Ângela Coelho e Paulo Sendim em Direito Comercial; e, em Direito Internacional Privado, Francisco Faria, João Baptista Machado, João Correia Pinto, Manuel Fernandes Costa, Rui Moura Ramos, Maria Isabel Jales e Fernando Bronze (este também em Direito Comercial). Alguns deles vieram a integrar o seu círculo mais íntimo.

Em 1973 foi criado o Conjunto Escolar Experimental do Senhor da Serra, projecto pioneiro de educação integrada, que será protegido por Ferrer Correia e sua mulher. Ferrer Correia apoiou o Centro da sua terra natal, não só através da Fundação Calouste Gulbenkian mas a título pessoal. As despesas da construção da cantina foram suportadas em partes iguais pela população do Senhor da Serra e pelo casal Ferrer Correia.

As senhoras professoras D. Maria Augusta de Campos e D. Maria Isabel Simões, dirigentes da Escola, exaltam o papel desempenhado pelo casal, o imenso apoio, a presença constante desde a criação até ao fim das suas vidas, não escondendo a grande admiração que nutriam tanto por Ferrer como por Ângela, senhora generosa e muito inteligente: “O senhor doutor Ferrer era uma grande personalidade! E a esposa não lhe ficava atrás!”<sup>52</sup>.

O Centro Escolar do Senhor da Serra, assim designado desde 1989, recebe em 1991 o nome oficial de Centro Escolar do Professor Doutor Ferrer Correia.



135 e 136. Na Estufa Fria de Lisboa, a 6 de Agosto de 1971.  
Jantar em honra dos participantes da Sessão da Faculdade Internacional  
para o Ensino do Direito Comparado oferecido pela Câmara Municipal de Lisboa.  
137. Na abertura do Ano Judicial

Com bons Natal  
feliz 1971  
eles desejam  
Maria Manuel Branquinho da  
Fonseca  
Fonseca







Universidade de Coimbra  
Faculdade de Direito

5/5/72

Ex.ª Sr. Director:

Para os devidos efeitos, e devidamente para o Sr. meu uad serem uaraca das as respectivas faltas, tenho a honra de comunicar a V. Ex.ª que de 4 a 18 de Abril p. p. estive ausente no estrangeiro (França), em missão declarada oficial por Sua Excelência o Ministro da Educação Nacional no despacho em que autorizou a minha ausência.

Para V. Ex.ª, se assim o entender, obter a compensação desta ausência na respectiva competência do Ministério.

Digo a V. Ex.ª saber os meus melhores cumprimentos.

António Amador Mendes



141. Ofício manuscrito de 5 de Maio de 1972 comunicando ao Director da Faculdade que estivera em França entre os dias 4 e 18 de Abril em missão declarada oficial

142. No 1.º Congresso Nacional de Advogados, em Novembro de 1972

143. No doutoramento de Laureano López Rodó, a 21 de Novembro de 1973





144. No doutoramento de Laureano López Rodó, a 21 de Novembro de 1973

145. No Gambrinus durante o Festival de Música da Gulbenkian, com o violinista russo David Oistrakh

146. Na Biblioteca Joanina com Antunes Varela, na década de 1970





147 a 150. Na qualidade de administrador da Fundação Calouste Gulbenkian, em diversos eventos em Lisboa, Paris e Coimbra

Chegados ao 25 de Abril de 1974, Ferrer Correia é, pois, detentor de um imenso prestígio científico e moral. Como escreve Orlando de Carvalho: “O que sem dúvida patenteia este percurso é, não apenas a audiência que internacionalmente o acompanha, mas o facto também de não se dever esse percurso a razões exteriores à própria ciência do Direito (fora razões de trato humano pessoal, que nunca são, de *per si*, razões espúrias ou transversas). Nos dias de hoje em que o prestígio científico tão frequentemente se manipula e trasteja, ou se vale de razões em si mesmas legítimas mas que não têm que ver rigorosamente nada com a ciência, um tal caminho, no seu enxuto fulgor, conta bem mais do que como um exemplo e um estímulo: é um magistério que conscientemente se amplia ao encontro do mundo e das dimensões do próprio homem. Último estímulo desta ampliação da docência serão, enfim, as funções que preencheu a seguir e por força da Revolução do 25 de Abril”<sup>53</sup>.

*Nunca aderi ao Estado Novo. Mas sempre pertenci a uma oposição benigna, não activa.*<sup>54</sup>

Apesar disso, testemunham os filhos, tinha ficha na PIDE, hoje destruída, que o definia como “Democrata convicto. Feroz adversário do Estado Novo”, o que seria uma deturpação de certa *boutade* de Ferrer que teria afirmado ser democrata feroz e convicto adversário do Estado Novo.





PRESIDENTE DA FACULDADE DE DIREITO  
E REITOR INTERINO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
(1974-1978)

---



*Depois do 25 de Abril, não hei-de esquecer a acção muito importante de professores da Faculdade de Direito de Coimbra, entre os quais me honro de estar incluído, para a renovação dos mais importantes institutos jurídico-mercantis, com destaque para as sociedades comerciais e para a nova forma de organização jurídica da empresa, que é o Estabelecimento Individual de Responsabilidade Limitada. Alguns desses juristas, que já não pertencem, infelizmente, ao mundo dos vivos, foram Orlando de Carvalho, Vasco Xavier e António Caeiro.*

*Foi também com o advento do regime democrático que fui chamado ao desempenho de funções político-administrativas na Universidade, a começar pela Direcção da Faculdade de Direito e a culminar no exercício do cargo de Reitor, na qualidade de professor decano. Só em 1978 aceitei a nomeação definitiva para esse cargo, nomeação para a qual o ministro Sotomayor Cardia me vinha solicitando havia algum tempo<sup>55</sup>. [2002]*

Após a Revolução, a Junta de Salvação Nacional escolhe-o para dirigir a sua Faculdade, sendo posteriormente eleito pelos seus pares como Presidente da 1.ª Comissão de Gestão (1974-75). No ano seguinte é eleito Presidente do 1.º Conselho Directivo da mesma Faculdade e vogal da Comissão de Reestruturação das alterações a introduzir no ensino do curso de Direito. Logo em 1974, fundou o Centro Interdisciplinar de Estudos Jurídico-Económicos, ao qual preside, instituto fundamental para a renovação da investigação da Ciência do Direito em Portugal. Dois anos mais tarde assume a presidência da Comissão de Revisão do Código Comercial para a adaptação às alterações constitucionais e pouco depois dedica-se à elaboração de um ante-projecto da nova lei das sociedades por quotas que publica em 1977 em co-autoria com Vasco Lobo Xavier, António Caeiro e Maria Ângela Coelho (*Sociedade por quotas de responsabilidade limitada: anteprojecto de lei – 2.ª revisão e exposição de motivo*). Também a Comissão de Reforma da Legislação Comercial Portuguesa é por si presidida.

Continua a deslocar-se ao estrangeiro para leccionar, sendo o curso que ministra

Lisboa, 23 de Maio de 1974

Senhora D. Regina,  
minha boa amiga:

Respondo à sua carta datada de 14 do corrente, relativa à participação de professores portugueses na próxima sessão de Direito Comparado, em Lisboa.

A revolução do 25 de Abril e as mutações políticas consequentes tornam esse problema muitíssimo difícil. Com efeito, alguns dos professores que estavam dispostos a colaborar connosco acabam de ser designados para o desempenho de altas funções governativas. Assim o Prof. Eduardo Correia é o actual Ministro da Educação e da Cultura, e o Prof. Orlando de Carvalho o Secretário de Estado para a Reforma Educativa. Eu próprio sou o Presidente da Comissão Directiva da Faculdade de Direito de Coimbra, e as tarefas e responsabilidades inerentes a esse cargo são, nas circunstâncias actuais, extremamente pesadas.

Acresce a isto que o Prof. Castro Mendes acaba de me comunicar que estará ausente do país durante o mês de Agosto.

Também o Prof. Pereira Coelho se encontra muito fatigado e necessitado de férias.

Nestas condições, só podemos contar com o Prof. Freitas do Amaral para o direito público (2º ciclo, curso de opção, e 3º ciclo — Le domaine public), e para o direito privado com o Prof. Neta Pinto (2º ciclo, La cession du contrat en droit comparé), o Doutor Azeredo Pardigão (2º ciclo, La protection des minorités en droit comparé) e comigo próprio (2º ciclo, Les droits acquis en DIP).

Esforçar-se-á por encontrar outros professores, mas alimento poucas esperanças de o conseguir. As atenções dos portugueses estão neste momen-



153

na Academia da Haia de Direito Internacional sinal da sua consagração ao nível do Direito Internacional Privado. E continua também, incansavelmente, a publicar: em 1974, apenas um prefácio à obra de Wilhelm Wengler *A responsabilidade por facto ilícito em Direito Internacional*, mas em 1975 *Les problèmes de codification en droit international privé*, prefácio a *La société de responsabilité limitée en droit portugais et sa réforme* de António Pereira de Almeida e, em co-autoria, *Breves reflexões sobre a competência internacional indirecta*.

A 23 de Setembro de 1976 o Governo exonerou o Reitor da Universidade de Coimbra (nomeado após a Revolução), Professor José Joaquim Teixeira Ribeiro. Ferrer Correia, por ser o decano dos professores catedráticos em exercício, é nomeado Reitor interino da Universidade de Coimbra, em conjuntura política muito complexa e delicada.

Em Maio de 1977 – reagindo à Greve Geral decretada pelos alunos que culminava um grave conflito desencadeado na Faculdade de Ciências e Tecnologia relacionado com a reintegração de professores saneados – o ministro da Educação, Sottomayor Cardia, ordena o encerramento da Universidade de Coimbra e das cantinas académicas, visando desmobilizar os estudantes. A indignação estudantil é grande, mas a maior parte dos alunos, sem possibilidades de permanecer em Coimbra, e sob pressão das famílias, regressa a casa. O ministério efectua então um referendo por carta enviada para os domicílios familiares dos estudantes. Os objetivos do ministro são plenamente atingidos: isolados em suas casas, temendo pelo ano em risco, os alunos votaram pela retoma da normalidade lectiva. A Universidade reabriu a 16 de Junho, mas sem aulas. Pouco depois, em Assembleia Magna, os estudantes aprovaram o levantamento da greve com boicote aos reintegrados. Na Faculdade de Ciências 35 professores não ministravam aulas.

Noticiava então o *Diário de Coimbra* que a afluência dos estudantes foi grande junto às entradas das várias faculdades num acto de protesto, mas, à excepção dos



154

155

Lisbonne, le 19 août 1974

Monsieur le Professeur R. J. Dupuy  
Secrétaire Général  
Académie de Droit International de La Haye  
Palais de la Paix  
LA HAYE - PAYS BAS

Cher et très Honoré Collègue,

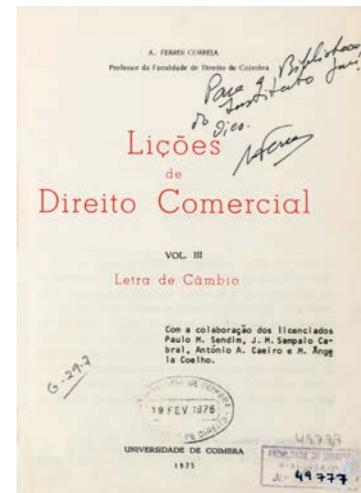
J'ai bien reçu votre lettre du 4 juin, à laquelle j'ai répondu tout de suite. Je vois maintenant que ma réponse n'est pas arrivée à destination en vertu certainement de la grève des PTT qui a eu lieu ici à cette époque-là.

Comme je vous le disais dans l'autre lettre, il n'y a aucun inconvénient à ce que mon cours prenne place <sup>le 14</sup> la seconde semaine de juillet 1975, c'est-à-dire du 14 au 18 juillet.

Vous avez certainement pris connaissance de notre Révolution du 25 avril et des importants changements qui en découlèrent.

Pour ma part, avec le nouveau régime, mes responsabilités officielles se sont énormément accrues. En effet je suis devenu président de la commission directrice de la Faculté de Droit de Coimbra, où l'agitation estudiantine, dont on ne saurait d'ailleurs prévoir, dès maintenant, tous les développements dans les mois à venir, a déjà pris des formes qui ressemblent de près aux événements de 1968, en France.

./.



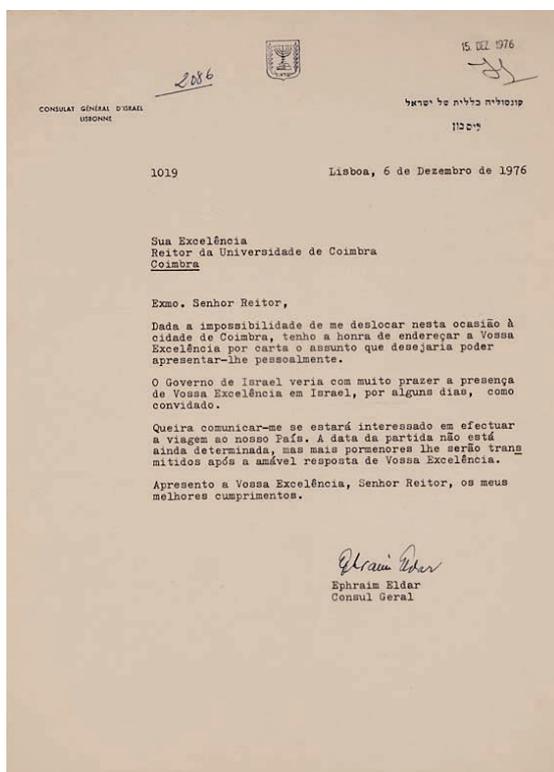
158



156

157

153. *Les problèmes de codification en droit international privé*
154. Na Escola do Senhor da Serra com os maiores Franco Charais e Vítor Alves, então Ministro da Educação (1975-76)
155. Carta dirigida a R. J. Dupuy
156. Alunos na Escola do Senhor da Serra
157. Em Estrasburgo durante a estada para leccionação de um curso de Direito Comparado, em 1976
158. *Lições de Direito Comercial* (edição de 1975) com dedicatória do autor



Ex. mo Senhor  
Ephraim Eldar  
Consul-Geral de Israel  
Lisboa

Ex. mo Senhor Consul-Geral:

Extremamente sensibilizado,  
venho agradecer hoje - e peço  
me seja relevada a falta  
da demora - a atenção  
carta de V. Ex. ao R. principal  
do corrente mês de Dezembro.

O convite já me  
é feito ~~fez~~ - mas sobre  
a mesma - e bem desejaria  
ver aceita - Co. este já. No  
entanto, ~~as~~ circunstâncias

JAT O JUSO →

159. Ofício - convite do Governo de Israel, endereçado pelo Cônsul Geral em Lisboa, para visitar o país, datado de 6 de Dezembro de 1976

em nome do Governo de  
Tareel, para visitar este  
País, fôrmosa. nu e hon-  
ra. me extremamente

~~Apresento, no A. me é pois  
desta maneira me do país.  
As responsabilidades do meu  
cargo, no <sup>meu</sup> periculum, nas  
circunstâncias presentes, au-  
rentar-me do país.~~  
~~Revolvendo a minha  
Potestade a V. Ex. <sup>em</sup> se  
significo <sup>transmittir</sup> meus suspiros  
e os apadecimentos, ao  
Governo de Tareel, apremen-  
do, Senhor Consul. Geral, o  
melhor cumprimento.~~

(A. Ferrer-Carrion)

# Delegação do Soviete Supremo da U.R.S.S. visitou ontem Coimbra

Presidida por Piotr Straufmanis, vice-presidente do Soviete Supremo da U. R. S. S., e na sequência da visita ao nosso país a convite da Assembleia da República, esteve ontem nesta cidade uma delegação soviética constituída por nove pessoas. Aqueles representantes do Soviete Supremo, acompanhados pela delegação portuguesa da Assembleia da República que, em Novembro passado também visitaram a U.R.S.S., estiveram, à tarde na Universidade de Coimbra, onde foram recebidos pelo Reitor em exercício, prof. dr. Ferrer Correia. Depois de percorridas todas as instalações, com especial atenção para a Biblioteca Joanina e Capela os visitantes foram unânimes nos elogios, mostrando conhecer as tradições e prestígio daquela nossa velha Escola.

A noite foi-lhes oferecido um jantar, num restaurante da cidade, que teve a presença do Go-

vernador civil dr. Fernando Vale, representante do reitor interino da Universidade, prof. eng.º Luis Albuquerque, além doutras individualidades de destaque na vida cittadina. Foram trocadas várias saudações. Depois, houve fados e guitarradas de Coimbra (Pinho Brojo, António Portugal, José Miranda, Vitor Nunes e Dou-rado), muito apreciados pelos componentes da embaixada soviética.

O dr. António Arnaut, vice-presidente da A. R., contactado por nós dir-nos-lhe que esta visita constitui uma retribuição daquela que ele juntamente com outros deputados fizera àquele país, em Novembro passado, e se inseria no desejo que nos move de manter boas relações de amizade com todos os povos do Mundo, independentemente de ideologias políticas.

Depois de Lisboa e Porto, e agora Coimbra, aquela missão visitará Évora.



Os representantes do Soviete Supremo na sua visita à Universidade

- 163. Notícia do *Diário de Coimbra* de 6 de Junho de 1977
- 164. Notícia do *Diário de Coimbra* de 15 de Setembro de 1977
- 165. Notícia do *Diário de Coimbra* de 6 de Setembro de 1977

## Anúncio o Primeiro-ministro em Coimbra

# HOSPITAL ESCOLAR TEM LUZ VERDE

O Hospital Escolar de Coimbra vai ser uma realidade. Está a sua vez que nos trouxe a vasta representação da Governo Constitucional que, chefiada pelo Primeiro-Ministro, Mário Soares, esteve ontem em Coimbra em visita oficial.

As obras do Hospital Escolar vão iniciar-se no próximo ano e esperam-se que possa entrar em funcionamento em finais de 1982, antes de 1983, quando o seu custo em mais de três mil milhões de contos. Com esta decisão, o Governo responde positivamente a uma longa aspiração da Coimbra, sua cidade, e Universidade.

O Primeiro-Ministro esteve acompanhado durante a manhã com o corpo docente da Universidade e outros a visita ao Hospital da cidade. Nas visitas de trabalho que decorreram na Biblioteca e Faculdade de Medicina juntaram-se membros do Conselho Superior Administrativo, assim como representantes de outros departamentos da Universidade.

Assim, foram Mário Soares, vice-presidente da Assembleia da República, secretário de Estado da Saúde, e o vice-presidente da Assembleia da República, António Arnaut.

O Chefe do Governo, que estava acompanhado de uma comitiva de Lisboa, fez um discurso em que afirmou a importância do Hospital Escolar para a cidade de Coimbra, e a importância do Hospital Escolar para a cidade de Coimbra, e a importância do Hospital Escolar para a cidade de Coimbra.

Depois de uma visita de trabalho ao Hospital Escolar, o Primeiro-Ministro foi acompanhado pelo reitor interino da Universidade, prof. dr. Ferrer Correia, e membros do Conselho Superior Administrativo.

Após os cumprimentos, ao longo da tarde, Mário Soares dirigiu-se acompanhado da comitiva da sua comitiva, para o Ministério da Saúde onde o ministro da Saúde, Álvaro de Sá, recebeu-o.



A chegada de Mário Soares à Universidade, onde a seu encontro o Professor Ferrer Correia e a direita o dr. Fernando do Vale

## Ferrer Correia no Instituto de Direito Internacional

# Uma eleição que honra a Universidade e o País

Em edição anterior noticiámos a eleição do Professor Doutor Ferrer Correia para associado do Instituto de Direito Internacional, ocorrida na Secção de Oslo daquela Instituição. Facto que terá passado quase despercebido à maioria dos leitores, por se não dispor de elementos que permitissem avaliar a importância daquela eleição. Daí que achámos por bem referir-nos de novo ao assunto, deixando aqui novos elementos que não dispunhamos na altura. Assim, aprendemos que Ferrer Correia é o segundo Professor português a quem cabe a honra de ter sido eleito associado daquele Instituto. Antes dele, havia-o sido também o Professor Ildefonso de Magalhães, que no tempo da primeira República chegara a ocupar o cargo de ministro dos Negócios Estrangeiros.

O Instituto, fundado em 1873 (há mais de cem anos portenho), por acção de 11 ilustres professores) tem atrás de si um longo caminho percorrido como instituição científica. As suas sessões de trabalho realizam-se de dois em dois anos e as suas decisões (designadamente especificamente de resolução) revelam-se de grande peso científico (e até mesmo político) e em breve são a doutrina a reger nas relações entre os Estados. Ao Instituto pertencem os mais qualificados Professores de Direito de todo o mundo que se tenham distinguido no campo do Direito Internacional.

O mais ilustre professor português neste campo do Direito, Ferrer Correia foi eleito por proposta da Direcção do Instituto, proposta que se fazia acompanhar da seguinte bibliografia do candidato em que não estava ainda incluída a mais recente obra daquele professor, nascida sob o pseudónimo de «Os problemas de odificação em direito internacional privado», que, ainda fora das livrarias, rapidamente terá chegado ao conhecimento dos restantes membros daquele Instituto e influenciará a sua decisão.

De registar ainda que, no que respeita a professores portugueses, não é fácil e para além do real valor dos possíveis candidatos, chegar-se a associado do Instituto de Direito Internacional. Para simples razão de haver dois tipos de eleição, a que se verifica por proposta do grupo do respectivo país e a que se faz pela via da proposta da própria Direcção. Como em Portugal não existe esse grupo, a eleição de um professor português só é possível se for a Direcção do Instituto a fazer a proposta o que, é fácil de deusar, se revela bem mais difícil e apenas em relação a possíveis candidatos, de difícil contestável projecção internacional.

Ferrer Correia, como se sabe, exerce neste momento, por ser o professor mais antigo da Universidade de Coimbra, as funções de reitor. É natural de Semide (Miranda do Corvo) onde nasceu há 65 anos.

É igualmente membro da Academia Internacional de Direito Comparado, do Instituto Hispano-Luso-Americano de Direito Internacional, da Sociedade Brasileira de Direito Internacional, etc., para além de ser também membro do Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian.



O Prof. Dr. Ferrer Correia



alunos de Medicina, não se registaram grandes confrontos. Seguidamente, a Direcção-Geral da AAC expôs ao Reitor em exercício, Professor Ferrer Correia, as suas preocupações.

Em nova Assembleia Magna realizada a 29 de Junho os estudantes aprovaram as propostas e a moção apresentada pela Direcção Geral da Associação com vista à normalização do ensino na Universidade. Foi, pois, levantado o boicote aos professores reintegrados, mas expresso um voto de desconfiança ao reitor interino. Os Conselhos Directivos das Faculdades reagem:

“Os presidentes dos Conselhos Directivos das várias Faculdades de Coimbra, sendo testemunhas do modo como, no decurso destes últimos meses, o Doutor António de Arruda Ferrer Correia procurou resolver a presente crise académica no sentido de precaver a integridade da escola e salvaguardar os interesses estudantis, com total respeito pela lei, não podem deixar de exprimir quanto admiram a maneira objectiva e íntegra, o constante empenhamento e todas as diligências que, até com sacrifício pessoal, desenvolveu para que fossem solucionados os agudos problemas que têm vindo a afectar a vida da Universidade.

Toda esta actividade do Doutor Ferrer Correia foi sempre do conhecimento dos presidentes dos Conselhos Directivos, com quem assiduamente contactava para auscultar a opinião geral e agir em consequência, dando assim prova bem clara de aberto espírito democrático”<sup>56</sup>.

O ano lectivo seguinte é mais calmo. Ferrer Correia dirige a Universidade e retoma o seu labor científico, cujo mérito continua a ser reconhecido e premiado. Em Outubro de 1977 é eleito académico de número do Instituto Hispano-Luso-Americano de Direito Internacional e em Oslo, na sessão do *Institut de Droit International*, seu membro honorário, o 2.º português a receber esta distinção.

Participa na elaboração de um anteprojecto da nova lei das sociedades por quotas de responsabilidade limitada e publica, em 1978, *Contrato de empreitada e cláusula de revisão: interpretação e erro; alteração das circunstâncias e aplicação do art. 437.º do Código Civil* (com Vasco Lobo Xavier), *Recusa do pagamento de cheque pelo banco sacado; responsabilidade do banco face ao portador* (com António Caeiro) e, sozinho, *Nuevos rumbos para el derecho internacional privado?*



REITOR DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
(1978-1982)

---





168. Notícia do *Diário de Coimbra* de 18 de Abril de 1978.

A 14 de Abril de 1978 a Assembleia Magna dos estudantes revela a hipótese da nomeação do Professor Ferrer Correia como Reitor definitivo da Universidade de Coimbra. De facto, a nomeação fora feita nesse mesmo dia, mas não tinha sido anunciada e a imprensa só o saberia a 18 de Abril. No dia 17 o *Jornal de Notícias* publica uma entrevista a Ferrer<sup>57</sup>, “a poucos dias da sua quase certa nomeação para o cargo de reitor da Universidade de Coimbra”. Aí se escrevia:

“O professor doutor António de Arruda Ferrer Correia, catedrático da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, é, sem dúvida, um nome em foco na cena política nacional. Aquando da queda do 1.º Governo Constitucional e da crise que se seguiu até à formação do segundo Governo, alguns jornais chegaram a apontar o seu nome como um dos prováveis “primeiros-ministros”. E se é certo que nunca se soube com rigor o verdadeiro alcance dessa notícia, não é menos verdade que ela significa o reconhecimento de que Ferrer Correia é efectivamente uma figura política de destaque no novo quadro institucional do país”<sup>58</sup>.

Dizia ainda o jornalista que a não existência de um reitor efectivo na Universidade de Coimbra não poderia eternizar-se, “tanto mais quanto o M.E.C. [Ministério da Educação e Cultura] já nomeou reitores quer para a Universidade do Porto quer para a de Lisboa”. Nesta entrevista Ferrer Correia expõe o que pensa sobre o processo de escolha reitoral.

*... sempre pensei e defendi que não é lícito impor à Universidade a pessoa do seu reitor. Certo, o reitor como dirigente que é de uma grande instituição do Estado e responsável pela correcta aplicação de grandes somas de dinheiros públicos, não pode deixar de ter a aceitação do Governo. Mas isso não basta: a essa condição acresce uma outra, tão importante como a primeira: o reitor deve ser alguém em quem a Universidade confie: alguém que à Universidade dê garantias de promover o progresso da instituição, de agir com equilíbrio e imparcialidade, de harmonizar os pontos de vista, porventura divergentes, dos seus três corpos constituintes, de planear com prudência e de agir com firmeza e justiça.*

*É, porém, sabido que a lei pela qual se rege esta matéria é um velho estatuto universitário de 1930, inspirado por uma doutrina autoritária, não respeitadora da autonomia da Universidade, estatuto que veio cortar com a tradição liberal da Primeira República: indicação, pela Universidade, de três nomes para o cargo de reitor, escolha pelo Governo de um desses nomes. O sistema foi abolido em 1930, certamente por demasiadamente democrático, e como não houve ainda oportunidade de o modificar, o regime actual é o da pura e simples nomeação do reitor pelo Governo.*

*Uma vez que a lei não prevê a consulta prévia à Universidade, restava a hipótese de a Universidade, num movimento espontâneo, manifestar publicamente a sua confiança a um dos seus professores<sup>59</sup>. [1978]*

Como se disse, só a 18 de Abril os jornais anunciam a nomeação reitoral. As notícias salientam que o novo reitor contou com o apoio expresso dos Conselhos Científicos e organizações de estudantes. Ferrer não se cansa de o salientar: “era esse o desejo da Escola”<sup>60</sup>; “cargo que só me dispus a exercer – note – quando me certifiquei de que existia a esse respeito um amplo consenso na comunidade universitária”<sup>61</sup>, princípio por que sempre se bateu e que viu, finalmente, consagrado no *terminus* do seu mandato.

Em Maio de 1978 foi entrevistado pelo *Jornal da Educação*<sup>62</sup> no âmbito de uma longa reportagem sobre a Universidade de Coimbra intitulada “Coimbra (ainda) é uma lição”. O reitor concedia a sua primeira entrevista a um órgão de comunicação onde falava da sua nomeação para o cargo e de diversos problemas relacionados com a Universidade, constituída então por 415 docentes, quase 12 mil estudantes e mais de dois mil funcionários. O presidente da AAC, José Gabriel (da UEC), declarou que a Associação mantinha as melhores relações com a Reitoria e com os órgãos de gestão das escolas.

A sessão solene de investidura de quem nunca aspirou a ser reitor, por ser “estruturalmente um homem de estudo” (como ele próprio afirma) terá lugar a 16 de Junho de 1978.



169. Tomada de posse do reitorado em 16 de Junho de 1978

# NOVO REITOR DA UNIVERSIDADE

DA 1.ª PAGINA

no de posse. Segue-se o juramento, pelo Reitor, Professor Doutor António Jerónimo Ferrer Correia, igualmente assistido de Direito que, afinal, acabava de ser confirmado no lugar que já vinha desempenhando, embora em regime de interinidade. Foi, depois, a vez do Prof. Eduardo Correia proferir o elogio do empossado, elogio esse de que se seguiu as seguintes passagens:

«As linhas da destinaçao ou a força das coisas — anunciadas pelas curvas — há muito há procurado (como se vê agora), as antiguidades — collocando no horizonte a missão de preparar o este diazete succussivo da investitura do seu novo Reitor. Vão passados 4 anos, desde que ocupamos nesta Sala Grande, e posso sobre do anterior Reitor, a quem eu prezo — na sua veste politica — antes confundia na função o Doutor Teixeira Ribeiro, dos mais distinguidos, célebres e sabedores Professores da sua Faculdade e a quem a Universidade, já antes, entregara a presidência dos seus estatutos. Volvemos um ciclo. E vaga, por espaço material, a titularidade do cargo, logo a Universidade funcione, também institucionalmente, continuando a sua frente o Professor embaixador nos seus quadros docentes: o Doutor Ferrer Correia. A qualidade formal que lhe dá a antiguidade junta, porém, tão lustre quanto o destacado prestígio intelectual, moral e científico, aliado a raras qualidades de compreensão humana e de equilíbrio, faz e tanta, que soube vencer os desafios que poderiam ter travado o terreno em que se movia e depressa se veio a tornar claro ser ele a figura de que a Universidade precisa para o orientar. A sua nomeação pela Ministria da Educação e Cultura não foi, pois, senão o câmbio da vontade dos centros de decisão politica com o querer da nossa Universidade. E, eis aí, e dar visão glorio, testamento, discursos, estudantes e funcionários, docentes e discentes, emoldurados por tantas ilustres figuras da nossa terra. E com estes é que o Doutor Ferrer Correia foi o estudante distinto, que já no seu tempo, polarizou a sua volta, com o seu prestigio, a Academia que o eleges, seu Presidente, seu Representante ao Senado como à Assembleia da Universidade.»

E mais ainda: «No que toca à Universidade

parece, hoje mais do que nunca, que só reconhecendo a sua autonomia participando no seu campo especifico de formação do saber, da investigação e da cultura, como do fortalecimento da solidariedade social, será possível ajudar a esclarecer as instâncias do poder politico. Vem já de longa as criticas a centralização bonapartista, ou de outro sinal contrario, relativamente à Universidade. E por muitos, em seu lugar se aponta uma democracia participativa, que busca nas organizações sociais pontos de contacto entre Estado e sociedade. Como quer que seja, essa participação eu chamava telexativo há-de fazer-se, logo, pela colaboração das Faculdades, dos docentes, discentes e funcionários no processo da sua expressão.

Só que tal realização constitucional supõe homens dotados daquele espirito de liberdade e promoção igualitaria, que caracterize os portadores da ideia democrática, não permitindo formal e politica, mas material e participativa. E justamente, como se assinalou, o Doutor Ferrer Correia tem demonstrado ao longo de sua vida e tempo em que, como Reitor em exercicio, presidiu a nossa Universidade, possuir aquelas dotes de adequado equilibrio entre o poder politico e a autonomia institucional que pressupõe a representação de uma Escola, com as tradições e a força intrínseca sempre renovada que lhe dão os seus estudantes, como é a de Coimbra.

Cerças do Estado e Universidade, repito, dizem as milhas, fazem encontrar em suas vontades ao consagrar como Reitor o Prof. Ferrer Correia.

Para, que isso seja o sinal e apontar para um periodo promissor, de progresso, de prestigio e de solidariedade participativa no seu trabalho com os portugueses.

Nessa esperança e nesse espirito, é com o maior honra e satisfação que me permito, em nome desta Universidade, e como seu amigo e admirador de sempre, saudar e dar o abraço coletivo e respeitoso ao novo Reitor da Universidade de Coimbra.

Em nome do deus, como posso, a alta epifania em que acaba de ser investido.

Seria, seguramente, José Gabriel que, em nome dos discentes e como dirigente da Associação Académica, usaria da palavra para dizer que:

«A Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra saúda o

novo Reitor da Universidade, Prof. Ferrer Correia, e manifesta-lhe a sua vontade de com ele manter um estreito dialogo e uma cooperação efectiva. E são, sem dúvida, bem vistos, os problemas e tarefas comuns que impõe essa colaboração. Ela, de resto, tem lá existido e caberá de aqui para frente do elevado espirito de dialogo e compreensão com que o Prof. Ferrer Correia, no exercicio das funções de Reitor, tem encareado os problemas mais directamente respeitantes aos estudantes.»

E mais ainda: «Logo que foi nomeado, o Prof. Ferrer Correia manifestou à D.G. da A.A.C. uma attitude que consideramos extremamente significativa, a sua concordancia com esse conjunto de pontos. Assim sendo, estavam para nós, preenchidas, as



condições que determinaram a nossa solicitação da nomeação de Professor para o cargo de Reitor. Consideramos esta solução plenamente positiva, e a eleição que moveu ao Prof. Ferrer Correia a nossa attitude de dialogo e do seu empenho em resolver essas formas de problemas que se colocam.

Antes de terminar, gostaríamos, em nome da A.A.C., e temos a certeza de que compreenderão estas palavras no seu justo sentido, de prestar a nossa homenagem e manifestar o nosso respeito e elevada ao que foi o primeiro Reitor desta Universidade desde do 25 de Abril, o Prof. Teixeira Ribeiro, eleito do seu cargo de forma que consideramos plenamente arbitrária. Creemos que é um acto de justiça efferente, e que tanto em nossa dimensão e certeza que hoje aqui se realiza, antes pelo contrario.

Profetisa, depois, o Professor Ferrer Correia, o discurso que, a seguir reproduzimos:

«No momento em que recebo das mãos amigas de um membro ilustre desta Corporação — prestigiosa figura do professorado universitario e da vida pública nacional: o senhor Doutor Eduardo Correia —, conforme as nossas tradições académicas, ante o Claustro Pico da Universidade e na presença de tão distintas individualidades, a sonele investida no cargo de Reitor, quero começar por dizer-vos que o acto representa e significa para mim a honra maior da minha carreira. Na verdade, tenho por esta Universidade onde me formei, onde prossegui os estudos de pós-graduação, que me concedeu a honra doutoral — a suprema distincção outorgada pelas Universidades aos que se devotaram aos valores que elas incarnam — onde exerci a docência por algumas decenas de anos e me realizei profissionalmente, que me deu o ambiente necessário à elaboração dos meus trabalhos científicos — tenho por esta Universidade de Coimbra um sentimento que se diz pelo nome de veneração.

A Universidade de Coimbra tem, de facto, uma projecção magnifica na vida nacional, como grande instituição de ensino

e de ciência que é: um dos mais belos flores da nossa cultura. Certo que num passado ainda recente a Universidade — comprimida por estruturas directivas autoritarias, que mal davam azo ao surgir algum impulso renovador — se quedara numa posição distante dos avayços do tempo. Mas já hoje a vemos estante de vida, debordante de iniciativas promissoras em todos os domínios, tentando discernir e fixar o que de valido lhe possa ter trazido a experiência — certamente desordenada e tumultuosa, porém rica de força criadora e de inovações estimulantes — dos anos que se seguiram à Revolução de Abril. E colta extremamente relevante é que os estudantes, por largo periodo dela divorciados, te-



nham reconstruído enfim os caminhos da Escola.

É imenso o que resta por fazer

Por fazer que é imenso o que resta por fazer. Do plano pedagógico, ao científico e ao cultural, quantas imperfeições e lacunas não se nos deparam! Mas não tenho que pôdamos ultrapassar a situação actual, dando remédio nas nossas principais carencias e solução aos nossos maiores problemas. E assim nos mostrarmos dignos desta Universidade e daqueles que nela se fizeram grandes e que por esse mesmo facto a engrandeceram.

E o caso das figuras proeminentes que vou nomear: Joaquim de Carvalho, Manuel de Andrade e Eusébio de Moura. Dos primeiros cai este ano o 20.º aniversário da morte. Do último, o centenario do nascimento. Creiam que nos domemos breves instantes a evocar estes homens.

Joaquim de Carvalho foi um dos maiores historiadores da cultura portuguesa no presente século. Difamos, aliás, que estava predestinado a sê-lo pela sua excepcional preparação filológica. Por outra via, a base jurídica da sua formação universitária permitiu-lhe compreender como poucos historiadores a evolução das instituições portuguesas, sobre as quais escreveu estudos primorosos pelo rigor da análise e a solidez da informação. Para além disto, para além da obra ímpar que nos deixou nos domínios da história da cultura e da pesquisa especulativa, fica-nos de Joaquim de Carvalho outro legado de não menor valor: uma vida exemplar de cidadão e de professor. Republicano histórico, liberal até à medula, o grande Mestre coimbricense foi um apóstolo da tolerância, da mais aberta tolerância e respeito pelas opiniões alheias, na convicção de que todas as análises ideológicas são superáveis através da discussão civilizada e de formas não inanimadas de controvérsia.

Mestre Joaquim de Carvalho: uma das razões pelas quais me

PAGINA 7

2086  
12 Mai 1978

Fotografia adivulga da tomada de posse do Conselho

Universidade de Coimbra  
Coimbra, Portugal

Aos TRABALHADORES dos Serviços Centrais COIMBRA

GAR - 169/78

Meus Amigos:

Das várias manifestações de apoio que recebi, antes de me decidir a aceitar o nomeação para o cargo de Reitor da Universidade, nenhuma foi mais grata ao meu espírito do que o mensagem de solidariedade e de confiança dos Trabalhadores dos diferentes Serviços Universitários. Recebam por isso os meus mais vivos agradecimentos e os protestos do mais sincero estimio.

O REITOR,  
*António Ferrer Correia*  
(A. Ferrer Correia)

Peço dos Escolas, em 10 de Maio de 1978.

# Prof. Ferrer Correia: "É urgente uma reforma da Universidade"

"O Jornal da Educação" — o prof. dr. Ferrer Correia acaba de ser nomeado reitor da mais antiga Universidade do País. Como encara essa nomeação e que significa para si, depois de uma vida dedicada à investigação e à docência, o desempenho dessas funções?

**Prof. Ferrer Correia** — A nomeação para o cargo de reitor da Universidade de Coimbra, sobretudo nas condições em que se verificou e a que espero ter o ensejo de me referir mais adiante, representa para mim grande honra. Pois tenho pela Universidade — a Universidade onde me formei, onde prossegui os meus estudos de nível superior com vista ao doutoramento, onde exerci a docência por algumas dezenas de anos e onde realizei todos os meus trabalhos científicos — um sentimento que se diz pelo nome de veneração.

Bem sei que sacrifício muito aceitando o cargo, pois as funções de reitor da Universidade de Coimbra são por de mais absorventes: não me vai sobrar tempo para o ensino, nem para a investigação. Trabalhos que trazia em curso aguardam há longos meses a última demão; projectos que tinha acalentado vão ficar esquecidos não sei até quando. O valor que tem para mim o que perco é inestimável e se aceito a renúncia é tão somente porque sou levado a concluir, dadas as circunstâncias, que a melhor maneira de eu servir agora a Universidade consiste na assunção das pesadas responsabilidades inerentes ao cargo de seu reitor. Cargo que só me dispus a exercer — note — quando me certifiquei de que existia a esse respeito um amplo consenso na comunidade universitária.

**P.** — O sr. prof. desempenhou interinamente, durante cerca de um ano e meio, funções de reitor. Quer fazer um balanço dessa experiência?

**R.** — Encarando as coisas do meu próprio ponto de vista, devo dizer que o balanço é positivo. A experiência que tive aqui, ao longo desse período de que falou, foi para mim altamente compensadora. Mergulhei profundamente na vida da Universidade, vivi intensamente os seus problemas, entabulei relações as mais estreitas com cada um dos seus três corpos, tentei contribuir (e pus nisso o maior empenho) para a superação de muitas dificuldades — e algumas vezes com êxito. É sabido que a Universidade de Coimbra atravessou no ano lectivo passado um período de grave perturbação, que parece agora ultrapassado, e eu sinto-me feliz por poder admitir que contribuí, em parte, para a resolução dos problemas que então se levantaram.

## A confiança da Universidade

**R.** — Sempre que se levanta o problema da nomeação de um reitor para a Universidade, surge a questão da participação de todos os sectores ligados à vida da Universidade na escolha da pessoa indicada. Como encara essa participação? Considera que as actuais fórmulas são suficientemente eficazes para assegurarem a representatividade

O prof. dr. Ferrer Correia foi muito recentemente nomeado reitor da Universidade de Coimbra, cargo que a título interino já vinha exercendo. Mas só face ao consenso generalizado de professores, estudantes e funcionários — que dá bem a medida do seu grande prestígio e da forma como soube até agora desempenhar o cargo — acabou por aceitá-lo, do que falou a "O Jornal da Educação", assim como de diversos problemas relacionados com a Universidade, no que é a sua primeira entrevista concedida a um órgão de comunicação social. O prof. Ferrer Correia é catedrático da Faculdade de Direito, sendo um jurista de renome internacional, especializado em Direito Internacional Privado e Comercial. Também antigo presidente da Associação Académica de Coimbra, sempre apoiou as posições estudantis e democráticas dentro da Universidade, durante o fascismo. É ainda administrador da Fundação Calouste Gulbenkian, responsável pelo sector da Educação.



Prof. Ferrer Correia  
Antigo presidente da AAC é agora o reitor da Universidade

do reitor, junto de toda a Universidade? Caso contrário qual seria, em seu entender, o processo mais correcto para alcançar aquele objectivo?

**R.** — Se bem entendi o seu pensamento, o que me pergunta é se, em meu parecer, o actual processo de designação do reitor é adequado a assegurar a sua efectiva representatividade. É evidente que não. A lei que actualmente regula esta matéria é um velho estatuto dos anos 30, inspirado pela doutrina autoritária do tempo, não respeitadora da necessária autonomia da Universidade. Rompeu-se então com a tradição liberal da I República, que consistia em o reitor ser escolhido, sim, pelo Governo, mas de entre três nomes indicados pela Assembleia da Universidade: o chamado sistema da lista triplíce.

Assim se vê como, durante a I República, o processo em vigor era dominado pela ideia da consulta prévia à Universidade. E é esta a meu ver a única atitude correcta perante o problema. O reitor deve ser um professor em quem a Universidade confie: que lhe dê garantias de se devotar plenamente à resolução dos seus problemas, de bem a representar no diálogo com as instâncias oficiais, de promover o progresso da instituição, de arbitrar com imparcialidade os diferendos que eventualmente venham a suscitar-se, de harmonizar os pontos de vista porventura divergentes dos seus três corpos constituintes, de julgar com justiça e de agir com firmeza e eficácia.

Isto não significa, obviamente, que o Governo não tenha uma palavra a dizer no processo: não podemos esquecer que o reitor é o dirigente de uma grande instituição oficial de ensino e o responsável pela correcta aplicação de consideráveis somas de dinheiros públicos. Por conseguinte — e dirijo-me agora propriamente à última parte da sua pergunta — do que se trata aqui é de encontrar a fórmula que permita conciliar dois interesses: o interesse da Universidade em ver à sua frente um professor merecedor da sua confiança e o interesse do Governo em colocar à frente da Universidade alguém que possa merecer a sua aceitação. Como proceder? Qual a fórmula mais recomendável? Confesso que não estou de momento habilitado a responder a esta pergunta.

Direi apenas, pelo que toca ao aspecto da consulta à Universidade, que a fórmula a elaborar deve ser de molde a assegurar a intervenção no processo de docentes, estudantes e funcionários, já que todos participam, conquanto por modos diversos, na vida da comunidade universitária. O sistema que vigorou na I República, e que há pouco referi, não garantia a representação dos funcionários e logo por este detalhe (não curo agora de outros aspectos) se revelava imperfeito.

**P.** — Quais as condições que o prof. Ferrer Correia apresentou como essenciais para aceitar a nomeação?

**R.** — Quando o senhor ministro da Edu-

O seu discurso<sup>63</sup>, um verdadeiro manifesto sobre o que deve ser a Universidade, é um texto notável, a merecer ser lido e reflectido. Nele defende, sem ambiguidades, o direito à educação, à autonomia, à liberdade de investigação e ensino, à participação, à representatividade dos três corpos universitários (professores, estudantes e funcionários).

*... a Universidade não é lugar para discriminações ideológicas. A Universidade é o templo da Ciência, a “cidadela da verdade”. O ensino e o progresso da ciência exigem a livre circulação das ideias, o livre exame e a livre crítica. A tolerância e o respeito das opiniões alheias, a abertura ao diálogo – esse “poder-ouvir” de que nos fala Heidegger – são o próprio ambiente natural da Universidade e o seu necessário pressuposto. “o verdadeiro saber – dizia o P.e António Vieira – é saber reconhecer a verdade, ainda que seja filha de outros olhos, ou de outro entendimento...”*

(...)

*Nós vivemos numa era saturada de ciência e de técnica, em que a verdadeira dimensão e sentido das coisas correm o risco de se perder. Facilmente esquecemos que se muito importa exercer com dignidade a profissão que abraçamos, não é isso viver plenamente – e que nem na própria se contém toda a riqueza da vida. Há que acordar e desenvolver no espírito do jovem universitário a compreensão destas limitações, o sentido da inserção, do “seu” ramo científico na universalidade do saber – e o da integração deste no quadro de valores culturais da sua época. Em suma: há que chamar cada um ao caminho da conquista (porque disso se trata) de uma perspectiva total ou totalizante do mundo e do homem. [1978]*

Recusa, sem peias, que dificuldades económicas impeçam alguém de prosseguir a sua formação e que se pactue com discriminações ideológicas. Proclama que é incontornável a participação dos estudantes, que o reitor não deve ser nomeado, mas sufragado pelos três “corpos”, que é urgente elaborar e aprovar novos Estatutos,



Ferrer Correia na sua posse afirmou:

## «Merecer a aceitação do Estado mas gozar da confiança da Universidade»

A velha «Sala dos Capelos» (ou dos «Actos Grandes», como também é conhecida) da multissecular Universidade de Coimbra viveu, na tarde de ontem, mais uma jornada que vai, naturalmente, inscrever-se, com capítulo especial, na sua já longa história. Isto porque, não podendo entender-se, apenas e na sua singeleza, como uma simples confirmação num lugar que já vinha desempenhando, interinamente, do novo Reitor, o facto transcende, ao que nos parece, essa simples cerimónia, pois pode marcar, positivamente, uma certa viragem dentro da estrutura — e também da autonomia — da própria Universidade, já que Ferrer Correia, precisamente ele, condicionou a indicação do seu nome para o desempenho daquelas funções, à plena aceitação por parte de todo o conjunto que forma o todo universitário de Coimbra: claustro pleno da Universidade, com os seus doutores, docentes, discentes e funcionários. E será, talvez, pela consciência dessa realidade que, José Gabriel, representante da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra, no uso da palavra, no decurso da cerimónia, afirmou em certo momento que «O Reitor desta Universidade vai precisar de colaboração franca e leal. A D.-G. da A. A. C. reafirma a sua disposição de cooperar com a Reitoria em todos os domínios que caibam dentro da sua esfera de acção, contribuindo assim para o desenvolvimento de um clima de diálogo e debate franco dos problemas. A Universidade de Coimbra tem todas as condições para, neste aspecto, dar lições a muita gente. Bem desejaríamos que as instâncias governamentais ligadas ao ensino lhe quisessem seguir o exemplo.

Depois do conhecido «quarto de hora académico», que decorreu na Sala Grande dos Actos, o Secretário da Universidade dirigiu-se à Reitoria, para que o empossado, acompanhado do empossante e outros doutores, com os arceiros em uniforme de gala à frente, se dirigisse, em cortejo, até àquela Sala. Viam-se, a aguardar o cortejo, as autoridades civis e militares da Coimbra o seu Distrito, vários professores e assistentes, muitos estudantes, e o público em geral. Já com a «tela» daquela sala repleta de doutores em «traje académico», e com os arceiros fazendo a guarda de honra, Ferrer Correia, o empossante, Professor Dr. Eduardo Henriques da Silva Correia, também catedrático da

Faculdade de Direito, e o dirigente da Associação Académica, José Gabriel, instalados nos seus cadeiratos, o Secretário da Universidade leu o despacho ministerial que nomeava o Reitor, bem como o tor-

PÁGINA 4

Modelo n.º 2

Ministério da Educação e Cultura  
Direcção-Geral do Ensino Superior

(a) \_\_\_\_\_  
(b) UNIVERSIDADE DE COIMBRA

**TERMO DE POSSE**

Ano 1978  
N.º 258

Nome Doutor ANTÓNIO DE ABREU FERREZ CORREIA

Billete de identidade n.º \_\_\_\_\_ Assunto de identificação \_\_\_\_\_ Data \_\_\_\_\_  
Cargo ou lugar Reitor da Universidade de Coimbra

Vaga que preenche exameção do Doutor José Joaquim Teixeira Ribeiro  
D.R. II Série n.º 267 de 15 de Novembro de 1976.

Forma de provimento (1) nomeação

Data do despacho e estado que o subscreeva 17 de Junho de 1978 Ministro da Educação e Cultura

Disposições legais que autorizam o provimento art.º 51.º do Decreto-Lei n.º 26 611 de 19 de Maio de 1976

Data do voto do Tribunal de Contas \_\_\_\_\_  
Publicação no «Diário da República», n.º 338, em 7 de Junho de 1978

Local de posse Sala Grande dos Actos

Nome e categoria do empossante Doutor Eduardo Henriques da Silva Correia  
Professor Catedrático da Faculdade de Direito

O empossado presta juramento nos termos da lei.  
Observações e assinaturas (1) \_\_\_\_\_  
Universidade de Coimbra em 16 de Junho de 1978

O PROFESSOR

*António de Abreu Ferrer Correia*  
*Eduardo Henriques da Silva Correia*

(1) - 1978 (1) - 258

e que, enquanto não houver a desejada reforma, criará órgãos representativos com funções consultivas.

E cumpriu: logo a 15 de Junho o ministro da Educação e Cultura aceitava a nomeação dos vice-reitores Luís de Albuquerque (Faculdade de Ciências e Tecnologia) e Manuel de Oliveira Pulquério (Faculdade de Letras) que tomaram posse a 4 de Setembro. O reitor aproveitou o ensejo para agradecer a colaboração na reitoria de quase dois anos do professor Amândio Coxito (Letras) e dos assistentes Sebastião Tavares de Pinho (Letras), António Fernandes Caeiro (Direito) e Fernando Pinto Bronze (Direito)<sup>64</sup>. Escassas semanas depois, a 13 de Outubro, Ferrer Correia criou três órgãos consultivos da Reitoria com representantes de todas as Faculdades: o Conselho de Coordenação das Actividades das Escolas, o Conselho Científico-Cultural e o Conselho Pedagógico.

Como ele próprio explica em Outubro de 1980, “assim se avançou, mesmo sem a reforma que se deseja, todavia a coberto da lei vigente, no caminho de tornar o governo da Universidade aberto aos valores da *democraticidade* e da *participação*”<sup>65</sup>. Também Sá Furtado evoca estas medidas do reitor que, antes da lei o prever, ia criando um quase Senado da Universidade<sup>66</sup>. E conta um episódio, este revelador da sua intransigente defesa da dignidade da Universidade de Coimbra que não consente dentro do seu espaço autoridades policiais: quando se preparava a visita papal, o arcebispo Paul Marcinkus deslocou-se a Coimbra para tratar de questões de segurança. Previra o poderoso monsenhor colocar agentes do Vaticano no Pátio das Escolas. Ferrer Correia opôs-se sem permitir réplica. No Pátio da Universidade não entram forças de segurança estranhas à Universidade. Nem da PSP nem, menos ainda, estrangeiras. E a segurança, dentro do perímetro do Paço das Escolas reservado à comunidade académica, foi assegurada, como sempre, pelos arceiros da Universidade.

Manuel Pulquério, seu antigo vice-reitor, salienta no reitorado de Ferrer a criação de um clima de paz e unidade. “A sua personalidade unia”, tendo tido sempre

excelentes relações com alunos e funcionários<sup>67</sup>. Também Rui de Alarcão, seu sucessor na reitoria, sublinhará no seu discurso de tomada de posse “a política de tolerância e entendimento [que] foi um dos cumes do reitorado antecedente”<sup>68</sup>. Sebastião de Pinho salienta o equilíbrio que sabia manter entre o peso das Ciências Exactas e o das Humanidades dentro da Universidade.

Visto que Luís Albuquerque se ausentava muito de Coimbra, e Ferrer Correia reservou sempre um ou dois dias por semana para a Fundação Gulbenkian, Pulquério tornou-se o seu braço direito na direcção da Universidade. Como homem inteligente que era – afirma ainda o antigo colaborador – sabia delegar funções. Ferrer Correia, continua Pulquério, preparou a Universidade para o seu futuro desenvolvimento<sup>69</sup>. No mesmo sentido, e ainda com mais ênfase, se pronuncia Sá Furtado: “Ferrer Correia perscrutava o futuro”. “Foi um reitor excelente! O seu reitorado foi de pacificação, orientando a Universidade para o futuro”. “Com objectivos muito bem definidos, conseguindo alcançá-los com uma mão de luva de cetim, sem que ninguém se sentisse forçado, lançou as bases da actual Universidade portuguesa – portuguesa, friso, não apenas a de Coimbra”.

Uma das grandes preocupações de Ferrer Correia à frente da Universidade prendia-se com as instalações. Para que se conhecesse a gravidade da situação, convidou os ministros da Educação e Cultura e das Obras Públicas a visitarem os estabelecimentos universitários. A 7 de Outubro de 1978, entrevistado pelo *Diário de Lisboa*, salienta o reitor:

*A Universidade de Coimbra, como reconheceu há pouco o ministro cessante da Educação e Cultura, dr. Sottomayor Cardia, é sem qualquer dúvida a que dispõe de piores instalações. A raiz do mal está nas deficiências do plano da chamada Cidade Universitária de Coimbra, elaborada nos anos 30. Este plano não previu o desenvolvimento da Universidade nas décadas seguintes, em função do próprio desenvolvimento sócio-económico do País; não curou da possível abertura em Coimbra de novos*



175. Notícia do *Diário de Lisboa*, de 7 de Outubro de 1978



176. Homenagem a Teixeira Ribeiro

*centros de ensino e de investigação; passou por alto assuntos de tão transcendente importância como o das residências de estudantes e de professores. Em suma: não se procurou traçar o plano de uma autêntica cidade universitária moderna. Por isso eu disse recentemente que dentro desta cidade realmente universitária, que é Coimbra, nós não temos propriamente uma cidade universitária<sup>70</sup>. [1978]*

A 6 de Setembro de 1978 haviam-se já iniciado trabalhos de recuperação do Palácio de S. Marcos, cedido a título precário à Universidade. As visitas de membros do Governo sucedem-se em finais desse ano e primeiros meses de 79. Anuncia-se o início de grandes obras. A reitoria pede à Direcção-Geral das Construções Escolares que remodele as instalações da UC de modo a que estas acompanhem a modernização e o desenvolvimento científico e pedagógico instaurado. Apela, nomeadamente, à construção de um segundo pólo universitário (já chamado o *Pólo II*) e à remodelação das Faculdades de Letras e de Direito. Entretanto começam os trabalhos de restauro dos telhados dos velhos Estudos Gerais.

Entrevistado pelo Jornal *A Capital*<sup>1</sup>, a 3 de Agosto de 1979, informa o reitor:

*... encontra-se em estudo um importante projecto que envolve a criação de um novo pólo da universidade (pólo II). Esse novo centro deverá localizar-se na periferia da cidade, e lá se construirão edifícios para faculdades, blocos residenciais para estudantes e professores, cantinas, etc. Como é evidente, trata-se de um projecto muito dispendioso, cuja realização vai demorar anos. Mas não importa! Será uma razão mais para que se metam mãos à obra imediatamente. [1979]*

Refere-se em seguida a três outros projectos: já a decorrer, a adaptação, beneficiação e restauro do Paço das Escolas para a Faculdade de Direito, Reitoria e Sala dos Capelos e, a curto prazo, a construção de um edifício para os serviços sociais.





179. Colégio de Sto. Agostinho onde foi instalada a nova Faculdade de Psicologia

*Finalmente, quero dar-lhe a notícia de que recentemente se abriu à Universidade a hipótese de adquirir o Palácio de S. Marcos, cujo uso e fruição lhe foram cedidos gratuitamente, mas a título precário, em Julho de 1976, pela Fundação da Casa de Bragança, proprietária do imóvel. Se tal hipótese vier a concretizar-se [concretizou-se no ano seguinte], passará a existir no centro do País um lugar aberto a manifestações científicas e culturais do tipo de colóquios, simpósios, cursos de pós-graduação. [1979]*

E anunciou, ainda, outras realizações:

*... apontarei o projecto de conversão do Curso Superior de Psicologia em Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação [concretizou-se em Outubro de 1980]. Aliás, já foi encontrada sede para a nova Faculdade: é o edifício do Colégio Novo ou de Santo Agostinho, vulgarmente conhecido por Colégio dos Órfãos. (...) Pensamos também reabrir em breve o “dossier” relativo ao futuro Curso Superior de Educação Física de Coimbra. [1979]*

Nesta importante entrevista, o reitor não deixa de lado outros temas fulcrais para a vida universitária e que para ele são particularmente caros:

*A Universidade é antes de tudo um espaço de criação e só em segunda linha um centro de transmissão de conhecimentos.*

*(...)*

*... é preciso ainda que as funções lectivas do jovem docente não sejam tão pesadas que lhe não sobeje tempo – tempo físico e tempo psicológico – para se dedicar à sua formação científica. Ora, é justamente isso o que hoje vem acontecendo em muitas escolas. Trata-se de uma situação que urge remediar. Se é necessário que os assistentes se dediquem aos trabalhos de investigação científica, única forma de se valorizarem profissionalmente e se prepararem para as provas de acesso aos escalões superiores da*



180. Palácio de S. Marcos que, desde 1980, integra a Universidade de Coimbra

*carreira, constitui para tanto condição essencial que as suas obrigações docentes desçam para um limite que torne possível a acumulação das duas tarefas.* [1979]

Pelo Decreto-Lei n.º 107/79 de 2 de Maio foi criado o Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (CRUP). Ferrer Correia é o seu primeiro presidente. A sessão inaugural dos trabalhos do Conselho decorreu na Universidade de Coimbra a 18 de Junho. O discurso de abertura pronunciado por Ferrer é um hino à autonomia universitária<sup>72</sup>. Nele traça o percurso da Universidade no que concerne a sua autonomia, ou melhor, o declínio da sua autonomia, pois esta foi-se “apagando gradualmente no decurso do século XV, na justa medida do gradual fortalecimento do poder real”. Ilustra a afirmação evocando as determinações dos Estatutos Manuelinos e Pombalinos e, depois de enaltecer o papel libertador da 1.ª República, salienta o regresso ao passado ordenado pelo Estado Novo.

*Cabe à Primeira República a glória de ter restaurado, por modo expresse e formal, a autonomia da instituição universitária. Mas as belas conquistas da revolução republicana não tardam a ser submersas por um novo surto de autoritarismo e de cesarismo*<sup>73</sup>. [1979]

Para Ferrer a autonomia universitária é um princípio axial de que nunca abdica. E define-a com clareza nas suas três vertentes: o ensino, a investigação e a administração. Insiste, uma outra vez, na urgência da elaboração, pela própria Universidade, dos seus Estatutos, da sua “Constituição”.

*A independência da Universidade ante os poderes do Estado não estará suficientemente vincada enquanto lhe não for reconhecido o direito de estabelecer, ela própria, o seu estatuto ou lei constitucional*<sup>74</sup>. [1979]

## Ministro da Educação em Coimbra

DA 1.ª PAGINA  
 Vitor e apresentaram, da parte da manhã, cumprimentos a Ritor Crespo e Formosinho Sanches. Este último recebeu, ainda, fora do programa, directores do Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra com quem falou acerca da II Semana Internacional de Teatro Universitário de Maio próximo.

### NÓO II DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA VAI ARRANCAR

Na reunião da manhã estavam incluídos importantes temas como o do plano de expansão e instalação da Universidade, a quem o actual Ritor tem dedicado bastante entusiasmo, e que, segundo Vitor Crespo, em declarações ao fim da tarde aos jornalistas, «foi aprovado na

das obras já há muito iniciadas no antigo Colégio dos Orfãos, destinado ao Curso Superior de Psicologia, em instalação. Este regime de instalação que normalmente desembocará na criação, que já tarda, da Faculdade de Psicologia de Coimbra seria ainda analisado na reunião que Vitor Crespo concluirá ainda ontem.

### «A PRAXE INTERPRETADA NO SÉCULO XX E CAMINHO DO XXI»

«Qualquer coisa que seja entendida ou que tenha algo a ver com a verdadeira raiz cultural de uma comunidade deve ser preservada. Se a praxe for isso deve ser preservada. O tempo passou, contudo. Não será por este como diante. É necessário uma actualização», respondeu o professor Vitor

deant, ou grupo de estudantes que o solicitam.

Os elementos do PAC foram recebidos pelo Sr. Ivo Brandão, a quem prestaram esclarecimentos acerca do movimento e a situação do seu ponto de vista, das tradições académicas em Coimbra. Esperaram, para além disso, as suas dificuldades financeiras e de instalações, ficando o chefe de gabinete de estudar o assunto. Representantes do PAC confiaram ao mesmo jornal, e a propósito das dificuldades que passa a reposição de alguns hábitos tradicionais, como o uso da capa e batina, a próxima criação de uma «Cooperativa de Capas e Batinas», já em avançado processo de formação, na qual os estudantes interessados, através de inscrição, poderão obter esse traje a preços inferiores a 4500000. O que, convenhamos é extraordinariamente barato, já que a capa e batina tem actualmente preços, que rondam os 9 a 10000 escudos (fora os modelos mais requintados que têm aparecido especialmente nas lojas). Os responsáveis do PAC fizeram ainda questão de nos sublinhar os rigorosos apartadismo do movimento.



Os cumprimentos que os responsáveis do PAC e alegres...

A Direcção-Geral da Associação Académica «levou» ao actual responsável máximo pela educação do País, uma agenda sobrecarregada decorrente das dificuldades, sobretudo motivadas por sequencia extenuante exigiu, que há já longo tempo, o maior complexo simul-



A futura Direcção-Geral da AAC conferenciou com o ministro cerca de 1 hora (da esquerda para a direita Luis Teixeira, presidente, Antonio Marques e José Alberto)

ua globalidade pelo Ministério de Educação e Ciência e, mais, será arrancar efectivamente com a aquisição de terrenos na Portela e respectiva definição do espaço que irá ocupar, embora a definitiva instalação leve, como é óbvio, longo tempo». No domínio das instalações foi ainda referida pelo ministro a expropriação de terrenos junto da Faculdade de Economia e a conclusão

Crespo a uma interpretação do nosso jornal sobre o significado da audácia dos elementos do PAC. «Mas com esta actualização, devo-lhe dizer sem escamotear, mais como cidadão Vitor Crespo do que como ministro, penso que ela deve ser mantida, interpretada nos termos modernos, no século XX e caminho do XXI. Mas eu não recuso receber qualquer estu-

## Prof. Vitor Crespo «revisitou» Coimbra

### ARRANQUE DEFINITIVO DE ANTIGOS PROJECTOS?

O ministro Vitor Crespo, da Educação e Ciência, manteve durante todo o dia de ontem, uma intensa jornada de trabalho na Universidade de Coimbra, onde se deslocou acompanhado do secretário de Estado, prof. Formosinho Sanches e pelo seu chefe de gabinete, doutor Ivo Brandão.

A maior parte do tempo dispôs o ministro da Educação em duas reuniões de ma-

nhã e à tarde, a primeira com o Ritor da Universidade, Prof. Ferrer Correia, e os vice-reitores, Profs. Luis Albuquerque e Oliveira Pulquério, e outra com os presidentes dos Conselhos Directivos e Científicos das diversas faculdades para, na sua própria definição, «analisar com profundidade os problemas mais urgentes da Universidade de Coimbra».

De salientar a prolongada au-

dência, aliás já prevista no programa oficial, com representantes da antiga Direcção-Geral da AAC que também fazem parte da lista recentemente vencedora, a empossar na próxima quinta-feira, e o seu futuro presidente Luis Teixeira.

Elementos do PAC — Praxista Académico Conimbricense — também lograram ser recebidos pelo chefe do gabinete do mi-

PAGINA 3



A reunião da equipa ministerial da educação reuniu durante quase toda a tarde presidentes dos Conselhos Directivos e Científicos das Faculdades.

183. Notícia do *Diário de Coimbra* de 26 de Março de 1980  
184. Notícia do *Diário de Coimbra*, Outubro de 1980



Realça o papel que o CRUP, “já, em si e por si, uma importante concretização da ideia de autonomia universitária”, terá no debate sobre a autonomia. No que respeita ao ensino superior, a sua voz é tão ouvida e respeitada que em entrevista publicada no *Diário de Coimbra* de 18 de Janeiro de 1980, o jornalista afirma que “há quem diga que o senhor Professor tem sido uma espécie de ministro da Educação *permanente e sombra*”.

Em Lisboa, a 2 de Dezembro de 1980, e na qualidade de Presidente do CRUP, proferiu o discurso na sessão de Abertura do Congresso *A Universidade Portuguesa nos anos 80*<sup>5</sup>. Nele se debruça sobre a essência da dignidade do universitário que não existe sem a liberdade de pensar. E outra vez, e sempre, sobre a autonomia da Universidade, que não é só o que foi dito anteriormente (a independência dos mestres), nem apenas o direito e liberdade de aprender por parte dos alunos. A autonomia universitária é “o modo de a Universidade se comportar perante o Estado”, é “um espaço de liberdade, em que se afirme um poder jurídico de decidir em virtude de uma avaliação própria”. O poder central, afirma o reitor de Coimbra, tem que reconhecer à Universidade capacidade para elaborar os seus próprios estatutos. Reclama, então, para as Universidades portuguesas, autonomia pedagógica, autonomia científica, autonomia administrativa e autonomia financeira.

*A Universidade não se confina e esgota na transmissão de conhecimentos, antes compreende e abarca a aventura da criação científico-cultural. Nenhum professor universitário se sentiria verdadeiramente realizado se as suas tarefas tivessem de se limitar às da docência estrita; isto apesar de a pura docência não corresponder, de todo o modo, à função mecânica da leitura de uma “cassete” gravada noutra estúdio, pois (di-lo Heidegger) há sempre um ainda por pensar no já pensado.*

(...)

## Abertura solene do ano lectivo na Universidade

# «ERRÓNEA A DOCTRINA QUE REIVINDICASSE PARA O ESTADO O PODER DE CONTROLAR A INVESTIGAÇÃO NAS UNIVERSIDADES»

— afirmou Ferrer Correia na cerimónia de ontem

«O ritual deste acto é o prório das grandes solenidades académicas. Ao inaugurar por esta forma festiva e solene os trabalhos escolares, o que basicamente pretendemos é sublinhar, no limiar de mais um ano lectivo, a nossa devoção aos valores que a Universidade encerra e incarna, bem como a confiança que fundamos na sua aptidão para os promover e realçar. E' afirma a nossa fidelidade inquebrantável ao legado que

recebemos de outras mãos e que desejamos transmitir enriquecidos ao que vieram render-nos» — disse Ferrer Correia, reitor da Universidade de Coimbra na cerimónia de abertura solene das aulas na Academia deste cidade.

Ao acto, que teve lugar na Sala das Grandes Actas, pelas 11 horas de ontem, estiveram presentes alunos, funcionários e professores, o presidente da Câmara Municipal de Coimbra, o governador civil, o

comandante da Região Militar Centro, bispo da Diocese, director da Polícia Judiciária, o representante da autoridade judicial, o secretário de Estado do Ensino Superior o ministro da Educação e Ciência e os reitores das Universidades Clássica e Técnica de Lisboa, do Minho, de Aveiro e de Évora.

A cerimónia foi presidida pelo reitor Ferrer Correia, em virtude da o Professor Vitor Craipo ter participado apenas como Doutor e

não na qualidade de titular de pasta de Educação, tal como aconteceu com o Professor Formosinho Santos, secretário de Estado do Ensino Superior.

No discurso que proferiu, Ferrer Correia diria a dado passo: «Do muito longe vem a tradição de por esta modo se inaugurarem os trabalhos escolares na Universidade, e a su penso que a tradição é de manter. Como, de resto, todas



O Reitor Ferrer Correia quando procedia à leitura do seu discurso

PÁGINA 4

*Como foi dito recentemente por Georges Vedel, só homens realmente medíocres aceitariam ser, nas cátedras universitárias, os meros porta-vozes de um credo oficial, político ou científico*<sup>76</sup>. [1980]

A 24 de Outubro de 1980 realiza-se a cerimónia da abertura solene das aulas da Universidade de Coimbra, o que não se fazia desde 1968. O reitor, que a promovera, procura aliar a manutenção de rituais – que sublinham a força e permanência da velha instituição – com traços de modernidade, só por si bem eloquentes do que se reivindica para a Universidade do século XX. Pela 1.<sup>a</sup> vez um estudante usa da palavra. E não um estudante qualquer, como sublinha o reitor, não um aluno escolhido pelos dirigentes universitários, mas o Presidente da Associação Académica de Coimbra, isto é, aquele que pelos seus pares foi sufragado.

No seu discurso solene<sup>77</sup>, sob o olhar dos reis de Portugal, em cerimónia que decorre ritualizada no cenário de quase-templo que é a Sala dos Capelos, Ferrer Correia apela à autonomia, à democraticidade e à participação, dentro do que a lei lhe permite e na ausência dos Estatutos e da Reforma universitária que incansavelmente reclama e ia concretizando na sua Universidade. Estatutos, não deixa de repetir, que terão de ser criados na Universidade e não recebidos de uma entidade tutelar:

*A Universidade carece de uma constituição — não aceitaria de bom grado uma carta constitucional*<sup>78</sup>. [1980]

Estatutos que não poderão deixar de consignar a eleição do reitor. Velha reivindicação deste reitor nomeado, assunto já debatido no Conselho de Reitores, onde se hesita entre a solução da eleição autónoma no seio da instituição ou da nomeação governamental entre os três nomes mais votados na Universidade.

Ferrer Correia admite que este último sistema colhe a preferência dos reitores portugueses, mas não é a solução que mais agrada na Universidade de Coimbra.

Tal como já referimos, uma outra vertente do seu discurso e da sua acção reitoral são as instalações da Universidade, pois, na realidade, como bem salienta, a destruição da Alta de Coimbra dos anos 40 não dotou a urbe de uma cidade universitária. Anuncia, pois, já em 1980, os três pólos universitários ainda não terminados neste ano de 2007 em que escrevemos.

*Está elaborado nas suas grandes linhas, e aprovado quanto ao fundamental pelo Senhor Ministro da Educação e Ciência, o plano da nossa futura Cidade Universitária. O plano prevê a existência de três pólos ou núcleos principais: O 1.º corresponde sensivelmente ao perímetro actual da Universidade, o 2.º deverá localizar-se na zona da Portela e o 3.º em Celas*<sup>79</sup>. [1980]

Aliás, já em 18 de Janeiro desse ano, informara na citada entrevista ao *Diário de Coimbra*:

*O pólo I, que corresponde aos das actuais instalações universitárias, o pólo II, a implantar na periferia da cidade e que se destinará principalmente às instalações complementares da nossa Faculdade de Ciências e ao edifício definitivo da Faculdade de Economia; e o pólo III, que deverá abranger, com o Hospital Escolar, as novas Faculdades de Medicina e de Farmácia.*

*Como vê, trata-se de um plano grandioso, que só ao cabo de largos anos poderá tornar-se realidade. Então, e só então, terá Coimbra, finalmente, a sua Cidade Universitária*<sup>80</sup>. [1980]

Na mesma entrevista, pronunciara-se sobre a questão das praxes e tradições académicas que agora, com o retomar da cerimónia de abertura do ano escolar, promovia:

## Prof. Ferrer Correia ao «D.C.»: um tempo de balanço e de exposição dos planos e das ideias para o futuro

# «O REITOR DEVE SER ALGUÉM EM CUJA ACÇÃO A UNIVERSIDADE POSSA CONFIAR»

Entrevista a um tempo de balanço e de reflexão, a um tempo concreto (no que pode ser) e generalizante (no que tem de ser), apresenta-se antes de mais e há já longo tempo como necessária.

E difícil passar por entre o confronto e a radicalização de posições, em tempo de borrasca, sem ferimentos graves. É difícil conseguir o equilíbrio e a moderação por entre radicalizações exacerbadas ou amontoa- dos de juízos apriorísticos.

E mais difícil ainda passar do imposto para o aceitável e o possível e destes para o desejável, quase sem se dar por isso.

Isso não poderia acontecer possivelmente se uma obra o não exigisse, se um passado e um prestígio o não impusessem, se uma personalidade multifacetada e hábil o não proporcionasse.

Fica-se sem saber se foi tudo isso ou apenas os princípios do diálogo e da concertação que se impuseram na Reitoria da Universidade de Coimbra. Ou tudo somado. A entrevista que publicamos hoje é bem demonstrativa de tudo quanto, a esse propósito, se poderá especular.

D.C. — O Sr. Prof. Ferrer Correia entrou para a Reitoria da Universidade de Coimbra num período muito agitado, no meio de forte contestação estudantil e política. Dessa altura até cá pensa que as coisas se alteraram significativamente?

F.C. — Sem dúvida que sim. Foi em Setembro de 1976 que iniciei, a título de professor decano da Universidade (ou vice-decano, já que o decano era justamente o Reitor carente), as minhas funções na Reitoria. Nessa época, como bem é vivida na nossa Universidade um clima de pronunciada agitação, reflexo em grande parte das condições político-sociais do País. Estávamos num período difícil de transição — a transição da fase pós-revolução de Abril, marcada pela recusa de quanto vinha de trás, pelo impeto inovador, por um tumultar de experiências que não provinham da reflexão e do estudo senão da criatividade espontânea dos participantes — num tempo em que, já definidos por uma Constituição os grandes princípios informadores do ordenamento jurídico e do Estado, se impunha a todos, como tarefa prioritária, a de contribuir para alargar, a todos os níveis, a legalidade democrática e uma justa paz social. Só que uma transição deste tipo não se faz de um momento para o outro — não se logra sem sobressaltos. É de todo compreensível que principalmente os jovens — e queria referir-me sobretudo aos estudantes universitários — recassem ser esbaldados das suas conquistas, privados das suas liberdades e do seu poder de intervenção na vida da Escola, e renitsem, por conseguinte, à atribuição do status quo.

Por isso, o ano lectivo de 1976-77 foi um tempo de crise na Universidade de Coimbra. Mas a crise passou — para o que terá concorrido, creio, o facto de os estudantes se terem persuadido de que na Reitoria da Universidade dominava, a par do respeito da legalidade e dos direitos de todos, o espírito do diálogo, da tolerância, da compreensão pelos seus justos anseios, do respeito pela sua autonomia e pelas suas estruturas associativas. E foi assim que no ano lectivo seguinte, o de 77-78, já nos pudemos todos concentrar — todos: professoras e alunos — na realização das tarefas esco-

lares. Ao mesmo tempo, as actividades desportivas e culturais dos organismos académicos, amparadas e acarinhadas pela Reitoria, algum tanto negligenciadas durante certo tempo, foram retomando progressivamente o seu ritmo habitual. Por outro lado, os responsáveis pela Universidade puderam dedicar-se ao lançamento das bases de um sistema que assegurasse a intervenção efectiva dos três corpos constituintes da comunidade universitária — docentes, alunos e funcionários — na resolução dos seus problemas e no planeamento das suas acções.

Quando penso que me foi dado concorrer, apesar das circunstâncias, para a superação daquele estado de crise a que me referi há pouco, sinto-me compensado dos meus esforços.

### Um esboço de balanço

D.C. — Que obra realizou já a Reitoria que o Sr. Prof. dirige?

F.C. — Penso já ter assinalado uma das acções mais importantes levadas a cabo pela Reitoria, durante o tempo em que nela tenho exercido funções. Dir-lhe-ei ainda o seguinte:

No acto em que fui solenemente investido no cargo de Reitor (em 16 de Junho de 1978), ao anunciar alguns dos pontos principais do meu programa ou plano de acção, disse entre outras coisas que prometo empenhar-me pela rápida publicação de um novo estatuto universitário, inspirado e modelado por uma ideia de democratização participativa da Universidade, e que entretanto iria criar, ao abrigo da lei vigente, órgãos de consulta em que teriam assento representantes dos três corpos universitários.

Quando ao primeiro ponto — estatuto universitário — informo-o de que foi recentemente distribuído às Faculdades, para estudo, um projecto de Decreto, oriundo da Secretaria de Estado do Ensino Superior, em que se contém disposições sobre autonomia das Universidades, modo de designação do Reitor e vice-Reitores, e órgãos de governo da Universidade.

Quando ao segundo ponto, dir-lhe-ei que os conselhos que prometi constituir estão efectivamente já criados e em funcionamento desde o início do

ano lectivo transacto. São eles: um Conselho Coordenador das actividades das escolas — em que têm assento, por cada uma delas, o presidente do respectivo Conselho Directivo e representantes dos docentes, dos alunos e dos funcionários, e ainda o presidente da Direcção-Geral da Associação Académica e representantes eleitos dos Serviços Centrais e dos Serviços Sociais —, um Conselho Científico-Cultural — para o qual cada Faculdade designa dois professores, um assistente e um investigador — e um Conselho Pedagógico, formado por elementos pertencentes aos Conselhos Pedagógicos das escolas (um professor, um assistente, e um aluno, por cada uma) e ainda um estudante indicado nela Direcção-Geral da Associação Académica.

Como facilmente se alcança, houve a preocupação de tornar esses diferentes organismos tão altamente representativos que em cada momento seja possível conhecer, por seu intermédio, qual o pensamento da Universidade acerca dos vários problemas que se suscitam.

Outro assunto a que a Reitoria tem dedicado a maior atenção é o das instalações dos nossos departamentos e serviços. Neste campo, as nossas carências são clamorosas, mas vão surgindo aos poucos as acções que a curto ou médio prazo as vão finalmente remediar.

Al temos, por exemplo, a grande obra de beneficiação e restauro do Paço das Escolas, que a Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais está realizando. A execução deste importante projecto, ao mesmo tempo que dará a todo o nobre edifício as necessárias condições de segurança e sobretudo de defesa contra o risco de fogo, permitirá instalar a Faculdade de Direito (finalmente) de modo condigno. Basta que lhe diga que toda a vasta área do Paço das Escolas, à excepção (já se vê) da Biblioteca, Capela, Sala de Capelas e instalações da Reitoria, passará a ser ocupada pela Faculdade de Direito. Por seu turno, a Faculdade cede à Reitoria o edifício do antigo Convento dos Grilos, que actualmente ocupa; para lá serão transferidos muito em breve os nossos serviços centrais (Secretaria Geral, Tesouraria, Assessorias Jurídica e do Planeamento, a própria Sociedade

Filantrópica - Académica), que muito irão beneficiar com a troca: com efeito, os funcionários vão ter condições de trabalho incomparavelmente melhores — e os estudantes e demais utentes muito melhores condições de acolhimento.

Ainda em matéria de instalações, deixe-me agora apontar duas outras importantes realizações que tiveram lugar durante o meu reitorado. Uma delas é a aquisição pelo Serviço Sociais do prédio da Rua João Jacinto onde deste Outubro último funciona mais uma residência académica (o prédio contíguo foi adquirido na mesma altura pela Fundação Rangel de Sampaio, adstrita à Faculdade de Direito, e lá se encontra instalada outra residência, igualmente a cargo dos Serviços Sociais). Julgo desnecessário encarecer a importância deste acontecimento. Outra consiste na aquisição pelo Estado, para o serviço da Universidade, do Palácio e Quinta do São Marcos (é certo que a Universidade estava já (desde Junho de 1976) na posse do edifício. Era, porém, uma posse precária — e justamente a Fundação da Casa de Bragança, sua proprietária, veio anunciar há cerca de um ano a intenção de vender. Ficou, assim, a Universidade ameaçada de ter de renunciar ao gozo e fruição do Palácio. Felizmente, a venda vai efectuar-se, sim, mas para o Estado, que afectará o prédio à Universidade de Coimbra (são estas, pelo menos, as informações de que disponho). Ora o Palácio de São Marcos representa muito para a Universidade de Coimbra, que deste modo passa a dispor de um ótimo local quer para alojar os seus hóspedes (entidades oficiais, professores universitários e outros cientistas nacionais e estrangeiros), quer para a realização de colóquios, simposios e reuniões científicas similares, em que o número de participantes não seja muito elevado; manifestações estas, aliás, que podem ser da iniciativa quer da própria Universidade de Coimbra, quer de outras Universidades, do Instituto Nacional de Investigação Científica, da Secretaria de Estado do Ensino Superior, etc. Antecipando-me a uma pergunta mais que certa, dir-lhe-ei ainda esperar-se que o rendimento da quinta, no quadro de uma exploração bem orientada, cubra uma parte substancial

dos custos correntes de manutenção do Palácio.

Confiança da Universidade e apoio do Estado para que Coimbra tenha, finalmente, uma cidade universitária

D.C. — Que atitudes ou empreendimentos considera fundamentais para concluir ou concluir essa obra?

F.C. — Considero fundamentais duas condições. Uma é que a Universidade mantenha a confiança que em 1978 me manifestou, por forma tão clara. Outra é que os vários departamentos do Estado, de que para este efeito dependemos, continuem a dar-nos o seu apoio.

Verificadas as duas referidas condições, não afrouxaremos no esforço de conseguir solução, no mais breve prazo

lo 2, a implantar na periferia da cidade e que se destinará principalmente às instalações complementares da nossa Faculdade de Ciências e ao edifício definitivo da Faculdade de Economia; e o pólo 3, que deverá abranger, com o Hospital Escolar, as novas Faculdades de Medicina e de Farmácia.

Como vê, trata-se de um plano grandioso, que só ao cabo de largos anos poderá tornar-se realidade. Então, e só então, terá Coimbra, finalmente, a sua Cidade Universitária.

D.C. — Pensa poder ainda concretizar esses objectivos?

F.C. — A esse respeito não tenho ilusões. Sei bem que dos objectivos apontados só uma pequena parte poderá ser realizada durante a minha permanência na Reitoria. Quanto à parte restante, contentar-me-ei



«O ENSINO DEVE SER MAIS VIVO E ESTIMULANTE PARA O ALUNO»

possível, para problemas tão graves e urgentes como os seguintes: construção imediata de um edifício para a Faculdade de Economia; acabamento dos trabalhos de recuperação e restauro do Colégio Novo, propriedade da Santa Casa da Misericórdia, a fim de lá se instalar (mediante arrendamento, já autorizado) o Curso Superior de Psicologia (cuja conversão na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação a todo o momento aguardamos); elaboração dos estudos relativos ao Pólo 2 da Universidade e aquisição do respectivo campus (creio ser esse o melhor caminho para dar satisfação integral às reivindicações da Faculdade de Ciências e Tecnologia, que se queixa muito justamente de os seus Departamentos Tecnológicos não disporem ainda hoje de instalação própria; construção na Rua Oliveira Matos, frente às instalações académicas, de um conjunto de cantinas e supermercado (prevê-se que esta obra se inicie antes do final do corrente ano); construção de residências para estudantes e professores nos terrenos que a Universidade possui em Montes Claros e na Rua Brotero.

Outra obra em projecto é a de beneficiação e restauro dos Edifícios do Museu e do Laboratório Químico. O primeiro entende-se que deverá ser exclusivamente afectado (quando tal se torne possível, já se vê) aos departamentos de Geologia e Zoologia da Faculdade de Ciências. Quanto ao segundo, o seu natural destino, a meu ver, consiste na afectação ao Museu da Universidade, onde ficariam devidamente preservadas colecções preciosas que a Universidade possui, com destaque para a do Museu Pomalino da Física. Aludirei por último — the last but not the least — aos novos edifícios das Faculdades de Medicina e de Farmácia. No meu modo de ver, o melhor local para eles será nos terrenos anexos ao novo Hospital Escolar, e teríamos assim a Universidade repartida por três pólos: o pólo 1, que corresponde ao das actuais instalações universitárias, o pó-

com dar a tais tarefas o impulso inicial. Outros as levarão a cabo.

O reitor deve ser alguém em cuja acção a Universidade possa confiar

D.C. — Como pensa que deve ser escolhido o Reitor da Universidade? Por nomeação, por eleição? Que tipo de eleição?

F.C. — Sempre tenho entendido — e proclamado — que o Reitor deve ser alguém em cuja acção a Universidade possa confiar — a quem ela tenha expressamente manifestado a sua confiança. A partir daqui, são concebíveis dois sistemas: ou se reconhece plenamente à Universidade o direito de escolher o seu Reitor, ou, quando menos, a lei, consagrando o princípio de que a designação do Reitor há-de resultar do acordo de duas vontades — a da Universidade e a do Governo —, dispõe no sentido de o Reitor ser nomeado, sim, pelo Governo, mas de entre os professores indicados numa lista a estabelecer, por votação, por um órgão universitário ou por um colégio eleitoral ad hoc. Era este último o sistema perfilhado pelo estatuto universitário de 1911 (o chamado sistema da lista triplíce).

Nun caso ou noutro, levanta-se o problema de saber qual o processo a seguir para se apurar a vontade da Universidade. A eleição, por certo. Mas eleição por quem? Por uma assembleia ou conselho universitário? Por um colégio expressamente constituído para esse fim, em que participem, segundo proporção a estabelecer, representantes dos três corpos universitários?

Limito-me a pôr a questão; aliás, a Universidade vai em breve manifestar-se a tal respeito, por ter sido para tanto oficialmente solicitada pelo Ministério.

D.C. — O ensino ministrado nesta Universidade tem sido não raro apontado como de nível escolarista, memorizante,

*Não será a conservação das nossas velhas praxes universitárias – cujo único sentido é religar a Universidade às suas origens históricas, assinalando simbolicamente o facto de ela pertencer de direito ao número das mais antigas universidades europeias e contribuindo, assim, para lhe recortar e definir a identidade – que impedirá de levar avante as reformas pedagógicas julgadas necessárias e as medidas tidas por adequadas ao fomento da investigação científica na Universidade. No meu modo de ver, não são as tradições que entorpecem o progresso, mas sim a vontade de permanecer no passado<sup>81</sup>. [1980]*

As praxes académicas próprias dos estudantes regressavam também a Coimbra. Não sem resistência e conflitos, já que eram associadas, por alguns sectores, a práticas fascizantes. O uso da capa e batina, considerado marca elitista, era liminarmente rejeitado pelos estudantes que se reivindicavam de esquerda. As práticas praxistas, quantas vezes boçais e violentas, eram rejeitadas como exercício puro de violência atentatória dos direitos individuais e sinais de indigência intelectual. Mas, gradualmente, os movimentos de restauração da praxe ganharam força. O seu espírito festivo e folgazão, a pressão de antigos estudantes e da cidade que recordavam as “capas a adejar”, as Serenatas, a Queima das Fitas e outros rituais, foram mais fortes. Os dirigentes das estruturas partidárias de esquerda não tiveram mais remédio que desistir da animosidade e esquecer o assunto, sob pena de perderem poder de captação entre os estudantes.

Em Dezembro de 1979 a *Comissão Pró-Restauro da Praxe* e o *Grupo Praxis Academiae* promoveram, pela rua Ferreira Borges, um desfile de estudantes envergando a capa e batina. De 18 a 25 de Janeiro de 80 decorreu a 1.<sup>a</sup> “Semana de Recepção ao Caloiro”. O *Diário de Coimbra* noticiava que o momento alto aconteceu quando os estudantes, de capa e batina, se dirigiram à Baixa onde a população os recebeu com aplausos. “O retorno de tradições académicas é já irreversível como nos demonstram o entusiasmo estudantil e a população conimbricense”. Nesse ano retomou-se a Queima das Fitas na qual o reitor não deixou de marcar presença.

As praxes professorais são também recuperadas. A 17 de Julho decorre a 1.<sup>a</sup> investidura de doutor *honoris causa* com cerimonial desde o 25 de Abril (a última realizara-se em Novembro de 1973). O homenageado foi Karl Carstens, Presidente da República Federal da Alemanha, convidado por Ramalho Eanes para visitar o nosso país. Sendo Presidente e um prestigiado homem das leis, a Faculdade de Direito tomara a iniciativa de o homenagear. Por sua vez, o Presidente alemão agraciou sete personalidades de Coimbra com a “Ordem de Mérito”, mas só o Reitor com a Grã-Cruz.

No âmbito das suas funções participava, evidentemente, em inúmeros eventos científico-culturais, mas Ferrer Correia não se limitava a pronunciar os habituais discursos de circunstância. A 16 de Janeiro de 1982 decorreu na Biblioteca Joanina da Universidade de Coimbra uma sessão sobre os Direitos Humanos e a Compreensão Mundial promovida pelo Distrito Rotário Português, contando com a presença do Presidente da República, Ramalho Eanes, do Presidente da Comissão Internacional de Juristas em Portugal e do Governador do Distrito Rotário Português, entre outros. O reitor da Universidade, que pela 1.<sup>a</sup> vez recebia nessa qualidade o Presidente da República, proferiu um discurso denso e erudito que abordava o tema em discussão tanto sob o ponto de vista do universitário e pensador, como do maior especialista português em Direito Comparado<sup>82</sup>. Mas também noutros domínios, menos evidentes, Ferrer Correia não deixava de se pronunciar. A sua palestra na sessão de abertura da I Semana de Música Antiga e II Encontro de Música Antiga e Instrumental Ibérica, em Setembro de 1978, revela bem, por certo para espanto de muitos, o melómano que discorre com à-vontade sobre os mestres contrapontistas e compositores de canto de órgão da Coimbra quinhentista e seiscentista<sup>83</sup>.

Esta sua característica, é evidenciada por quem mais privou com ele. Ouçamos Manuel Pulquério: O que mais o impressionava em Ferrer era “a aristocracia do trato” e “a amplidão dos seus interesses”. Aproveitando a formação de Pulquério,

## O PRESIDENTE DA REPÚBLICA FEDERAL ALEMÃ RECEBEU ONTEM O GRAU DE DOUTOR «HONORIS CAUSA» PELA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Karl Carstens, Presidente da República Federal Alemã, é desde ontem Doutor «honoris causa» pela Universidade de Coimbra. Distingção que lhe foi concedida por iniciativa da própria Universidade, aproveitando a visita de Estado que efectuou ao nosso país a convite do general Ramalho Eanes e que ontem à tarde terminou.

A razão desta iniciativa da Universidade de Coimbra e da sua Faculdade de Direito terá que se buscar desde logo no facto de Karl Carstens ser, além de Presidente da República, um prestigiado homem de leis (professor universitário da Universidade de Colónia) em que é nítida uma «conjunção da vocação do universitário com a vocação do político» (como diria o Professor Lobo Xavier), já que a sua cuidada formação jurídica tem sido posta na defesa de uma determinada concepção da Europa a que muitos chamam já hoje a inevitável Europa de amanhã. «Criara Europa é, para Carstens — salientou o Professor Leite de Campos — transformar uma unidade cultural e histórica numa unidade política», com vontade própria e competência política específica.

Mas a vontade manifestada pela Universidade de Coimbra em doutorar, pela forma do prestígio, o Professor Karl Carstens só pode também ser entendida como forma de homenagem da Faculdade de Direito de Coimbra à cultura jurídica alemã, onde, como disse Lobo Xavier, «tantos de vós, caros doutores, e eu convosco, retiramos a cada momento ensinamentos e inspiração». A Alemanha é um viveiro cultural onde se desdoadentam muitos dos nossos homens do Direito. E se a bolsa e o apelo foram entregues a Karl Carstens, a homenagem vai para além dele, abrangendo toda essa cultura alemã, que ele ali simbolizava.



### COM TODO O CERIMONIAL

O acto decorreu sob a forma tradicional e que se não repetia desde Novembro de 1973, quando se doutorou Lopez Rodó, Primeiro-Ministro espanhol. Apenas faltou a charamela, substituída pelo grupo «Os Meteis», de Lisboa.

A cerimónia solene (a que assistiu muito público e acher por completo a sala) decorreu na «Sala dos Capelos», também designada por «Sala Grande dos Actos». Karl Carstens foi declarado novo Doutor em Direito pelo reitor da Universidade, Ferrer Correia.

O Presidente do Conselho Directivo da Faculdade de

Direito, Eduardo Correia, colocou depois a bolsa na cabeça do Presidente alemão, entregou-lhe um livro de «rimas de Coimbra» e pôs-lhe o tradicional anel na mão esquerda, cumprindo o ritual da praxe.

«Em breve e elegante oração», conforme também é de uso, Carstens resumiu, de improviso, uma sua lição escrita sobre «a posição do Direito Comunitário Europeu face ao Direito Interno».

Nela defende que «a Constituição das Comunidades Europeias, nos anos 50 do nosso século, significa um abandono da concepção tradicional de soberania, sendo a qual os Estados-Nacionais axarquem, nos seus terri-

tórios, o poder de domínio

máximo e exclusivo».

Karl Carstens sublinhou, por outro lado, que «o tratado da CEE não se limita a apelar aos Estados-Membros no sentido de adaptarem os seus ordenamentos jurídicos ao direito comunitário Europeu, o que significaria que, em casos de conflitos, o Direito Interno continuará a ter

ainda o primado. Mas que isso, o tratado constitutivo da CEE utiliza o primado do Direito Comunitário».

O Presidente alemão salientou também que «o primado do Direito Europeu significa que o Direito Nacional, em casos de conflito, tem de ceder, sem ser afectado».

PÁGINA 12



← ESQUERDA O CORTEJO A SAIR DA BIBLIOTECA JOANINA PARA A SALA DOS CAPELOS. À DIREITA O PROFESSOR EDUARDO CORREIA, PRESIDENTE DO CONSELHO DIRECTIVO DA FACULDADE DE DIREITO, AO LADO DE KARL CARSTENS. →

## A Universidade de Coimbra faz amanhã 691 anos

## A AUTONOMIA PASSA PELA DEFINIÇÃO DE UM ESTATUTO DE CADA ACADEMIA

—disse ao «DC» o Prof. Ferrer Correia

«Não acho que a Universidade de Coimbra esteja a ser marginalizada no contexto das Academias portuguesas» — afirmou ao «Diá-

rio de Coimbra» o reitor, Prof. Ferrer Correia, quando o jornalista lhe instruiu a possibilidade de este facto se estar a passar com

determinadas deliberações dos responsáveis do Ministério da Educação e Ciência.

A questão concreta visava a aprovação dos graus de Mestrado em alguns cursos superiores ministrados nas Universidades de Lisboa, graus que, por sua vez, ainda não foram instituídos em qualquer das Faculdades de Universidade de Coimbra.

O Prof. Ferrer Correia responderia que a Academia de Lusa-Atenas, neste como noutros aspectos, é a pioneira a salientou que os cursos de pós-graduação ministrados na Faculdade de Direito são substancialmente cursos de Mestrado para os quais já foi pedida a equivalência, manifestando-se convencido que a mesma será dada pelo Ministério da Educação. «Quando isso se verificar os primeiros Mestres desta Pátria serão da nossa Universidade» — disse o Prof. Ferrer Correia que não del-

xou de lembrar ter a Faculdade de Ciências e Tecnologia, a semelhança de Direito, pedido a homologação de cursos de pós-graduação por aí organizados.

### A AUTONOMIA DAS UNIVERSIDADES

De entre os vários assuntos abordados no encontro do «D.C.» com o reitor Ferrer Correia foi, como não podia deixar de ser, referida a questão de autonomia universitária, hoje tão falada.

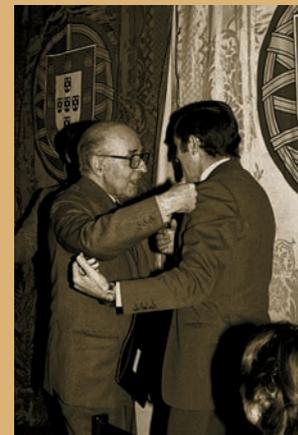
«Não vamos por agora alongar-nos demasiado sobre o assunto, mas prometemos tratá-lo mais a fundo a breve prazo, mais precisamente quando da publicação de um opúsculo que reúne vários discursos de Ferrer Correia onde o tema é abordado com bastante profundidade. Essa publicação deverá surgir nos finais de próxima semana.

PÁGINA 4



PROFESSOR FERRER CORREIA

187



186

188

186. Notícia do *Diário de Coimbra* de 18 de Julho de 1980

187. Notícia do *Diário de Coimbra* de 28 de Fevereiro de 1981

188. Em 1980 na segunda candidatura de Ramalho Eanes à Presidência da República



189. Posse da Direcção da AAC em 13 de Fevereiro de 1981  
190. Grã-Cruz da Ordem de Mérito da República Federal da Alemanha

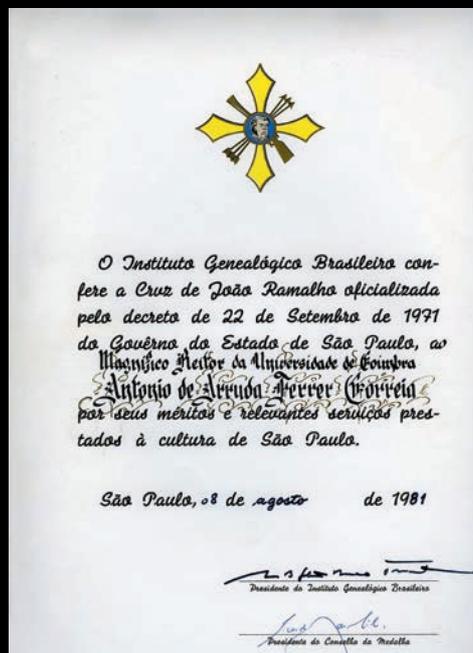
doutor em Cultura Clássica, com ele falava sobre os autores gregos e romanos. Nas palavras do classicista, nada melhor define Ferrer Correia do que a célebre frase de uma personagem de Terêncio: “Sou homem e nada do que é humano me é alheio”. Sá Furtado sublinha o mesmo aspecto da personalidade de Ferrer: “interessava-se por imensos domínios”, “lia tudo do Carl Sagan”, “a astronomia fascinava-o”. Tal como comentava Ésquilo com Pulquério, Ferrer inquiria Sá Furtado sobre ciências exactas<sup>84</sup>.

Embora se tenha revelado, sem dúvida alguma, um homem de acção, Ferrer Correia nunca deixou de ser professor e investigador. Durante o seu reitorado publicou continuamente (consulte-se a lista cronológica das suas publicações), promoveu a realização de encontros científicos, foi um dos fundadores do Instituto de Direito Comparado Luso-Brasileiro, proferiu conferências em Portugal e no estrangeiro e, no termo do seu mandato, iniciou a regência da cadeira de Direito Internacional Privado na Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa (Lisboa). Por ser sempre também um homem do pensamento, as distinções com que o agraciavam sucediam-se. Em 1981 foi-lhe conferido pelo Instituto Genealógico Brasileiro a Cruz João Ramalho pelos méritos e relevantes serviços prestados à cultura e, ainda no mesmo ano, recebeu o título de Professor *honoris causa* da Faculdade Católica de Direito de Santos (Brasil)<sup>85</sup>.

Em 1981-82 inicia-se o seu último ano de serviço à Universidade, que, por via do limite de idade imposto à Função Pública, teria de abandonar em Agosto, ao completar os 70 anos de vida. Momento marcante na vida de Ferrer deste ano lectivo foram, sem dúvida, o facto de receber na Universidade o Papa João Paulo II e lhe outorgar o título de doutor *honoris causa* por todas as Faculdades, iniciativa que dele partira. Outros momentos maiores deste ano viveu-os nas inúmeras homenagens com que foi acarinhado na jubilação. Nenhum outro reitor colherá tantos aplausos e manifestações de apreço e admiração, vindos de todos os quadrantes.



191. *Diário de Coimbra* de 18 de Janeiro de 1982: “A gravura mostra o presidente da Liga Portuguesa dos Direitos Humanos, dr. Almeida Ribeiro no uso da palavra durante a reunião nacional dos rotários, realizada sábado, na Biblioteca Joanina da Universidade”
192. *Diário de Coimbra* de 15 de Janeiro de 1982. “Momento em que o Prof. Ferrer Correia acabava de receber das mãos de Mário Romiti o título de Doutor ‘Honoris Causa’ com que foi distinguido pela Faculdade Católica de Direito de Santos (Brasil).  
À esquerda mais dois juristas brasileiros, Vicente Cascione e Eustáquio Oswaldo.”



193. Cruz João Ramalho

194. Diploma da Cruz João Ramalho

## **Distinção para o Prof. Ferrer Correia**

# **«Este título há-de orgulhar-me para sempre»**

«Vossa Excelência resume todos os valores desta cidade e de todas as cidades em que se funde a Nação» — disse, ontem, o Dr. Vicente Cascione, da Faculdade Católica de Direito de Santos durante a cerimónia de entrega do título de Doutor «honoris causa» ao Prof. Ferrer Correia

O reitor da Universidade de Coimbra respondeu que o título que lhe foi outorgado representa para ele uma distinção de que para sempre se há-de orgulhar.

A cerimónia, realizada na Reitoria da Universidade, foi presenciada por um grande número de pessoas. Entre a assistência contavam-se os vice-reitores, presidentes de conselhos científicos e directivos das Faculdades, professores, assistentes e os juristas brasileiros que entre nós têm frequentado um ciclo especialmente organizado pela Faculdade de Direito de Coimbra.

O elogio do homenageado foi feito pelo Dr. Vicente Cascione

e a entrega do documento que confere o elevado grau ao Prof. Ferrer Correia coube ao Dr. Mário Romiti (também professor da Faculdade Católica de Direito de Santos).

Vicente Cascione, referindo-se ao reitor Ferrer Correia, disse que ele «é hoje a estrela maior desta constelação em que nenhuma luz jamais se apagou».

«Na figura maior desta Universidade está contida uma das maiores figuras que escreveram a história deste templo. E tal

testemunho ouvi-o também e até pela expressão unânime destes doutores e o reconhecimento dos contemporâneos é coisa rara» — afirmou Vicente Cascione.

Este salientaria, mais adiante, que o reconhecimento a Ferrer Correia «é a consagração do pensamento, das ideias e da riquíssima obra que construiu».

«Vossa Excelência é e será eternamente parte vital e indiscutível deste universo especial» — disse ainda o Dr. Vicente Cascione, antes de sublinhar que a partida de Coimbra é marcada por «uma saudade incomum». «Porque incomuns são a cidade e a terra e, acima de tudo, os senhores que nos cumularam de amor».

### **A DISTINÇÃO É PARA A UNIVERSIDADE**

Depois de agradecer as honrosas palavras que lhe haviam sido dirigidas, o Prof. Ferrer Correia disse que se estava perante «uma homenagem singular», que o «desvanece e honra sobremaneira».

Mas o reitor da Universidade de Coimbra sublinharia, mais adiante, que não era a sua pessoa que estava verdadeiramente em causa. «Foi outro alvo, muito acima e além de mim, que a insigne e ilustre congregação dos mestres da Faculdade de Santos pretendeu visar. Na minha pessoa pretendeu ela homenagear esta Alma Mater *Coimbragensis* — nobre instituição de passado pluri-secular, para sempre ligada à história da cultura e do pensamento científico em Portugal».

Saliente-se que a Faculdade Católica de Direito de Santos concedeu apenas três vezes em 30 anos a distinção ontem entregue ao Prof. Ferrer Correia.



196 e 197. Recebendo Senghor e Ramalho Eanes



198 e 198. No gabinete da Reitoria da Universidade de Coimbra



## « ESTAMOS DE ACORDO COM AS LINHAS DE DESENVOLVIMENTO DA REGIÃO CENTRO»

— AFIRMOU ONTEM EM COIMBRA O VICE - PRESIDENTE DA C. E. E.

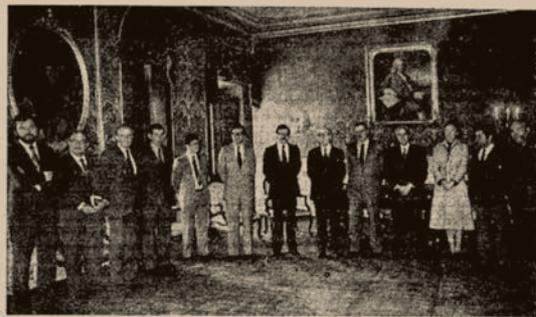
«Escutámos com muito interesse a exposição feita pela Comissão de Planeamento da Região Centro quanto aos planos de desenvolvimento regional, e posso afirmar que estamos de acordo quanto às linhas de desenvolvimento da região interior e sobre as quais a CEE dará certamente a sua ajuda» — afirmou ontem no fi-

nal duma reunião de trabalhos havida na Comissão de Planeamento da Região Centro, Lorenzo Natali, vice-Presidente da Comunidade Económica Europeia (CEE).

Natali deslocou-se a Coimbra vindo do Norte onde teve idênticos contactos com as autoridades locais, para apreciar «in loco» as propostas feitas

já pelo Governo Português, e que se inserem na linha de projectos que a CEE irá financiar em 20 milhões de contos segundo revelou o ministro para a Integração Europeia Alvaro Barreto que também fazia parte da comitiva. A nível de autoridades de

PAGINA 4



O vice-presidente da CEE acompanhado pelo ministro da Integração Europeia e pelo governador civil de Coimbra, para além de outras individualidades e técnicos da CEE, quando ontem prestava cumprimentos ao Reitor da Universidade de Coimbra, Dr. Ferrer Correia.

(Foto Formidável)



201. 21 de Junho de 1981, no doutoramento *honoris causa* de Wilhelm Wengler, professor jubilado da Universidade Livre de Berlim. Ferrer Correia foi o seu apresentante



Conforme noticiávamos na nossa edição de ontem, o embaixador da Áustria em Lisboa, esteve de visita a Coimbra onde inaugurou uma exposição de pintura sobre a arte vianesa do fim do século. No acto da inauguração do certame, que foi organizado pela Embaixada da Áustria com o apoio da Câmara Municipal de Coimbra, e que continua patente ao público no Edifício Chiado, estiveram presentes para além daquele diplomata (o último do lado direito da gravura), o Reitor da Universidade Professor Férrer Correia, o presidente da edilidade eng.º António Moreira, o vereador Jorge Alarcão, Rodrigues Costa do Departamento de Turismo desta cidade e outras individualidades.





204. 13 de Dezembro de 1981, no doutoramento *honoris causa* de Artur Anselmo Fernandes de Castro





205 a 207. 4 de Janeiro de 1982, na cerimónia de abertura solene do ano lectivo de 1981-1982, última a que presidiu enquanto reitor

208 a 210. 15 de Maio de 1982.  
Ferrer Correia recebe o Papa João Paulo II  
na Universidade de Coimbra





# «A MAIOR HOMENAGEM QUE SE LHE PODE PRESTAR»

— NA OPINIÃO DO PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA

«É para nós motivo de júbilo ver no palco do nosso Teatro os Organismos Autónomos, as Secções Culturais e Desportivas da AAC e a sua Direcção-Geral. Estamos convictos que o sarau a realizar amanhã será a maior homenagem que se pode prestar ao Prof. Ferrer Correia».

Estas palavras foram proferidas, ontem, no «Diário de Coimbra» pelo presidente da Associação Académica, Guilherme Carreira, referindo-se ao sarau que amanhã se realizará no Teatro de Gil Vicente, pelas 21,30 horas, e que congrega os Organismos Autónomos, as Secções e a Direcção-Geral.

«Os estudantes vão prestar homenagem a uma figura que lhes é altamente querida — disse — o presidente da AAC, antes de sublinhar que o retór sempre padou a sua actuação em relação às questões estu-

tabilização das relações entre a DO, as Secções e os Organismos tornou possível que a homenagem de amanhã seja a da Academia».

«É preciso não esquecer que é a primeira vez, no fim de al-

DA ASFIXIA A MORTE DA ACTIVIDADE CULTURAL

Guilherme Carreira realçou como ponto fundamental do programa da Direcção-Geral «a definição do âmbito da actividade cultural da Associação e a precisão que tal definição passava por uma clarificação interna de relações processuais e instituições da DO, das Secções e dos Organismos Autónomos».

«O clima de confronto stáns serio e a DO proveu-se incosequente e perigoso por ter levado à stánsia, e poder conduzir à morte da actividade cultural da AAC» — afirmou o seu presidente

GIL VICENTE:

TEATRO DOS ESTUDANTES

Guilherme Carreira fez questão de salientar que também a regulamentação do Gil Vicente impedia o desenvolvimento de uma prática cultural bem definida.

«Tal regulamentação não permitia a utilização pelos estudantes e a nossa posição é a de que o Teatro é dos alunos e para os alunos é que por isso devem ser criadas condições para que esta velha pretensão se torne realidade».

O presidente da AAC referiu-se depois a uma proposta da DO, aceite pela Reitoria da Universidade, que tem como ponto principal a participação dos estudantes na gestão do Teatro de Gil Vicente.

Guilherme Carreira entende que tal proposta constitui um primeiro passo capaz de levar a alteração significativa na situação do Gil Vicente, permitindo-lhe cumprir as funções para que devia estar vocacionado desde a primeira hora: servir os estudantes.

A proposta, a entrar em vigor em 1 de Outubro, prevê a constituição de um órgão máximo — Comissão Coordenadora — que superintende em toda a actividade do Gil Vicente.

Esta Comissão será integrada

por seis elementos, dos quais três são estudantes, e tem como atribuições principais a supervisão na gestão administrativa e financeira do Teatro, o estabelecimento de linhas de orientação e da política de programação a seguir e a aprovação dessa mesma programação.

Guilherme Carreira realçou ainda a abertura do retór e a sua disposição para alterar o regulamento de utilização do Teatro quando a DO lhe manifestou a sua discordância em relação ao mesmo.

PROGRAMA DO SARAU

O sarau divide-se em duas partes para a primeira prevê-se 1,20 h. de duração e para a segunda 1,50 h.

A sessão abre com um discurso do presidente da AAC e seguem-se as actuações do Orfeon Académico, do CITAC, da Orquestra Típica, do Coro Misto e da Secção de Ginecologia. Um declamação de poemas por Aurélio Costa encerrará a primeira parte.

Na segunda intervenção o Grupo de Pados da secção respectiva da AAC, o GEFAC, o TRUC, o CLEUC, a Tuna e a Orquestra Pitagórica e será entregue ao retór uma medalha comemorativa.



Guilherme Carreira: «Confronto com Organismos e Secções foi incosequente e perigoso». Homenagem da Academia possível graças às tréguas.



Ferrer Correia: a luta pela coexistência dos objectivos dos estudantes.

dantes por uma clarividência, justiça e imparcialidade notáveis a todos os níveis».

GRATIDÃO AO MESTRE

«Entendemos que também os estudantes deviam mostrar a sua gratidão ao Mestre que é Ferrer Correia — figura para sempre ligada à Universidade e à AAC, por sempre ter sido um dos seus melhores defensores — prosseguiu Guilherme Carreira.

O presidente da Associação Académica realçou que «só a es-

quina ano, que uma iniciativa desta envergadura é levada a cabo — sublinhou.

Para Guilherme Carreira, isto demonstra ao apolo e a admiração que o retór sempre em todos os sectores da Academia de Coimbra.

Referindo-se à figura do homenageado, disse que ele sempre se bateu «pela coexistência e concórdia dos objectivos de todos os estudantes» numa alusão à revitalização cultural da AAC e acrescentou que a homenagem de amanhã acaba por ser «um justo prémio».



211. Notícia do *Diário de Coimbra* de 16 de Junho de 1982 sobre a última aula de Ferrer Correia
212. No Palácio de S. Marcos, com Carlos Sá Furtado à sua direita
213. Doutoramento *honoris causa* de Amintore Fanfani, em 5 de Maio de 1982. Da esquerda para a direita: Gonçalves Pereira, Mota Pinto, Amintore Fanfani, Ferrer Correia e Afonso Rodrigues Queiró

*Decerto que na Universidade se não contém a intelectualidade toda. Nela cabem, porém, todas as interrogações, perplexidades, angústias — em suma, toda a inquietação que caracteriza a atitude do pensador ante a sua tarefa e em geral a própria situação existencial do homem. Nela está o jovem estudante com os seus anseios renovadores, a sua recusa por vezes radical, o seu espírito utópico sempre generoso. E a par do estudante, o mestre, em quem a experiência não deve anular um afã de contínua problematização, porque antes o postula, cujo saber jamais poderá ser entendido como algo de concluso e petrificado, porque é sempre algo a caminho e em devir. Como, aliás, o próprio homem — homo viator —: o homem que vive num constante processo de ultrapassagem (na expressão de Heidegger), em “fuga” permanente — o homem cujo comportamento perante a vida tem por característica a fundamental inquietação e cuja paixão de transcender-se (“... a impressãol De haver melhor em mim do que eu”, na síntese poética de Fernando Pessoa) é o sinal da sua vera humanidade, como disse Max Scheler<sup>86</sup>. [1982]*



Em Junho de 1982 o reitor recebeu não uma, mas três homenagens promovidas por todos os corpos da Universidade. No dia 17, a Direcção da AAC, as suas secções culturais e desportivas e todos os Organismos Autónomos realizaram em conjunto e em sua honra um sarau no Teatro Gil Vicente, “A maior homenagem que se lhe pode prestar”, “justo prémio” para quem sempre se bateu “pela coexistência e coincidência dos objectivos de todos os estudantes” – na opinião do Presidente da Associação Académica. De facto, congregar assim tendências políticas e concepções culturais tão díspares (e por vezes tão hostis) como as que, na época, representavam todas estas agremiações, foi feito notável. O Teatro, com lotação esgotada, viveu nessa noite um momento de união académica como nunca víramos, nós, as autoras, nesse ano finalistas do Curso de História, sendo uma de nós orfeonista e partícipe da homenagem.

Eanes hoje em Coimbra

# Grã-Cruz da Ordem de Santiago para o Prof. Ferrer Correia

O Prof. Ferrer Correia é hoje agraciado pelo Presidente da República com a Grã-Cruz da Ordem de Santiago da Espada. Ramalho Eanes condecorará o reitor da Universidade de Coimbra durante a homenagem que esta vetusta Escola lhe presta, a partir das 11 horas, na Biblioteca Joanina.

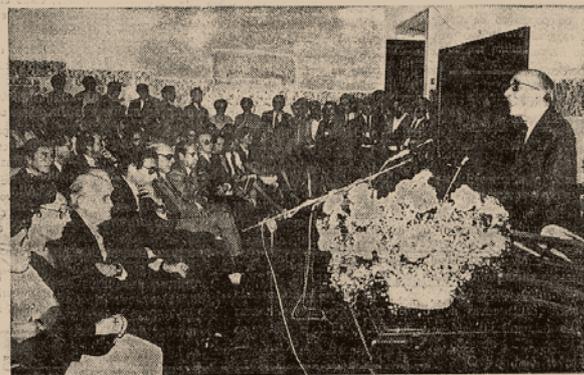
A cerimónia será presenciada por diversas entidades, que depois tomarão parte num almoço, no Palácio de São Marcos.

As homenagens a Ferrer Correia, por ocasião da sua próxima jubile

lação, começaram, na quinta-feira à noite, com um sarau no Teatro de Gil Vicente, e prosseguiram, ontem, com uma aula na Faculdade de Direito e um jantar no Palácio de São Marcos.

O sarau realizou-se por iniciativa dos actuais estudantes, através da Direcção-Geral da Associação Académica, das Secções e dos Organismos Autónomos, e o jantar, que ontem congregou várias personalidades, foi da responsabilidade de antigos alunos do Prof. Ferrer Correia e de alguns dos seus condiscipulos.

PAGINA 6



Na aula do reencontro Ferrer Correia não marcou faltas. E a lição não foi a última...



FERRER CORREIA UM HOMEM FELIZ — Conforme noticiámos desamovêdamente na nossa edição de ontem o «Domingo», o Reitor da Universidade de Coimbra, Prof. Ferrer Correia, foi alvo de três significativas homenagens: dos estudantes (na 5.ª feira), dos antigos alunos e condiscipulos (6.ª-feira) e de toda a Universidade (no sábado). A esta última associou-se o Presidente da República que condecorou o homenageado com a Grã-Cruz de Santiago de Espada. A pedido da reportagem do «DO», Ramalho Eanes e Ferrer Correia posam para a fotografia que atesta o âmbito nacional da homenagem. Ferrer Correia (na foto com a Grã-Cruz ao peito) era um homem feliz e afirmou-o publicamente. São seus os méritos dessa felicidade que soube conquistar.

## Prof. Ferrer Correia agraciado

Da 1.ª página

### ÚLTIMA AULA NÃO

A aula que Ferrer Correia ontem deu a mais de duas centenas dos seus antigos alunos registou também a presença de muitas outras figuras, nomeadamente de docentes das várias Faculdades de Universidade de Coimbra.

O Arcebispo de Braga, D. Eurico Dias Nogueira, Almeida Santos, António Arnaut, Salgado Zenha, Vital Moreira, Borges de Carvalho (deputados), o presidente do Tribunal da Relação de Coimbra, o governador civil do distrito e o presidente da Câmara foram algumas das personalidades que marcaram presença, ontem à tarde, na Faculdade de Direito.

Ferrer Correia, que falou do Direito Português na perspectiva da adesão à CEE e se referiu à adaptação a fazer ao Direito comunitário, foi longamente ovacionado, de pé, no final da sua exposição.

O homenageado disse que aquela não foi a sua última aula e acres-

centou que foi com «o maior gosto» que a deu, «para responder ao convite de muitos».

«Quero continuar a dar aulas, dada a beleza da carreira que abraço» — afirmou Ferrer Correia, antes de agradecer a presença de todos e em especial dos que não são juristas.

### «HOJE NÃO MARCO FALTAS»

Dando mostras de grande alegria e boa disposição, o Prof. Ferrer Correia iniciou a sua exposição (escutada com interesse pelos presentes) anunciando que não marcava faltas. O riso estabeleceu-se entre a assistência e voltou a ter lugar quando reitor se dirigiu a Almeida Santos e a Vital Moreira com aparte sobre as suas actividades de deputados.

No final foi o momento para a troca de cumprimentos e para o reencontro de velhos amigos proporcionado pelo reencontro com o amigo de todos que é Ferrer Correia.

Em 18 de Junho proferiu a última lição numa das salas dos Gerais perante uma imensa assembleia de alunos, colegas de todas as faculdades e diversas personalidades civis e eclesiásticas. Também os antigos alunos e condiscípulos o homenagearam, realizando-se um jantar em sua honra no Palácio de S. Marcos. Aí, onde também estivemos, se viam gerações sucessivas de antigos estudantes, desde os jovens a iniciar a sua carreira profissional, a pessoas consagradas na política, no foro, nas Academias. Finalmente, a 19, toda a Universidade lhe promoveu cerimónia de preito, homenagem que começou por ser organizada pelos Serviços Centrais, se alargou a toda a Academia e a que se associou o Presidente da República que o condecorou com a Ordem de Santiago da Espada, a mais alta condecoração para civis.

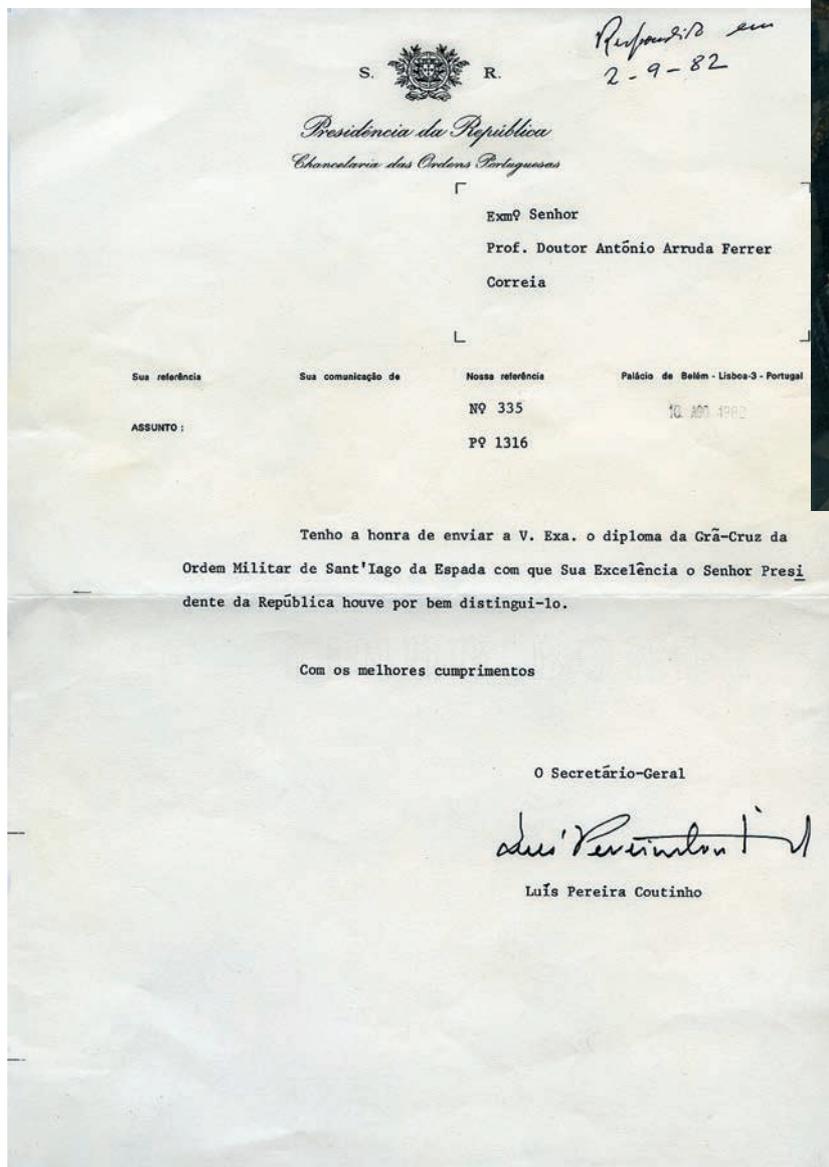
Outro reitor da Universidade de Coimbra tinha agora de ser escolhido. Pela primeira vez na sua história será eleito por representantes dos seus três corpos. O processo foi politizado e, apesar da indiscutível admiração que Ferrer Correia suscitava em todos, a Academia não elegeu Manuel Pulquério, o reitor que Ferrer preferia. Estava ainda por definir o processo de composição do Colégio Eleitoral que seria constituído por 56 professores (37,3%), 27 assistentes (18%), 52 alunos (34,7%) e 15 funcionários (10%). Para a indicação dos alunos vingou uma proposta da Direcção-Geral da AAC que preconizava que os nomes de cada Faculdade deviam ser os dos alunos com assento na Assembleia de Representantes de acordo com a sua entrada por aplicação do método de Hondt.

A imprensa local começou por noticiar, como possíveis futuros reitores, Manuel Pulquério, Pereira Coelho e Rui de Alarcão. Pereira Coelho manifestou-se indisponível e surgem outros nomes, os de Robalo Cordeiro e de Dias Urbano. O assunto mobiliza a opinião pública e os partidos políticos, mas a novidade da situação baralha e confunde os observadores. Os alunos, muito mais congregados do que os professores, tornar-se-ão decisivos na escolha. O *Diário de Coimbra* dá informações contraditórias: a JSD deverá votar em Manuel Pulquério, a Juventude Centrista está indecisa entre Manuel Pulquério e Robalo Cordeiro, a Juventude



217. Homenagem das meninas da Casa de Infância Doutor Elísio de Moura. 1982





218. Homenagem dos Estudantes. 1982
219. Ofício comunicando a atribuição da Grã-Cruz da Ordem Militar de Santiago da Espada
220. Na cerimónia de entrega da Grã-Cruz da Ordem Militar de Santiago da Espada, com Ramalho Eanes e Luís de Albuquerque à sua esquerda

221. Notícia do *Diário de Coimbra*  
de 14 de Julho de 1982
222. Na embaixada de Itália acompanhado  
da mulher na cerimónia de entrega  
da Grã-Cruz da Ordem de Mérito Italiana

**Condecoração para Ferrer Correia**

BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE  
JORNAIS  
COIMBRA

**« DA UNIVERSIDADE  
MAIS DO QUE MINHA »**

O Prof. Ferrer Correia, que  
foi agraciado, em Lisboa  
com a Grã-Cruz da Ordem de  
Mérito da República Italiana,  
considerou a condecoração co-  
mo atribuída mais à Universi-  
dade de Coimbra, de que é rei-  
tor, do que a si próprio.

No acto de imposição das in-  
signias, que constituem a mais  
elevada distinção italiana, o em-  
baixador Mário Magliano elo-  
giou a figura e a obra de Fer-  
rer Correia.

Afirmou depois que «a ex-  
pansão de Portugal pode au-  
mentar» e que disso necessita  
a própria Europa «num mo-  
mento em que a Comunidade  
do Velho Continente pode en-  
contrar novo alimento e impul-  
so mesmo no plano cultural,  
através da entrada de Portugal».

Mário Magliano defendeu  
que, numa época de crise e de  
conflitos em tantas áreas do  
Mundo, «Universidade e diplo-  
macia podem e devem exercer  
um papel de maior empenho».

Após sublinhar que «os ho-

PAGINA 12



Socialista entre Pulquério e Rui de Alarcão e a Juventude Comunista divide-se entre Alarcão e Dias Urbano. No dia da eleição, a 22 de Julho, os apoios noticiados são outros: os alunos Sociais-Democratas apoiam Robalo Cordeiro, os da Juventude Socialista optam por Rui de Alarcão e a Juventude Comunista apoia Dias Urbano. Manuel Pulquério encontra-se sem apoios definidos.

Na verdade, não foi assim<sup>87</sup>. A Juventude Socialista apostou em bloco e desde o início em Rui de Alarcão. Foi, aliás, esta organização juvenil a primeira a avançar com o nome de Alarcão, antes de qualquer menção do seu nome como reitorável<sup>88</sup>. A Juventude Social-Democrata hesitou, é certo, entre Pulquério e Robalo Cordeiro, acabando por apoiar este último. Quanto à Juventude Comunista, se avançou, de facto, com o nome de Dias Urbano, tal não passou – pelo menos a partir de certa altura – de uma manobra para sossegar as forças mais conservadoras que pensavam ter a sua eleição garantida. O verdadeiro candidato dos comunistas era Rui de Alarcão e a Juventude Socialista sabia-o.

Passaram à 2.<sup>a</sup> volta Rui de Alarcão, Robalo Cordeiro e Manuel Pulquério. Rui de Alarcão foi eleito a 23 de Julho de 1982.

223. Notícia do *Diário de Coimbra* de 23 de de Julho de 1982 dia da segunda volta da eleição reitoral  
224. Retrato oficial de Ferrer Correia na Galeria de Reitores da Universidade de Coimbra

**Reitor: decisão adiada para hoje**

**Rui Alarcão ou Robalo Cordeiro: um sucederá a Ferrer Correia**

Rui Alarcão ou Robalo Cordeiro sucedem, hoje, a Ferrer Correia no cargo de reitor da Universidade de Coimbra. Na eleição realizada ontem o Prof. Rui Alarcão obteve 67 votos (45,8 por cento), contra 53 do Prof. Robalo Cordeiro (38,3 por cento) e 17 do Prof. Manuel Pulquério (11,8 por cento).

Estes três cadeirantes disputam hoje a segunda volta da eleição, que dará a conhecer o sucessor do Prof. Ferrer Correia. Dos 150 elementos que integram o Colégio Eleitoral votaram 147, tendo sido escrutinados 148 boletins validamente expressos. Na urna foram, contudo, encontrados 148 sufrágios.

A Mesa que presidiu à votação explicou que isto se deve ter ficado a dever à entrega de dois boletins a um mesmo eleitor, hipótese que ganha consistência tendo em atenção o voto branco que foi escrutinado.

Pereira Coelho (4), Ribeiro Gomes (2), André Crabê Rocha, Eduardo Correia e Figueredo Dias (1) foram os outros Professores votados pelo Colégio Eleitoral.

Recorde-se que para ter sido eleito à primeira volta, qualquer dos candidatos deveria ter recolhido mais de 50 por cento dos votos úteis.

Em relação ao que publicámos na nossa edição de ontem, há a referir a inexistência de votação em Dias Urbano, tido até certa altura como o candidato a apoiar pelos comunistas.

PÁGINA 18



Guilherme Carreira (presidente da AAC) e o Prof. Ferrer Correia. Dois votos para a sucessão e uma imagem que hoje se repete

**Expectativa ontem e hoje**

A expectativa quanto ao desenlace da eleição de novo reitor levou alguns sectores universitários a desenvolverem contactos junto do Prof. Manuel Pulquério no sentido de que este viesse a desistir da segunda volta. Essas tentativas — segundo apurámos ao encerrar esta edição — não foram bem sucedidas, dado que o Prof. Pulquério decidiu não desistir por razões de princípio.

A expectativa gerada não é estranha a politização que envolveu o processo nos últimos dias e que, aliada à estratégia comunista (que referimos noutra local desta edição), pode trazer novos dados para a segunda volta. Nessa eventualidade radica hoje a expectativa criada ontem.

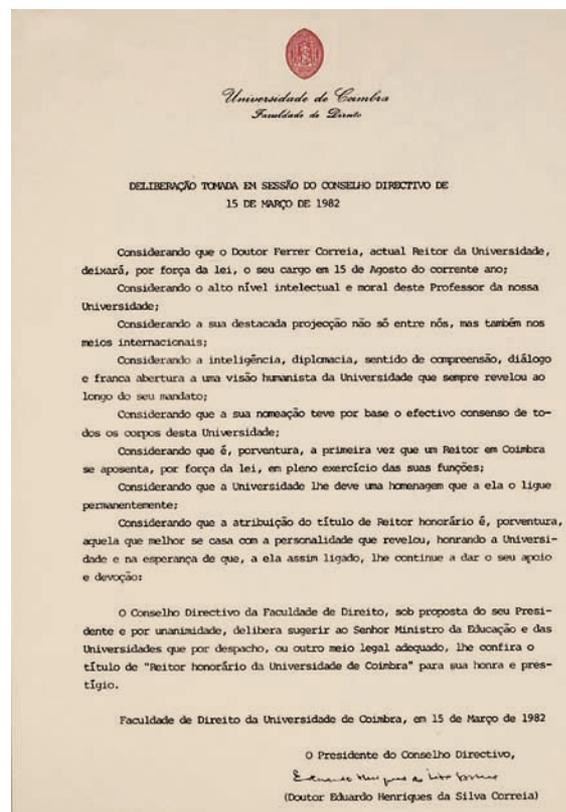




ADMINISTRADOR DA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN  
E REITOR HONORÁRIO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
(1982-1992)

---

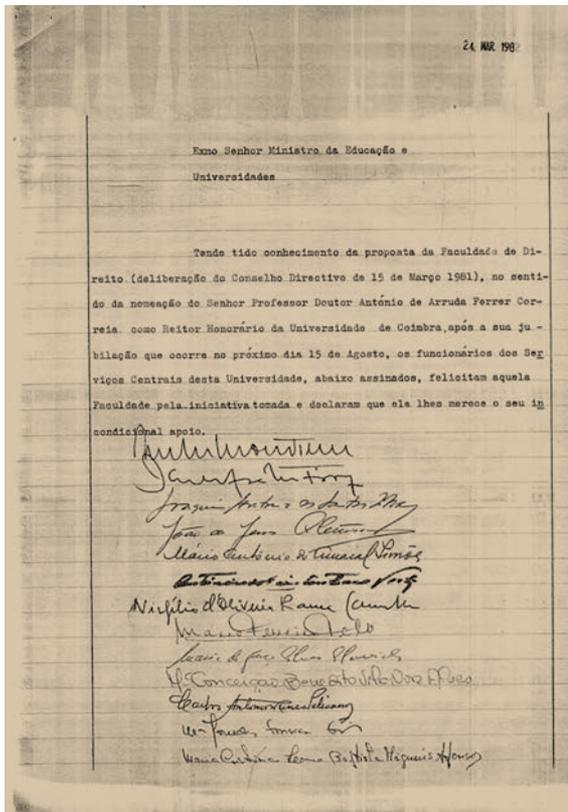




226

*Desempenhei essas funções [de Reitor] até à jubilação em 1982, tendo a comunidade universitária resolvido atribuir-me o título de Reitor Honorário, que o Ministro da Educação Fraústo da Silva houve por bem homologar num despacho extremamente elogioso*<sup>89</sup>. [2002]

A eleição do reitor efectuara-se em Julho, cerca de um mês antes da jubilação de Ferrer Correia, porque este atingia o limite de idade a 15 de Agosto, em plenas férias lectivas. A Universidade reservava-lhe ainda uma distinção que nunca antes conferira nem voltaria até agora a conferir: a sua designação como Reitor Honorário da Universidade de Coimbra, proposta pela Faculdade de Direito, no que foi secundada por todas as Faculdades, AAC e funcionários. A Academia quis homenagear o homem que considerava ser cidadão e professor exemplares, o humanista, a grande figura de nível nacional e internacional e o seu desempenho no cargo de Reitor. O título foi homologado pelo Ministério da Educação e atribuído a 15 de Agosto. No dia seguinte o *Jornal de Notícias* caracterizava-o como tendo perfil de candidato a Presidente da República.



227

A Faculdade de Direito prestou-lhe ainda uma outra homenagem que simbolizava o *terminus* da actividade do professor. A 11 de Novembro, dois dias após a tomada de posse do novo reitor, em sessão aberta por este no seu primeiro acto oficial, pôde ouvir-se a “oração” proferida por Orlando de Carvalho que, com notabilíssima profundidade, capacidade analítica e brilhantismo expositivo, lhe traça o perfil de Homem e de Académico, no que é, indiscutivelmente, o melhor texto alguma vez escrito sobre Ferrer Correia e aqui tão profusamente citado<sup>90</sup>. A sua terra natal também o não esqueceu. A Assembleia Municipal de Miranda do Corvo, por proposta da Câmara Municipal, decidiu conceder-lhe a Medalha de Mérito do Concelho em reunião de 27 de Novembro de 1982. A cerimónia decorreu mais tarde, a 8 de Maio de 1983, na aldeia onde nascera, o Senhor da Serra. Finalmente, num último preito, ainda neste ano de 82, a Universidade publicou-lhe em livro (*Discursos e entrevistas*) as suas muitas intervenções públicas.

226. Deliberação da FDUC pedindo ao Ministro que lhe confira a Ferrer Correia o título de Reitor Honorário da Universidade de Coimbra  
 227. Subscrição da Universidade de Coimbra dirigida ao ministro apoiando a proposta da FDUC para a concessão de título de Reitor Honorário, datada de 15 de Março de 1982



228. Sala dos Capelos, 9 de Novembro de 1982:

posse do reitor Rui Alarcão.

Da esquerda para a direita o Reitor Honorário,  
os representantes das diferentes universidades portuguesas:

Rosado Fernandes (Universidade de Lisboa),

Oliveira Ramos (Universidade do Porto),

Esperança Pina (Universidade Nova),

Mesquita Rodrigues (Universidade de Aveiro)

e Lino Craveiro da Silva (Universidade do Minho)

229. Sala do Senado, 9 de Novembro de 1982: posse do reitor Rui Alarcão

230. Na tomada de posse dos vice-reitores Poiares Baptista e Jorge Veiga

231. Notícia sobre a “última aula” e a homenagem de 11 de Novembro



## A PRAXE DITOU A AUSÊNCIA DO HOMENAGEADO

# FOI ONTEM DADA A «ÚLTIMA AULA» DO PROFESSOR FERRER CORREIA

Decorreu ontem, segundo a praxe académica, a «última aula» do Prof. Dr. Ferrer Correia que mais não foi do que uma sessão de homenagem ao agora reitor honorário da Universidade de Coimbra, por este ter atingido a jubilação.

Como é característico neste tipo de actos o homenageado não esteve presente.

Estiveram presentes na homenagem o actual Reitor da Universidade de Coimbra, Prof. Rui Alarcão, — primeiro acto a que presidiu depois que tomou posse — o Prof. Mota Pinto, repre-

sentando o Conselho Directivo da Faculdade de Direito, entidade promotora, para além de muitos outros professores, assistentes e alunos.

O professor catedrático Or-

lando de Carvalho foi o orador oficial que, durante cerca de uma hora, fez uma completa «radiografia» de Ferrer Correia, tendo dissecado todos os múltiplos aspectos do homenageado.

Anteriormente prevista para as 11 horas esta «última aula» foi adlada para as 18 horas, tendo começado quando os ponteiros do relógio da Torre da



232. No dia em que recebeu a Medalha de Mérito do Concelho de Miranda do Corvo. Senhor da Serra, em 8 de Maio de 1983
233. Diploma da Medalha de Mérito do Concelho de Miranda do Corvo



## Diploma

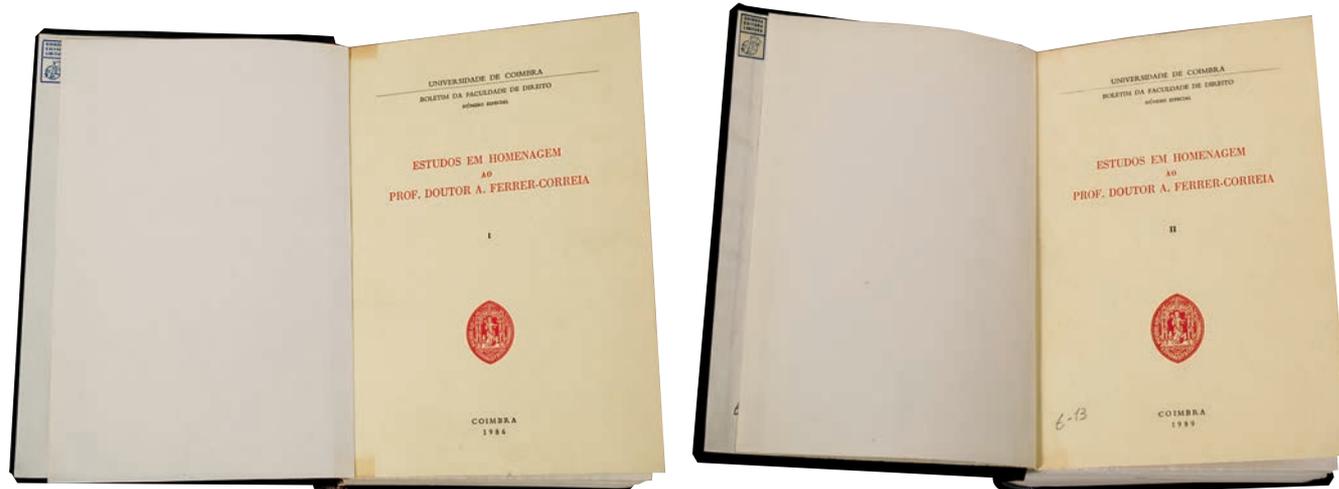
A Assembleia Municipal por proposta da Câmara Municipal, na sua reunião de 27/11/82 teve a honra de conceder a Prof. Dr. António de Almeida Ferrer Correia a *Medalha de Mérito do Concelho de Miranda do Corvo*, pelos relevantes serviços prestados ao concelho.

Miranda do Corvo, 8 de Maio de 1983

Câmara Municipal

Assembleia Municipal

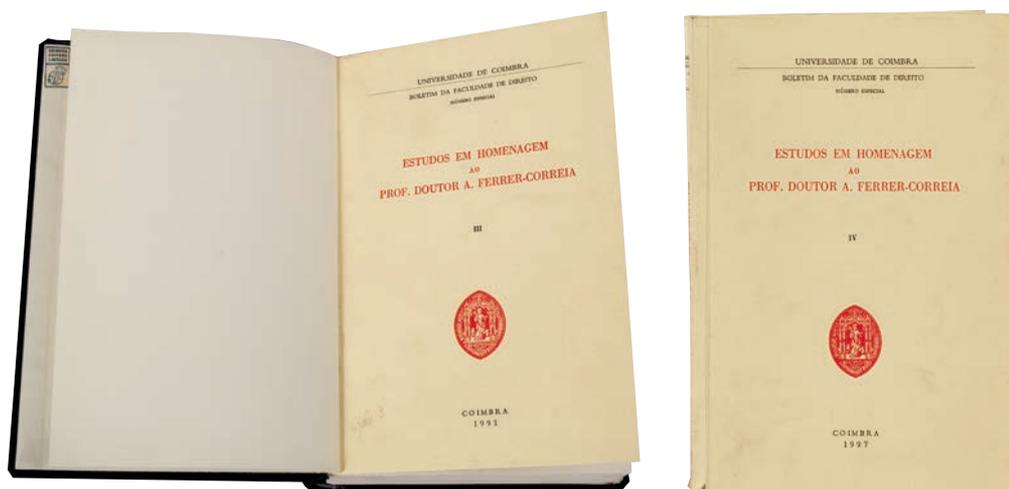
234 a 237. Quatro volumes do *Boletim da Faculdade de Direito em homenagem a Ferrer Correia*



*A minha Universidade continua a ser a de Coimbra. Só que, por força da lei, não posso aqui dar aulas. Aceitei, portanto, para não cortar de vez com o ensino, dar algumas aulas de Direito Internacional Privado na Universidade Católica de Lisboa<sup>91</sup>.*

[1990 ou 1991]

Depois da jubilação, passou a trabalhar a tempo inteiro em Lisboa, na Fundação Calouste Gulbenkian e na Universidade Católica. Vinha todos os fins-de-semana a Coimbra, onde Ângela permanecera, onde ele fazia questão de estar enquanto Reitor Honorário da Universidade, onde continuava a dirigir o Centro Interdisciplinar de Estudos Jurídico-Económicos e onde, com a colaboração de devotos assistentes, pontuava enquanto parceiro. Viajava muito para o estrangeiro, não prescindindo da companhia da mulher.



A 10 de Junho de 1983, na cerimónia nacional realizada na Aula Magna da Universidade Clássica de Lisboa, competiu a Ferrer Correia proferir o discurso comemorativo do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades. Debruçou-se sobre o tema *O universalismo e o humanismo na mundividência lusíada*. Em 1984 é-lhe atribuída a Medalha de Ouro da cidade de Coimbra e o Coro dos Antigos Orfeonistas<sup>92</sup> elege-o seu primeiro sócio honorário. Entre 1986 e 1997 a Faculdade de Direito publica quatro volumes do *Boletim* em sua homenagem. É entrevistado por jornais nacionais, como acontece a 18 de Dezembro de 1984, dia em que *A Capital* publica uma entrevista de Ferrer enquanto administrador da Fundação Calouste Gulbenkian e onde ele se refere sobretudo à educação, pelouro de que é responsável.

Continua a ser nomeado para cargos oficiais: Presidente da Comissão de Reforma de Legislação Comercial Portuguesa (1985), vogal do Conselho Superior de Magistratura (1985)<sup>93</sup>, Presidente da secção portuguesa da Comissão Internacional do Estado Civil (1986).

A 7 de Maio de 1986 decorreu em Coimbra o doutoramento *honoris causa* do presidente do Brasil, José Sarney, que escolheu Ferrer Correia para seu apresentante; em 1987 o Governo do Brasil atribuiu-lhe a Grã-Cruz da Ordem do Rio Branco (entregue no ano seguinte em cerimónia oficial); e em 1988 a Universidade de Aveiro doutorou-o *honoris causa*.

Como salienta Rui de Alarcão “a Ferrer Correia não interessa apenas a lei “in the books”, mas a lei “in action”. Daí que tenha sempre prezado a sua actividade como *jurisconsulto* empenhado na acção concreta, quer judiciária quer extrajudiciária, contrastando na prática o saber teórico, com vantagem para este e para aquela. Advogado, e sobretudo autor de pareceres, dos mais eminentes e acatados, vê nisso a unidade do pensamento e da acção. A busca dessa unidade não deixou, por certo, de estar presente no espírito de Ferrer Correia ao assumir a administração da Fundação Calouste Gulbenkian e a Reitoria da Universidade de Coimbra”<sup>94</sup>.

# GULBENKIAN TEM TRIPLA ACTIVIDADE NO DOMÍNIO DA EDUCAÇÃO EM PORTUGAL

mes das Ordenações Afonanas. A importância histórico-cultural desta iniciativa dispensa comentários.

«Decreto que o nosso sector editorial é do âmbito limitado. Ainda assim, penso que ele figura entre as iniciativas de maior interesse cultural da Fundação Gulbenkian.»

O prof. Ferrer Correia lembrou-nos, também, que a Fundação de apoio à edição do «Guia de Portugal» tenha sido levada a termo, com a publicação dos volumes IV

— Entre-Douro e Minho — e V — Trás-os-Montes e Alto Douro. «Como se sabe, está presentemente em curso a redição dos volumes anteriores. Ao encerrar este empreendimento, a Fundação outro escopo não visou senão o de colocar à disposição do público a obra que Raul Proença concebeu e em parte realizou nos anos vinte; uma obra que, pela sua traça, rigor e a alta qualidade da colaboração que inclui, é já um clássico da nossa cultura.

## Outras actividades

Outras actividades directas desenvolve ainda o serviço de Educação.

«Acho que tem interesse referir que o serviço promove, sob sua responsabilidade, determinadas acções de aperfeiçoamento de agentes de ensino, já organizando estágios no estrangeiro para professores de línguas vivas (em colaboração com o British Council e o Goethe Institut), já metendo ombros à tentativa de renovação dos métodos de ensino/aprendizado de certos ramos científicos: são os cursos de actualização para professores de Biologia e de Ciências Físico-Químicas; é a publicação da obra «Ciências do Ambiente — Livro do Professor»; é a tradução portuguesa do currículo norte-americano conhecido pelo nome de «Projecto Físicas». Foi também criado um grupo de trabalho, formado por reputados especialistas portugueses, para o estudo das metodologias e técnicas a utilizar na educação de crianças deficientes auditivas. As conclusões do trabalho deverão ser publicadas no próximo ano. Será um livro com o título de «A criança deficiente auditiva — situação educativa em Portugal».

«Não quero abandonar este assunto das actividades directas sem referir que em breve (segundo espero) se vai abrir ao público, sob responsabilidade do Serviço de Educação, a biblioteca especializada do antigo Centro de Investigação Pedagógica da Fundação Gulbenkian. A biblioteca, que é sem dúvida uma das mais ricas do país nas áreas da Pedagogia, Psicologia e Psicopedagogia, funcionará em Lisboa, na Avenida de Berna, no prédio fronteiro ao da sede da Fundação. Trata-se, creio, de uma boa notícia para todos os estudiosos daqueles ramos científicos e em geral para os professores dos vários graus de ensino.»

Entrando agora no capítulo dos programas realizados em colaboração com outras entidades, o prof. Ferrer Correia enumerou as mais importantes:

«Antes de tudo, uma referência para o domínio da educação pré-escolar. Também aí se tem procurado intervir na formação dos agentes educativos, quer patrocinando iniciativas alheias (como é o caso, mais recentemente, do curso de formação pedagógica-complementar e de Educadores de Infância proposto pela Escola de Educadores de Infância de Lisboa e co-financiado pela Fundação Aga Khan), quer promovendo directamente acções de formação, entre as quais merece destaque o denominado «Projecto Alcácer», que foi financiado conjuntamente pela Fundação Gulbenkian e pela Fundação holandesa Bernard van Leer. Os objectivos primários deste projecto são: preparar os pais, as direcções dos centros infantis e em geral a comunidade em que estes se inserem para a assunção de um papel activo na educação das crianças em idade pré-escolar; e a formação pessoal para o desempenho de funções educativas nos jardins de infância.

«Por outra parte, a Fundação Gulbenkian compartilha nos custos de um programa estudado e posto em prática pela Direcção-Geral do Ensino Básico, para a criação de uma rede de núcleos locais de apoio a crianças marcadas pelo inaceitável escolar, no âmbito dos Serviços de Apoio à Criança e das Unidades de Orientação Educativa.»

A Fundação Gulbenkian prepara-se ainda para intervir no difícil problema do alojamento dos estudantes universitários:

«Verdadeiramente, até já começou a faz-lo. Em Coimbra, os Serviços Sociais da Universidade vão iniciar em



O prof. Ferrer Correia é o administrador responsável pelo sector da educação na Fundação Gulbenkian

breve a construção de uma Residência para 90 alunos, para o que já dispõem de um vultoso subsídio da Fundação. Em Lisboa, acaba de ser adquirido um prédio para o mesmo fim, com dinheiros dados pela Fundação aos Serviços Sociais da Universidade Nova. O donativo elevou-se a 70 mil contos e a nova residência terá capacidade para albergar entre 100 e 120 estudantes. Neste segundo caso, o Serviço de Cooperação com os Novos Estados Africanos de Expressão Portuguesa, que é orientado superluminosamente pelo dr. Vítor de Sá Machado, associou-se ao de Educação, tendo ficado estipulado no convénio celebrado com a Universidade que a Fundação Gulbenkian assistirá o direito de preencher, com estudantes oriundos daqueles países, até 40% da lotação da residência.

«Propomos-nos continuar a trabalhar em moldes idênticos nas outras cidades universitárias. Como resultado imediato do exposto, o nosso objectivo não se esgota no de contribuir para aumentar a capacidade de alojamento dos alunos por parte dos Serviços Sociais das Universidades — capacidade essa que, como é geralmente sabido, é muitíssimo reduzida. Para além disso, que já seria de per si razão bastante para justificar a intervenção da Fundação Gulbenkian, move-nos o intuito de oferecer aos mencionados países africanos — com os quais o Estado português deseja manter um relacionamento cada vez mais estreito e fecundo — as condições mínimas necessárias para que eles possam formar aqui, em Portugal, os seus quadros superiores. Ou antes: move-nos o intuito de concorrer,

em tanto quanto isso nos seja possível, para que tal objectivo, de grande importância (como é óbvio) para as duas partes, seja alcançado. Pelo que respeita a projectos a desenvolver em associação com terceiros, este constitui uma das prioridades do Serviço de Educação para os anos próximos.»

Resta tratar da matéria dos subsídios a terceiros:

«Pensamos continuar o nosso apoio ao chamado Ensino Especial ou Ensino para Deficientes. Ela uma área em que a Fundação tem marcado neste últimos dez anos uma presença bastante significativa (que nem sempre temos visto publicamente reconhecida). Largos dinheiros têm sido aí investidos, assim se ajudando as sete ou oito dezenas de instituições existentes (nomeadamente Associações e Cooperativas — as C. E. R. C. I. S.), muitas delas criadas com o nosso apoio, a melhor desempenhar a sua difícil missão de educar as crianças deficientes. Utilmente, e de acordo com as orientações pedagógicas dominantes, temos vindo a auxiliar de preferência aquelas iniciativas que visam, não a educação dos alunos em regime de isolamento ou segregação, mas a real integração deles em comunidades de alunos, ponto de partida para a sua inserção na sociedade, que é verdadeiramente o objectivo a atingir. Outros nos propomos prosseguir a nossa acção na área da educação pré-escolar, mediante a concessão de subsídios aos numerosos estabelecimentos que já existem ou venham a ser criados, em ordem a melhorar as condições de funcionamento pedagógico dessas belas instituições que são os jardins de infância.

«O ensino superior é outro dos sectores que consideramos prioritários (como, aliás, se viu já, ao focar-se o problema das residências universitárias). O Serviço de Educação continuará a apoiar as bibliotecas das universidades (onde se registam agora carências bastante graves), a aquisição de equipamento didáctico e áudio-visual, a publicação de teses de doutoramento e a realização de cursos de mestrado. Não se esqueça, porém, que também neste domínio a Fundação não pretende senão exercer uma acção complementar da das instâncias oficiais. De sublinhar igualmente o apoio e mesmo o estímulo que de há muito vem sendo dado às actividades culturais (teatro, cinema, artes plásticas, música, etnografia) de que as próprias associações estudantis tomam a iniciativa ou que, de todo o modo, se dirigem aos estudantes. Também algumas realizações de intercâmbio científico já temos sido patrocinadas.»

E, a concluir, o prof. Ferrer Correia disse-nos:

«Mencionarei, ainda, a ajuda que o Serviço tem dado a bibliotecas de Escolas Preparatórias e Secundárias e a Centros de Actividades de Tempo Livre. Quanto, por último, ao apoio dado pelo Serviço a iniciativas de terceiros, desnecessário é dizer que são inúmeros os subsídios que temos concedido para todos os pontos do País. Mencionarei apenas, pelo seu vulto e pela importância dos projectos em causa, os que foram atribuídos à Universidade Católica Portuguesa para construção ou ampliação de instalações em Lisboa e Porto, e à Câmara de Coimbra para construção do novo edifício da Biblioteca Municipal.»

## QUEM É O PROF. FERRER CORREIA

António de Arruda Ferrer Correia nasceu em 15 de Agosto de 1912, em Sombó, Miranda do Corvo. Fez os seus estudos de Direito na Universidade de Coimbra, onde se licenciou em 1935 e se doutorou em 1939. Sucessivamente professor auxiliar, extraordinário e catedrático da Faculdade de Direito de Coimbra, aí ensinou Introdução ao Estudo do Direito, Direito Civil e Direito Processual Civil, Direito Comercial e Direito Internacional Privado. Fundou, em 1965, o Centro de Direito Comparado, e em 1974 o Centro Interdisciplinar de Estudos Jurídico-Económicos da Universidade de Coimbra. Foi reitor desta universidade entre 1978 e 1982 — ao em que atingiu o limite de idade; nessa ocasião, foi-lhe atribuído o título de reitor honorário da mesma universidade, distinção que foi conferida pela primeira vez. A sua obra científica abrange o Direito Penal, o Direito Civil e o Direito Comercial, o Direito Comparado e o Direito Internacional Privado.

É membro de muitas organizações internacionais no âmbito da sua especialidade, como, por exemplo, o Instituto de Direito Internacional. Em 1975 regou um curso na Academia de Direito Internacional, de Haia.

Tem-lhe sido atribuídas várias distinções honoríficas, tanto em Portugal como no estrangeiro.

Faz parte, desde 1959, do conselho de administração da Fundação Gulbenkian.



Belém do Pará  
Setembro de 1983  
(adaptação do discurso do  
10 de Junho)

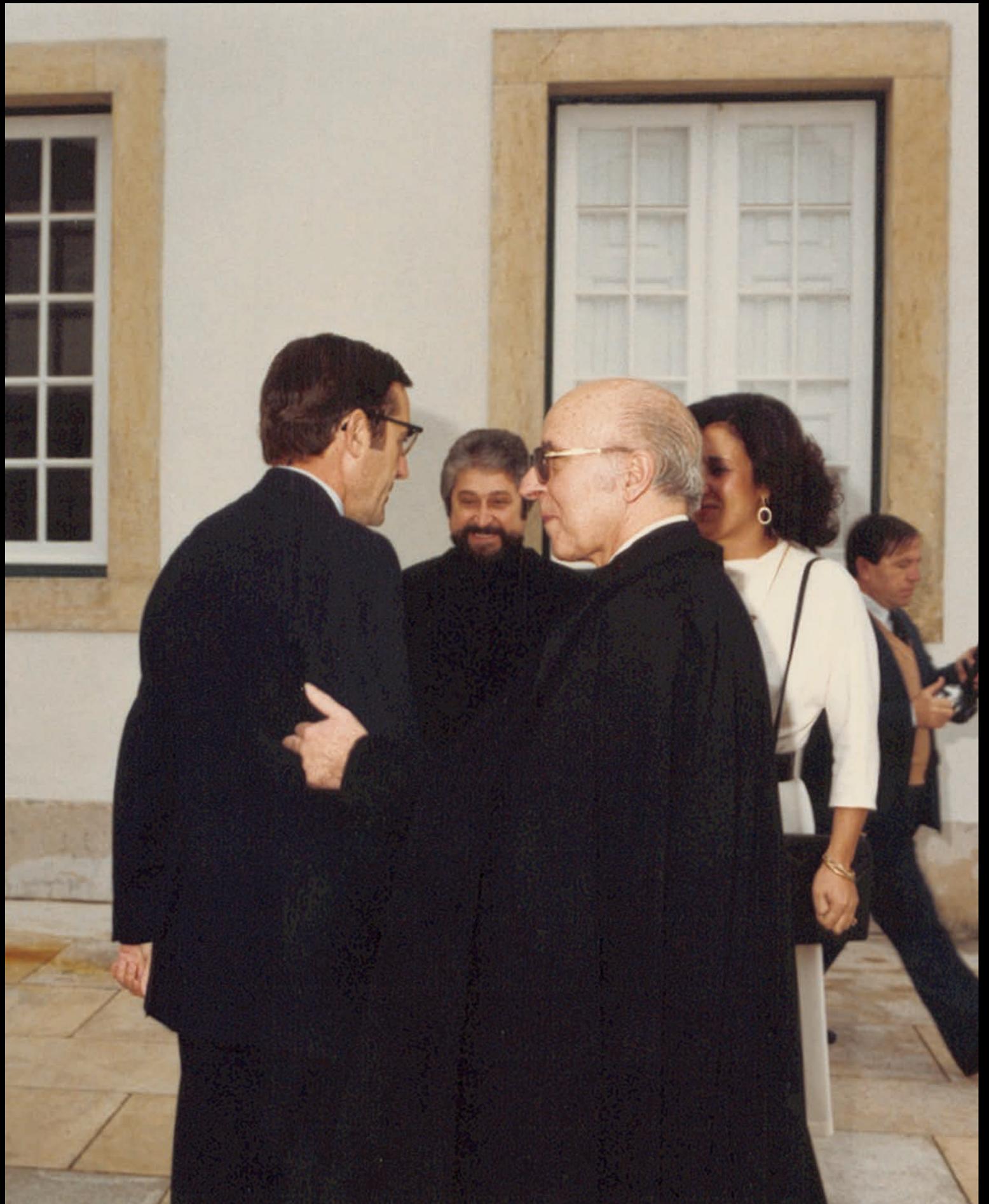
1. Em 10 de Junho passado — dia que ~~como caberia~~ consagramos à evocação dos valores perenes da nossa grei : dia de Portugal, de Camões e das Comunidades portuguesas — tive a honra excelsa de ser o orador oficial na sessão solene comemorativa da efeméride. Em anos anteriores, representantes eminentes do nosso escol intelectual — poetas, escritores, pensadores, professores, cientistas ~~homens da estatura de Jorge de Sena, Vergílio Ferreira, Fernando Namora, Vitorino Magalhães Godinho, David Mourão-Ferreira, Eduardo Lourenço, Agustina Bes-sa Luís, Azeredo Perdigão~~ — haviam dissertado sobre Camões e os Lusíadas, sobre a identidade do povo português ( o que fomos, o que somos, o que ambicionamos ser ), sobre as comunidades portuguesas esparsas pelo vasto mundo e o que representam no todo nacional.

resolvi  
Por mim, assumir como tarefa, baseando-me no itinerário histórico do nosso povo e em testemunhos do presente, <sup>a de</sup> tentar definir ou avivar alguns dos traços mais impressionantes do perfil espiritual dos portugueses como nação : falei sobre universalismo e humanismo na mundividência lusíada.

Convidado para abordar agora de novo esse tema, repetin



241. Na Reitoria da Universidade de Coimbra, em 9 de Outubro de 1983,  
durante a visita do Presidente da República Popular de Moçambique à Universidade de Coimbra  
242. No Palácio de S. Marcos, em 30 de Novembro de 1983, durante a visita do Primeiro-Ministro à Universidade de Coimbra  
243. Com Ramalho Eanes, Jorge Veiga e Luísa Veiga na Abertura Solene das aulas do ano 1984-1985





244. Recebendo a Medalha de Ouro da cidade de Coimbra das mãos do Presidente da Câmara Municipal, Mendes Silva (1984)  
245. Doutoramento *honoris causa* de Orlando Ribeiro e Macário Santiago Kastner, em 17 de Julho de 1984  
246. Com a Medalha de Ouro da cidade de Coimbra acompanhado de Mário Mendes (1984)





247 e 248. Na Sala do Senado da Universidade de Coimbra, por ocasião da visita dos reis dos Belgas em Outubro de 1984





249 a 251. Na Escola do Senhor da Serra durante a visita do ministro da Educação José Augusto Seabra em 11 de Janeiro de 1985



250

251

Fundação Calouste Gulbenkian

Pelouro de Educação

Gabinete do Administrador

Lisboa: 1

24. 3. 86

Senhor Presidente:

Não tive ainda ocasião de lhe  
apresentar as minhas felicitações e as  
minhas sentidas homenagens pela sua  
recente investidura na função correspon-  
dente à mais alta magistratura do Es-  
tado. Homenagens devidas por este "dis-  
creto" mas convicto democrata, que eu  
seu e sempre fui, ao grande paladino  
da Democracia e do Socialismo e da  
liberdade, que é o Senhor Dr. Afonso  
Soares.

Estou absolutamente certo de que o

Fundação Calouste Gulbenkian

Pelouro de Educação  
Gabinete de Administradores  
Lisboa-1

meu Presidente da República vai desem-  
penhar aquelas funções com a maior  
dignidade e inteligência, prestigiando  
o País. Como estou seguro também  
de que exercerá o cargo exactamente  
da maneira como prometeu ao elei-  
torado que o faria, isto é: de modo  
a ser o Presidente de todos os portu-  
gueses.

Que os fados o protejam na sua  
ardua missão!

Rec-o-the, Senhor Presidente, eu digno  
aceitar os meus cumprimentos muito res-  
peitosos e protestos de mais elevada con-  
sideração pessoal.

António Carneiro



254. Doutoramento *honoris causa* de Pérez de Cuellar (1987)



255. No doutoramento *honoris causa* de Pérez de Cuellar, em 29 de Abril de 1987, acompanhado do Presidente da República Mário Soares, do Ministro dos Negócios Estrangeiros João de Deus Pinheiro e do Reitor Rui de Alarcão





256. Agraciado com a Grã-Cruz da Ordem do Rio Branco. 1988

257. Grã-Cruz da Ordem do Rio Branco



258 a 260. Na cerimónia de investidura da Grã-Cruz da Ordem do Rio Branco com o Embaixador do Brasil e o Ministro da Presidência, Fernando Nogueira



261. O casal no ano em que completou  
50 anos de vida em comum.  
No Estoril em casa de Fernanda Oliveira

A 4 de Setembro de 1988, o casal Ângela Maria e António Ferrer Correia celebrou as Bodas de Ouro do seu casamento. Fernanda Oliveira, amiga do casal e colaboradora cada vez mais imprescindível de Ferrer Correia, organizou a cerimónia que reuniu a família e muitos amigos: missa na Capela da Universidade acompanhada a órgão tocado por Joel Canhão e almoço no Palace Hotel do Buçaco. É feita, também, uma pequena brochura para memória. Pressionado pela mulher, Ferrer Correia confessou-se antes da cerimónia em casa de Fernanda Oliveira a um grande amigo do marido desta, o cónego e professor da Universidade Católica, José Carlos Sousa<sup>95</sup>.

*Sou crente, mas tenho por vezes problemas de fé, Deus é um mistério*<sup>96</sup>. [1989]

A 10 de Fevereiro de 1989 *O Independente* publica uma entrevista que Ferrer



ÂNGELA MARIA  
c  
ANTÓNIO

Bodas de Ouro

Capela da Universidade  
Coimbra

---

5 Setembro 1988

POR TERES PERMITIDO ENCONTRAR-NOS  
OBRIGADO, SENHOR

POR NOS TERES ENsinADO A AMAR  
OBRIGADO, SENHOR

PELOS FILHOS QUE NOS DESTE  
OBRIGADO, SENHOR

POR ESTE DIA, EM QUE NA TUA PRESENÇA  
CELEBRAMOS AS BODAS DE OURO  
OBRIGADO, SENHOR



263. Celebrando as Bodas de Ouro do seu casamento na Capela da Universidade de Coimbra em 5 de Setembro de 1988

**TRECHOS MUSICAIS EXECUTADOS**

G. Corrette    Entrada — Plein Jeu  
*Séc. XVII-XVIII*    Órgão

Haendel    Ofertório — Larghetto  
*1685-1759*    Flauta e órgão

Bach    Comunhão — Vem, Senhor dos pagãos  
*1685-1750*    Flauta e órgão

Mathias van den Ghein    Final — Fuga  
*1721-1785*    Órgão

Joel Canhão, *órgão*  
José Leandro Andrade de Campos, *flauta*

Nas Bodas de Ouro

Da

Senhora Dr<sup>ca</sup> Dona Ângela Maria

e do

Senhor Professor Doutor António Ferrer Correia

Dois corações assim, de um ouro tão fulgente:  
ouro de muito amor as suas horas todas.

Logo se vê também que brilha desde sempre,  
e nunca mais se extingue, o ouro destas bodas.

Muito afectuoso

tributo de homenagem

5 de Setembro de 1988

David H. Ferreira

Correia concedera a Francisco Cortez. O título da peça, “Ferrer sem correias”, é acutilante. Ferrer fala dos seus medos, da morte e da religião. O jornalista, notoriamente impressionado, caracteriza-o desta forma:

“É distinto como só os antigos sabem ser. Um grande professor de Direito com a única regra de “não ser escravo de nada”. Gosta da mulher acima de todas as coisas. De Beethoven e de peixe grelhado. Dizem que é vaidoso e ele diz que não. Que é *maçon* e ele diz que nunca. Arrumam-no à esquerda e ele define-se como “socialista democrata”. Nunca gostou de ditadores. É amigo de Eanes, admira Soares e foge a falar de Cavaco. O que mais lhe custa na vida é levantar cedo. Fuma um só cigarro por dia, *more*, longo e castanho. Tem um apetite devorador. Vinho, com moderação. Às vezes, um bom uísque. Deus é, para ele, um mistério e a morte o desconhecido, tem dela o medo próprio de um réu”.

“Fala com as mãos e sobretudo com os dedos”. “Dizem, mas sem ofensa, que é vaidoso, forreta e que faz mais por ser simpático do que realmente o é. Ele pensa que o acham tolerante, moderado, honesto e que sempre que pode faz o bem”.

“Há só uma coisa que não admite: que o tratem simplesmente por senhor. É *senhor doutor* ou *senhor professor* porque não roubou o título nem o herdou”.

A 8 de Março de 1989 o Ministério da Educação nomeou-o coordenador de uma comissão de apreciação dos estatutos apresentados pelas Universidades a seguir à aprovação da “Lei da Autonomia” (lei n.º 108/88, de 24 de Setembro). E, finalmente, seu anseio de tantos anos, os Estatutos da Universidade de Coimbra foram homologados a 28 de Julho de 1989.

Ferrer Correia é agora um homem de 77 anos, mas a sua actividade e as distinções de que é alvo não cessam. A 10 de Outubro de 1989 o Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian escolhe-o para sucessor imediato de Azeredo Perdigão no cargo de Presidente da Fundação. A 10 de Novembro recebe o doutoramento *honoris causa* pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ainda no mesmo ano é nomeado Sócio Correspondente da Academia Lusíada de Ciências, Letras e Artes em São Paulo e convidado por Sir Arnold Burgen, Presidente da *Academia Europaea* de Londres, para seu membro emérito. Em 1990 recebe do Presidente da

**E**distinto como só os antigos sabem ser. Um grande professor de Direito com a única regra de «*não ser escravo de nada*». Gosta da mulher acima de todas as coisas. De Beethoven e de peixe grelhado. Dizem que é vaidoso e ele diz que não. Que é maçon e ele diz que nunca. Arrumam-no à esquerda e ele define-se como «*socialista democrata*». Nunca gostou de ditadores. É amigo de Eanes, admira Soares e foga a falar de Cavaco. O que mais lhe custa na vida é levantar cedo. Fuma um só cigarro por dia, *more*, longo e castanho. Tem um apetite devorador. Vinho, com moderação. As vezes, um bom uísque. Deus é, para ele, um mistério e a morte o desconhecido. Tem dela o medo próprio de um réu.

Fala com as mãos e sobretudo com os dedos. Chama-se António Ferrer Correia e nasceu em 1912 numa aldeia que se vê de Coimbra: o Senhor da Serra. Originário da pequena burguesia, subiu à universidade onde foi aluno de 18 valores e presidente da Associação Académica de Coimbra. Foi, depois, professor distinto e reitor. Hoje é reitor honorário da Universidade de Coimbra e uma das mais altas e respeitadas autoridades, a nível mundial, no campo do Direito Comercial e Internacional Privado. Alguma da lei que nos rege nestes domínios foi escrita pelo seu punho.

Por patrocinar o triunfo da causa da Fundação Gulbenkian quando o testamento do fundador foi posto em questão, foi convidado para a sua administração. Nestas funções é visto como um «*Mecenas atento*».

Só depois de tudo isto e muito mais é que é também o responsável máximo pela prova geral de acesso ao ensino superior.

### Senhor professor

Há só uma coisa que não admite: que o tratem simplesmente por senhor. É «*senhor doutor*» ou «*senhor professor*» porque não roubou o título, nem o herdou. Mas o título não o torna distante. O enorme mestre tem uma relação especial com os seus alunos, em particular os antigos. Gosta de lhes falar de perto agarrando-os por um braço. De lhes dar uma palavra de simpatia. Conta-se que por vezes pergunta, quando encontra algum, se «*não é o senhor que é daquele lugar que até tem um grande largo?*». Serão poucas certamente as cidades, vilas e aldeias de Portugal sem um grande largo.

O maior mito que a universidade criou sobre Ferrer Correia é que não dá uma aula nem faz um discurso sem o ensaiar primeiro ao espelho. «*Essa é mentira*» diz o professor subindo solenemente na cadeira e esticando o indicativo.

Gosta de uma boa piada e sabe usá-la. Diz que não pertence ao número de professores que tem uma bagagem de piadas estudadas. Mas tanto chama com êxito, enquanto esbranca, «*animal feroz*» a uma mosca que se atreve a interrom-



PERFIL

# FERRER SEM CORREIAS

*Professor e jurista não perde o cheiro da política. Homem dos mil e um afazeres é apontado por alguns como o futuro homem forte da Gulbenkian. De escravidões não gosta. De nenhuma. Chama-se Ferrer Correia e é o mentor do novo regime do acesso à universidade.*

per-lhe o raciocínio, como conta a história do estudante que questionado sobre a teoria de Frankenstein lhe respondeu não ter «*relações com esse cavalheiro*». Ri-se com gosto e faz rir.

É com a mesma cara que diz que é um professor benévolo, com que no fim de uma oral pede muito calmo ao aluno para lhe fazer um pequeno favor: «*Voltar cá para o ano*».

### «Democrata feroz»

A PIDE, no seu ficheiro, descrevia-o como «*democrata feroz*». Ele diz-se «*socialista democrata*», que é qualquer coisa bem mais perto do SPD alemão, que do PSD português. «*Sempre fui contra todos os totalitarismos e amigo da liberdade, da tolerância e da solidariedade entre as pessoas*».

«*Sou um homem livre*» afirma orgulhosamente para sublinhar que nunca pertenceu a partido nenhum, apesar de ter sido convidado pelo PS, pelo PRD e pelo CDS.

É amigo de Eanes, mas diz

que o general errou. «*Embora na altura me parecesse bem, a ida de Eanes para a vida partidária foi um erro, porque os partidos personificados como o PRD não levam a lado nenhum*». Na sua jubilação, foi o então Presidente da República Ramalho Eanes que lhe atribuiu a Grã-Cruz da Ordem Militar de Santiago da Espada. Sempre considerou que o Presidente desempenhou as suas funções com grande dignidade e aprumo. Eanes chegou a apontar Ferrer como seu sucessor. Agora é a vez do professor estar, em princípio, disposto a apoiar o regresso do general a Belém, mas hoje quando se encontram já nem falam de política.

Cavaco Silva é «*um excelente técnico*... mas não quer falar dos governantes, levanta-se para fugir à pergunta e tirar o casaco, mas vai resmungando que este Governo não tem uma política de cultura. «*Se a tem, ainda não a vi*».

Soares sim tem sido um agente de cultura... «*sempre gostei dele, é um político de*

*gema*». Entre risos define-o como «*um homem extraordinário que sabe sempre sair das situações mais delicadas*».

Há quem o acuse de ser da maçonaria. «*Eu?!... ó meu amigo, não sou maçon nem nunca fui*», responde mais surpreendido do que indignado com a pergunta. «*Fui convidado, mas recusei porque as associações secretas - não!*», justifica-se.

### Prova de acesso: durmam bem

É presidente do júri responsável pela mais polémica das provas: a de cultura geral que vai decidir o acesso ao ensino superior. Convidaram-no porque precisavam de uma pessoa séria. Diz que aceitou porque sempre defendeu a necessidade de um teste de maturidade. Cultura geral é para Ferrer Correia «*mais do que um conhecimento, uma disponibilidade para tomar uma decisão na ocasião certa sobre um problema concreto*. Mais: «*do que se trata é de saber se uma*

*pessoa tem uma reacção de pessoa alheada ou integrada no mundo que a rodeia*». Quanto ao método escolhido, explica o afastamento da técnica da resposta múltipla com a simplicidade que os anos lhe permitem. «*Não é por cruzinhas que nos entendemos mas por palavras... então as pessoas pensam que as cruzinhas são avançadas e científicas só porque vieram da América?... Boa piada, essa!*». Apressa-se a justificar que «*um indivíduo manifestar os seus conhecimentos através de um sim ou um não, é o que há de mais aleatório*». Pegamos na palavra para atacar uma classificação que incidirá assim sobre respostas de desenvolvimento. Admite que a avaliação se torne mais subjectiva, mas garante que é a única possível.

Quanto às reacções, que do PS ao Conselho Nacional de Educação, exigiram a suspensão do regime, recolhe os ombros para dizer que «*qualquer inovação tem sempre os seus detractores, pessoas que querem sempre mais tempo...*». Admite no entanto que o re-

gime possa ser revisto ainda este ano se se confirmar o desinteresse das várias Faculdades pelas chamadas provas específicas. «*Teríamos que diminuir o peso relativo da prova geral de acesso e aumentar o das notas do 12.º ano*». Deixa um conselho aos candidatos: «*Durmam bem na noite anterior*». Só isto.

### Gulbenkian: a sucessão

«*O homem foi Azeredo Perdigão. O homem sonhou e a obra nasceu*». Ferrer Correia elogiava assim o «*presidente*» quando este fez 90 anos. «*Acção brilhantíssima, inteligente, moderadora e humana*» foi como Azeredo Perdigão na resposta se referiu ao papel de Ferrer na Fundação. Disse que «*com ele a amizade vem de muitos anos. Não são só palavras. São dois velhos amigos, camaradas de muitas lides que se admiram*».

Quando se fala da sucessão de Perdigão, interrompe para dizer, com os dedos em argola, cautelosamente: «*Azeredo Perdigão está felizmente de boa saúde e o que todos os da Fundação Gulbenkian mais desejamos é que continue por muito tempo ainda a orientar os destinos da instituição. Quando a questão se puser, o Conselho de Administração, chamado a exercer a sua competência estatutária na matéria, saberá resolvê-la da melhor forma. Demais sendo certo que todos os seus membros são pessoas de grande inteligência e excelente critério*».

A questão está pois em aberto.

### Deus e a morte

«*A solidão seria para mim a morte*» diz Ferrer Correia sobre a sua própria mulher com a profundidade com que se afirmam as coisas decisivas e fundamentais. Os que os conhecem vêm-nos como um casal perfeito. Ele admite que haja igual, mas não melhor.

Dizem, mas sem ofensa, que é vaidoso, forreta e que faz mais por ser simpático do que realmente o é. Ele pensa que o acham tolerante, moderado, honesto e que sempre que pode faz o bem.

Tira os óculos, esfrega os olhos e passa a mão pela testa toda quando se fala de Deus e da morte. «*Quem é que não tem medo da morte, diga-me lá!... a morte é o desconhecido*». E Deus? - «*Sou crente, mas tenho por vezes problemas de fé. Deus é um mistério*». Vê-se que a questão o preocupa. Dói-lhe a cabeça. Não se trata de uma descrença, mas antes do receio próprio do réu que se levanta para ouvir a sentença final. «*Se é que há julgamento como é que a minha vida vai ser julgada... que tenho eu feito de positivo que supere o mal que porventura tenha feito?*» interroga-se.

Não arrisca um palpite. Pensa que tem feito por acertar, mas não quer, nem pode, ser juiz em causa própria. E os pratos da Balança da Justiça vão continuar a oscilar.

Francisco Cortez



267. 17 de Maio de 1989, no doutoramento *honoris causa*  
de Juan Carlos Bourbon, rei de Espanha



268. No Palace do Bussaco durante o almoço,  
no dia do doutoramento *honoris causa* de Juan Carlos Bourbon, rei de Espanha



269 e 270. Homenagem do Instituto de Biologia Médica da Faculdade de Medicina, em 23 de Fevereiro de 1990

República Portuguesa, Mário Soares, a Grã-Cruz da Ordem da Instrução Pública, é nomeado sócio honorário da Associação Portuguesa de Literatura Comparada e, em Coimbra, homenageado pelo Instituto de Biologia Médica que atribui o seu nome a uma sala. Por despacho ministerial de 16 de Agosto de 1991 o Centro Escolar do Senhor da Serra toma o seu nome e a 11 de Novembro o Instituto Superior de Estudos Empresariais da cidade do Porto promove-lhe uma homenagem. Foi, ainda em 1991, nomeado juiz *ad hoc* no Tribunal Internacional de Justiça para o caso que opunha Portugal e a Austrália na questão de Timor-Leste, mas não chegou a desempenhar o cargo<sup>97</sup>. Em Setembro de 1993, na sessão de Milão, é eleito presidente do *Institut de Droit International*, de que era membro desde 1977. Durante estes anos o idoso jurista continua a publicar incessantemente no domínio da sua especialidade.

Ao longo de 1990, o futuro presidente da Fundação Calouste Gulbenkian está cada vez mais presente na imprensa nacional. Nos anos seguintes estala a grande polémica da sucessão de Azeredo Perdigão tornada pública pelas declarações de Roberto Gulbenkian ao *Expresso* de 2 de Março de 1991 e continuada pelo filho mais novo de Perdigão, Pedro Paulo. O que se passou conta-se rapidamente, mas a questão fez correr muito tinta.

Quando em 1977 José Azeredo Perdigão, presidente vitalício da Gulbenkian, teve de ser sujeito a uma intervenção cirúrgica, levou o problema da sua sucessão ao Conselho de Administração propondo dois nomes para o substituir: Ferrer Correia, então reitor interino, e Roberto Gulbenkian, sobrinho do fundador. Roberto é indigitado. Mais tarde, em Outubro de 1989, Perdigão pondera o assunto e anula a decisão, votando-se que a Presidência da Fundação seria exercida automática e sucessivamente, por mandatos de 5 anos, segundo o critério de antiguidade no Conselho, partindo-se do pressuposto de que todos os administradores tinham capacidade para o desempenho das funções. A resolução foi aprovada com os votos contrários do desnomeado Roberto Gulbenkian e de Mikhael Essayan, o outro administrador da família Gulbenkian (neto do fundador e primo de Roberto), membro vitalício do Conselho de Administração.



271. Grã-Cruz da Ordem da Instrução Pública concedida em 1990

# 'Erros e injustiças' abalam sucessão na Fundação Gulbenkian

«NÃO CONFIRMO nem desminto; não me lembro», referiu Azeredo Perdigão, 95 anos, na reunião de terça-feira em que foi apresentada a extensa declaração de voto de Roberto Gulbenkian sobre os pontos polémicos da sua entrevista ao EXPRESSO de 2 de Março. Esta frase do presidente foi-nos mencionada por elementos próximos do conselho de administração (CA) como sendo a sua resposta à pergunta de Ferrer Correia, 78 anos, após a leitura pelo secretário do CA da declaração de voto do sobrinho do fundador, em que este salientava ter-lhe sido «afirmado», em Outubro de 1989, por Azeredo Perdigão e na presença de Mikhael Essayan que a designação «impessoal, automática e rotativa» para a presidência, então aprovada, «tinha sido um erro e uma injustiça e que ele próprio iria tentar solucioná-la».

«Erro e injustiça» aprovados pela maioria do CA apenas com os votos contrários do sobrinho e do neto do fundador que desnomeava Roberto Gulbenkian como futuro presidente da Fundação e colocava em primeiro lugar na linha sucessória o professor Ferrer Correia.

O voto de ambos era explícito: as razões aduzidas pelo presidente e restantes membros do CA não eram objectivas. Mikhael Essayan, membro vitalício do CA, fazia a sua intervenção para registo em acta: «Roberto Gulbenkian está a ser vítima de uma injustiça». Posição que aliás reiterou no plenário de 12 de Março, acrescentando que «a entrevista dada ao EXPRESSO deveria ser vista» pelos seus pares como «uma consequência dessa injustiça, em que nada foi feito para a remediar ou aliviar». E, contrariamente ao que chegou a ser noticiado, expressou também o seu desacordo com as declarações de alguns dos seus colegas do CA sobre a entrevista.

## Tomar a nuvem por Juno

Só aparentemente as condições da luta pelo poder sucessório na Gulbenkian pareciam ter acalmado, nos últimos dias, depois da reunião ordinária do conselho de administração de terça-feira.



Ferrer Correia, Azeredo Perdigão e Roberto Gulbenkian: os bestidores da sucessão trazem a público acusações de "injustiças" e de "maus serviços prestados à Fundação".

O impacto da entrevista de Roberto Gulbenkian ao EXPRESSO trouxera à Fundação para as primeiras páginas, ao revelar o que até ali fora escondido: nem tudo era consensual no reino da Gulbenkian, embora as informações recolhidas nesse dia quisessem demonstrar o contrário. «A reunião acabou e foram todos almoçar», afirmava-se nos corredores da instituição. Apenas ninguém referia o facto de Roberto Gulbenkian ser o único dos administradores que desde 1989 «não voltara a almoçar com os membros



do CA». Atitude que, aliás, foi interpretada em 12 de Março como indicadora do manifesto isolamento em que se encontrava depois da entrevista ao EXPRESSO. Afirmava que merecia credibilidade porquanto Mikhael Essayan, até aí um apoiante quase incondicional, fazia parte do «grupo de almoço» dos administradores que participaram nesse plenário.

Na realidade, as coisas eram mais complexas e as atitudes menos específicas. Anulavam-se pormenores como o de Essayan ser um fleumático inglês pouco propenso a radicalismos. Não seria a convivência de um almoço com os seus colegas

do CA que o dessolidarizara do seu primo Roberto. E isso ficou bem claro na sua declaração registada em acta da reunião de 12 de Março: «Considero que em Outubro de 1989 Roberto Gulbenkian foi vítima de uma injustiça efectiva, ainda que involuntária, devido à maneira como foi alterada a sucessão para a presidência, sem que fossem apresentadas razões válidas para essa alteração».

Mikhael Essayan discordava também das opiniões de outros administradores em relação à forma como analisavam a entrevista ao EXPRESSO de 2 de Março, porque não tinham em conta o contexto emocional em que

a memória de Calouste. Mas, como o EXPRESSO conseguiu saber, a reacção inicial incidira sobretudo na expressão «sacanieira», que levava mesmo alguns membros do Conselho a consultar vários dicionários para apurar até que ponto poderia ir o «insulto».

Azeredo Perdigão afirmou «Calouste Gulbenkian nunca manifestou o desejo de que seu sobrinho Roberto (...) viesse a ser um dia presidente da Fundação». E chamava uma vez mais a atenção para o facto de o testamento se limitar a dizer que os «trustees» e executores testamentários nomeados por Calouste (Perdigão é o único sobrevivente) deviam utilizar a colaboração de diversas pessoas, entre as quais Roberto Gulbenkian, «enquanto a sua colaboração se mostrar eficaz».

Roberto Gulbenkian, na sua declaração, replicou: «Sendo certo que o meu tio (...) não me designou expressamente administrador da Fundação, o que aliás nunca afirmei, é pelo menos abusivo pretender que terá lançado sobre mim uma "capitula deminutio" resolutive no âmbito e para os efeitos da administração da Fundação, independentemente de todas as provas dadas (...)».

## Novas condições

Por sua vez, o vice-presidente da Fundação, Ferrer Correia, refere na declaração de voto: «Em face dos termos da entrevista (...), só aceitarei desempenhar o cargo de presidente deste Conselho se para ele for designado por um voto maioritário dos seus membros em eleição secreta a realizar no momento da vacatura do cargo».

Esta posição, transformada em moção aprovada por maioria, confirma a informação divulgada na última edição do EXPRESSO sobre a necessidade de alterar o sistema de sucessão automática aprovado em 1989 — cujas vantagens nos foram salientadas nesse ano pelo próprio Ferrer Correia, por se basear «no pressuposto de que todos os administradores têm capacidade para assumir as responsabilidades inerentes ao cargo».

A situação agora é, pois, algo diferente: por um lado, Ferrer Correia tem de contratar com novas condições;

e, por outro, Roberto Gulbenkian chega ao ponto de admitir, na sua declaração de voto, que em caso de necessidade a Fundação recorra a alguém exterior ao conselho para suceder a Azeredo Perdigão. Esta proposta parece dar razão aos que consideram que a actual crise da hierarquia gulbenkiana poderá levar à intervenção do Estado português.

## A convergência possível

Dai que, apesar de uma controvérsia inevitável após a entrevista ao EXPRESSO, a reunião do dia 12 não deixasse de ser uma sessão conciliatória.

Roberto Gulbenkian, é certo, ficou agora mais longe da presidência porque o Conselho alterou o sistema automático que o colocava em segundo lugar na linha de sucessão. Mas Ferrer Correia, que era automaticamente o sucessor, também pode ter ficado menos perto da presidência quando se sujeita ao escrutínio secreto.

Em caso de vacatura do cargo de presidente, nada garante que a maioria se incline para Ferrer Correia. Até lá, na verdade, todos os «arranjos» são possíveis — como se tem demonstrado desde 1977.

Outro sintoma «abrange» como referimos na passada semana, foi a não aprovação de qualquer «repreensão registada» a Roberto Gulbenkian. A maioria dos administradores criticou-o, mas em declarações individuais. Até os alegadamente mais radicais acabaram por ditar declarações em que impera uma certa moderação.

Ao mesmo tempo, Ferrer Correia pode sofrer algum desgaste como vice-presidente, atendendo a que a sua nomeação coincide com a reestruturação da Gulbenkian e esta passa pela extinção de serviços, entrega das bibliotecas itinerantes às câmaras municipais, fusão do serviço de exposições com o Centro de Arte Moderna, autoecómia da Orquestra, do Ballet e do Coro Gulbenkian e entrega ao Estado do Instituto Gulbenkian de Ciência.

É, segundo fontes próximas do Conselho, uma operação suficientemente vasta e polémica para abrir mais algumas feridas incuráveis.

Maria José Mauperrin

Em entrevista ao *Expresso* de Março de 91, uma semana após Ferrer Correia ter sido nomeado vice-presidente, Roberto Gulbenkian não se coíbe de comentar a decisão de 89 utilizando expressões como “leitura abusiva” do testamento, “sacanie”, “falácia”, “esquizofrénica invenção do sistema de rotatividade” que insulta a memória do fundador. À excepção de Mikhael Essayan, todos os restantes membros do Conselho de Administração da Gulbenkian (Azeredo Perdigão, Ferrer Correia, Guimarães Lobato, José Blanco, Joel Serrão, Pedro Tamen e Sá Machado) se manifestaram indignados com tais declarações<sup>98</sup>.

Dias depois, a 29 de Março, o *Expresso* dá a palavra a Ferrer em longa entrevista. Este esclarece que “em face dos termos da entrevista” de Roberto Gulbenkian, “só aceitarei desempenhar o cargo de presidente deste Conselho se para ele for designado por um voto maioritário dos seus membros em eleição secreta a realizar no momento da vacatura do cargo”<sup>99</sup>.

Em Abril de 1992 Azeredo Perdigão preside pela última vez ao Conselho de Administração. No ano seguinte, em Março, os conselheiros decidem por maioria que Azeredo Perdigão não tinha já capacidades para exercer o cargo e retiram-lhe o poder. Os dois filhos mais velhos do presidente, José e Maria Alice Dantas Perdigão, que o consideravam também incapacitado, não se manifestaram, mas o mais novo, Pedro Paulo Perdigão, filho de Madalena Biscaia Perdigão, a segunda esposa, reagiu violentamente. Ferrer Correia (vice-presidente desde Fevereiro de 1991) passa a exercer as funções da presidência. Quando Azeredo Perdigão morre, em 10 de Setembro de 1993, Ferrer declara, mais uma vez, que só aceita ser candidato e só assumirá o cargo com a ratificação do Conselho de Administração por eleição secreta.

Em 1992 o Conselho de Administração, presidido por Ferrer Correia, decide proceder a uma reestruturação da Fundação, para o que é constituída uma Comissão. No ano seguinte, ainda antes de iniciada a presidência *de jure* de Ferrer, deve ser destacada a comunicação que apresentou no *I Encontro Nacional de Fundações*

*Do alto dos seus 81 anos, António Ferrer Correia, presidente de uma das maiores fundações do mundo, guarda ainda uma lucidez e uma ironia que esgrime enquanto responde às mais importantes questões da Gulbenkian, do passado, presente e futuro.*

**S**enhor professor, gostaria que esclarecesse como é que se passaram as coisas na Fundação durante o último período da era Azeredo Perdigão?

Até Setembro de 1993 estive sempre na era Azeredo Perdigão. Mas o que é facto é que Azeredo Perdigão já não vinha a Fundação Gulbenkian há muito tempo. A última vez que ele veio presidir a um Conselho foi no dia 23 ou 28 de Abril de 1992, não sei bem. Depois disso, veio aqui ocasionalmente, mas nunca para o efeito de presidir a qualquer Conselho. Esta situação manteve-se durante um ano, eu era vice-presidente apenas. Um ano mais tarde caiu gravemente doente, estava já muito combatido, mas enfim ia-se aguentando. Depois foi apalhado por uma pneumonia, que realmente o prostrou. Foi internado nos cuidados intensivos e esteve lá uma porção de meses até que acabou em 10 de Setembro de 1993. Só então é que eu realmente fui eleito para o cargo de presidente.

Não que sem antes tivessem ocorrido uma série de episódios bastante conturbados em todo o processo da sucessão.

O critério da sucessão estava definido, primeiro desde 1989, depois foi modificado em 1991. Foi esse último que se praticou.

Mas por que razão um método de eleição que perdurou mais de 30 anos foi alterado em 1989?

Desculpe, 30 anos não. Foi em 1977 que foi tomada a deliberação de designar o Sr.



FERRER CORREIA AO SEMANÁRIO

## «Cumprirei o meu mandato até ao fim»

Roberto Gulbenkian para futuro presidente.

Sim. Mas já existia uma regra?

Até aí não existia regra nenhuma. Os estatutos dizem apenas que um dos adminis-

tradores será o presidente. E foi nesse sentido que em Julho de 1977 o Conselho decidiu que seria o Sr. Roberto Gulbenkian o sucessor.

Então porque é que onze anos depois o Conselho decidiu a fas-

tá-lo. ...Desculpe, mas não vou entrar nessa querela. Isso foi um processo a que eu fui alheio. Os outros administradores conversaram com o presidente e chegaram à conclusão de que o melhor seria substituir

esse método por um método segundo o qual os administradores seriam designados sucessivamente para a presidência conforme a sua antiguidade no Conselho. Isso esteve assim até 1991. Mas eu fui alheio a esse processo.

Vou-lhe pôr a questão de uma forma muito directa. Há quem diga que a mudança do sistema de eleição do presidente foi congeminação com muito tempo de antecedência e praticada num momento particularmente difícil da vida do dr. Perdigão, quando a sua mulher Madalena Perdigão estava a morrer de cancro e quando as suas relações com o sr. Roberto Gulbenkian estavam a atravessar um mau momento?

Olhe, asseguro-lhe que não sei disso. Claro que a drª Madalena estava muito mal, mas o marido não se apercebia disso.

Mas essa decisão foi tomada em Setembro de 1989 e a drª Madalena Perdigão morreu dois meses depois.

Pois é, mas o dr. Perdigão esteve iludido até ao fim. Ele nunca pensou que a mulher estivesse para morrer.

Mas eles tinham vindo dos Estados Unidos, da clínica Mayo, com a sentença de morte da drª Madalena Perdigão.

Mas ele não ia lá. Ele ia aos Estados Unidos mas ficava em Washington ou em Nova Iorque. Quem ia à clínica Mayo era a drª Madalena. Ela é que realmente trazia a sentença de morte consigo, mas não a revelava ao marido, para não o afligir, para o manter na ignorância. De facto o dr. Perdigão nunca teve um conhecimento claro da situação da mulher. Penso que ele esteve sempre agarrado à esperança de que ela sobreviveria até pouco tempo antes do fim.

E também não tomou conhecimento de um período de pior relacionamento entre o dr. Azeredo Perdigão e o sr. Roberto Gulbenkian?

Não, não sei de divergências entre ambos. Aliás como lhe digo, nem sei como surgiu essa decisão de substituir o critério até aí adoptado. Não tomei parte desses conciliábulos que houve com o dr. Perdigão.

O Sr. Professor não votou a favor desse processo?

Não... Eu só intervim na fase terminal. Quando se perguntou quem é que estava de acordo e quem não estava de acordo, eu estava de acordo. Mas não intervim na preparação do processo.

Quem interveio então? Foram os outros administradores.

Quais? Todos, à excepção naturalmente do sr. Roberto Gulbenkian e também do dr. Mikhael

*Portuguesas*, realizado em Lisboa a 17 e 18 de Junho. Nela, Ferrer Correia faz a história da Fundação Calouste Gulbenkian, não se limitando a traçar uma crónica, mas analisando e periodizando<sup>100</sup>: “1.º – das origens à constituição; 2.º – primeiras experiências e primeiras actividades da Fundação Gulbenkian; 3.º – fase de desenvolvimento; 4.º - fase de consolidação; 5.º – a Fundação Gulbenkian na actualidade: os anos 80 e 90”.

*Como é sabido, as fundações dividem-se em três grupos: as que executam projectos próprios ou desenvolvem actividades directas, as que concedem subsídios a terceiros, organizações ou indivíduos, e as que fazem as duas coisas. A Fundação Gulbenkian está neste último caso.*

(...)

*É frequente fazer-se a observação de que nos últimos anos se vem assistindo a um progressivo apagamento da intervenção da Fundação Gulbenkian nas áreas que são as suas. (...) a sua intervenção não enfraqueceu em termos absolutos – só que no mundo que a circunda o seu impacto se tornou menos sensível e menos singular a sua voz<sup>101</sup>. [1993]*





274. Maio de 1993 na Biblioteca Joanina.  
Imposição de insígnias dos Doutores José Francisco de Faria Costa,  
José Carlos Vieira de Andrade, Rui Gens de Moura Ramos e Fernando José Pinto Bronze



PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN  
(1993-1998)

---



A 30 de Setembro de 1993 foi eleito para um mandato de cinco anos Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, com os votos contrários dos familiares do fundador, Mikhael Essayan e Roberto Gulbenkian.

Nesse mesmo dia o Conselho de Administração da Fundação promoveu uma sessão de homenagem ao Doutor José de Azeredo Perdigão que contou com a presença dos mais altos detentores de órgãos de soberania: Presidente da República, Presidente da Assembleia da República, Presidentes do Supremo Tribunal de Justiça e do Tribunal Constitucional e Ministro da Presidência e da Defesa Nacional em representação do Primeiro-Ministro. O discurso laudatório de Azeredo foi, naturalmente, do presidente da Gulbenkian<sup>102</sup>. Nele enumera e rasgadamente elogia a vasta obra do seu antecessor. Mas aponta também ventos de mudança. Com 81 anos, revela o vigor e o arrojo de sempre.

*Azeredo Perdigão foi o verdadeiro construtor da Fundação Calouste Gulbenkian.*

(...)

*Modernizar, otimizar, racionalizar: é sob este signo que a reestruturação irá desenvolver-se.*

(...)

*Creio que uma das coisas mais importantes a fazer pela Fundação é (...) acordar ou apoiar forças adormecidas ou mal despertas na sociedade civil, ajudando-a a encontrar e a percorrer os caminhos das iniciativas próprias. Esta será uma das minhas principais preocupações no tempo do meu mandato de Presidente do Conselho de Administração desta casa<sup>103</sup>. [1993]*

Segundo Sá Furtado, “no momento difícil da sucessão da presidência da Gulbenkian, o doutor Ferrer andava profundamente incomodado, mas não recuou. Aguentou firme, convicto da sua boa razão. Mas era homem que sabia ouvir e, se preciso fosse, reconsiderava decisões”. Sá Furtado não hesita em afirmar que toda a adaptação da Gulbenkian aos novos tempos foi obra de Ferrer Correia.



276. 24 de Outubro de 1993, no doutoramento *honoris causa* de Vergílio Ferreira e Gladstone Chaves de Melo: os dois homenageados ladeados pelo Reitor, Rui de Alarcão, e pelo Presidente do Conselho Directivo da Faculdade de Letras, João Lourenço Roque. Atrás, Ferrer Correia, o Reitor Honorário

277. 24 de Outubro de 1993, na Biblioteca Joanina no doutoramento *honoris causa* de Vergílio Ferreira e Gladstone Chaves de Melo. Os apresentantes e os oradores. Da esquerda para a direita: Carlos Reis, Aníbal Pinto de Castro, Gladstone Chaves de Melo, Ferrer Correia, Rui de Alarcão, Vergílio Ferreira, Maria Helena da Rocha Pereira e José Ribeiro Ferreira

## INAUGURADO ONTEM NA FACULDADE DE MEDICINA DE COIMBRA NOVO SISTEMA PARA INVESTIGAÇÃO NO CAMPO DA MEDICINA NUCLEAR

Com a presença do reitor da Universidade, Prof. Dr. Ferrer Correia, foi ontem inaugurado na Faculdade de Medicina de Coimbra, mais propriamente no Laboratório de Rádio-Istótopos, um novo sistema para investigação no campo da medicina nuclear que é constituído por uma câmara de raios «gama», com possibilidades para tomografia de emissão.

O moderno dispositivo ainda, não totalmente completo, foi custeado pela Fundação Galoust Gulbenkian e o valor da compra estima-se em perto de 10.500 contos, segundo informações prestadas ao nosso jornal por um responsável pelos serviços. Computorizado, possibilita um estudo detalhado de órgãos susceptíveis de fixar rádio-nuclídeos, tais como: fígado, baço, cérebro, pulmões, etc.. O sofisticado aparelho vem enriquecer, extraordinariamente, o património científico da Faculdade, garantindo não só o alargamento da acção investigadora

naquela escola médica, como também, permite completar-se o tra-

balho assistencial que se tem vindo a realizar no Laboratório de

Rádio-Istótopos da Faculdade de Medicina de Coimbra.



Em Março de 1994 os Hospitais da Universidade de Coimbra realizaram uma sessão de homenagem à Fundação Calouste Gulbenkian pelas relevantes acções que a mesma desenvolveu promovendo uma significativa melhoria dos cuidados de saúde. Ferrer Correia discursou, agradecendo e reconhecendo a justiça da homenagem pela acção que a Fundação sempre teve no apoio aos serviços de saúde em Portugal e aos Hospitais da Universidade de Coimbra em particular<sup>104</sup>. Ainda em 94, em Lisboa, a 7 de Abril, durante o *I Encontro Internacional de Bolseiros da Fundação Calouste Gulbenkian* e na presença do Presidente da República Mário Soares e vários ministros, Ferrer Correia mais uma vez não se limita a proferir palavras de circunstância. Transmite-nos no seu discurso informações precisas e preciosas sobre a política e história da concessão de bolsas e subsídios por parte da Fundação, desde os seus primeiros momentos<sup>105</sup>.

É evidente que a imensa importância cultural e social de que se reveste a Fundação Calouste Gulbenkian no nosso país, conferia um grande peso às palavras e acções de Ferrer. Os *media* estavam atentos e as entrevistas sucediam-se.



**279. Tomada de posse dos novos corpos dirigentes, na AAC, em 8 de Janeiro de 1994**



280. Comemoração do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas no Real Gabinete Português de Leitura no Rio de Janeiro, em 10 de Junho de 1994

No *Diário de Notícias* de 13 de Maio de 1994 Ferrer minimiza as preocupações manifestadas pelo jornalista quanto a um possível desinvestimento da Fundação nas suas actividades culturais directas, mas advoga uma reestruturação que vise o equilíbrio entre as despesas com actividades directas e com apoios a terceiros, pois calculava-se que nesse ano as actividades directas e despesas administrativas atingiam os 73% dos gastos.

*Não temos intenção de ser um contraponto ao Estado, mas sim de chegar onde o Estado não chega. A nossa função sempre foi de complementaridade. E hoje em dia o Estado e as autarquias interessam-se mais pela cultura. Nos anos 60, por exemplo, o País era um vasto deserto cultural. Aí, a acção cultural da Fundação avultava. Qualquer coisa que fizesse era sempre acolhida de braços abertos, como sendo a salvação do País*<sup>106</sup>. [1994]

Nesse ano de 1994 foi convidado a discursar no Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro nas Comemoração do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas. Como em tantas outras ocasiões, não descursa a informação histórica sólida e deixa falar o seu íntimo de forte pendor filosófico profundamente humanista. Texto forte este, que sai da pena de um octogenário! Cita tão facilmente Heródoto como Heidegger ou Shakespeare, Colombo, Pedro Nunes ou Camões, D. João VI, Joaquim de Carvalho ou Silva Neto, Fernando Pessoa, Jaime Cortesão, Miguel Torga ou João Paulo II.

*É uma constante da história a tensão entre duas concepções do mundo, com especial incidência no campo da filosofia política: a transpersonalista e a humanista. Aquela vê no homem um meio ao serviço de valores que o transcendem: os valores*

= Da Comunidade Luso-Brasílica =

Distinguido pelo ecumenismo solidário deste Real Galiléia-  
arte Português de leituras com honroso convite para leras  
da palavra aqui, neste Dia de Portugal, de Línguas e da Comu-  
nidade Portuguesa, tivei em muito o encargo. Mas razão em aje-  
daram a vencer a vontade. Em primeiro lugar, pensei que em dia  
cujo escolhido para comemorar a significativa data do 10 de  
Junho não tem como destinatários apenas a população de Heteropo-  
le, não também, e no mesmo plano, as comunidades lusas, onde quer  
que existam - e donde logo as que existem aqui, neste território do mesmo,  
as quais não para mais parte de carne e do sangue português. A  
segunda razão determinante foi que falar no Brasil sobre temas ainda  
que de tão somente de cultura portuguesa levada - o que aliás  
não sei ser o caso - não é discernir sobre algo estranho à própria  
cultura brasileira, pois sempre e entre, sem prejuízo da autonomia  
de cada uma, procedem incontestavelmente de um tronco comum.  
As nossas Várzeas, Sembram, ocupando separada, pelo abismo  
do Atlântico, nem por isso deixam de se estreitar - pelas raízes  
da história, a identidade da língua e os próprios símbolos da coe-  
sividade - nunca comunidade autêntica: a comunidade lu-  
so-brasílica.

Particularmente a ~~essa~~ <sup>essa</sup> ideia sou dedicado as razões comu-  
nações que tendem a unir e desenvolverem rápido.

1.

\* Não há judeus, nem gregos, nem hebreus, nem escravos e homens livres, mas a bipolaridade da forma humana é a mesma em <sup>em</sup> todas as latitudes. (Cont. com pag. 12 e 13 do Discurso de Lisboa.)  
 Transmitiram, pois, os portugueses aos brasileiros a sua (mundivida) <sup>an capital da mente e da vida.</sup>  
 Transmitiram aos seus habitantes, com a sua Língua, a mensagem de uma humana fraternidade; a sua concepção do homem e do universo com a religião que converte os escravos em senhores e transforma, pelo amor, os homens em filhos de Deus. \* Mas o maior mérito <sup>main pertence aqui aos</sup> ~~foi o dos~~ (Brasileiros). Reconhecê-lo é não só prestar-lhes homenagem a eles, mas também assumir a consciência de que os nossos filhos e os nossos discípulos vêm naturalmente a ser nossos irmãos e podem vir a tornar-se nossos mestres. Os Portugueses que se inseriram depois na vida e na realidade brasileiras, sem perderem a sua identidade originária, ainda mais a radicaram amando o Brasil e contribuindo para o progresso desta comunidade e desta Nação. Portugal não esquece os seus filhos que ontem e hoje viveram e vivem, trabalhando no Brasil. Porque viver e morrer no Brasil outra coisa não é senão viver e morrer em Portugal. Sendo oriundos de um país geograficamente tão pequeno, orgulhamo-nos de ser brasileiros num país geograficamente tão vasto; de falar a mesma língua sob céus tão diferentes e em mundos tão longínquos, ainda que tão próximos pelos sentimentos, pelo coração; de verificarmos que, no Brasil, a nossa identidade lusíada não é anulada, como noutros espaços mesmo europeus, mas confirmada, pois ser culturalmente, civilizacionalmente brasileiro não diverge de ser culturalmente,

*objectivados nas obras de cultura, ou encarnados na raça, na colectividade, no estado. São transpersonalistas as grandes correntes da filosofia jurídico-política do mundo greco-latino (Platão, Aristóteles), pois vêem no bem da colectividade política (da pólis) o supremo bem - e apreciam os homens tão só pela sua aptidão para servir a cidade. Levam à deificação do Estado. Parafraseando palavras bíblicas, relativas ao sábado, poderíamos dizer que o homem nasceu para o Estado e não ao invés. Nesta visão das coisas se inspiram os totalitarismos de todos os tempos: seu traço comum reside na degradação da pessoa humana à condição de simples meio ou instrumento para a realização de fins heterónimos.*

*Bem diferente desta aqueloutra concepção que mergulha raízes no húmus do cristianismo e que – síntese da tendência para dissolver o indivíduo na colectividade com a negação da dimensão social do homem – afirma a complementaridade de ambas. Certo que o homem existe no seu mundo, certo que na comunidade e no estado encarnam valores de relevância indiscutível. As instituições sociais derivam de uma radical necessidade, da própria incompletude do ser humano: sem elas, sem os indicadores de rumo ou padrões de conduta que constituem, não poderia o homem, abandonado aos seus impulsos primários, “encontrar-se ou definir-se num contexto ou universo significativo”. Todavia, este universo – o mundo da cultura nas suas múltiplas desimplicações – cria-o o homem para si, ao mesmo tempo que a si próprio se cria para plenamente se realizar, para a prossecução de fins por ele mesmo livremente assumidos. É o espaço cultural que o homem real e concreto vai conformando e em que se projecta: não existe para o aprisionar, senão para o servir. Este humanismo filosófico-antropológico, de que vos falo, não aliena, portanto, o homem, antes tende a libertá-lo.*

*(...)*

*O Humanismo renascentista nasce do impulso intelectual de perscrutar o microcosmo; o Renascimento português surge da curiosidade de desvendar o misterium maris, portanto do desejo de esclarecer os segredos do macrocosmo, numa espécie de desafio em que o homem se vê confrontado com os riscos de ser destruído por uma natureza*

*primordial. Decerto que a “abertura ao mundo” é conatural ao modo-de-ser homem. Na sua incompletude essencial, o homem não vive imerso ou enclausurado no “seu” mundo, senão que o transcende, nesse afã de constante ultrapassagem (de que fala Heidegger) e de fuga permanente, em que se exprime a sua fundamental inquietação perante a vida. Todavia, essa característica objectiva-se por modos diversos e assume diferentes rostos.*

(...)

*Se pela forma os Lusíadas se prendem ao Renascimento greco-romano, pela substância, significado e alcance prenunciam os Tempos Modernos. Tal a mensagem de Camões. É, pois, numa das principais componentes do “ethos” lusíada – o ecumenismo, a abertura à miscigenação e ao diálogo com os povos e as civilizações com que fomos topando no percorrer dos caminhos do nosso destino histórico: neste lançar pontes para novos espaços humanos, nesta aptidão para “dar e receber”, nesta atitude eminentemente dialógica – que reside um dos traços que mais impressivamente singularizam o homem português.*

(...)

*Porque não aceitar que todo o Português seja brasileiro no Brasil, sem perda de cidadania, e que todo o Brasileiro sem contudo deixar de o ser, seja português em Portugal? Convictamente vos digo que creio ser esta a fórmula jurídica mais consentânea com a realidade espiritual que os nossos Povos constituem<sup>107</sup>. [1994]*

A 10 de Outubro de 1994 uma reportagem do *Público* revela novas polémicas na Gulbenkian: Ferrer Correia, presidente, e Sá Machado, administrador, querem um conselho de curadores, mas os estatutos da Gulbenkian impedem que esse organismo tenha poder real. Isabel Braga, autora da peça, interpreta esta proposta como demonstração de que foram sensíveis “às críticas ao funcionamento em circuito fechado que caracteriza a instituição que dirigem”.

Revela ainda o jornal que em reunião a realizar no dia seguinte seria abordada a questão, assim como a distribuição dos pelouros de Azeredo Perdigão (que

283. 8 de Julho de 1994. Posse do reitor Rui de Alarcão (último mandato) na Sala dos Capelos da Universidade de Coimbra. Ferrer Correia, Reitor Honorário, e reitores de universidades portuguesas



Ferrer Correia acumulara com os seus) e que eram os mais importantes: finanças e investimento, contabilidade, contencioso jurídico, Museu, Centro de Arte Moderna<sup>108</sup>, Acarte e, evidentemente, a presidência. Detinha, ainda, os que foram sempre seus: a educação e as bibliotecas. Como sublinha a jornalista, “a situação não pode eternizar-se, mas distribuir novos e importantes poderes dentro de uma administração que se autoperpetua graças a uma cuidadosa repartição de influências é um problema delicadíssimo de resolver”. Segundo Isabel Braga, duas facções se perfilavam: a de Ferrer Correia/Sá Machado e a de José Blanco. Por isso, afirma, talvez não se acrescente um novo membro ao Conselho de Administração. É que este, que pelos estatutos pode ter até nove membros, tem apenas oito e o candidato existente, Marçal Grilo, é da facção Sá Machado, o que implicaria um desequilíbrio de forças<sup>109</sup>.

Outros casos estão ainda pendentes e suscitam a curiosidade pública: a substituição de Sasportes ou a integração do Acarte no Serviço de Música, tornando desnecessária nova nomeação; e o processo movido pelo Conselho de Administração contra Pedro Paulo Perdigão, o filho mais novo de Azeredo, devido às suas declarações enquanto testemunha de defesa de José Sasportes no processo do seu despedimento.

Nada disto impedia a realização de inúmeras actividades. A 9 de Janeiro de 1995 iniciou-se o ciclo de seminários internacionais promovidos pela Fundação, sendo este primeiro subordinado ao tema *Os Direitos da Pessoa e a Comunicação Social*. Com a iniciativa pretendeu-se abordar temas da actualidade trazendo a Portugal personalidades ilustres. Na sua alocução, Ferrer Correia refere-se à dignidade da pessoa humana e ao antropocentrismo que deve nortear as políticas e as sociedades<sup>110</sup>. Uma vez mais patenteia e recorre aos seus profundos conhecimentos históricos, evocando as revoluções americana e francesa, a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, a Constituição portuguesa de 1822, o Código Civil de 1867. Uma vez mais, também, revelam-se as suas capacidades de reflexão e mestria linguística.



*A personalidade jurídica individual não é, portanto, uma criação do legislador, mas algo de imanente na pessoa humana, que o legislador se limita a reconhecer ou declarar. O homem surge perante a Lei e o Estado como portador de direitos, que lhe advêm da sua mesma condição humana. A personalidade individual é um prius em relação à personalidade jurídica: esta não subsiste por si, mas apenas enquanto subsiste uma personalidade humana real<sup>11</sup>. [1995]*

Meses depois, Ferrer Correia cria o Conselho Consultivo Geral da Fundação Calouste Gulbenkian com o intuito de promover uma estreita ligação entre a Fundação e os sectores mais representativos da sociedade civil, cuja primeira reunião decorreu em 28 de Março e a apresentação pública em Julho. Visava, acima de tudo, dar visibilidade às actividades da Fundação e receber das individualidades convidadas as críticas, incentivos e ideias a aplicar. Depois, este Conselho desdobrou-se em comissões e grupos de trabalho de acordo com os fins estatutários da Gulbenkian: Artes, Música, Educação, Ciência e Saúde.

Entre 23 de Agosto e 2 de Setembro de 1995 decorreu em Lisboa a 67.<sup>a</sup> Sessão do Instituto de Direito Internacional (do qual Ferrer Correia era presidente), organizada por ele próprio e por Isabel Magalhães Colaço, evento que coincidiu com a comemoração do 50.º aniversário da ONU e do Tribunal Internacional de Justiça, datas que foram assinaladas no decurso da sessão.

Discursou na Sala do Senado da Assembleia da República na abertura da sessão, estando presentes, além do presidente da Assembleia e dos deputados, o Presidente da República Mário Soares, o Secretário Geral das Nações Unidas Boutros-Ghali, o Presidente do Tribunal Internacional de Justiça Bédjaoui, o Ministro dos Negócios Estrangeiros Durão Barroso, o cardeal patriarca de Lisboa D. António Ribeiro e o Presidente da Câmara Municipal de Lisboa Jorge Sampaio. No decorrer da mesma sessão, que se prolongou por 11 dias, volta a discursar, agora na Aula Magna da Universidade de Lisboa e, ainda no mesmo congresso, encerra os trabalhos no Museu do Azulejo. Como era timbre de Ferrer Correia, a sua erudição ressalta dos três discursos proferidos<sup>12</sup>.



284. Apresentação pública do Conselho Consultivo Geral da Fundação Calouste Gulbenkian, em Julho de 1995  
285 e 286. Na cerimónia de doutoramento *honoris causa* do Presidente da República do Brasil, Fernando Henrique Cardoso, em 21 de Julho de 1995

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN  
Gabinete do Presidente

*Senhor Presidente, meu Ex.<sup>mo</sup>  
Amigo,*

*Viho apanhado, muito recumbente,  
zede, a sua pronta amónia do ceano  
justo, para convidar o Secretario-Geral  
de ONU a vir a Lisboa, por ocasião da 67.<sup>a</sup>  
sessão do Instituto de Direito Internacional.  
Bem haja, Senhor Presidente.  
Res-tna por parte do primeiro da comi*

SUA EXCELÊNCIA  
o Doutor Mário Soares  
M. I. Presidente da República  
Presidência da República  
Lisboa

*Atta comitatus e de mitema amigae*  
Ba

*A. Ferrer Correia*

- 287 e 288. Cartão do Ferrer dirigido ao Presidente da República, agradecendo-lhe a sua intervenção para a vinda de Boutros-Ghali à 67.<sup>a</sup> sessão do Instituto de Direito Internacional (1995)
- 289. Convite para a sessão inaugural da 67.<sup>a</sup> Sessão do Instituto de Direito Internacional
- 290. Desdobrável do programa da 67.<sup>a</sup> Sessão do Instituto de Direito Internacional

**JUSTITIA ET PACE**

Le Président de l'Institut de Droit International  
Professeur António Ferrer Correia

vous prie de lui faire l'honneur d'assister à la Séance Solennelle d'ouverture de la 67ème Session de l'Institut de Droit International, qui aura lieu jeudi le 24 août 1995, à 10h30, à l'Aula Magna de l'Université de Lisbonne, Alameda da Universidade, 1600 Lisbonne.

**Institut de Droit International**

**Mercredi 23 août 1995**

18h30 Réception d'accueil des Participants à la Fondation Calouste Gulbenkian

**Jeudi 24 août 1995**

Aula Magna de l'Université de Lisbonne  
10h00 Départ de la Fondation Gulbenkian  
10h30 **Séance solennelle d'ouverture de la Session**

Discours du Président de la République du Portugal, *Monsieur Mário Soares*  
Discours du Président de l'Institut de Droit International, *Professeur António Ferrer-Correia*  
Allocation de bienvenue par Monsieur le Recteur de l'Université de Lisbonne, *Professeur Mário Soares*  
Discours du Ministre des Affaires Étrangères, *Monsieur Duarte Barbosa*  
Rapport du Secrétaire général de l'Institut, *Professeur Christian Dominicé*  
12h00 Photographie traditionnelle  
12h30 Déjeuner-buffet à l'Université de Lisbonne  
14h30 Départ pour la Fondation Gulbenkian  
15h00 **Début de la Session**  
17h00 Pause-café  
18h30 Fin de la séance

**Vendredi 25 août 1995**

9h30 Séance de travail  
11h00 Pause-café  
13h00 Fin de la séance  
15h00 Séance de travail

**Institut de Droit International**

17h00 Départ de la Fondation Gulbenkian  
18h00 **Séance spéciale commémorative du 50ème Anniversaire de l'ONU et de la Cour Internationale de Justice au Palais de l'Assemblée de la République Portugaise**  
20h00 Dîner au Ministère des Affaires Étrangères, Palais das Necessidades

**Samedi 26 août 1995**

9h30 Séance de travail  
11h00 Pause-café  
13h00 Fin de la séance  
15h00 Séance de travail  
17h00 Pause-café  
18h30 Fin de la séance

**Dimanche 27 août 1995**

9h30 Départ de la Fondation Gulbenkian pour la ville de Coimbra  
11h30 Visite guidée de l'Université de Coimbra  
13h00 Déjeuner au Palais de São Marcos

**Lundi 28 août 1995**

9h30 Séance de travail  
11h00 Pause-café  
13h00 Fin de la séance  
14h00 Visite guidée du Musée Calouste Gulbenkian  
15h30 Séance de travail  
17h00 Pause-café  
18h30 Fin de la séance

**Institut de Droit International**

**Mardi 29 août 1995**

9h30 Séance de travail  
11h00 Pause-café  
13h00 Fin de la séance  
15h00 Séance de travail  
18h00 Fin de la séance  
19h00 Départ de la Fondation Gulbenkian  
20h00 Dîner au Château de São Jorge

**Mercredi 30 août 1995**

9h30 Séance de travail  
10h30 Pause-café  
12h30 Fin de la séance  
14h00 Séance de travail  
16h00 Fin de la séance et départ de la Fondation Gulbenkian pour la visite aux villes de Sintra, de Cascais et Estoril  
18h00 Réception au Palais de Vila de Sintra  
20h00 Apéritif et dîner au Casino Estoril suivi d'un "show"

**Jeudi 31 août 1995**

9h30 Séance de travail  
11h00 Pause-café  
13h00 Fin de la séance  
15h00 Séance de travail  
17h00 Pause-café  
18h30 Fin de la séance

Em Novembro de 1995 a Fundação Calouste Gulbenkian volta a ser notícia de jornais. “A Fundação Gulbenkian vai reestruturar-se. A partilha dos custos das actividades artísticas com o Governo, ou outras instituições, a redução de pessoal e o reforço das bolsas e colóquios internacionais são traços fortes de um plano para três anos”, afirma o *Diário de Notícias* de 14 de Novembro, reportagem que inclui declarações de Ferrer Correia sobre as transformações necessárias na Fundação e a sua situação financeira que, no dizer do seu presidente, continua “excelente”.

*A Gulbenkian vai reestruturar-se e renovar-se, o que implicará a diminuição de custos em alguns sectores e a partilha dos encargos das actividades artísticas com o Estado ou outras instituições, sem que isso signifique abdicar da sua gestão.*

(...)

*Um dos objectivos é a transformação da orquestra em sinfónica, o que poderá concretizar-se, se as negociações correrem bem, dentro de dois a três anos*<sup>13</sup>. [1995]

Por sua vez, o *Expresso* de 18 de Novembro publica um texto que intitula *Gulbenkian quer subsídio do Estado* e entrevista Ferrer Correia que repudia a existência de uma crise financeira e afirma que os cortes orçamentais visam precaver o futuro da instituição. Afirma também que a ajuda do Estado é necessária para que a fundação possa dar um “salto qualitativo e quantitativo”. A reportagem, de Maria José Mauperrin, abre com as palavras seguintes:

“A derrota eleitoral do PSD e a ascensão da nova maioria PS fizeram reemergir, de imediato, o projecto da Fundação Calouste Gulbenkian (FCG) de recorrer a subsídios do Estado para o desenvolvimento das suas actividades”.

A administração da FCG já fizera tentativas de negociação com o anterior Governo. Revela o *Expresso* que o administrador da FCG José Blanco se havia deslocado a S. Bento para falar com Cavaco Silva, mas não foi sequer recebido

pelo primeiro-ministro. Com o governo socialista o processo parecia mais fácil, pois Marçal Grilo, que fora membro da Comissão de Reestruturação da Fundação e um dos que mais se bateram por estas novas medidas, era agora Ministro da Educação e Rui Vieira Nery, outro quadro superior da Fundação, Secretário de Estado da Cultura. Ferrer Correia não o escondia.

Com a reestruturação da Gulbenkian, os 70 anos passam a ser a idade limite para o exercício dos cargos, uma outra novidade que contrariava o que sempre se praticara. Com esta medida, Roberto Gulbenkian fica definitivamente afastado da presidência. Ferrer Correia não se livrou de ser acusado de ser esse o verdadeiro motivo da inovação.

*O país mudou e a Fundação já não precisa de assumir iniciativas que devem ser do foro do Estado.*

(...)

*Não sei de outras fundações que tenham orquestras e grupos de bailado. Hoje é muito difícil para qualquer instituição suportar tais encargos<sup>114</sup>. [1995]*

A 1 de Julho de 1996 Ferrer Correia foi agraciado com a Medalha de Ouro do Concelho de Miranda do Corvo. No mesmo mês, depois de realizado o *Congresso Internacional Refugiados: Que Futuro na Europa Pós-96?*, a Fundação Calouste Gulbenkian comemorou com grande discrição os seus 40 anos de vida. Ferrer Correia concedeu uma entrevista à *Lusa* que foi publicada em vários jornais do dia 18 de Julho.

*Portugal seria hoje diferente se esta casa não tivesse existido.*

(...)

*Modernizar a par das necessidades reais do país, e racionalizar com a preocupação de atingir um ponto de equilíbrio entre as actividades directas - o coro, o ballet, a orquestra, os museus - e o apoio a terceiros, ou seja, a concessão de bolsas<sup>115</sup>. [1996]*



291. Na casa do Senhor da Serra com a nora Narcisa

292. Na casa do Senhor da Serra com a mulher e a nora Narcisa

293. Década de 90. Numa sala de aula da Faculdade de Direito  
294. Década de 90. Votando no seu clube de sempre, a Académica  
295. Década de 90. Na sua terra natal, o Senhor da Serra  
296. Carta do Presidente da República Mário Soares, escrita a pedido  
de Ferrer, a reíterar o convite a Jacques Delors para o Seminário Internacional *Europa 1996*  
297. Cartão de Ferrer Correia dirigido ao Presidente Jorge Sampaio,  
pedindo-lhe que reforce o convite a Jacques Delors para o Seminário Internacional *Europa 1996*



293



294

O Presidente da República

Lisboa, 5 de Dezembro de 1995

Meu caro amigo,

Permito-me escrever-lhe para lhe comunicar a realização de um importante colóquio que vai ter lugar, em Lisboa, e para o qual a Fundação Calouste Gulbenkian convidou Vossa Excelência. Julgo que seria muito importante para Portugal poder contar com o prestígio da sua presença.

Refiro-me ao Seminário Internacional sobre a Europa 1996, que está a ser organizado pela Fundação Calouste Gulbenkian, que é, como sabe, a mais importante fundação portuguesa e uma das maiores europeias. Este Seminário, que contará com a participação de numerosas personalidades internacionais, realizar-se-á nos dias 6, 7 e 8 de Maio próximo, na sede da Fundação, em Lisboa.

O Presidente da Fundação, Professor Ferrer Correia, pediu-me que me associasse ao convite que ele próprio lhe fez para estar presente no Seminário Europa 1996. Faço-o com o maior gosto, pois estou certo de que a sua vasta experiência e a sua visão sobre o futuro da Europa darão um grande relevo ao colóquio.

Esperando poder contar com a sua tão honrosa presença, peço-lhe que aceite a expressão da minha elevada consideração e estima.

Com os melhores cumprimentos de sempre,  
do seu admirador,

*Luís Góes*

Exmo. Senhor  
Jacques Delors  
PARIS

296



295

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN  
Gabinete do Presidente  
96/03/07  
Senhor Presidente  
a meu ilustre amigo,  
Comos decerto são taisi ocasião  
de o fazer no próximo sábado, venho  
por este meio pedir-lhe um grande favor.  
Trata-se de apoiar a sessão em Lisboa  
de Jacques Delors para os dias 6, 7 e 8  
de Maio, no âmbito do Seminário da  
Fundação Gulbenkian para a Europa 1996,  
a realizar no dia 17 de Maio, sobre o  
tema "O Futuro da Europa", para o qual

Exmo. Senhor  
Doutor Jorge Sampaio

297

00081

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN  
Gabinete do Presidente

Lisboa, 16 de Abril de 1996

*Muito muito estimado Amigo,*  
Venho agradecer-lhe muito penhorado a sua anuência subconvinco que lhe dirigi para intervir como orador na 8ª Sessão do Seminário EUROPA 1996, que a Fundação Calouste Gulbenkian vai promover. A participação de V. Exª valorizará imensamente o nosso Seminário.

A 8ª Sessão, que se realiza no dia 8 de Maio, pelas 14.30 horas, tem por tema A Cultura e o Futuro da Europa e nela intervirão André Glucksmann, Manuel Medina Ortega, Peter Schneider e Victor Cunha Rego, além do Senhor Presidente. Dirigirá os trabalhos o meu Colega Dr. José Blanco e será moderadora a Dª Teresa Patrício Gouveia.

Reiterando os meus agradecimentos, peço-lhe que aceite os cumprimentos  
*com a mais alta consideração e a sincera amizade do*

O PRESIDENTE  
*A. Ferrer Correia*  
(A. FERRER CORREIA)

Exmº Senhor  
Doutor Mário Soares  
M.J. Presidente da Fundação Mário Soares  
Rua de São Bento, 176  
1200 LISBOA



Desdobra-se, ainda neste ano, por muitas outras iniciativas e actividades: participa nos trabalhos de preparação do Código Civil de 1996; institui na Fundação Calouste Gulbenkian o *Prémio José de Azeredo Perdigão* para o melhor aluno da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, atendendo ao facto de ter sido nessa escola que Perdigão se licenciou e por ela foi feito doutor *honoris causa*; organiza, tanto em Lisboa como em Viseu, as comemorações do centenário do nascimento de José de Azeredo Perdigão cumpridos a 19 de Setembro; homenageia no Centro Gulbenkian de Paris a figura de David Mourão-Ferreira, que falecera nesse ano (“Nunca tive um companheiro de trabalho tão generoso, tão gentil, tão cativante no seu modo de tratar, tão afectuoso como Ele”<sup>116</sup>); acompanha o bispo D. Ximenes Belo na cerimónia da entrega do Prémio Nobel da Paz, em Oslo.

Em 1997 promove a realização do 4.º seminário internacional, desta feita sobre *A Europa Social*. Estiveram presentes o Presidente da República, Jorge Sampaio, vários ministros e secretários de Estado e Jacques Delors, antigo presidente da Comissão Europeia. Ferrer Correia proferiu três discursos<sup>117</sup>. Como sempre, revela os seus sólidos conhecimentos, debruçando-se sobre a evolução das concepções políticas acerca dos pobres e filosofias sociais subjacentes.

*Até fins do século XVIII, o pobre não tem direitos – só tem deveres -, e o mesmo dever do rico de socorrer o pobre é um simples dever moral – não tem conteúdo jurídico. Outra é a filosofia subjacente à Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, mas ela vai ser modificada e ignorada pelo liberalismo triunfante durante o século XIX. Só no fim do século o programa da Revolução Francesa volta a ser valorizado e no limiar do século XX nasce finalmente, com consagração legislativa, o direito à assistência social para todos os cidadãos diminuídos ou excluídos.*

(...)





ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

Of. nº 327/96

Lisboa, 25 de Novembro de 1996

*Senhor Presidente:*

Excelentíssimo Senhor  
Prof. Doutor António de Arruda Ferrer Correia  
Magnífico Reitor Honorário da Universidade de Coimbra  
Muito Ilustre Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian  
Avenida de Berna  
1067 LISBOA CODEX

Tendo a honra de comunicar a Vossa Excelência que, na Sessão Plenária de Sócios Efectivos desta Academia, que hoje se realizou, foi Vossa Excelência, Senhor Professor Doutor António de Arruda Ferrer Correia, por proposta do Presidente da Academia das Ciências, eleito por unanimidade Sócio Honorário da Academia das Ciências de Lisboa.

De acordo com as mais recentes disposições estatutárias, a Academia pode eleger como Sócios Honorários personalidades eminentes, portuguesas ou estrangeiras, que tenham prestado à Instituição serviços insígnis.

Ninguém, mais do que Vossa Excelência, Senhor Presidente, era digno desta eleição.

No acto de felicitar Vossa Excelência, felicito principalmente a Academia das Ciências de Lisboa que se honra, a partir de hoje, com o prestígio do nome do Magnífico Reitor Honorário da Universidade de Coimbra como seu Sócio Honorário.

Aproveito o ensejo para apresentar a Vossa Excelência, Senhor Reitor, os meus respeitosos cumprimentos, *em o meu nome e de todos os membros.*

O Presidente da Academia das Ciências de Lisboa

*João V. de Sousa Martins*  
(Prof. Doutor João V. de Sousa Martins)

- 300. Dezembro de 1996. Em Oslo, convidado de D. Ximenes Belo, Prémio Nobel da Paz
- 301. Ofício da Academia das Ciências comunicando-lhe a sua eleição como sócio honorário
- 302. Carta do filho mais velho de Azeredo Perdigão, José Dantas Perdigão, agradecendo a homenagem ao pai

DANTAS DE AZEREDO PERDIGÃO  
ADVOGADO



Exmo. Senhor  
Prof. Doutor António Ferrer Correia  
M. I. Presidente do Conselho  
de Administração da  
Fundação Calouste Gulbenkian  
Av. de Berna, nº 45  
1000 LISBOA

Lisboa, 25 de Setembro de 1996

*Eu - seu filho*

Reafirmando o que já tive oportunidade de dizer pessoalmente, quôira, Senhor Professor, receber o reconhecimento, de minha irmã Maria Alice e meu e, bem assim, da minha mulher e dos meus filhos, pelos actos que, por sua iniciativa, o Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian levou a efeito em comemoração do 1º centésimo do nascimento de nosso Pai e das palavras que, quer em Lisboa, quer em Viseu, pronunciou, que muito nos sensibilizaram.

Bem haja por tudo que nesse sentido fez, não esquecendo as cem rosas vermelhas que mandou colocar na campa de nosso Pai.

*Creio em com reconhecimento, gratidão e vontade*

*[Handwritten signature]*



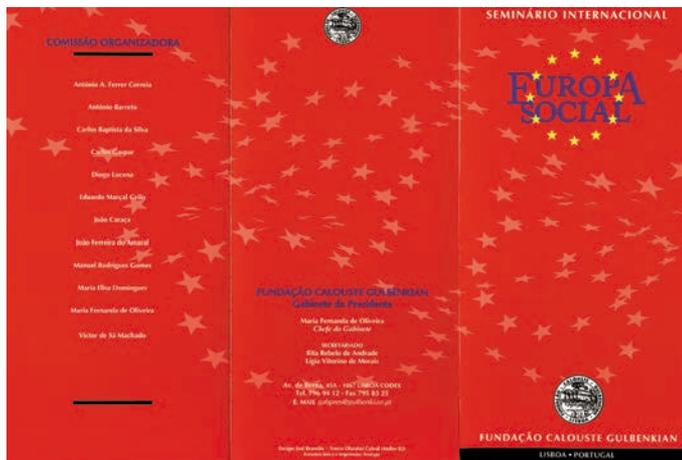
*A causa principal da exclusão e da instabilidade social é representada nos dias de hoje pelo desemprego ou pelo emprego precário, contra os quais a simples solidariedade entre os cidadãos, preconizada por Durkheim nos finais do século XIX, não é por certo o meio eficaz<sup>118</sup>. [1997]*

A 10 de Julho de 1997 foi-lhe entregue o título de sócio honorário da Academia das Ciências de Lisboa. Além de Ferrer Correia, a Academia das Ciências de Lisboa distinguiu também o Cardeal Patriarca e Mário Soares. No mesmo mês, a 21, Ferrer procede à inauguração do monumento à memória de José de Azeredo Perdigão, estando presentes o Presidente da República Jorge Sampaio e o Presidente da Assembleia da República Almeida Santos, seu antigo aluno. Mas, como noticia o *Expresso* de 26 de Julho, os filhos de Azeredo Perdigão não gostaram do monumento inaugurado em homenagem ao pai – uma casa em construção, obra de Pedro Cabrita Reis. Apesar das desavenças passadas, os três irmãos concordavam agora. Ferrer não deixa, por isso, de homenagear o seu antecessor. Em 28 de Outubro participou na sessão de preito a Azeredo Perdigão pela Academia Nacional de Belas Artes. O seu pendor e gosto pela história surge também aqui ao traçar, em sinopse, a história da Academia<sup>119</sup>. O mesmo gosto levou-o a fazer co-editar pela Gulbenkian e Universidade de Coimbra a *História da Universidade em Portugal*, com a direcção científica de António de Oliveira (Universidade de Coimbra), Joel Serrão (Universidade Nova de Lisboa) e Oliveira Ramos (Universidade do Porto).

No ano seguinte, 1998, promoveu entre os dias 4 a 6 de Maio mais um Seminário Internacional, versando o tema *Europa e Cultura*<sup>120</sup>. Como se tornara já habitual, o evento pôde contar com a presença do Presidente da República, Presidente da Assembleia da República e vários membros do Governo.



303. 5 de Junho de 199, com Jacques Delors, no decorrer do *Seminário Internacional Europa Social*  
 304. 10 de Julho de 1997, na cerimónia de investidura de sócio honorário da Academia das Ciências de Lisboa



305 e 306. Desdobrável com o programa do *Seminário Internacional Europa Social* (1997)

2ª feira 5 DE MAIO	3ª feira 6 DE MAIO	4ª feira 7 DE MAIO
<p><b>10H00</b> <b>Sessão Inaugural</b>            Discurso pelo Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian  <i>António Ferrer Correia</i>            Encerramento por Sua Excelência o Primeiro-Ministro  <i>António Guterres</i>, que se digna presidir à Sessão</p> <p><b>11H00</b> <b>SESSÃO 1</b>            PRESIDÊNCIA: <i>Maria de Belém Roseira</i>, Ministra do Saúde  <b>EXPERIÊNCIAS EUROPEIAS DE PROTECÇÃO SOCIAL</b>  <i>Anthony Adenomon</i>  <i>Cristina Alferdi</i>  <i>Simone Veil</i></p> <p><b>13H00</b> <b>SESSÃO 2</b>            PRESIDÊNCIA: <i>Alfredo Brato da Costa</i>  <b>ENVELHECIMENTO E PROTECÇÃO SOCIAL</b>  <i>Alfredo Marvão Pereira</i>  <i>Hugues de Jouvencel</i>  <i>Manuel Nazaré</i></p> <p><b>17H30</b> <b>SESSÃO 3</b>            PRESIDÊNCIA: <i>Emílio Rui Vilar</i>  <b>O FUTURO DO CAPITALISMO REDISTRIBUTIVO</b>  <i>Michel Albert</i>  <i>Ricardo Pereira</i>  <i>Stuart Holland</i>            DEBATE            MODERADOR: <i>Carlos Gaspar</i></p> <p><b>21H00</b> <b>SESSÃO 4</b>            PRESIDÊNCIA: <i>Vitor Constâncio</i>  <b>CONFERÊNCIA</b>  <i>Assar Lindbeck</i></p>	<p><b>10H00</b> <b>SESSÃO 5</b>            PRESIDÊNCIA: <i>Ernâni Lopes</i>  <b>EXCLUSÃO SOCIAL, DESEMPREGO E IMIGRAÇÃO</b>  <i>Carlos Casaca-Almeida</i>  <i>David Apter</i>  <i>Viviane Forrester</i></p> <p><b>13H00</b> <b>SESSÃO 6</b>            PRESIDÊNCIA: <i>António Correia de Campos</i>  <b>O FUTURO DOS SISTEMAS DE SAÚDE</b>  <i>Anthony Canley</i>  <i>Carlos Gonçalves Pinto</i>  <i>Pedro Fina Barros</i></p> <p><b>17H30</b> <b>SESSÃO 7</b>            PRESIDÊNCIA: <i>Eduardo Marçal Cruz</i>, Ministro da Educação  <b>CONDIÇÕES E ACTORES DE UM NOVO CONTRATO SOCIAL</b>  <i>Clare Doffe</i>  <i>José Maria Pereira Pinto</i>  <i>Roberto Mangabeira Unger</i>            DEBATE            MODERADOR: <i>António Barreto</i></p> <p><b>21H00</b> <b>SESSÃO 8</b>            PRESIDÊNCIA: <i>António Cavaleiro Silva</i>  <b>CONFERÊNCIA</b>  <i>Amartya Sen</i></p>	<p><b>11H00</b> <b>SESSÃO 9</b>            PRESIDÊNCIA: <i>Eduarte Ferro Rodrigues</i>, Ministro da Solidariedade e da Segurança Social  <b>AS REFORMAS POSSÍVEIS DOS SISTEMAS DE PROTECÇÃO SOCIAL</b>  <i>António Bógalo Felix</i>  <i>Lawrence Kottickoff</i>  <i>Manuel Braga da Cruz</i></p> <p><b>14H00</b> <b>SESSÃO 10</b>            PRESIDÊNCIA: <i>Diogo Freitas do Amaral</i>  <b>A PARTILHA DE RESPONSABILIDADES ENTRE ESTADOS NACIONAIS E UNIÃO EUROPEIA</b>  <i>Peter Ludlow</i>  <i>Phillipe Schmitter</i>  <i>Vitor Martins</i></p> <p><b>16H00</b> <b>SESSÃO 11</b>            PRESIDÊNCIA: <i>Vitor de Sá Machado</i>  <b>AS ESTRATÉGIAS DE TRANSIÇÃO PARA UM NOVO CONTRATO SOCIAL</b>  <i>Alan Finkelstein</i>  <i>Jean-Paul Fitoussi</i>  <i>Joaquim Aguiar</i>            DEBATE            MODERADOR: <i>Júlio Carlos Espada</i></p> <p><b>19H00</b> <b>SESSÃO 12</b>            PRESIDÊNCIA: <i>Mário Soares</i>  <b>CONFERÊNCIA</b>  <i>Jacques Delors</i>            Intervenção dos Relatores:  <i>Diogo Lucena</i>  <i>João Ferreira do Amaral</i>            Encerramento do Seminário</p>



**307. 21 de Julho de 1997, na cerimónia de inauguração do monumento à memória de José de Azeredo Perdigão. Na primeira fila da esquerda para a direita: Cristina Sá Machado, Vítor Sá Machado, Guimarães Lobato, Jorge Sampaio, Ferrer Correia e Almeida Santos**

HISTÓRIA  
DA  
UNIVERSIDADE  
EM  
PORTUGAL

I VOLUME  
tomo I  
(1290-1536)



UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

309. Outubro de 1997. O Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian na Feira de Frankfurt  
 310. Carta do Cardeal Patriarca D. António Ribeiro



PRESENTE AO C. A.  
 Reunião de 28/10/97  
 Acta n.º 32/97

Lisboa, 27 de Outubro de 1997

  
 PATRIARCATO DE LISBOA

GABINETE DO PRESIDENTE  
 1997-10-27  
 RECEBIDO

Ao C. A.  
 97/10/27  
*[Signature]*

Ex.mo Senhor  
 Prof. Doutor António Ferrer Correia  
 Presidente da Fundação C. Gulbenkian  
 Av. de Berna  
 1050 LISBOA

Senhor Presidente,

Após a sessão cultural do passado dia 25 do corrente, efectuada na Fundação Calouste Gulbenkian por benigna concessão de Vossa Excelência, venho exprimir-lhe, Senhor Presidente, o profundo agradecimento do Patriarcado de Lisboa e o meu próprio pela extrema gentileza que se dignou ter para conosco.

Na pessoa de Vossa Excelência, agradeço também a todo o Ex.mo Conselho Administrativo da Fundação e seus colaboradores, de modo particular aos responsáveis pelo Pelouro da Música e ao magnífico Coro Gulbenkian, cuja actuação tanto contribuiu para o brilho da referida sessão.

Com esta palavra de muita gratidão, queira aceitar, Senhor Presidente, os meus respeitosos cumprimentos ~~de elevada consideração e eterna pessoal.~~

*+ António, Car. Patriarca*



*Qual seria ainda o interesse de uma Europa forte e rica, mas que tivesse perdido a sua fecundidade cultural, o seu dinamismo artístico, a sua vitalidade literária, a sua variedade de modos de vida, a sua diversidade de costumes?*<sup>21</sup>. [1998]

Durante a presidência de Ferrer Correia houve importantes alterações na composição do Conselho de Administração da Fundação. O Professor Joel Serrão reformou-se em Setembro de 1995 e os seus pelouros, Ciência e Instituto Gulbenkian de Ciência, passaram para Vítor Sá Machado que ingressara no Conselho no final de 1969. Deixou também o CA, em 1 de Julho de 1996, Roberto Gulbenkian. Assegurara este a direcção dos serviços petrolíferos e o pelouro das comunidades arménias. A 2 de Janeiro de 1996 Emílio Rui Vilar é nomeado administrador. Ficou com o serviço das Finanças e Investimento e o da Contabilidade Central e, ainda, após a aposentação de Roberto Gulbenkian, o Petróleo e o Gás.

Ferrer Correia continua a deslocar-se, tanto no país como no estrangeiro, sempre com intervenções públicas. E continua a receber homenagens. Por despacho do 1.º Ministro publicado no *Diário da República* de 10 de Novembro de 1998, a Associação dos Amigos do Centro Escolar do Prof. Doutor Ferrer Correia é reconhecida pessoa colectiva de utilidade pública. Em 21 de Novembro é homenageado pela Associação dos Antigos Estudantes da Universidade de Coimbra em Lisboa, ocasião que ele aproveita para elogiar o seu antigo aluno Vítor Sá Machado, então eleito presidente da Fundação Calouste Gulbenkian<sup>22</sup>. E, evidentemente, recebe várias homenagens de dirigentes e funcionários da Fundação quando abandona a presidência. Nessa altura, Ferrer evoca os colegas administradores já falecidos: José Azeredo Perdigão, Domingos Holstein Beck, Pedro Teotónio Pereira, Kevork Essayan e Marcelo Matias. E saúda os outros, vivos mas aposentados: Charles Wishaw, Roberto Gulbenkian, Joel Serrão e Luís Guimarães Lobato<sup>23</sup>.

VISTO  
15.1.98

*O Presidente da República*

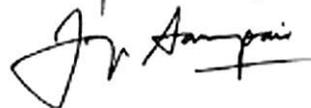
*Palácio de Belém, 24 de Novembro de 1998*

*Exm. Senhor Professor  
Caro Professor Ferrer Correia*

*Quero agradecer-lhe o envio do exemplar do Relatório,  
Balço e Contas da Fundação Calouste Gulbenkian, referente ao  
Ano de 1997, que teve a amabilidade de me oferecer.*

*Apresento-lhe os meus melhores cumprimentos de mais  
alta admiração e grande estima pessoal*

*Com respeito e atenciosas saudações de*



*Exm. Senhor  
Prof. Doutor António Ferrer Correia  
Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian*



313. 4 de Maio 1998, na abertura do Seminário Internacional *Europa e Cultura*.  
Da esquerda para a direita: Manuel Maria Carrilho, Almeida Santos, Jorge Sampaio e Ferrer Correia



PRESIDENTE DO DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS  
DA FUNDAÇÃO BISSAYA BARRETO  
(1998-2003)

---



Em Dezembro de 1998 Ferrer Correia saiu da presidência do Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian onde foi substituído por Vítor Sá Machado. Permaneceu, porém, membro do Conselho Consultivo Geral.

Os seus 86 anos não impediram que fosse de imediato convidado para Presidente do Departamento de Ciências Jurídicas da Fundação Bissaya Barreto, onde criou um novo curso de Direito. Fernanda Oliveira lembra, comovida, a felicidade que o convite, feito em idade tão avançada, proporcionou ao velho Professor. Esta colaboradora acompanhou-o, continuando a secretariá-lo nas suas novas funções em Coimbra.

Ferrer empenhou-se na criação da nova Escola que queria diferente, funcionando com poucos alunos, permitindo um acompanhamento mais pessoal. Considerava ele que a massificação do ensino se fizera à custa da qualidade. Desejava, portanto, uma Faculdade de escol. O novo curso de Direito, cuja autorização governamental só foi possível, na opinião de Manuel Nogueira Seréns, porque era Ferrer Correia que por ele dava a cara, abriu com um elenco de professores e assistentes da Universidade de Coimbra que Ferrer chamou: Rui de Alarcão, Figueiredo Dias, Manuel Porto, Vital Moreira, Henrique Mesquita, Barbosa de Melo, Almeno Sá, Nogueira Seréns, Carlos Laranjeiro e Canelas de Castro.



315. Criação do Curso de Direito na Fundação Bissaya Barreto. Com Fernandes de Carvalho  
316. Com os seus colaboradores no Curso de Direito da Fundação Bissaya Barreto:  
Barbosa de Melo, Carlos Laranjeiro Silva e Manuel Nogueira Seréns



317 a 319. Na cerimónia de atribuição da Grã-Cruz da Ordem do Infante, em 9 de Março de 1999

A 9 de Março de 1999 foi distinguido pelo Presidente da República Jorge Sampaio com a Grã-Cruz da Ordem do Infante e homenageado num jantar com carácter nacional onde se congregaram mais de 400 pessoas entre as quais, além do Presidente da República, o Presidente da Assembleia da República (Almeida Santos), o ex-Presidente da República Ramalho Eanes e o ex-Presidente da Comissão Europeia Jacques Delors.

Organizaram a homenagem os antigos alunos José Carlos Vasconcelos, Daniel Proença de Carvalho e Artur Santos Silva. “Ferrer Correia tornou-se conhecido por ser um homem moderado, de diálogo e de consenso”, afirma José Carlos Vasconcelos. “Afável, simpático, sensível, cultivava a excelência (...). Gozava de uma simpatia generalizada entre os estudantes. (...) Aberto a vários quadrantes e correntes, nunca teve uma visão maniqueísta do mundo”, são palavras de Daniel Proença de Carvalho. E, na definição de João Amaral, deputado do PCP: “Era um democrata. Estava sempre com os estudantes. Uma pessoa muito justa e criteriosa, um excelente pedagogo, um professor encantador”.



## Discurso do Presidente da República Jorge Sampaio ao condecorá-lo com a Grã-Cruz da Ordem do Infante:

*Na altura da minha visita a Estremoz, à Biblioteca Gulbenkian, anunciei a minha intenção de assinalar o termo do mandato do Prof. Ferrer Correia à frente da Fundação Calouste Gulbenkian, condecorando-o, como forma de assim lhe significar o reconhecimento do País.*

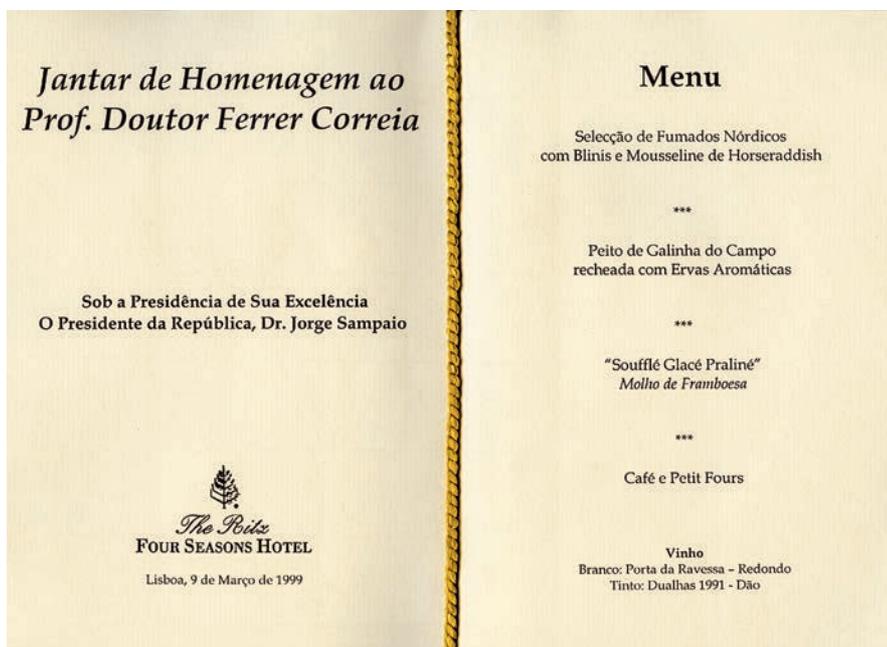
*Faltava apenas escolher a ocasião e a Ordem Honorífica mais adequada. Num caso e noutro, o destino encarregou-se de escolher por mim. Quanto à ocasião, a homenagem que, um grupo de amigos e admiradores anunciou, numa iniciativa tão feliz, que ia ser prestada, pareceu-me, naturalmente, o ensejo mais apropriado.*

*Quanto à Ordem, o facto do Prof. Ferrer Correia possuir quase todas as mais altas condecorações nacionais, levou a que a escolha recaísse sobre a que lhe faltava: a Grã Cruz da Ordem do Infante D. Henrique, que se destina a distinguir serviços prestados à cultura portuguesa e à sua divulgação no Mundo, o que, no caso, tem toda a propriedade e é da maior justiça.*

*De facto, toda a vida, toda a sua acção, toda a obra do Prof. Ferrer Correia foram dedicadas a prestigiar Portugal, a nossa cultura, as nossas instituições.*

*Como eminente jurista de renome internacional, como professor distintíssimo, como administrador e Presidente da Fundação Gulbenkian, como homem público, em todos estes domínios Ferrer Correia honrou e prestigiou o País de forma exemplar, pondo os seus dotes e talentos ao serviço da cultura, da ciência, da universidade. A presença aqui de Jacques Delors, que saúdo, é o melhor símbolo do prestígio internacional de que desfruta.*

*Conheci o nosso homenageado há muitas décadas, na minha vida de advogado, já ele era uma referência insubstituível como jurista. Recebi sempre dele as provas mais tocantes de gentileza e deferência. Aprendi, desde então, a apreciar as*



*suas extraordinárias qualidades humanas – o rigor ético, o sentido de serviço à comunidade, a visão ampla, a vasta cultura humanista, a solidez da sua ciência jurídica.*

*Ferrer Correia é, para todos os que o conhecem, um verdadeiro Mestre, no sentido mais nobre e elevado da palavra.*

*A presença nesta sala de tantos e tão ilustres personalidades que se reivindicam de seus discípulos – e entre as quais eu, modestamente e sem direito especial, me incluo – é a prova da fecundidade única do seu magistério.*

*Portugal deve ao Prof. Ferrer Correia a maior gratidão. A sua acção como jurista, na instituição da Fundação Gulbenkian, com sede em Lisboa, foi fundamental e decisiva. O papel que, ao longo dos anos, nela desempenhou foi também sempre da maior importância. Tendo substituído o Dr. Azeredo Perdigão, como Presidente, num momento delicado da instituição, soube com uma rara prudência, lucidez e equilíbrio evitar escolhos e pôr o barco a navegar em mar aberto e sereno.*

*Como professor e reitor da Universidade de Coimbra, prestigiou como poucos a Alma Mater e formou gerações sucessivas de juristas que têm marcado a vida portuguesa.*

*Homem bom, generoso e íntegro, com uma conversa cheia de encanto e uma finura psicológica ímpar, conviver com o Prof. Ferrer Correia é uma das mais fascinantes experiências humanas e intelectuais que se podem ter.*

*Neste dia de festa, quero desejar-lhe a si, Senhor Professor, e à sua família, as maiores felicidades. Muito obrigado por tudo o que tem feito e continua a fazer pelo País. Em nome de Portugal e como merecidíssima homenagem e testemunho de gratidão, vou condecorar o Prof. Ferrer Correia com a Grã Cruz da Ordem do Infante D. Henrique.*

### *O Primeiro Ministro*

Aprendi a ver no Professor Ferrer Correia a imagem tranquila do conhecimento, a serena tenacidade do espírito da cultura universalista.

Mestre de direito, alma, corpo e vida da sua Universidade de Coimbra, Ferrer Correia é a síntese mais que perfeita do verdadeiro homem do saber.

Senhor de uma integridade e de uma independência temperadas no seu enorme rigor intelectual, merece, amplamente, o nosso reconhecimento e a nossa homenagem sincera.

E não se olvide o homem na sua essência do ser, o cidadão empenhado, o defensor de valores e ideais fundamentais à sociedade em que nos integramos.

O Professor Ferrer Correia é o exemplo do juízo sereno e inteligente. Com ele a cultura sempre viveu e foi vivida. Com ele a palavra ganha corpo, a ideia vence, o sonho faz-se.

Com homens assim, Portugal faz-se futuro.



António Guterres

320. Menu do Jantar de Homenagem a Ferrer Correia  
321. Mensagem do Primeiro-Ministro, António Guterres lida no jantar de homenagem

Prof. A. Ferrer Correia

Senhor Presidente da Republica:

São duas as atenções e provas de consideração que me sempre apareceram e V. Ex.ª. Nessa é a <sup>de uma ~~boa~~ concessão de Estabelecimento português</sup> ~~concessão~~ da Gra. Cruz da Ordem do Infante. Outra a presença de V. Ex.ª. aqui neste homenagem que os seus queridos alunos da Faculdade de Direito de Coimbra tomaram a iniciativa de promover e com que me quiseram honrar. Desnecessário é dizer que a participação do Senhor Presidente neste acto lhe confere um <sup>relevo ~~à sua~~</sup> ~~relevo~~ muito especial. Bem haja V. Ex.ª. pelas suas coisas

Monsieur le Président Jacques Delors. En vous laissant assister à cet acte <sup>dont</sup> ~~pour~~ quelques <sup>amis</sup> ~~amis~~ ont pris l'initiative, ~~de~~ <sup>qui</sup> ~~me~~ <sup>me</sup> a profondément ému, vous me faites un grand honneur. Vous avez mené pendant huit ans l'entreprise <sup>com-</sup> ~~com-~~ <sup>muni-</sup> ~~muni-~~ <sup>caire</sup> ~~caire~~ <sup>européenne</sup> ~~européenne~~ et vous l'avez fait avec intelligence et avec passion; si bien que votre nom restera lié pour toujours à la cause de l'Europe. ~~VERSO~~

~~Meus queridos ex-alunos de Coimbra e sempre amigos, Daniel Proença de Carvalho, Antão Santos Silva e José Carlos de Vasconcelos: Não tenho palavras para vos exprimir o meu agradecimento por esta ideia <sup>que tanto me permitiram reunir</sup> ~~que tanto me permitiram reunir~~ a~~

*Nunca fui político. A política passou por mim, antes e depois do 25 de Abril, sem deixar rasto.* [1999]

A 19 de Abril de 2000 António Ferrer Correia perde a companheira de toda a vida. Já há muito doente, Ângela Venâncio Ferrer Correia morre na sua casa de Coimbra. Durante a doença da Dr.<sup>a</sup> Ângela, porque o marido tinha de passar grande parte da semana em Lisboa, acompanhavam-na diariamente os filhos e noras.

Sobre Ângela Ferrer Correia, os testemunhos são de notável coincidência na admiração pela sua personalidade e no papel absolutamente central que se lhe reconhece na vida do marido. Orlando de Carvalho apreciava e admirava profundamente Ângela<sup>124</sup>. “Era uma senhora delicada, afável, um anjo, tal como o seu nome”, afirma Sebastião de Pinho. “Pessoa excepcional! Inteligente, muito culta, muito reservada mas com grande influência sobre o marido que prezava muito a opinião dela. Ferrer Correia sofreu um grande choque quando ela morreu!” – disse-nos Rui de Alarcão<sup>125</sup>. No mesmo sentido se pronuncia Nogueira Seréns: “A Senhora D. Ângela era intelectualmente brilhante, mas apagou-se em prol do marido. E o amor deste para com ela era manifesto a todos. O Doutor Ferrer costumava referir-se-lhe como *a minha menina*. Já viúvo, várias vezes o ouvi lamentar-se: *já não tenho a minha menina!*”.

Ângela pontificava em casa. Conta-se que um dia, sendo os filhos ainda crianças e brincando em grande algazarra que impedia o pai de trabalhar, Ferrer, desesperado com o banzé, dirige-se ao quarto dos pequenos e vocífera ameaçador: “Ou se calam imediatamente ou eu chamo a vossa mãe!”.

Mas nem este choque, imenso, estancou a sua energia e vontade de viver. Em Outubro de 2001 participou no Colóquio *Os quinze anos de vigência do Código*



*das Sociedades Comerciais* e publicou na *Revista de Legislação e de Jurisprudência* um artigo intitulado “Contribuição para uma história da Fundação Calouste Gulbenkian” onde detidamente explica as razões jurídicas do seu parecer que sustentou a validade das cláusulas testamentárias de Calouste Gulbenkian e o contencioso com o filho do testador. Foram ainda editadas as suas principais intervenções na qualidade de Presidente da Fundação com os *Discursos do Prof. Doutor António Ferrer Correia enquanto Presidente do Conselho de Administração*. Os seus 90 anos de vida não foram festejados como habitualmente, no Senhor da Serra, mas no palácio de S. Marcos, num grande almoço.

# Revista de Legislação

e de

# Jurisprudência

PUBLICAÇÃO MENSAL

Antigos Directores: MANUEL CHAVES E CASTRO (Fundador) — GUILHERME MOREIRA  
— JOSÉ ALBERTO DOS REIS — FERNANDO A. PIRES DE LIMA — J. J. TEIXEIRA RIBEIRO

Director e comproprietário: JOÃO DE MATOS ANTUNES VARELA

Subdirector e comproprietário: MANUEL HENRIQUE MESQUITA

Redactores e comproprietários: ANTÓNIO DE ARRUDA FERRER CORREIA, ROGÉRIO GUILHERME EHRHARDT SOARES, FRANCISCO MANUEL PEREIRA COELHO, ANTÓNIO CASTANHEIRA NEVES, JORGE DE FIGUEIREDO DIAS, MÁRIO JÚLIO DE ALMEIDA COSTA, RUI NOGUEIRA LOBO DE ALARCÃO E SILVA, JOSÉ JOAQUIM GOMES CANOTILHO, GUILHERME FREIRE FALCÃO DE OLIVEIRA, MANUEL CARLOS LOPES PORTO, JORGE FERREIRA SINDE MONTEIRO, ANTÓNIO JOAQUIM DE MATOS PINTO MONTEIRO, MANUEL DA COSTA ANDRADE, FERNANDO ALVES CORREIA, RUI MANUEL GENS DE MOURA RAMOS, JOÃO CALVÃO DA SILVA, JOSÉ CARLOS VIEIRA DE ANDRADE, JOSÉ FRANCISCO DE FARIA COSTA e VITAL MARTINS MOREIRA

Professores da Faculdade de Direito de Coimbra

## Sumário

### Secção doutrinal

Contribuição para uma história da Fundação Calouste Gulbenkian. — A. FERRER CORREIA..... 161

O art. 187.º do Código Penal: uma norma incriminadora opaca. (Cont. do n.º 3926, pág. 146)  
— JOSÉ DE FARIA COSTA..... 182

### Secção de jurisprudência

S. T. J., Acórdão de 13 de Fevereiro de 2003. (Revogação parcial e actualização do art. 508.º do Código Civil pelo art. 6.º do Decreto-Lei n.º 522/85; a natureza material de direito da responsabilidade civil do art. 8.º, n.º 2, do Decreto-Lei n.º 522/85 e o art. 503.º do Código Civil, em caso de furto ou roubo de automóvel) — CALVÃO DA SILVA..... 192

T. R. L., Acórdão de 7 de Maio de 2002. (Responsabilidade civil do Estado por danos decorrentes do não exercício culposo da função legislativa) — J. J. GOMES CANOTILHO..... 202

ADMINISTRAÇÃO E TIPOGRAFIA: COIMBRA EDITORA, LIMITADA — RUA DO ARNADO — COIMBRA

Assinatura: € 31,50 (IVA incluído) + € 5,00 (despesas de expedição)

ASSINATURA ANUAL ... € 36,50





326. Cantando com os Antigos Orfeonistas em 2002  
327. Homenagem a Ferrer Correia na sua terra natal,  
o Senhor da Serra, em 14 de Setembro de 2002

A 14 de Setembro de 2002 Ferrer Correia recebeu a derradeira homenagem pública. No Senhor da Serra, sua aldeia natal, foi erigido o seu busto em bronze. A cerimónia de descerramento da estátua contou com a presença do Presidente da República. O discurso oficial foi escrito e lido por Figueiredo Dias. Ferrer manteve o seu habitual sentido de humor. Olhando a estátua, de que gostou, proferiu: “Qualquer dia já ninguém sabe de quem é. E dirão: *É o senhor da serra!*”<sup>126</sup>.

Em Janeiro de 2003, não longe de completar 91 anos de vida, foi o arguente do *curriculum* nas Provas de Agregação de Rui Moura Ramos. Começou com graça



328 a 330. Homenagem a Ferrer Correia  
na sua terra natal, o Senhor da Serra







331 e 332. Homenagem a Ferrer Correia na sua terra natal, o Senhor da Serra





LEONARDO  
OBERTI



333 e 334. Concedendo uma entrevista ao *Diário As Beiras* em Dezembro de 2002

(afirmando que mais parecia que perseguia o candidato, a quem já acompanhava desde aluno) e prosseguiu, em plena forma científica, com vivacidade, argúcia e brilhantismo, comovendo profundamente quem o ouvia.

No domínio científico, embora também deva salientar-se a sua contribuição na área do Direito Civil (com a tese de doutoramento e a obra *Procuração na Teoria da Representação Voluntária*), notabilizou-se, acima de todas, nas especialidades de Direito Comercial, Direito Internacional Privado e Direito Comparado, áreas que cultivou como professor, projectista, parcerista, coordenador de equipas de trabalho e autor, tanto através dos livros, como de artigos publicados nas mais prestigiadas revistas nacionais e estrangeiras, como, ainda, através da palavra, pois Ferrer “detestava estar sozinho, sentia-se bem rodeado de pessoas, trabalhava a discutir, a conversar” (Rui Moura Ramos<sup>127</sup>), “queria sempre alguém junto dele” (Sebastião de Pinho<sup>128</sup>), “gostava de pensar e de escrever a dialogar com os outros” (José de Faria Costa<sup>129</sup>), “arranjava sempre alguém para conversar, um dos seus grandes prazeres” (Sá Furtado<sup>130</sup>).

Para uma correcta avaliação do papel de Ferrer Correia no campo do Direito Internacional Privado, citem-se as palavras de João Baptista Machado: “Na senda aberta pelo Mestre, estes estudos e investigações desenvolveram-se em termos de “escola” que ao longo do tempo adquire uma dinâmica evolutiva própria e alcança avanços notáveis na resolução teórica coerente dos complexos problemas da teoria ou dogmática do direito internacional privado. Inspiradas por um espírito universalista, estas investigações lograram superar, com perfeita coerência jurídica, o dogma da exclusividade do direito de conflitos do Estado do foro, dogma esse que bloqueava o claro entendimento da norma de conflitos e do seu modo de funcionar. Essa a razão por que os referidos estudos se tornaram objecto

de frequente atenção e interessada análise por parte de estrangeiros especialistas na matéria”<sup>131</sup>.

Ferrer Correia “doutorou” quatro assistentes da sua faculdade, o que, para a época, não pode ser considerado pouco: Orlando de Carvalho (o discípulo dilecto de Ferrer, diz-nos Moura Ramos), Baptista Machado, (por quem, segundo Sá Furtado, sentia um grande respeito intelectual), Vasco Lobo Xavier e Rui Moura Ramos. Sobreviveu aos três primeiros.

Rui Moura Ramos salienta que o seu domínio do Direito Comercial lhe firma o nome em Portugal, vindo-lhe a projecção externa do Direito Internacional Privado. Sublinha ainda o mesmo Professor que logo nos anos 40, Ferrer Correia entra em contacto com autores alemães e que na charneira das décadas de 40 e 50 é ele quem discute as teses de doutoramento dos primeiros especialistas de Direito Internacional Privado da Universidade de Lisboa (Vasco Taborda Ferreira e Isabel Magalhães Colaço). “No século XX português e na área do Direito, há poucos nomes ao mesmo nível!”. Ferrer Correia “projectou o Direito português no estrangeiro”.

“A vocação de Ferrer Correia foi desde sempre a de investigador e professor, não constituindo as missões em que complementarmente se empenhou – de juriconsulto, projectista, administrador e até reitor – senão círculos concêntricos, ainda que sucessivamente mais vastos, desse apelo profundo e radical do seu espírito”. Tais afirmações, proferidas em 1982 por Orlando de Carvalho<sup>132</sup>, são confirmadas pelo próprio Ferrer em entrevista concedida ao *Mirante* vinte anos mais tarde, salientando que nessa sua vocação/paixão sempre contou com o apoio da mulher.

“Vida plena e rica de realizações, quer a olhemos pelo crivo rigoroso da ciência jurídica, quer a perscrutemos pelo lado mais aleatório da projecção na chamada sociedade civil ou política”<sup>133</sup>.

Ferrer Correia possuía uma energia inesgotável. Embora nunca trabalhasse depois de jantar, não fazia férias nem fins de semana, consagrados ao trabalho, amiúdo com os seus colaboradores – excepto quando a Académica jogava em Coimbra, pois nessas tardes o amor pelo clube falava mais alto. Assim se explica a sua imensa produção simultânea ao exercício de múltiplos cargos. E o seu êxito deve-se também, sem dúvida alguma, ao afecto que sempre recebeu e manifestou pelos seus. É verdade que perdeu a mãe ainda criança, mas o pai e as irmãs e, na vida adulta, a esposa, rodearam-no de carinho. Inteiramente devotados um ao outro, António e Ângela constituíam um casal profundamente cúmplice e terno. A figura da mulher, a grande conselheira, o grande apoio, é central na vida de Ferrer Correia.

Enquanto pai, é recordado como “pai-galinha”, protector e carinhoso. O filho mais novo e a sua mulher (Fernando e Narcisa), residentes em Coimbra, viam-no diariamente, o que não era possível a António José e Graça, que viviam em Aveiro. Por isso, reuniam-se todos, aos sábados, a jantar em casa dos pais, o que passou a ser um verdadeiro ritual. E Ferrer ficava absolutamente furioso se lhe marcavam algum compromisso para essas noites, como bem se lembra Sá Furtado.

Os filhos dizem-no católico, vagamente anti-clerical, muito tolerante e nada místico. Segundo Fernanda Oliveira, viveu um processo gradual de aproximação à fé, para o que contribuiu a mulher, profundamente crente.

O seu temperamento conciliador, a sua notável capacidade de diálogo, a sua gentileza para com todos é proverbial, o que lhe granjeou amizades e lealdades para toda a vida. A rectidão de carácter, a elegância de modos, a delicadeza para com todos e o seu fino sentido de humor fascinavam os que com ele conviveram e explicam, por certo, boa parte do seu êxito profissional que, na fórmula feliz de Rui de Alarcão, “reflecte uma camada mais profunda se si próprio – a sua perso-

nalidade humana”<sup>134</sup>. Sá Furtado confessa que lhe conquistou para sempre a admiração e que o convívio que manteve com Ferrer foi das coisas boas que lhe aconteceram na vida. Era, continua Furtado, um homem excepcional, de trato muito agradável, de finas maneiras, muito bom, sem qualquer sentido de ajuste de contas, nunca tendo usado o poder de maneira insensata ou incorrecta. Nogueira Seréns recorda o grande prazer intelectual que sentia em conversar com ele. Sebastião de Pinho afirma: “Foi um encanto conviver com aquele homem, um grande humanista, um *gentleman!* Aprendi muito com ele e sinto pena por não ter convivido com ele mais tempo”.

O amor quase filial e a admiração profundíssima que por ele teve a sua secretária, Fernanda Oliveira, são evidentes às primeiras palavras. A figura de Maria, a empregada devotada, é outro exemplo de amizade indefectível que, na opinião da antiga secretária, merece ser realçado.

A paixão pela música e a leitura preenchiam-lhe também a existência. Apreciava particularmente Eça, Torga, Aquilino, Jorge Amado e Erico Veríssimo. Não lhe agradavam nem Borges nem García Márquez porque o fantástico não o cativava. De Saramago, cuja escrita o não empolgava, admirou o *Memorial do Convento*. Lia também policiais, preferindo Simenon e, nos seus últimos anos de vida, Patrícia Highsmith e Ellis Peters. Mas, acima da Literatura, estava a Música. Ferrer Correia era um melómano informado. Beethoven tinha lugar de eleição nas suas preferências. Depois, mas só depois, ouvia com prazer Bach, Brahms, Schubert, Mozart, Dvorak, Mahler e Stravinsky. Possuidor desde a década de 1960 de uma aparelhagem musical sofisticada, ouvia a sua música ao serão convidando por vezes alguns amigos, entre eles Orlando de Carvalho e Rui de Alarcão – contam os seus filhos. E Ferrer era exigente. Distinguia os maestros e não lhe agradava qualquer um. Frequentemente era ouvido a trautear. E gostava de brincar e desafiar: “Diga lá que peça é esta. Ah, sim? E qual é o andamento?”.

Possuía uma memória colossal. Sabia lengalengas, poemas eruditos e poesia popular, inúmeras e extensas citações literárias (“citava as *Catilinárias* de Cícero de cor!”, recorda Sebastião de Pinho); descrevia ao pormenor jogadas de futebol de há décadas. Amava a vida. A faceta brincalhona de Ferrer manifestou-se até ao fim. Gostava de jogar com as palavras, como quando se referia aos seus tempos de doutorando com a frase “Quando eu andava a laborar no erro” (recorde-se o título da tese). Outros dos seus dichotes era afirmar que os elogios nunca eram demais e que devia a sua longevidade ao facto de nunca ter feito desporto.

Nos últimos meses de vida, Ferrer, já muito frágil, era acompanhado permanentemente pelo enfermeiro Francisco Reis que dormia junto dele tanto em Coimbra como na sua casa de Lisboa. Durante mais de 40 anos, acompanharam-no os motoristas, senhor Gonçalves e senhor Duarte que o conduziu até ao fim. Foi internado a 29 de Setembro de 2003. Ao sair, impressionou quem o viu ao percorrer demoradamente com o olhar cada recanto da casa. Depois, já na clínica, retomou ânimo e acreditou sobreviver.

O Seminário Internacional *Europa, Futuro do Passado* foi o último acto em que interveio activamente “simbolizando o legado de europeísta e de defensor acérrimo de um Mundo construído nos valores da justiça, da tolerância e dos direitos humanos”<sup>135</sup>. A ele se deveram as participações de Jacques Delors e Gil Robles. Contudo, já não foi o velho professor a ler a intervenção que preparara no leito de morte, na clínica, discutindo e ditando o texto a Manuel Nogueira Seréns. Ferrer Correia faleceu antes do congresso, às 22h de 16 de Outubro de 2003, com os filhos e noras ao seu lado. Tinha 91 anos e sempre acreditara que viveria mais. O seu derradeiro texto viria a ser lido por Barbosa de Melo, no mês seguinte.



A Fundação Calouste Gulbenkian, já então presidida por Emílio Rui Vilar, observou um dia de luto. Os estudantes não esqueceram que esteve ao seu lado durante as crises académicas de Sessenta e o seu papel na charneira dos anos Setenta/Oitenta. Por isso, apesar de estarem em greve contestando as propinas, a Direcção da AAC decretou luto e mandou interromper os piquetes de greve. A Universidade de Coimbra foi encerrada no dia do seu funeral, a 18 de Outubro. Como é da praxe devida aos professores, o corpo esteve em câmara ardente na Capela da Universidade donde, aos dobres dos sinos da velha torre, saiu em cortejo solene de duas alas de colegas com as suas longas e negras vestes despidas de insígnias. Aqui foi sepultado, no jazigo da família no cemitério da Conchada, junto do pai e da mulher.

Coimbra, Março de 2007  
Maria Antónia Lopes  
Maria João Padez de Castro





# POSFÁCIO

Elogio Fúnebre Proferido pelo Senhor Reitor

Excelentíssimos Familiares do Doutor Ferrer Correia  
Excelentíssimo Senhor Presidente do Conselho Directivo da Faculdade de Direito  
Caros colegas  
Minhas Senhoras e meus senhores

1 - Neste momento apetecia-me o silêncio e o recolhimento. As funções que exerço obrigam-me, porém, a dizer algumas palavras que – estou certo – não conseguirão exprimir nem os meus sentimentos nem as ideias que, devendo falar, gostaria de partilhar convosco.

Começo por apresentar aos Familiares do Senhor Doutor António Ferrer Correia as minhas mais comovidas e solidárias condolências, o que faço em meu nome pessoal e em nome da Universidade de Coimbra.

Procurarei a seguir sublinhar alguns dos marcos mais relevantes do percurso ímpar do Doutor Ferrer Correia como universitário.

2 - António de Arruda Ferrer Correia foi, desde o seu primeiro ano de estudante (1929), o aluno mais classificado do seu tempo. Simultaneamente, o jovem Ferrer Correia soube assumir os deveres da cidadania, militando no movimento associativo estudantil entre os que se bateram, nos primeiros anos da década de 1930, em defesa da República e dos ideais democráticos.

E também neste campo se destacou como *primus inter pares*, tendo sido eleito presidente da AAC durante dois mandatos consecutivos (1932-33 e 1933-34).

Concluída a sua licenciatura em 1935, Ferrer Correia doutorou-se muito jovem (aos 27 anos), com uma tese pioneira e de qualidade invulgar sobre “Erro e Interpretação na Teoria do Negócio Jurídico”.

Em 1945, juntamente com Manuel de Andrade, Teixeira Ribeiro e Eduardo Correia, o Doutor Ferrer Correia aderiu ao Movimento de Unidade Democrática (MUD), o que lhe valeu o “castigo” governamental de ter de aguardar mais de dois anos pelo concurso para Professor Extraordinário.

3 - Na esteira de Manuel de Andrade, e juntamente com ele, Ferrer Correia foi pioneiro na “travessia de fronteiras” que abriram novos caminhos à ciência jurídica coimbrã e

portuguesa, dando uma contribuição essencial para a consolidação da “marca de contraste” (expressão de Orlando de Carvalho) da Faculdade de Direito de Coimbra, empenhada em dar “luta aos dogmas”, à “aridez sem horizontes” e ao “formalismo sem ideal” (expressões do próprio Ferrer Correia) das concepções metodológicas até então dominantes.

Como jurista, diz-nos Ferrer Correia que sempre se norteou pelo princípio metodológico de “procurar para cada questão a resposta exacta, para cada dificuldade a solução mais razoável”. Eu direi que este foi, na vida, o lema de Ferrer Correia, como cidadão, como professor, como Reitor da Universidade de Coimbra. E cumpriu-o com sabedoria ímpar, com bom senso exemplar, com rara inteligência, com aristocrática diplomacia, com a consciência clara de que o saber e o conhecimento devem estar sempre ao serviço da vida, ao serviço das causas concretas que constroem a Cidade.

4 - Em meados dos anos cinquenta o saber do jurisconsulto António Ferrer Correia deu uma contribuição decisiva para que a Fundação Calouste Gulbenkian ficasse sediada em Portugal. Em reconhecimento da excepcional qualidade da sua intervenção no processo, Ferrer Correia foi nomeado Administrador da Fundação em Janeiro de 1959.

Na qualidade de Administrador da Fundação Calouste Gulbenkian, o Doutor Ferrer Correia prestou relevantíssimos serviços ao País, permitindo colmatar, em alguma medida, a política obscurantista do Estado Novo, ao mesmo tempo que dava a mão a muitos intelectuais, artistas e cientistas votados ao ostracismo pela intolerância do salazarismo. Neste plano do desenvolvimento cultural, científico e artístico, a Universidade de Coimbra, a AAC e os Organismos Autónomos da Academia de Coimbra têm para com Ferrer Correia uma dívida que nunca será saldada. Apenas pode ser reconhecida, e é isso que quero fazer neste momento, em nome da Universidade de Coimbra.

O seu prestígio, a sua sabedoria, as provas dadas como Administrador impuseram Ferrer Correia, uma vez chegada a hora, como o sucessor natural de Azeredo Perdigão na Presidência da Fundação Calouste Gulbenkian. Também no exercício destas elevadas funções ele deixou a marca das suas qualidades de carácter (da rectidão e espírito de justiça), da sua cultura humanista e da sua visão larga do mundo.

5 - Logo a seguir à Revolução de Abril, Ferrer Correia foi Presidente da Comissão de Gestão da sua Faculdade. Em Setembro de 1976, sendo vice-decano do corpo docente,

passou a gerir a Universidade, vindo a tomar posse como Reitor em Julho de 1978, cargo para que só aceitou ser nomeado depois de se certificar do apoio de toda a Universidade. Só nestas condições “depois de adequadamente estabelecido que era esse o desejo da Escola”, como ele próprio escreveu, assumiu publicamente, no acto da sua tomada de posse, que, cito, “a investidura nas funções de reitor significa e representa para mim a honra maior da minha carreira universitária”. Exerceu estas funções com a moderação, o bom senso, o equilíbrio e a elegância que foram sempre as marcas do seu comportamento de homem seguro do que queria e sábio na escolha dos caminhos para atingir os objectivos que se propunha. Lutou sempre pela autonomia da Universidade, pela eleição do Reitor, pela consagração de mecanismos de gestão democrática na Universidade. Até que as suas ideias foram acolhidas na lei.

Para Ferrer Correia a Universidade deve ser “o templo da ciência”, a “cidadela da verdade”, porque o ensino e o progresso da ciência exigem a livre circulação das ideias, o livre exame e a livre crítica (...), a tolerância e o respeito pelas opiniões alheias, a abertura ao diálogo”. A Universidade, sublinhou, “tem como primeiro objectivo o desenvolvimento da personalidade e, logo após, a transformação social”. Mas o Reitor Ferrer Correia não se esqueceu de sublinhar que a Universidade tem de ser, para não negar a sua essência, uma instituição democrática: “A Universidade concebo-a eu como uma ampla comunidade democraticamente estruturada, em cuja vida participem activamente os seus três corpos”.

Nos dias que vivemos, vale a pena lembrar aqui, a todos os universitários, esta lição do nosso Reitor:

“A Universidade – escreveu ele – é algo mais do que um mero conjunto de faculdades, institutos ou departamentos – é, ou deve ser, um corpo uno, com um pensamento próprio, uma vontade de acção, uma política, uma alma (...). Eu tenho para mim – disse – que sem espírito de comunidade autêntico não haverá verdadeiramente Universidade”.

Não admira, por isso, que tenha sido por decisão do Reitor Ferrer Correia que o Presidente da AAC usou da palavra, pela primeira vez em tal cerimónia, na Sessão de Abertura Solene das Aulas em 24 de Outubro de 1980.

Atingido o limite de idade imposta por lei, Ferrer Correia teve de cessar as suas funções de Reitor. O Presidente da República agraciou-o com a Grã-Cruz da Ordem Militar de Santiago da Espada. A Universidade e a Academia designaram-no *una voce*, Reitor Honorário.

6 - Na sua Universidade, o Doutor Ferrer Correia foi sem dúvida, um dos mais brilhantes, respeitados e influentes professores do seu tempo. Mas foi também o Amigo dos seus Colegas e dos estudantes de Coimbra, pondo a sua autoridade moral e o seu prestígio intelectual ao serviço das causas em que acreditava e dos valores que defendia. Os que viveram esses tempos não esquecem o amparo que receberam do grupo de professores democratas em que se integrava Ferrer Correia (com Paulo Quintela, Teixeira Ribeiro, Luís Albuquerque e poucos mais) durante as crises académicas de 1962 e de 1969.

7 - Ferrer Correia foi um investigador do mais fino quilate, foi um criador de conhecimento, um “fazedor de futuro” (como o definiu Figueiredo Dias). Foi um professor amado pelos seus alunos, além do mais pelas suas qualidades pedagógicas capazes de “conduzir ao coração do conceito como se ele eclodisse visualmente aos nossos olhos”, como um dia escreveu um dos seus mais brilhantes discípulos, o Doutor Orlando de Carvalho.

Ele foi, em síntese, um universitário, mestre e modelo de universitários. Por isso a Universidade de Coimbra sente tão profundamente a sua perda. Por isso o Reitor da Universidade de Coimbra sente tão profundamente a perda do seu Reitor Honorário. Felizes os que acreditam que um dia nos vamos voltar a encontrar. Pelo que ele deixou em cada um de nós eu acredito que, verdadeiramente, não vamos chegar a separar-nos.

Até sempre

Fernando Seabra Santos  
Reitor da Universidade de Coimbra



# CONDECORAÇÕES E OUTRAS DISTINÇÕES DE ANTÓNIO FERRER CORREIA

Reitor Honorário da Universidade de Coimbra  
Doutor *honoris causa* da Universidade de Aveiro  
Doutor *honoris causa* da Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Professor honorário da Faculdade Católica de Direito de Santos  
Presidente e membro honorário do Instituto de Direito Internacional  
Presidente honorário do Instituto Luso-Brasileiro de Direito Comparado  
Vice-presidente e membro emérito da Academia Internacional de Direito Comparado  
Presidente da Secção Portuguesa da Comissão Internacional do Estado Civil  
Grã-Cruz da Ordem da Instrução Pública  
Grã-Cruz da Ordem do Infante D. Henrique  
Grã-Cruz da Ordem Militar de Cristo  
Grã-Cruz da Ordem Militar de Santiago da Espada  
Grã-Cruz com estrela e banda da Ordem de Mérito da República Federal da Alemanha  
Grã-Cruz da Ordem de Mérito da República Italiana  
Grã-Cruz da Ordem do Rio Branco da República do Brasil  
Cruz João Ramalho (Instituto Genealógico Brasileiro)  
Medalha de Ouro da Cidade de Coimbra  
Medalha de Ouro do Concelho de Miranda do Corvo  
Medalha de Mérito do Concelho de Miranda do Corvo  
Medalha de Ouro da Associação de Medicina do Trabalho no Brasil  
Membro emérito da *Academia Europaea* de Londres  
Membro honorário da Academia das Ciências de Lisboa  
Membro honorário do Centro de Estudos Superiores do Estado do Pará  
Membro honorário do Instituto dos Advogados Brasileiros  
Sócio correspondente da Academia Lusíada de Ciências, Letras e Artes em São Paulo  
Sócio honorário da Associação Portuguesa de Literatura Comparada  
Membro da Associação Internacional da Família e das Sucessões (S. Paulo)  
Membro da Associação Internacional de Ciências Jurídicas  
Membro da Associação Internacional de Direito Comparado  
Membro da Associação Internacional de Direito dos Seguros  
Membro da Sociedade Brasileira de Direito Comparado (Rio de Janeiro)  
Membro do Institut du Droit et des pratiques des Affaires Internationales (Paris)  
Membro do Instituto Helénico de Direito Internacional e Estrangeiro  
Membro do Instituto Luso-Hispano-Americano de Direito Internacional

## NOTAS

- <sup>1</sup> *30 anos ao serviço da educação, 1968-1998*, Senhor da Serra, Escola Básica Integrada/JI Professor Doutor Ferrer Correia, 2000, p. 11.
- <sup>2</sup> *Mirante*, suplemento da edição n.º 294 de 1 de Setembro de 2002.
- <sup>3</sup> Palavras do seu discurso de 1 de Julho de 1996, quando recebeu a Medalha de Ouro do Concelho de Miranda do Corvo (*Discursos do Prof. Doutor António Ferrer Correia enquanto Presidente do Conselho de Administração 1993-1998*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2001, p. 97).
- <sup>4</sup> Em entrevista que nos foi concedida a 16 de Fevereiro de 2006. Albano Nogueira, nascido em 1911, faleceu seis meses após a concessão da entrevista, a 20 de Agosto de 2006.
- <sup>5</sup> Entrevista que realizámos em Março de 2006. Jaime Mendonça Teixeira, nascido em 1910, faleceu a 22 de Novembro de 2006. Agradecemos a colaboração da Doutora Regina Teixeira Anacleto que nos apresentou os Drs. Albano Nogueira e Jaime Teixeira, respectivamente seus primo e pai, e nos conduziu às suas residências.
- <sup>6</sup> *Mirante*, suplemento da edição n.º 294 de 1 de Setembro de 2002.
- <sup>7</sup> *Perfil de António de Arruda Ferrer Correia professor da Faculdade de Direito de Coimbra*, Coimbra, 1985, sep. de *Boletim da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra*, vol. LIX, 1983, p. 4.
- <sup>8</sup> Lina Madeira, *As Direcções da AAC e o Estado Novo (1926-1961)*, trabalho de seminário científico da Licenciatura em História, policopiado, 1991, pp. 3-5.
- <sup>9</sup> *Mirante*, suplemento da edição n.º 294 de 1 de Setembro de 2002.
- <sup>10</sup> Cristina Faria, *As lutas estudantis contra a Ditadura Militar (1926-1932)*, Lisboa, Edições Colibri, 2000, pp. 108, 164-165.
- <sup>11</sup> António Ferrer [Correia], *Mundo Novo*, n.º 4, 11.3.1931, p. 6.
- <sup>12</sup> António José Soares, *Saudades de Coimbra*, Coimbra, Almedina, 1985, sem página (Novembro de 1931).
- <sup>13</sup> António José Soares, *Saudades de Coimbra*, cit., sem página (Março de 1932).
- <sup>14</sup> Museu Académico, *Livro de Actas da Direcção da AAC (1929/30-1935/36)*, acta da sessão de 21 de Novembro de 1932.
- <sup>15</sup> Museu Académico, *Livro de Actas da Direcção da AAC (1929/30-1935/36)*, actas das sessões de 21 e 22 de Novembro de 1932.
- <sup>16</sup> António José Soares, *Saudades de Coimbra*, cit., sem página (Novembro de 1933).
- <sup>17</sup> Museu Académico, *Livro de Actas da Direcção da AAC (1929/30-1935/36)*, acta da sessão de 19 de Fevereiro de 1934.
- <sup>18</sup> *Mirante*, suplemento da edição n.º 294 de 1 de Setembro de 2002.
- <sup>19</sup> António Ferrer Correia, *Discursos e Entrevistas*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1982, p. 43.
- <sup>20</sup> António Ferrer Correia, *Discursos e Entrevistas*, pp. 206-207 (entrevista publicada no *Diário de Coimbra* em 18 de Janeiro de 1980).
- <sup>21</sup> Foi o decreto de 11 de Fevereiro de 1932 que cedeu parte da igreja de S. Bento para a instalação do Orfeon.

- <sup>22</sup> Palavras proferidas em Lisboa a 21 de Novembro de 1998 na homenagem que lhe prestou a Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra (*Discursos do Prof. Doutor António Ferrer Correia enquanto Presidente...*, p. 187).
- <sup>23</sup> Palavras proferidas a 10 de Outubro de 1997 no lançamento da obra *História da Universidade em Portugal* (*Discursos do Prof. Doutor António Ferrer Correia enquanto Presidente...*, p. 149).
- <sup>24</sup> Orlando de Carvalho, *Perfil de António de Arruda Ferrer*.
- <sup>25</sup> Cf. A. H. de Oliveira Marques, *Parlamentares da 1.ª República (1910-1926)*, Lisboa/Porto, Assembleia da República/Afrontamento, 2000, pp. 338-339.
- <sup>26</sup> *Mirante*, suplemento da edição n.º 294 de 1 de Setembro de 2002.
- <sup>27</sup> Orlando de Carvalho, *Perfil de António de Arruda Ferrer Correia...*, p. 19.
- <sup>28</sup> Orlando de Carvalho, *Perfil de António de Arruda Ferrer Correia...*, pp. 4-5.
- <sup>29</sup> Rui Moura Ramos, “António Ferrer-Correia (1912-2003)”, *Justitia et Pace. Annuaire de l'Institut de Droit International, Session de Cracovie*, vol. 71-II, 2006.
- <sup>30</sup> António Ferrer Correia, *Discursos e Entrevistas*, p. 29 (palavras proferidas na cerimónia de tomada de posse dos seus vice-reitores, a 4 de Setembro de 1978).
- <sup>31</sup> *Mirante*, suplemento da edição n.º 294 de 1 de Setembro de 2002.
- <sup>32</sup> Depoimento que os dois irmãos, Doutor António José Venâncio Ferrer Correia e Dr. Fernando Manuel Venâncio Ferrer Correia acompanhado da esposa, Dra. Narcisa Ferrer Correia, nos concederam em casa dos pais e sogros a 5 de Julho de 2006.
- <sup>33</sup> O episódio foi-nos contado pelo Doutor Manuel Nogueira Seréns no depoimento que nos prestou a 10 de Janeiro de 2007. Outras declarações suas usadas neste texto foram igualmente proferidas no decorrer da mesma conversa.
- <sup>34</sup> Publicada no *Boletim da Faculdade de Direito*, vol. XXX, 1954 e no *Jornal do Foro*, 22, Lisboa, 1958.
- <sup>35</sup> Comunicação proferida em Junho de 1993 no 1.º Encontro de Fundações Portuguesas (*Discursos do Prof. Doutor António Ferrer Correia enquanto Presidente...*, p. 198).
- <sup>36</sup> Como explica Ferrer Correia, a validade formal de um testamento depende da lei do lugar onde foi redigido (segundo o Código Civil vigente na altura, que era o de 1867), mas a validade do seu conteúdo é enquadrado pela legislação do país do outorgante (“Contribuição para uma história da Fundação Calouste Gulbenkian”, *Revista de Legislação e Jurisprudência*, Coimbra, ano 134.º, n.ºs 3927/3928, 2001, pp. 163-164).
- <sup>37</sup> Ver *Discursos do Prof. Doutor António Ferrer Correia enquanto Presidente...*, p. 191.
- <sup>38</sup> A documentação reproduzida relativa à construção da casa encontra-se na Câmara Municipal e foi descoberta e digitalizada pela Doutora Regina Anacleto, a quem muito agradecemos.
- <sup>39</sup> Discurso de despedida da presidência da Fundação Calouste Gulbenkian em 23 de Dezembro de 1998 (*Discursos do Prof. Doutor António Ferrer Correia enquanto Presidente...*, p. 192).
- <sup>40</sup> Azeredo Perdigão foi eleito presidente do Conselho de Administração a 10 de Setembro de 1956, na 1.ª reunião do 1.º Conselho.
- <sup>41</sup> Estas e outras declarações do Doutor Sá Furtado foram proferidas no decorrer da conversa que com ele mantivemos a 18 de Janeiro de 2007.
- <sup>42</sup> Vol. XXXVI, 1960.
- <sup>43</sup> Os testemunhos são unânimes na caracterização do professor. Leiam-se José Carlos de Vasconcelos, “Ferrer Correia: um professor na Universidade e na vida”, *O Jornal*, 2 de Julho de 1982, p. 10; José de Faria Costa,

“Doutor António Arruda Ferrer Correia”, *Boletim da Faculdade de Direito* 79, 2003, p. 777; Manuel Porto, “Professor Doutor António Arruda Ferrer Correia”, *Idem*, p. 781. O mesmo ouvimos aos Doutores José Carlos Vieira de Andrade a 9 de Janeiro de 2007, Manuel Nogueira Seréns na entrevista já mencionada e Rui Moura Ramos a 9 de Fevereiro de 2007.

<sup>44</sup> Em José Carlos de Vasconcelos, “Ferrer Correia: um professor na Universidade e na vida”, cit., pp. 10-11.

<sup>45</sup> Testemunho de Nogueira Seréns.

<sup>46</sup> Orlando de Carvalho, *Perfil de António de Arruda Ferrer Correia...*, p. 16.

<sup>47</sup> Maria José Mauperrin com António Marinho, *Expresso* de 29 de Março de 1991, p. A14.

<sup>48</sup> *Boletim da Faculdade de Direito*, vol. XLI, 1966.

<sup>49</sup> *Mirante*, suplemento da edição n.º 294 de 1 de Setembro de 2002.

<sup>50</sup> Orlando de Carvalho, *Perfil de António de Arruda Ferrer Correia...*, p. 10.

<sup>51</sup> Cf. António Ferrer Correia, *Discursos e Entrevistas*, pp. 137-138.

<sup>52</sup> Declarações das duas senhoras proferidas em casa de D. Maria Augusta a 17 de Janeiro de 2007.

<sup>53</sup> Orlando de Carvalho, *Perfil de António de Arruda Ferrer Correia...*, p. 14.

<sup>54</sup> Declarações à Agência Lusa em 1999 publicadas no *Jornal de Notícias* de 8 de Março de 1999.

<sup>55</sup> *Mirante*, suplemento da edição n.º 294 de 1 de Setembro de 2002.

<sup>56</sup> *Diário de Coimbra* de 1 de Julho de 1977.

<sup>57</sup> Também publicada em *Discursos e Entrevistas*, pp. 157-160.

<sup>58</sup> Nesse mesmo ano de 78, no Outono, quando o Presidente da República teve de nomear novo primeiro-ministro após a queda de Nobre da Costa em Assembleia da República, terá ponderado, novamente, o convite a Ferrer Correia (*apud* José Carlos de Vasconcelos, “Ferrer Correia: um professor na Universidade e na vida”, *O Jornal*, 2 de Julho de 1982, p. 11).

<sup>59</sup> *Jornal de Notícias* de 17 de Abril de 1978.

<sup>60</sup> António Ferrer Correia, *Discursos e Entrevistas*, p. 18 (discurso da sua investidura, a 16 de Junho de 1978).

<sup>61</sup> António Ferrer Correia, *Discursos e Entrevistas*, p. 163 (entrevista publicada no *Jornal da Educação* em Maio de 1978)

<sup>62</sup> Entrevista publicada em António Ferrer Correia, *Discursos e Entrevistas*, pp. 163-170.

<sup>63</sup> Publicado em António Ferrer Correia, *Discursos e Entrevistas*, pp. 13-23.

<sup>64</sup> Discurso publicado em António Ferrer Correia, *Discursos e Entrevistas*, pp. 27-33. Como nos esclareceu o Doutor Sebastião de Pinho em depoimento do dia 20 de Março de 2007, os primeiros colaboradores escolhidos por Ferrer foram ele próprio e António Caeiro. Ambos obrigados a retirar-se por motivos profissionais, foram substituídos, respectivamente, por Amândio Coxito e Fernando Bronze.

<sup>65</sup> Palavras proferidas na abertura solene das aulas da Universidade de Coimbra, a 24 de Outubro de 1980 (António Ferrer Correia, *Discursos e Entrevistas*, p. 59).

<sup>66</sup> Durante o reitorado de Ferrer Correia, Carlos Sá Furtado era Presidente do Conselho Científico da Faculdade de Ciências e Tecnologia.

<sup>67</sup> Palavras proferidas quando nos recebeu na sua residência no dia 17 de Janeiro de 2007.

<sup>68</sup> Rui de Alarcão, *Elogio de Ferrer Correia*, separata do número especial do *Boletim da Faculdade de Direito*, Coimbra, 1985, p. 8.

<sup>69</sup> Declarações do dia 17 de Janeiro de 2007.

- <sup>70</sup> Entrevista concedida ao *Diário de Lisboa*, também publicada em António Ferrer Correia, *Discursos e Entrevistas*, pp. 173-180.
- <sup>71</sup> Entrevista publicada em António Ferrer Correia, *Discursos e Entrevistas*, pp. 183-194.
- <sup>72</sup> Publicado em António Ferrer Correia, *Discursos e Entrevistas*, pp. 37-51.
- <sup>73</sup> Discurso de abertura na sessão inaugural do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas a 18 de Junho de 1979.
- <sup>74</sup> *Idem*.
- <sup>75</sup> Publicado em António Ferrer Correia, *Discursos e Entrevistas*, pp. 77-87.
- <sup>76</sup> Discurso proferido a 2 de Dezembro de 1980 na sessão de Abertura do Congresso *A Universidade Portuguesa nos anos 80*.
- <sup>77</sup> Publicado em António Ferrer Correia, *Discursos e Entrevistas*, pp. 55-74.
- <sup>78</sup> Discurso reitoral na cerimónia da abertura solene das aulas da Universidade de Coimbra a 24 de Outubro de 1980.
- <sup>79</sup> *Idem*.
- <sup>80</sup> António Ferrer Correia, *Discursos e Entrevistas*, p. 202.
- <sup>81</sup> António Ferrer Correia, *Discursos e Entrevistas*, p. 208.
- <sup>82</sup> Leia-se em António Ferrer Correia, *Discursos e Entrevistas*, pp. 143-151.
- <sup>83</sup> O discurso encontra-se publicado em António Ferrer Correia, *Discursos e Entrevistas*, pp. 99-102.
- <sup>84</sup> As declarações dos dois Professores foram feitas nas entrevistas já mencionadas.
- <sup>85</sup> A cerimónia de entrega do diploma decorreu em Coimbra, a 14 de Janeiro de 1982, tendo-se aqui deslocado os vice-reitores Mário Muller Romiti e Vicente Fernandes Cascione. No seu discurso (publicado em António Ferrer Correia, *Discursos e Entrevistas*, pp. 131-133), Ferrer evoca os grandes mestres da sua Faculdade de Direito: Guilherme Moreira, Machado Vilela, Beleza dos Santos, José Alberto dos Reis, Paulo Merêa, Cabral Moncada, Vaz Serra, Pires de Lima e Manuel de Andrade.
- <sup>86</sup> Palavras proferidas na visita do Papa. Publicadas em *Visita de João Paulo II à Universidade de Coimbra*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1983, p. 9.
- <sup>87</sup> Este parágrafo é o testemunho de uma das autoras, Maria Antónia Lopes, dirigente na altura da Juventude Socialista da FLUC e membro do Colégio Eleitoral.
- <sup>88</sup> Rui de Alarcão foi pela primeira vez abordado para se candidatar a reitor por três representantes da Juventude Socialista, Dinis Alves, Vítor Matoso e Maria Antónia Lopes, que para isso agiram sem qualquer indicação do PS. O professor, que os recebeu na sua residência, mostrou-se receptivo. A esta primeira conversa sucederam-se outras reuniões com alguns destes e outros alunos.
- <sup>89</sup> *Mirante*, suplemento da edição n.º 294 de 1 de Setembro de 2002.
- <sup>90</sup> *Perfil de António de Arruda Ferrer Correia professor da Faculdade de Direito de Coimbra*.
- <sup>91</sup> Afirmção proferida no programa *Pequeno Almoço* da RDP/Centro em 1990 ou 1991 (no arquivo da Fundação Calouste Gulbenkian transcrito em suporte de papel).
- <sup>92</sup> Não confundir este coro com o Orfeon Académico de Coimbra, organismo autónomo da AAC a que Ferrer pertenceu. O Coro dos Antigos Orfeonistas é um grupo constituído fora da Universidade por antigos coralistas do Orfeon donde são excluídas as orfeonistas.
- <sup>93</sup> O seu nome foi indicado pelo PRD, por iniciativa do deputado seu amigo José Carlos Vasconcelos. O velho

professor aceitou de imediato, para agradável surpresa dos proponentes que temiam que este homem, sem filiação partidária e de tão avançada idade, recusasse (informação prestada pelo Dr. José Carlos Vasconcelos em conversa mantida no dia 14 de Março de 2007).

<sup>94</sup> *Elogio de Ferrer Correia*, cit., p. 7. Este discurso, publicado depois no *Boletim da Faculdade de Direito*, fora proferido na cerimónia de atribuição da Medalha de Ouro da Cidade de Coimbra, em 1984, como nos informou o doutor Rui de Alarcão quando nos recebeu na Fundação Bissaya Barreto, a 9 de Janeiro de 2007.

<sup>95</sup> As informações prestadas pela Senhora D. Fernanda Oliveira foram-nos concedidas na sua casa do Estoril a 19 de Julho de 2006. Esta senhora, inicialmente funcionária do quadro do Serviço de Música da Fundação Calouste Gulbenkian, destacada depois em comissão de serviço na Secretaria do Conselho e secretária de Ferrer desde 1982, foi chefe de gabinete e depois directora de serviço, categoria em que se reformou. Acompanhou o Professor quando este assumiu funções na Fundação Bissaya Barreto, em Coimbra.

<sup>96</sup> Declaração a *O Independente* de 10 de Fevereiro de 1989.

<sup>97</sup> Acção intentada por Portugal contra a Austrália porque esta havia assinado um tratado com a Indonésia para a exploração de petróleo no mar de Timor, reconhecendo, assim, *de jure*, a anexação de Timor-Leste.

<sup>98</sup> Cf. *O Independente* de 22 de Março de 1991, p. 56.

<sup>99</sup> *Expresso* de 23 de Março de 1991, p. A9.

<sup>100</sup> Discurso publicado em *Discursos do Prof. Doutor António Ferrer Correia enquanto Presidente...*, pp. 197-210.

<sup>101</sup> Comunicação *I Encontro Nacional de Fundações Portuguesas*, realizado em Lisboa a 17 e 18 de Junho de 1993.

<sup>102</sup> Publicado em *Discursos do Prof. Doutor António Ferrer Correia enquanto Presidente...*, pp. 15-23.

<sup>103</sup> Discurso na sessão de homenagem ao Doutor José de Azeredo Perdigão a 30 de Setembro de 1993.

<sup>104</sup> Ver *Discursos do Prof. Doutor António Ferrer Correia enquanto Presidente...*, pp. 27-32.

<sup>105</sup> Ver *Discursos do Prof. Doutor António Ferrer Correia enquanto Presidente...*, pp. 33-38.

<sup>106</sup> *Diário de Notícias* de 13 de Maio de 1994. Ferrer afirmava também: “Ninguém tem a intenção de acabar com o ballet, com a orquestra, com o coro ou o Acarte”. O ballet, criado em 1962, foi extinto em 2005 e o ACARTE (Serviço de Animação, Criação Artística e Educação pela Arte), que datava de 1984, desapareceu em 2002. Subsistem a orquestra, que foi fundada em 1962 e o Coro, nascido dois anos mais tarde.

<sup>107</sup> Coerentemente o afirma, como já o fizera em plena Sala dos Capelos no longínquo ano de 1967. Discurso publicado em *Discursos do Prof. Doutor António Ferrer Correia enquanto Presidente...*, pp. 39-52.

<sup>108</sup> O primeiro espaço de exposição permanente de arte moderna e contemporânea existente em Portugal, o Centro de Arte Moderna (CAM) foi construído no parque da Gulbenkian e inaugurado em 1983 depois de acesa polémica que incluiu debates na Assembleia da República e a oposição de movimentos ecologistas. Em 1993, por deliberação do Conselho de Administração presidido por Ferrer Correia, passou a chamar-se Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão.

<sup>109</sup> Eduardo Marçal Grilo só integrará o Conselho de Administração em Outubro de 2000.

<sup>110</sup> Em *Discursos do Prof. Doutor António Ferrer Correia enquanto Presidente...*, pp. 53-57.

<sup>111</sup> Alocução de 9 de Janeiro de 1995 no seminário internacional *Os Direitos da Pessoa e a Comunicação Social*.

<sup>112</sup> Publicados em *Discursos do Prof. Doutor António Ferrer Correia enquanto Presidente...*, pp. 65-83.

<sup>113</sup> *Diário de Notícias* de 14 de Novembro de 1995.

<sup>114</sup> *Expresso* de 18 de Novembro de 1995.

<sup>115</sup> Entrevista concedida à Lusa em Julho de 1996, nos 40 anos de existência da Fundação Calouste Gulbenkian.

- <sup>116</sup> Discurso de Ferrer Correia em *Discursos do Prof. Doutor António Ferrer Correia enquanto Presidente...*, pp. 111-112. Mourão-Ferreira morreu em Junho de 1996. Tinha sido durante 15 anos director do Serviço das Bibliotecas Itinerantes e Fixas (depois chamado Serviço de Bibliotecas e Apoio à Leitura) e da revista *Colóquio Letras*.
- <sup>117</sup> Publicados em *Discursos do Prof. Doutor António Ferrer Correia enquanto Presidente...*, pp. 117-127.
- <sup>118</sup> Discurso no seminário internacional *A Europa Social* em Junho de 1997.
- <sup>119</sup> Com discurso publicado em *Discursos do Prof. Doutor António Ferrer Correia enquanto Presidente...*, pp. 151-155.
- <sup>120</sup> Leiam-se as suas intervenções em *Discursos do Prof. Doutor António Ferrer Correia enquanto Presidente...*, pp. 161-170. Em 27 de Abril desse ano a revista *Valor* publicara a entrevista que lhe concedera sobre esse evento (*Idem*, pp. 157-160).
- <sup>121</sup> Discurso no seminário internacional *Europa e Cultura* em Maio de 1998.
- <sup>122</sup> O seu discurso encontra-se em *Discursos do Prof. Doutor António Ferrer Correia enquanto Presidente...*, pp. 185-187. Victor Sá Machado entrara em 1960 para a Fundação Calouste Gulbenkian pela mão de Ferrer Correia.
- <sup>123</sup> Em *Discursos do Prof. Doutor António Ferrer Correia enquanto Presidente...*, pp. 193-194.
- <sup>124</sup> Testemunho de Nogueira Seréns.
- <sup>125</sup> No já citado depoimento do dia 9 de Janeiro de 2007.
- <sup>126</sup> Testemunho de Nogueira Seréns.
- <sup>127</sup> Na entrevista mencionada.
- <sup>128</sup> Na entrevista referida.
- <sup>129</sup> José de Faria Costa, “Doutor António Arruda Ferrer Correia”, cit., p. 777.
- <sup>130</sup> Na entrevista indicada.
- <sup>131</sup> João Baptista Machado, “Contributo da Escola de Coimbra para a Teoria do Direito Internacional Privado”, *Boletim da Faculdade de Direito*, Vol. LXI, 1985, p. 159.
- <sup>132</sup> *Perfil de António de Arruda Ferrer Correia...*, p. 7.
- <sup>133</sup> José de Faria Costa, “Doutor António Arruda Ferrer Correia”, cit., p. 775.
- <sup>134</sup> *Elogio de Ferrer Correia*, cit., p. 10.
- <sup>135</sup> Informação constante na página virtual da Fundação Bissaya Barreto [<http://www.fbb.pt>].

# CRONOLOGIA

## ANTÓNIO DE ARRUDA FERRER CORREIA (1912-2003)

- 1912 • António de Arruda Ferrer Correia, filho de Manuel Correia Esteves Ferrer e de Esmeralda da Arruda, nasce a 15 de Agosto na aldeia do Senhor da Serra, freguesia de Semide, concelho de Miranda do Corvo.
- 1925 • Matricula-se no Colégio S. Pedro, em Coimbra, onde faz parte dos estudos secundários.
- 1929 • Conclui os estudos secundários no Liceu de Coimbra. Matricula-se na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. Frequenta também o curso de Românicas na Faculdade de Letras.
- 1932 • É eleito presidente da Associação Académica de Coimbra, cargo que desempenha até 1934.
- 1935 • Licencia-se em Direito com 18 valores, apresentando a dissertação de licenciatura *Dolo e Preterintencionalidade*.
- 1938 • Traduz *A representação dos danos no direito civil* de Hans Albrechet Fisher. Casa-se com Ângela Maria da Silva Venâncio.
- 1939 • Doutora-se em Ciências Jurídicas com 18 valores defendendo a tese *Erro e interpretação na teoria do negócio jurídico*, nesse mesmo ano publicada.
- 1940 • É contratado como professor auxiliar na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. Toma posse a 6 de Fevereiro e inicia a sua carreira regendo a cadeira de Direito Processual. Nasce o filho António José, a 5 de Junho.
- 1942 • É contratado para exercer funções de professor extraordinário.
- 1943 • Nasce o segundo filho, Fernando Manuel, a 19 de Junho. Torna-se Académico Permanente do Instituto de Coimbra.
- 1945 • Funda com outros colegas e juristas a *Revista de Direito e de Estudos Sociais*, integrando o seu conselho redactorial. É nomeado membro da comissão encarregada de elaborar um projecto de revisão do Código Civil.
- 1948 • A 25 de Maio é nomeado professor extraordinário. A 2 de Agosto é nomeado professor catedrático. Publica *Sociedades fictícias e unipessoais* e *A procuração na teoria da representação voluntária*. Publica com Manuel de Andrade *Suspensão de deliberações sociais e direitos individuais dos accionistas*.
- 1950 • Inicia as funções de co-director da *Revista de Direito e Estudos Sociais*. Publica *O problema das qualificações em direito internacional privado*. Manda construir uma casa no Senhor da Serra, que passa a ser a residência habitual de férias.
- 1953 • É nomeado Bibliotecário da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. Integra a redacção da *Revista de Legislação e Jurisprudência*. Publica *Sociedade entre cônjuges*.

- 1954 • Publica com Manuel de Andrade e Inocêncio Galvão Teles *Valor do acto realizado por demente antes de instaurada a acção de interdição*. Publica com Eduardo Correia *Fundamento da interdição por demência: alguns aspectos do problema*.
- 1955 • Por ser considerado um reputado especialista em Direito Internacional Privado, é consultado pelos testamenteiros de Calouste Gulbenkian, falecido nesse ano. Publica *Unidade do estatuto pessoal* e *Lições de direito comercial*.
- 1957 • Toma posse do cargo de Secretário da Faculdade de Direito. Publica *Pessoas colectivas: anteprojecto de um capítulo do novo Código Civil*. É convidado para representar a Fundação Calouste Gulbenkian na acção que esta interpôs nos tribunais de Lisboa contra o filho primogénito do fundador. Constrói a sua casa na rua Teixeira de Carvalho, em Coimbra.
- 1958 • Integra o Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian. Publica *Reivindicação do estabelecimento comercial como unidade jurídica* e, em colaboração com Rui de Alarcão, *Acerca da taxa-limite do montante da cláusula penal fixada pelo Dec. 21730*.
- 1960 • Prefacia *Manual de direito das falências* de Pedro de Macedo e com Rui de Alarcão prefacia a 6.<sup>a</sup> impressão da obra de Manuel de Andrade *Teoria geral da relação jurídica*.
- 1961 • Publica *Homenagem à memória do Doutor Álvaro da Costa Machado Vilela* e, com Vasco da Gama Lobo Xavier, *Do contrato de sociedade*.
- 1962 • É nomeado membro do júri do concurso de habilitação para juizes de Direito, função que desempenhará em vários anos. Integra o Conselho Fiscal da Euro-Labor.
- 1963 • É nomeado membro da comissão revisora do Projecto da Parte Geral do Código Penal. Publica *O problema do reenvio (devolução) em Direito Internacional Privado* e *A representação dos menores sujeitos ao pátrio poder na assembleia geral das sociedades comerciais*.
- 1964 • É convidado para leccionar na Faculté Internationale de Droit Comparé em Estrasburgo, colaboração que manteve ao longo da vida. Publica com João Baptista Machado *Conflitos de leis*.
- 1965 • Funda, com outros professores, o Centro de Direito Comparado da Universidade de Coimbra. É nomeado membro da Comissão Executiva da Faculté Internationale de Droit Comparé.
- 1966 • Elabora o projecto que serviu de base aos capítulos do Código Civil sobre “Direitos dos estrangeiros e conflitos de leis”, “Pessoas colectivas” e “Contrato de sociedade”. Publica *La société d'un seul associé*; com Vasco da Gama Lobo Xavier, *A amortização de quotas e o regime da prescrição: a propósito de uma sentença*; com Paulo Melero Sendim e Vasco da Gama Lobo Xavier *Lições de direito comercial* (1966-1970); anota a obra de António Caeiro *A exclusão estatutária do direito de voto nas sociedades por quotas*.
- 1967 • Recebe a Grã-Cruz da Ordem Militar de Cristo com que tinha sido agraciado no ano anterior. É eleito membro da *Académie Internationale de Droit Comparé* (Paris). Publica *O problema das sociedades unipessoais* e *La question du renvoi dans le nouveau code civil portugais*. Surge, sob a sua direcção, a *Revista de Direito e Economia*.

- 1968 • Publica *O problema da qualificação segundo o novo direito internacional privado português; Aumento de capital, preferência dos accionistas e sobrepreço das acção* (com António Caeiro); *A exigência estatutária de quorum nas assembleias gerais de segunda vocação e o artigo 184 do Código Comercial* (com Vasco da Gama Lobo Xavier). Reedita a sua tese de doutoramento com o título *Estudos Jurídicos: I Erro e interpretação na teoria de negócio jurídico*.
- 1969 • Publica *Estudos Jurídicos: II Direito Civil, Comercial e Criminal*.
- 1970 • Publica *Da questão prévia em direito internacional privado; De novo acerca do reenvio no actual Código Civil português; Estudos Jurídicos: III Direito Internacional Privado*; e, em co-autoria com António Caeiro, *Ante-projecto de lei das sociedades comerciais: parte geral*.
- 1971 • Publica *Le régime juridique des fondations privées, culturelles et scientifiques du droit portugais; La reconnaissance et l'exécution des jugements étrangers: rapport général*; e, com revisão de António Caeiro e compilação de Fernando Bronze, *A mulher casada e o exercício do comércio: aditamento às lições de direito comercial*.
- 1972 • Publica *O novo direito internacional privado português: alguns princípios gerais* e, em co-autoria com Vasco Lobo Xavier, *Sobre a contrapartida da amortização de quota*.
- 1973 • É criado o Conjunto Escolar Experimental do Senhor da Serra, projecto pioneiro de educação integrada, que será protegido por Ferrer Correia e sua mulher. Publica *Lições de Direito Internacional Privado*.
- 1974 • Funda o Centro Interdisciplinar de Estudos Jurídico-Económicos, ao qual preside. É escolhido pela Junta de Salvação Nacional para dirigir a sua Faculdade, sendo posteriormente eleito pelos seus pares como Presidente da 1.ª Comissão de Gestão (1974-75).
- 1975 • É eleito presidente do 1.º Conselho Directivo (1975-76) da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. Integra a comissão de reestruturação das alterações a introduzir no ensino do curso de Direito.
- 1976 • É nomeado presidente da comissão revisora do Código Comercial para a adaptação às alterações constitucionais. É nomeado Reitor interino da Universidade de Coimbra depois da exoneração de Teixeira Ribeiro. Publica *Breves reflexões sobre a competência internacional indirecta*.
- 1977 • É eleito membro honorário do Institut de Droit International. É eleito Académico de Número do Instituto Hispano-Luso-Americano de Direito Internacional.
- 1978 • A 14 de Abril é nomeado a título definitivo Reitor da Universidade de Coimbra, decorrendo a 16 de Junho a sessão solene de investidura. Publica em Valladolid *Nuevos rumbos para el derecho internacional privado?*.
- 1979 • É escolhido como primeiro presidente do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (CRUP). Publica *A codificação do direito internacional privado: alguns problemas*.
- 1980 • É agraciado com a Grã-Cruz com estrela e banda da Ordem de Mérito da República Federal da Alemanha. A Associação de Medicina do Trabalho no Brasil condecora-o com a medalha de ouro.
- 1981 • É criado o Instituto Luso-Brasileiro de Direito Comparado, sendo Ferrer Correia nomeado seu presidente. Recebe da Universidade de Santos o doutoramento *honoris causa* e a Cruz João Ramalho do Instituto

Genealógico Brasileiro. Publica *Sociedade por quotas de responsabilidade limitada: anteprojecto de lei – 2.ª redacção; Direito internacional privado: alguns problemas e Sobre o problema das autonomias universitárias*.

- 1982 • Recebe o Papa João Paulo II na sua visita à Universidade de Coimbra. A República Italiana concede-lhe a Grã-Cruz da Ordem de Mérito Italiana. É condecorado com a Grã-Cruz da Ordem Militar de Santiago da Espada. Profere a “Última Lição” a 18 de Junho. Atinge a jubilação universitária, ao completar 70 anos de idade, a 15 de Agosto. Recebe o título de Reitor Honorário da Universidade de Coimbra. É distinguido com diversas homenagens por parte de professores, estudantes e funcionários da Universidade de Coimbra. Publica *Estudos vários de Direito e Considerações sobre o método do direito internacional privado*. A Universidade publicou-lhe em livro *Discursos e entrevistas*.
- 1983 • É-lhe concedida a Medalha de Mérito do Concelho de Miranda do Corvo. Profere o discurso comemorativo do Dia de Portugal e de Camões e das Comunidades. Publica *Natureza e autonomia da universidade*.
- 1984 • A Câmara Municipal de Coimbra atribui-lhe a Medalha de Ouro da cidade. A Faculdade de Direito publica um número especial do *Boletim* em sua homenagem.
- 1985 • É nomeado Presidente da Comissão de Reforma de Legislação Comercial Portuguesa. É eleito pela Assembleia da República como vogal do Conselho Superior de Magistratura.
- 1986 • O ministro da Justiça nomeia-o Presidente da secção portuguesa da Comissão Internacional do Estado Civil (CIEC). Publica *A nova sociedade por quotas de responsabilidade limitada do direito português*.
- 1988 • É doutorado *honoris causa* pela Universidade de Aveiro. Recebe do Governo do Brasil a Grã-Cruz da Ordem do Rio Branco. Publica com Fernando Ferreira Pinto *Direito internacional privado: leis e projectos de leis: convenções internacionais*. Celebra as Bodas de Ouro do seu casamento.
- 1989 • É nomeado coordenador de uma comissão de apreciação dos estatutos apresentados pelas Universidades a seguir à aprovação da “Lei da Autonomia”. O Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian delibera que será o sucessor imediato do Dr. Azeredo Perdigão no cargo de Presidente da Fundação. A Universidade Federal do Rio de Janeiro concede-lhe o grau de doutor *honoris causa*. Publicou *Temas de direito comercial: arbitragem comercial internacional, reconhecimento de sentenças estrangeiras, conflitos de leis* e, em co-autoria, *Protecção do título de jornal. Pareceres*.
- 1990 • O Presidente da República agracia-o com a Grã-Cruz da Ordem da Instrução Pública. É homenageado pelo Instituto de Biologia Médica da Faculdade de Medicina. Publica *Lembrando Manuel de Andrade*.
- 1991 • É nomeado vice-presidente da Fundação Calouste Gulbenkian. O Ministério da Educação atribui o seu nome ao Centro Escolar do Senhor da Serra. Publica em colaboração com Rui Moura Ramos *Um caso de competência internacional dos tribunais portugueses*.
- 1992 • Publica *Universidade portuguesa: para que serve?*.
- 1993 • É eleito Presidente do Institut de Droit International. O Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian elege-o Presidente da Fundação.
- 1994 • Publica *A venda internacional de objectos de arte e a protecção do património cultural*.

- 1995 • Cria o Conselho Consultivo Geral da Fundação Calouste Gulbenkian. Publica em co-autoria *A privatização da sociedade financeira portuguesa...*
- 1996 • É agraciado com a Medalha de Ouro do Concelho de Miranda do Corvo.
- 1997 • Recebe o título de sócio honorário da Academia das Ciências de Lisboa.
- 1998 • É homenageado pela Associação dos Antigos Estudantes da Universidade de Coimbra em Lisboa. Sai da presidência do Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian. É convidado para Presidente do Departamento de Ciências Jurídicas da Fundação Bissaya Barreto onde cria um novo curso de Direito.
- 1999 • É distinguido pelo Presidente da República com a Grã-Cruz da Ordem do Infante.
- 2000 • A sua mulher morre em Coimbra, a 19 de Abril. Publica com Luís Barreto Xavier *Lições de Direito Internacional Privado*.
- 2001 • Publica *Contribuição para uma história da Fundação Calouste Gulbenkian*. A Fundação Calouste Gulbenkian edita os *Discursos do Prof. Doutor António Ferrer Correia enquanto Presidente do Conselho de Administração 1993-1998*.
- 2002 • Na presença do Presidente da República, é homenageado no Senhor da Serra com descerramento do seu busto em bronze.
- 2003 • Com 90 anos, é argente numas provas de Agregação. Morre em Coimbra, a 16 de Outubro.



## PUBLICAÇÕES DE ANTÓNIO FERRER CORREIA

- *Dolo e Preterintencionalidade*, 1935 (Tese de Licenciatura)
- *Erro e interpretação na teoria do negócio jurídico*, 1939 (Tese de Doutoramento)
- *Disposições a favor de terceiros em convenções antenupciais*, 1943 (co-autoria)
- *Sociedades unipessoais de responsabilidade limitada*, 1946
- *Amortização e cessão de quotas*, 1946
- *O estatuto pessoal dos plurinacionais e dos apólices*, 1947
- *A procuração na teoria da representação voluntária*, 1948
- *Sociedades fictícias e unipessoais*, 1948
- *Suspensão de deliberações sociais e direitos individuais dos accionistas*, 1948 (co-autoria)
- *O testamento de mão-comum em Direito Internacional Privado*, 1949
- Prefácio a *Breve ensaio sobre uma construção de Ernst Frankenstein* de Pio Coelho de Mendonça, 1949
- *O problema das qualificações em direito internacional privado*, 1950
- *Convenções de liquidação de quota pelo último balanço e liberalidade*, 1950
- *Propriedade industrial. Registo do nome do estabelecimento. Concorrência desleal*, 1950
- *Direito Internacional Privado*, 1951
- *Parecer sobre um questionário relativo à transferência da propriedade nas vendas internacionais de objectos mobiliários*, 1952
- Prefácio a *Sociedade entre cônjuges* de Alberto Pimenta, 1953
- *Valor do acto realizado por demente antes de instaurada a acção de interdição*, 1954 (co-autoria)
- *Fundamento da interdição por demência: alguns aspectos do problema*, 1954 (co-autoria)
- *Unidade do estatuto pessoal*, 1955
- *Lições de direito comercial*, 1955
- *Pessoas colectivas: anteprojecto de um capítulo do novo Código Civil*, 1957
- *Reivindicação do estabelecimento comercial como unidade jurídica*, 1957
- *Acerca da taxa-limite do montante da cláusula penal fixada pelo Dec. 21730*, 1958 (co-autoria)
- Prefácio a *Manual dos Direitos das falências I* de Pedro Sousa Macedo, 1960
- Prefácio à 6.<sup>a</sup> impressão da *Teoria geral da relação jurídica* de Manuel de Andrade, 1960 (co-autoria)
- *Homenagem à memória do Doutor Álvaro da Costa Machado Vilela*, 1961
- *Do contrato de sociedade*, 1961 (co-autoria)

- *O problema do reenvio (devolução) em Direito Internacional Privado*, 1962
- Prefácio a *50 anos de advocacia. II no campo do Direito Comercial* de Fernando Lopes, 1962
- *A representação dos menores sujeitos ao pátrio poder na assembleia geral das sociedades comerciais*, 1962, 1963 e 1964
- *Conflitos de leis*, 1964 (co-autoria)
- *La société d'un seul associé*, 1966
- *Da responsabilidade do terceiro que coopera com o devedor na violação de um pacto de preferência*, 1966.
- *A amortização de quotas e o regime da prescrição: a propósito de uma sentença*, 1966 (co-autoria)
- Anotações à obra de António Caeiro *A exclusão estatutária do direito de voto nas sociedades por quotas*, 1966
- *Lições de direito comercial*, 1966-1970 (co-autoria)
- *O problema das sociedades unipessoais*, 1967 (co-autoria)
- *La question du renvoi dans le nouveau code civil portugais*, 1967
- *O problema da qualificação segundo o novo direito internacional privado português*, 1968
- *Aumento de capital, preferência dos accionistas e sobrepreço das acções*, 1968 (co-autoria)
- *A exigência estatutária de quorum nas assembleias gerais de segunda vocação e o artigo 184 do Código Comercial*, 1968 (co-autoria)
- *Estudos Jurídicos: I Erro e interpretação na teoria de negócio jurídico*, 1968 (reedição da tese de doutoramento)
- *Estudos Jurídicos: II Direito Civil e Comercial, Direito Criminal e Direito comercial*, 1969
- *De novo acerca do reenvio no actual Código Civil português*, 1970
- *Estudos Jurídicos: III Direito Internacional Privado*, 1970
- *Anteprojecto de lei das sociedades comerciais: parte geral*, 1970 (co-autoria)
- *Da questão prévia em direito internacional privado*, 1971
- *As sociedades comerciais no período da constituição*, 1971
- *Le régime juridique des fondations privées, culturelles et scientifiques du droit portugais*, 1971
- *La reconnaissance et l'exécution des jugements étrangers: rapport général*, 1971
- *A mulher casada e o exercício do comércio: aditamento às lições de direito comercial*, 1971 (co-autoria)
- *O novo direito internacional privado português: alguns princípios gerais*, 1972
- *Sobre a contrapartida da amortização de quota*, 1972 (co-autoria)
- *Lições de Direito Internacional Privado*, 1973
- *La doctrine des droits acquis dans un système de règles de conflit bilatérales*, 1973
- Prefácio a *A responsabilidade por facto ilícito em Direito Internacional* de Wilhelm Wengler, 1974
- *Les problèmes de codification en droit international privé*, 1975
- Prefácio a *La société de responsabilité limitée en droit portugais et sa réforme* de António Pereira de Almeida, 1975
- *Alteração da cláusula de preferência na transmissão de acções*, 1975 (co-autoria)
- *Breves reflexões sobre a competência internacional indirecta*, 1976

- *Sociedade por quotas de responsabilidade limitada: anteprojecto de lei - 2.<sup>a</sup> revisão e exposição de motivo*, 1977 (co-autoria)
- *Contrato de empreitada e cláusula de revisão: interpretação e erro; alteração das circunstâncias e aplicação do art. 437.º do Código Civil*, 1978 (co-autoria)
- *Nuevos rumbos para el derecho internacional privado?*, 1978
- *Recusa do pagamento de cheque pelo banco sacado; responsabilidade do banco face ao portador*, 1978 (co-autoria)
- *A codificação do direito internacional privado: alguns problemas*, 1979
- *Miaja de la Muela e a tendência “substancialista” em Direito Internacional Privado*, 1979
- *A revisão do Código Civil e o Direito Internacional Privado*, 1979
- *Efeito externo das obrigações; abuso do direito; concorrência desleal (a propósito de uma hipótese típica)*, 1980 (co-autoria)
- *Modificação do objecto social e sua especificação nos estatutos; aumento do capital a deliberar pelo conselho de administração; previdência dos administradores*, 1980/81 (co-autoria)
- *Direito internacional privado: alguns problemas*, 1981
- *Sobre o problema das autonomias universitárias*, 1981
- *Estudos vários de Direito*, 1982
- *Considerações sobre o método em Direito Internacional Privado*, 1982
- *Le procédé conflictuel en Droit International Privé et les solutions alternatives*, 1982
- *La reconnaissance et l'exécution des jugements étrangers en matière civile et commerciale - Droit comparé*, 1982
- *Autonomia patrimonial como pressuposto da personalidade jurídica*, 1982
- *Pacto leonino: espécies; proibição patrimonial como pressuposto da personalidade jurídica e seu fundamento*, 1982
- *Notas para o estudo do contrato de garantia bancária*, 1982
- *Discursos e entrevistas*, 1982
- *Natureza e autonomia da universidade*, 1983
- *O reconhecimento das sentenças estrangeiras nos sistemas brasileiro e português*, 1983
- *Direito Internacional Privado matrimonial*, 1984
- *Sobre a projectada reforma da legislação comercial portuguesa*, 1984
- *Direito Internacional Privado [entrada da Polis]*, 1984
- *Registo de manifestos mineiros e transmissão dos respectivos direitos; negócio formal e prova da sua conclusão*, 1984 (co-autoria)
- *Dissolução de sociedade por quotas: natureza supletiva do § 1.º do art. 42.º da Lei de 11-4-1901; o caso especial do direito de um sócio a requerer a dissolução como garantia do seu direito de exclusão*, 1984 (co-autoria)
- *Conflitos de leis em matéria de direitos reais*, 1985
- *A obra intelectual como objecto do contrato de empreitada: Direito de o dono da obra desistir do contrato e efeitos da desistência*, 1985 (co-autoria)

- *A nova sociedade por quotas de responsabilidade limitada do direito português*, 1986
- *Direito internacional privado: leis e projectos de leis: convenções internacionais*, 1988 (co-autoria)
- *Temas de direito comercial: arbitragem comercial internacional, reconhecimento de sentenças estrangeiras, conflitos de leis*, 1989
- *Protecção do título de jornal. Pareceres*, 1989 (co-autoria)
- *Lembrando Manuel de Andrade*, 1990
- *Um caso de competência internacional dos tribunais portugueses*, 1991 (co-autoria)
- *Universidade portuguesa: para que serve?*, 1992
- *A venda internacional de objectos de arte e a protecção do património cultural*, 1994
- *A privatização da sociedade financeira portuguesa...*, 1995 (co-autoria)
- *Lições de Direito Internacional Privado*, 2000 (co-autoria)
- *Discursos do Prof. Doutor António Ferrer Correia enquanto Presidente do Conselho de Administração 1993-1998*, 2001
- *Contribuição para uma história da Fundação Calouste Gulbenkian*, 2001.

# FONTES

## FONTES MANUSCRITAS

**Arquivo da Universidade de Coimbra:** Matrículas de Alunos da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra • Processos de Professores da Universidade de Coimbra • Actas da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra • Cartas de Curso da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra • Correspondência da Reitoria da Universidade de Coimbra

**Arquivo da Fundação Calouste Gulbenkian:** Fundo do Prof. Ferrer Correia • Fundo da Secretaria do Conselho de Administração • Fundo do Serviço da Presidência

**Arquivo do Liceu José Falcão:** Processos de Alunos

**Câmara Municipal de Coimbra:** Arquivo de Obras

**Museu Académico:** Fundo Documental da Associação Académica de Coimbra • Fundo Documental do Orfeon Académico de Coimbra

## FONTES IMPRESSAS

**Textos de Ferrer Correia:** CORREIA, António Ferrer - “Contribuição para uma história da Fundação Calouste Gulbenkian”, *Revista de Legislação e de Jurisprudência*. Coimbra, vol. 134, n.º 3927 e 3928, 2001 • CORREIA, António Ferrer - *Discursos do Prof. Doutor António Ferrer Correia enquanto Presidente do Conselho de Administração 1993 - 1998*. Lisboa, 2001 • CORREIA, António Ferrer - *Discursos e Entrevistas*. Coimbra, 1982 • CORREIA, António Ferrer - *Homenagem à memória do Doutor Álvaro da Costa Machado Vilela*. Coimbra, 1961 • CORREIA, António Ferrer - “Novas orientações políticas”, *Mundo Novo*, n.º 4, de 11 de Março 1931

**Jornais:** *Capital (A)* • *Comércio do Porto (O)* • *Correio da Manhã* • *Diário As Beiras* • *Diário de Coimbra* • *Diário de Lisboa* • *Diário de Notícias* • *Domingo (O)* • *Expresso* • *Independente (O)* • *Jornal (O)* • *Jornal da Educação (O)* • *Jornal de Coimbra* • *Jornal de Notícias* • *Mirante* • *Mundo Novo* • *Primeiro de Janeiro (O)* • *Público* • *Semanário*

## FONTES ICONOGRÁFICAS

**Jornais:** *Capital (A)* • *Comércio do Porto (O)* • *Correio da Manhã* • *Diário As Beiras* • *Diário de Coimbra* • *Diário de Lisboa* • *Diário de Notícias* • *Expresso* • *Independente (O)* • *Jornal (O)* • *Jornal da Educação (O)* • *Jornal de Coimbra* • *Jornal de Notícias* • *Mirante* • *Mundo Novo* • *Primeiro de Janeiro (O)* • *Público* • *Semanário*

**Arquivos Públicos e Privados:** Arquivo Fotográfico da Reitoria da Universidade de Coimbra • Arquivo da Universidade de Coimbra • Câmara Municipal de Coimbra Casa da Cultura - Imagoteca • Câmara Municipal de Miranda do Corvo • Escola E. B. Ferrer Correia • Escola Secundária José Falcão • Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra • Fundação Bissaya Barreto • Fundação Calouste Gulbenkian • Museu Académico • Ordem dos Advogados

**Espólios Particulares:** Albano Nogueira • Carlos Artur Sá Furtado • Família Ferrer Correia • Fernanda Oliveira • Jaime Mendonça Teixeira • Manuel Correia • Manuel Nogueira Seréns • Manuel Pulquério • Maria Augusta de Campos • Regina Anacleto • Rogério Teixeira • Rui Moura Ramos

### FONTES ORAIS

Albano Nogueira • António José Venâncio Ferrer Correia • Carlos Artur Sá Furtado • Dora Caeiro • Fernanda Oliveira • Fernando Manuel Venâncio Ferrer Correia • Jaime Mendonça Teixeira • José Carlos Vasconcelos • José Carlos Vieira de Andrade • José Francisco de Faria Costa • Manuel Nogueira Seréns • Manuel Pulquério • Maria Augusta de Campos • Maria Isabel Simões • Narcisa Ferrer Correia • Rui de Alarcão • Rui Moura Ramos • Sebastião Tavares de Pinho

## BIBLIOGRAFIA CITADA

- ALARCÃO, Rui de - *Elogio de Ferrer Correia*. Coimbra, 1985.
- CARVALHO, Orlando de - *Perfil de António de Arruda Ferrer Correia, professor da Faculdade de Direito de Coimbra*. Coimbra, 1985.
- COSTA, José de Faria - “Doutor António Arruda Ferrer Correia”, *Boletim da Faculdade de Direito*, vol. 79, 2003.
- ESCOLA BÁSICA INTEGRADA - JI PROFESSOR DOUTOR FERRER CORREIA - *30 anos ao serviço da educação, 1968-1998*. Senhor da Serra, 2000.
- FARIA, Cristina - *As lutas estudantis contra a Ditadura Militar (1926-1932)*. Lisboa, 2000.
- MACHADO, João Baptista - “Contributo da Escola de Coimbra para a Teoria do Direito Internacional Privado”, *Boletim da Faculdade de Direito*, vol. 59, Coimbra, 1985.
- MADEIRA, Lina - *As Direcções da AAC e o Estado Novo (1926-1961)*. Trabalho de seminário científico da Licenciatura em História, policopiado, 1991.
- MARQUES, A. H. de Oliveira - *Parlamentares da 1.ª República (1910-1926)*. Lisboa/Porto, 2000.
- PORTO, Manuel - “Professor Doutor António Arruda Ferrer Correia”, *Boletim da Faculdade de Direito*, vol. 79, 2003.
- RAMOS, Rui Moura - “António Ferrer Correia (1912-2003)”, *Justitia et Pace. Annuaire de l’Institut de Droit Internationale, Session de Cracovie*, vol. 71-II, 2006.
- SOARES, António José - *Saudades de Coimbra*. Coimbra, 1985.
- UNIVERSIDADE DE COIMBRA - *Visita de João Paulo II à Universidade de Coimbra*. Coimbra, 1983.
- VASCONCELOS, José Carlos - “Ferrer Correia: um professor na Universidade e na vida”, *O Jornal* de 2 de Julho de 1982.



## CRÉDITOS FOTOGRÁFICOS

A edição desta Fotobiografia não teria sido possível sem a generosa colaboração e paciência da família de António Ferrer Correia, que gentilmente reuniu e cedeu um vastíssimo conjunto de imagens e peças do seu acervo pessoal. Agradecemos também a inestimável contribuição prestada pelos amigos dedicados de Ferrer Correia que tiveram a amabilidade de ceder fotos dos seus espólios.

- Coleção particular/Ferrer Correia: 1, 4 a 8, 10, 12, 14, 18 a 20, 27, 28, 34 a 35, 36 [Foto Álvaro de Sousa], 37, 40, 41, 43 a 45, 50, 53 a 58, 60 a 70, 71 [Foto Paris], 72, 73, 75 a 82, 83, 84 e 86 [Fotos Portillo], 87 a 92, 95 [Foto Rasteiro], 96 a 98, 99 [Foto B. Torres Veiga], 106, 107, 110 a 113, 116, 117, 119 a 120, 121 [Foto António José Ferrer Correia], 125 a 128 [Fotos Carlos Coelho da Silva], 129, 130 [Fotos Studio Nath], 131, 132 a 136 [Fotos Carlos Coelho da Silva], 137 a 140, 145, 147 a 150 [Fotos Carlos Coelho da Silva], 151 a 153, 157, 166 [Foto António José Ferrer Correia], 169, 190 [Foto António José Ferrer Correia], 193 [Foto António José Ferrer Correia], 194, 222, 225, 232, 233, 239, 240, 244, 246, 256, 257 [Foto António José Ferrer Correia], 258 a 260, 262 a 264, 269, 271 [Foto António José Ferrer Correia], 275, 280 a 282, 291 a 293, 295, 300, 304, 308, 320, 322, 335
- Coleção Particular/Albano Nogueira: 48, 49
- Coleção particular/Artur Sá Furtado: 212
- Coleção particular/Fernanda Oliveira: 261
- Coleção Particular/Manuel Correia: 176, 188, 189, 203, 279
- Coleção particular/Manuel Nogueira Seréns: 220
- Coleção particular/Regina Anacleto: 16, 17, 21 a 26
- Coleção particular/Rogério Teixeira: 269, 270
- Coleção particular/Rui Moura Ramos: 274

As autoras agradecem também colaboração e as facilidades concedidas pelas seguintes entidades:

- Arquivo Câmara Municipal de Coimbra: 100, 103, 104
- Arquivo do Agrupamento de Escolas Ferrer Correia: 154, 156, 249 a 251, 326,
- Arquivo da Escola Secundária José Falcão: 13
- Arquivo da Fundação Bissaya Barreto: 315, 316, 323, 324,
- Arquivo da Fundação Calouste Gulbenkian: 152, 155, 159, 160 a 162, 219, 252, 253, 284, 287 a 290, 296 a 299, 301 a 303, 305 a 307, 309 a 313, 321
- Arquivo da Ordem dos Advogados: 142 [Foto Machado & Almeida]
- Arquivo Fotográfico da Reitoria da Universidade de Coimbra: 143, 144, 146, 179, 180 [Foto Paulo Magalhães], 196, 197, 201, 204 a 210, 213, 228 a 230, 241 a 243, 245, 247, 248, 254, 255 [Fotos José Marques Dinis], 267, 268, 276, 277, 283, 285, 286 [Fotos José Dinis]
- Arquivo da Universidade de Coimbra: 38, 39, 46, 47, 51, 74, 81, 101, 102, 105, 115, 122, 141, 171, 174, 226, 227 [Fotos Cristina Esteves]
- Biblioteca da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra: 59, 85, 109, 114, 118, 123, 158, 234 a 237, 325 [Fotos Victor Hugo Fernandes]
- Câmara Municipal de Miranda do Corvo: 9
- *Diário As Beiras*: 224, 294, 327 a 334
- *Diário de Coimbra*: 218, 314, 317 a 319
- Museu Académico: 29 a 32, 33 [Foto Álvaro de Sousa]

I  
IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS  
U

